

# SANTÍSSIMA TRINDADE

## ADORO-VOS PROFUNDAMENTE

ITINERÁRIO TEMÁTICO  
DO CENTENÁRIO  
DAS APARIÇÕES  
DE FÁTIMA  
1º CICLO



Santuário de Fátima

*Santíssima Trindade*  
*adoro-Vos profundamente*

Itinerário Temático do  
**Centenário das Aparições de Fátima**  
1º Ciclo

Colecção  
FÁTIMA ITINERÁRIOS

## Índice

Centenário das Aparições de Fátima .....	5
Itinerário temático para o centenário das Aparições de Fátima.....	11
<b>I - Perspectivas do 1º ciclo .....</b>	<b>15</b>
Santíssima Trindade adoro-Vos profundamente .....	17
As aparições do Anjo em 1915 e 1916.....	29
A adoração como atitude crente .....	37
<b>II - Núcleos temáticos do 1º ciclo.....</b>	<b>47</b>
Feliz és tu porque acreditaste .....	49
Creio em um só Senhor.....	61
Envolvidos(as) no amor materno e paterno de Deus .....	71
Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus .....	95
Chamados pelo Espírito de Deus.....	103
Senhor, eis-me aqui.....	111
<b>III - Propostas para a vivência do tema .....</b>	<b>125</b>
Orai comigo - Catequese para crianças.....	127
Mistérios Gozosos .....	139
Mistérios Luminosos.....	143
Mistérios Dolorosos.....	147
Mistérios Gloriosos.....	151
Adoração Eucarística - Modelo A.....	155
Adoração Eucarística - Modelo B.....	165
Via Sacra.....	173
Itinerário do Peregrino .....	179
<b>IV - Missas das Peregrinações Aniversárias .....</b>	<b>183</b>
Maio.....	185
Junho.....	185
Julho .....	186
Agosto .....	187
Setembro .....	188

Outubro.....	189
<b>V - Textos de apoio aos temas mensais.....</b>	<b>191</b>
Maio - «Feliz és tu porque acreditaste!» .....	193
Junho - «Creio em um só Senhor» .....	201
Julho - «Envolvidos pelo amor materno e paterno de Deus».....	209
Agosto - «Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus» .....	219
Setembro - «Chamados pelo Espírito de Deus» .....	227
Outubro - «Senhor, eis-me aqui» .....	237
<b>V - Programa Oficial do Santuário .....</b>	<b>245</b>
Da Páscoa a Outubro .....	247
11 a 13 de Maio a Outubro - Peregrinação Aniversária .....	248
Programa Diário de Novembro à Páscoa .....	250
12 e 13 de Novembro a Abril - Peregrinação Mensal.....	251
Primeiros Sábados .....	251
Um Dia com as Crianças .....	252
Peregrinação de Idosos.....	252
Adoração Eucarística em Agosto .....	253
Sacramento da Reconciliação.....	253
Baptismos.....	253
Casamentos.....	253
Bodas Matrimoniais.....	253
Peregrinos de Línguas Estrangeiras .....	254
Filmes .....	255
Visitas Guiadas .....	256
Lugares a visitar.....	256
<b>VI - Calendário de Actividades .....</b>	<b>257</b>
Novembro .....	259
Dezembro .....	261
Janeiro .....	263
Fevereiro .....	266
Março.....	268
Abril.....	270
Maio.....	273

Junho .....	276
Julho .....	278
Agosto .....	281
Setembro .....	283
Outubro.....	285
Novembro .....	288
<b>VII - Informações .....</b>	<b>291</b>
Princípios para a organização de peregrinações .....	293
Endereços e contactos do Santuário de Fátima .....	297
Memória descritiva do logotipo do centenário.....	299



# *Centenário das Aparições de Fátima*

*António Marto  
Bispo de Leiria-Fátima*

Aproxima-se, no horizonte do tempo, a data memorável dos cem anos das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. 2017 será, sem dúvida, um Ano jubilar, como o requer a importância do acontecimento. Desde logo nos surge uma primeira interrogação: que quer dizer celebrar o centenário das Aparições?

Cem anos depois: memória e profecia

Antes de mais, é um momento histórico para exprimir louvor e gratidão a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, por este sinal particular da benevolência do seu amor, através de Maria, para com a humanidade que ansiava por erguer-se do abismo. De facto, como escreveu João Paulo II, de entre os sinais dos tempos do século XX «sobressai Fátima, que nos ajuda a ver a mão de Deus, guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX».

Cem anos representam já uma longa peregrinação no tempo que convida a ‘recordar’, tal como Moisés exortava a fazer: «Recorda-te de todo o caminho que o Senhor, teu Deus, te fez percorrer... Reconhecerás, então, no teu coração que, tal como um homem educa o seu filho, assim o Senhor, teu Deus, te educa» (Deut 8, 2.5). É um convite ao povo de Israel a reler o seu passado, descobrindo nele a providência de Deus e o amor com que o Senhor o conduziu através de caminhos difíceis.

Esta palavra é dita a nós hoje: recordai-vos do caminho que o Senhor vos fez percorrer nestes cem anos, como Ele esteve próximo de vós através da mensagem da Senhora vinda do Céu e da sua protecção materna.

A celebração do centenário não se reduz a uma evocação histórica. É, sobretudo, ocasião para tomar consciência de que o apelo de Nossa Senhora

---

em Fátima não ressoou em vão; de que a sua mensagem continua a exercer uma influência benéfica para hoje e para o futuro do nosso caminho de Igreja e da história da humanidade. «Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída. Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os seus primórdios: «Onde está Abel, teu irmão? (...) A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim» (Gen 4, 9)» (Bento XVI).

Toda esta riqueza de motivações mostra que a comemoração do centenário das Aparições não se pode reduzir a um conjunto de eventos e celebrações em 2017. Como os grandes acontecimentos, também este requer uma preparação condigna. Para isso recebemos um forte incentivo das palavras do Papa Bento XVI na sua homilia em Fátima: «Mais sete anos e voltarei aqui para celebrar o centenário da primeira visita feita pela Senhora «vinda do Céu», como Mestra que introduz os pequenos videntes no conhecimento íntimo do Amor Trinitário e os leva a saborear o próprio Deus como o mais belo da existência humana. (...) Possam os sete anos que nos separam do centenário das Aparições apressar o anunciado triunfo do Coração Imaculado de Maria para glória da Santíssima Trindade».

### ***Sete luzes para o nosso caminho***

Nestas palavras do Santo Padre encontramos desenhado o horizonte do tempo e até a perspectiva em ordem à preparação da celebração do centenário. Neste sentido, o Santuário elaborou um programa com a duração de sete anos – um septenário –, inspirado na simbólica bíblica do número sete.

Na Bíblia, este número indica totalidade e plenitude. No contexto do centenário sugere-nos que o programa abarque a totalidade da mensagem.

Além disso, evoca-nos, mais concretamente, um ícone muito significativo do Antigo Testamento: o famoso candelabro sagrado, com sete braços e sete lâmpadas a arder, colocado no «Santo dos Santos» do templo de Jerusalém. Segundo uns exegetas simboliza a sarça ardente em que a santidade e a voz de Deus se manifestaram a Moisés, no monte Horeb; segundo outros, representa os dias da criação e da história, tendo no centro o sábado como sinal da Aliança.



De todo o modo, o candelabro (menorah, em hebraico) é símbolo da presença de Deus, Luz que ilumina constantemente o seu povo, como o iluminou durante os quarenta anos através do deserto. Torna-se num convite permanente a caminhar na luz divina, na presença de Deus que guia a história e protege o povo, e a viver na esperança, nascida da fé, que lhe dá a energia para superar as provações. Convida ainda a arder diante do «Santo dos Santos» em constante oração de louvor e de acção de graças.

A luz de Deus irradia para manter acesa em nós a luz do coração e a luz do rosto. Um coração cheio de luz brilha sobretudo no esplendor do olhar, capaz de iluminar todo o rosto.

Tendo presente toda a riqueza e beleza do simbolismo do candelabro podemos tomá-lo como ícone dos sete anos de preparação do centenário das Aparições.

A reflexão sobre a Mensagem de Fátima ilumina várias dimensões da fé, várias vivências da existência cristã e várias vicissitudes da história. Tendo em conta estes aspectos, uma comissão teológica procurou articular um itinerário à volta de sete grandes temas, construindo assim uma espécie de candelabro espiritual para nos ajudar a iluminar os cenários do mundo e do coração humano com a luz da mensagem.

Os sete temas são sete luzes para o nosso caminho espiritual para avançar com Maria e com os Pastorinhos ao encontro da Beleza de Deus e do triunfo do seu amor misericordioso que salva o mundo, simbolizado no triunfo do Coração Imaculado de Maria.

A primeira luz deste candelabro espiritual é a da Beleza do Rosto de Deus, do seu Amor Trinitário, no qual os Pastorinhos foram introduzidos pelo Anjo e pelas mãos de Nossa Senhora, suscitando neles o encanto, o gosto e o gozo da presença de Deus, que se exprimiam em adoração. «Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus e não nos queimávamos. Como é Deus!!!»; «Gosto tanto de Deus!» – exclamava o Francisco. Na simbólica bíblica do candelabro, a luz da adoração alimenta toda a outra luz. É a chama central na qual as outras se acendem.

A segunda luz que se acende é a de Deus Salvador que nos chama a colaborar na história da salvação e no mistério da redenção do mundo em

---

Cristo. Esta chama alimenta-se através da nossa entrega na fé, como Maria. «Exemplo e estímulo são os Pastorinhos que fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus» (Bento XVI).

A terceira luz é aquela em que podemos contemplar o Deus fiel da Promessa e da Esperança, que ao longo da história da salvação conforta o seu povo, infundindo-lhe coragem e confiança, como a Maria: «Não tenhas medo». «É precisamente de esperança que está impregnada a mensagem que Nossa Senhora deixou em Fátima», convidando os homens a ter confiança em Deus. «A fé em Deus abre ao homem o horizonte de uma esperança certa que não desilude; indica um sólido fundamento sobre o qual apoiar, sem medo, a própria vida; pede o abandono, cheio de confiança, nas mãos do Amor que sustenta o mundo» (Bento XVI).

Nesta lógica segue-se a quarta luz que faz resplandecer o Deus compassivo que se inclina sobre os sofrimentos da humanidade, o poder da sua misericórdia maior que o nosso coração e mais forte que o poder do pecado e do mal. «Maria, aparecendo aos três pastorinhos, abriu no mundo um espaço privilegiado para encontrar a misericórdia divina que cura e salva» (Bento XVI). Ela «ajudou os Pastorinhos a abrir o coração à universalidade do amor», à compaixão e à reparação como força de resistência à banalização do mal e como colaboração na renovação do mundo.

A quinta luz é o esplendor da santidade de Deus que irradia para nós no rosto de Cristo e de que Maria é espelho e mestra. Esta santidade é-nos oferecida como experiência de comunhão com Cristo e na solidariedade entre todos os membros do Corpo de Cristo, na Comunhão dos Santos que é a Igreja. Convida-nos a dar a «medida alta da santidade» à vida cristã, alimentada particularmente pela oração. «A Mensagem de Fátima não vai, substancialmente, na direcção de devoções particulares, mas precisamente na resposta fundamental, ou seja, a conversão permanente, a penitência, a oração e as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade» (Bento XVI).

A sexta luz leva-nos a abrimo-nos a Deus, plenitude de vida, oferecida desde já em Cristo: «Eu vim para que tenham vida». Esta chama é alimentada, de modo particular, na celebração dos dons e bênçãos com que Deus nos

agracia, na verdadeira alegria cristã, na consciência do valor eterno da nossa vida e do nosso peregrinar. «Em Fátima, a Virgem Santa convida todos a considerarem a terra como lugar da nossa peregrinação rumo à pátria definitiva que é o Céu» (Bento XVI).

Por fim, o nosso candelabro espiritual fica completo com a sétima luz: um olhar contemplativo e inspirador à beleza d'Aquela que foi escolhida pelo Deus da Aliança para desempenhar uma missão única na história da salvação: ser a Mãe do Redentor, a Arca da Nova Aliança, a Mãe da Igreja. Maria dá-nos olhos e coração para contemplar a ternura de Deus e a sua misericórdia como força e limite divino face ao poder do mal no mundo. Assim aconteceu em Fátima ao apresentar-se como a Senhora do Rosário, como a Mãe que, através do seu Coração Imaculado, fala coração a coração aos seus filhos, trazendo-lhes uma mensagem exigente e consoladora de paz e deixando-lhes uma promessa: «Por fim, o meu Coração Imaculado triunfará». Em palavras do Santo Padre Bento XVI: «No final, o Senhor é mais forte do que o mal, e Nossa Senhora é para nós a garantia visível, materna, da bondade de Deus, que é sempre a última palavra na história».

Agradecendo aos membros da comissão teológica que elaborou este itinerário temático, concluo esta apresentação com o mesmo voto de Bento XVI em Fátima: «Possam os sete anos que nos separam do centenário das Aparições apressar o anunciado triunfo do Coração Imaculado de Maria para glória da Santíssima Trindade».



## *Itinerário temático para o centenário das Aparições de Fátima O meu Coração Imaculado conduzir-vos-á até Deus*

No primeiro Domingo do Advento, a 28 de Novembro de 2010, o Santuário de Fátima inicia uma nova etapa, que tem como meta o ano de 2017. Trata-se de um ciclo temático, com sete anos, para preparar e acompanhar a celebração do centenário das Aparições de Fátima.

O plano aqui apresentado, que serve de base a este ciclo, foi elaborado por uma comissão teológica assim constituída: Virgílio Antunes, Vítor Coutinho, Ângela Coelho, Carlos Cabecinhas, Emanuel Silva, Jacinto Farias, João Duque, José Carlos Carvalho, Luciano Cristino.

Partiu-se das Memórias da Irmã Lúcia para elencar os diversos elementos deste itinerário de reflexão. Em cada um dos ciclos faz-se uma alusão a uma das aparições, do Anjo e de Nossa Senhora, percorrendo, deste modo, os acontecimentos históricos de Fátima. Com base nos textos testemunhais e nos diversos aprofundamentos teológicos disponíveis, identificaram-se as ideias fundamentais da Mensagem de Fátima, encontrando para cada um dos sete ciclos anuais um conjunto diversificado de propostas, capazes de apresentar e iluminar: adoptou-se uma frase inspiradora da qual se formulou um tema geral para cada ano; definiu-se um núcleo teológico, um elemento catequético e uma atitude crente a desenvolver. De forma a criar uma correspondência com os meses principais de peregrinação, de Maio a Outubro, desdobrou-se cada tema geral em seis unidades temáticas, propondo para cada uma delas diversos conteúdos específicos.

Este itinerário liga os temas significativos da Mensagem de Fátima num fio condutor, de modo a salientar as ideias unificadoras entre eles, a distinguir os aspectos centrais dos mais secundários, a encontrar uma perspectiva de abordagem e chaves de leitura. Houve a preocupação de integrar neste plano

---

os conteúdos teológicos da Mensagem de Fátima e as expressões concretas da sua espiritualidade que podem ser incluídos nas diversas propostas pastorais: a adoração à Santíssima Trindade, a centralidade da eucaristia, o apelo à conversão, a penitência como caminho de conversão, a dimensão mariana da fé católica, a oração pela conversão dos pecadores, pelo Papa e pela paz no mundo, a reparação dos corações de Jesus e Maria, a solidariedade fraterna.

Todos estes elementos oferecem perspectivas de aprofundamento da Mensagem de Fátima, proporcionando um enquadramento teológico para as práticas devocionais características da espiritualidade fatimita: a oração do rosário, a adoração eucarística, as práticas devocionais dos primeiros sábados, a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Constituem, por isso, uma orientação para suporte temático das celebrações litúrgicas, da catequese, dos actos espirituais e devocionais, das acções de estudo e de reflexão.

### ***1º Ciclo: 2010-2011***

Acontecimento de Fátima de referência: **Aparições do Anjo**

Frase inspiradora: **Meu Deus eu creio...**<sup>1</sup>

Núcleo teológico: **O Deus uni-trino**

Elemento catequético: **Rosto trinitário de Deus**

Atitude crente: **Adoração**

Tema do Ano: **Santíssima Trindade adoro-Vos profundamente**

#### **Unidades temáticas**

1. Feliz és tu porque acreditaste!<sup>2</sup>
  - Maria, a mulher crente.
  - Maria, Aquela que acreditou.
  - Maria, mulher do sim.
  - Maria como educadora da fé.<sup>3</sup>
2. Creio em um só Senhor.
  - O primado absoluto de Deus.
  - Deus como absoluto.

---

<sup>1</sup> Memórias da Irmã Lúcia, 4ª Memória, Fátima 2007, 169.

<sup>2</sup> Cf. Lc 1, 45.

<sup>3</sup> LG 63.

- A beleza do rosto trinitário de Deus.  
Só a Ele adoramos.  
Superação da idolatria.  
A libertação de escravaturas imanentes.  
Adoração eucarística.  
Deus como fundamento da dignidade do homem.
3. Envolvidos pelo amor materno e paterno de Deus.<sup>4</sup>  
O amor paterno e materno de Deus.  
A Providência divina.  
Um amor divino que nos torna livres.  
A exigência de Deus.
4. Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus.  
Jesus, Filho de Deus.  
Deus conosco, Deus humano.  
Sermos filhos no Filho.  
A filiação como experiência humana.
5. Chamados pelo Espírito de Deus.<sup>5</sup>  
A fé como apelo do Espírito.  
O Espírito que fala pela comunidade.  
A voz interior do Espírito.  
O Espírito nos sinais dos tempos.
6. Senhor, eis-me aqui.<sup>6</sup>  
O acreditar como resposta.  
É na resposta que somos pessoas.  
A liberdade do responder.  
A responsabilidade humana.  
Respondemos a Deus, aos outros e pelos outros.

---

<sup>4</sup> Carta Pastoral da CEP "A Família, Esperança da Igreja e do Mundo, nº 27.

<sup>5</sup> Cf. 1Cor 2, 12-13.

<sup>6</sup> Is 6, 8.





**I - PERSPECTIVAS DO  
1º CICLO**



# *Santíssima Trindade adoro-Vos profundamente*

## *O percurso temático para 2011-2012*

*João Duque*

### *O Anjo de Fátima: uma revelação*

Este primeiro ano, no percurso para a celebração do Centenário das Aparições em Fátima, concentra-se em elementos fundamentais do conteúdo das aparições do Anjo. É necessário, por isso, partir do significado dessas aparições e do seu conteúdo.

Um Anjo é, antes de tudo, um mensageiro de Deus. Sempre que Deus se quer comunicar aos humanos, revelando-lhes algo importante para as suas vidas, fá-lo, antes de tudo, pela voz e pela presença de um Anjo. É certo que Deus, quando nos revela algo, se revela a Si mesmo. Nesse sentido, é Deus quem Se revela aos humanos – é Ele e só Ele o sujeito e o conteúdo dessa revelação. Mas a sua transcendência marca tal diferença entre Ele e nós que é necessária uma pedagogia de mediadores. O Anjo é uma das fundamentais mediações de Deus, na comunicação aos humanos.

Ora, o Anjo de Fátima é um mediador da presença e da comunicação de Deus, que revela, em pleno século XX, algo importantíssimo, essencial, para a salvação dos humanos, em grande parte perdidos consigo mesmos, nos emaranhados caminhos da sua história. E o cerne dessa revelação é nada mais nada menos que o cerne da fé cristã: que Deus é trino, Pai, Filho e Espírito e que a atitude humana fundamental perante o Deus trino é a adoração. Nesse sentido, Fátima não revela nada de novo, apenas retoma e recorda o cerne da revelação bíblica.

Interessantemente, o modo como o Anjo – isto é, como o próprio Deus – revela o que já tinha revelado em Jesus Cristo, actualizando-o para o nosso tempo, é precisamente o convite à oração. Porque, na oração, nós dizemos a

Deus – dizendo-o aos outros e a nós próprios – aquilo em que acreditamos, aquilo que esperamos, aquilo que fazemos. «Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente ... »; «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos». Estas simples mas profundas profissões de fé, que entretanto fazem parte do imaginário do povo cristão, sobretudo em Portugal, condensam em si o essencial do credo que nos une, ao longo das gerações.

### ***Adoração: atitude central do crente***

Antes de tudo, é importante reflectir sobre a atitude humana presente na pequena oração do Anjo. Em realidade, ela formula, de modo activo, em primeira pessoa – que é o modo do compromisso pessoal – as três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade. Acrescenta-lhes, contudo, a adoração. Ou melhor, não a acrescenta propriamente, pois a adoração apenas concentra, em si mesma, as três virtudes. Por isso, ela é a atitude central do ser humano crente, mais especificamente do cristão.

Adorar a Deus é, antes de mais, colocar a confiança primeira e última da existência em Deus e em mais ninguém. Esta definição de fé, correspondente à noção ancestral de fé, já no Antigo Testamento, coincide com a definição de adoração. «Só a Deus adorarás!» Este preceito nuclear é o mandamento da fé, pois significa que nada nem ninguém é digno de fé como Deus. Por isso, aquele que adora é o que confia plenamente em Deus e em mais ninguém, relativamente ao último fundamento da sua vida. É claro que podemos e devemos confiar noutras pessoas, relativamente a assuntos do nosso mundo quotidiano, mesmo os mais fundamentais, como sejam as relações humanas. Mas, quanto à vida eterna, ou seja, quanto ao sentido primeiro e último da nossa existência, para além de todos os apoios imanentes que possamos possuir, apenas Deus é digno de fé.

Nesse sentido, podemos afirmar também que só Ele é digno de esperança. Se só n'Ele podemos confiar, quanto ao sentido mais fundamental do nosso ser, também só n'Ele podemos esperar, quanto ao desejo de que a injustiça e a morte não tenham a última palavra sobre a existência humana. Assim sendo, adorar a Deus é esperar, mesmo contra toda a esperança, apenas n'Ele, em última instância – por mais que muitas outras esperanças

penúltimas, nos humanos, sejam legítimas e por vezes necessárias. Mas não significam esperança última, por isso não significam adoração.

E, ao nível da adoração, também só a Deus podemos amar, na raiz mais profunda de todo o amor. É certo que esse amor se manifesta presente no amor aos irmãos e mesmo a toda a criação. Mas, amar com adoração só é possível em relação a Deus, porque só Ele é fonte do verdadeiro amor.

Assim sendo, quando o Anjo diz, com os pastorinhos, «Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-vos», poderia dizer, simplesmente, «Meu Deus, eu adoro-vos» e estaria a dizer o mesmo, isto é, a definir, pela via activa da oração, a atitude humana fundamental perante Deus.

### ***Um Deus trinitário: puro amor***

Todas as religiões parecem assentar na adoração de Deus. No entanto, nem todos esses modos de adoração são segundo a fé, a esperança e a caridade ou amor. Às vezes são, antes, modos de vivência do medo e do pavor perante o desconhecido e o indomável. E nem todos os modos de adoração se orientam para o mesmo Deus, tal como é confessado pelos cristãos. É certo que o Deus das diversas religiões, sendo verdadeiro, será o mesmo Deus. Mas os crentes das religiões diversas não O concebem igualmente e, por isso, não O adoram do mesmo modo. Nisso se distingue o cristianismo das outras religiões. E essa distinção é o fundamento, também, do modo como os cristãos concebem e praticam o relacionamento com o mundo e com os outros humanos.

Ora, «a profissão de fé num só Deus, em três pessoas, é considerada, acertadamente, como a característica específica da fé cristã em Deus» (Cardeal Walter Kasper). Por isso, o Deus que adoramos não é uma ideia abstracta de qualquer ‘divindade’, mas um Deus com um ‘rosto’ trinitário. Não que Deus seja trino apenas na aparência do seu rosto, mas porque o rosto que se nos revela é Ele mesmo, enquanto único Deus, na relação tripessoal. Ele revela-nos a sua face como a face do puro amor relacional, fonte de todo o amor existente na Criação.

Mas convém não esquecer a ambiguidade dos significados da palavra «amor». Quando consideramos o rosto trinitário de Deus como

manifestação de Deus-amor, é necessário compreender melhor de que amor estamos a falar, para podermos sentir melhor o efeito desse amor sobre nós e para podermos amar – adorar – em verdade. Ora, o amor que é o próprio Deus e que anima a verdade do amor na Criação – como imagem de Deus – é descrito, trinitariamente, nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito. Porque todos se definem, no seu ser, simplesmente pela relação ao outro. Assim, o amor de Deus – o próprio Deus, como amor – é o amor da paternidade e da filiação (sempre em analogia com a paternidade e a filiação humanas, não como sua repetição ou imitação) que, na sua relação mútua, ‘constituem’ o Espírito de Deus. Sobre estas três dimensões – personificadas em três núcleos de relação – de Deus-amor, falaremos mais adiante. Agora, é altura de pensar cada uma das unidades temáticas que acompanharão este ano.

### ***Maria: modelo dos crentes***

A Mensagem de Fátima – todo o ‘fenómeno’ de Fátima – é relativa à relação de Deus com o ser humano e vice-versa. Por isso, é uma mensagem teocêntrica (basta considerar a revelação subjacente às aparições do Anjo, que agora ganhou «corpo», visibilidade exemplar, na igreja da Santíssima Trindade). Mas, como se viu, a revelação de Deus e o seu diálogo com os humanos acontece sempre na voz de mediadores. O Anjo é um deles. Mas, em Fátima, a principal medianeira do apelo de Deus à humanidade foi/é Maria. Por isso, a mensagem e o fenómeno de Fátima, sendo teocêntrico, não é, por isso, menos mariano. Nesse sentido, não é possível pensar os núcleos da Mensagem de Fátima – como este primeiro núcleo, a adoração de Deus uni-trino, como acção fundamental da fé cristã – sem compreender a relação de Maria com esses núcleos.

Ora, Maria é, antes de tudo, a glória da verdadeira humanidade. Ou seja, nela está representada a humanidade, na sua mais verdadeira atitude, perante a interpelação de Deus, que se dá a conhecer e a amar. E, enquanto representante da humanidade, ela é o modelo dos humanos crentes, porque é aquela que, em todas as circunstâncias, adorou a Deus e a mais ninguém. Ela acreditou, confiando em Deus, para além de todas as aparências, que pareciam aconselhar a desconfiança; ela esperou, contra toda a esperança,

mesmo quando o seu Filho parecia sucumbir ao fracasso irremediável; ela amou, acima de tudo, porque deu a vida, a sua vida simples e aparentemente banal, completamente aos outros, no serviço quotidiano. É, por isso, o modelo primordial do ser humano que, marcado pela debilidade da sua condição, responde a Deus, na grandeza máxima das suas possibilidades – possibilidades que são dadas, evidentemente, pela acção salvífica do próprio Filho. Por isso, ela é acolhida e louvada como a mulher do sim. Mas não de qualquer sim – antes de um sim que implica também um não. Porque se trata de um sim incondicional a Deus – só a Ele adorarás... – na recusa de todas as outras adorações, mesmo que esta sua escolha tenha muitas vezes um formato paradoxal – tão flagrante no diálogo da anunciação.

### ***Um Deus único: garante da dignidade humana***

O Deus a que Maria respondeu é o Deus de nossos pais, isto é, o Deus único professado e amado por Israel. Ora, o facto de a profissão de fé cristã se orientar para um Deus trino, não significa que não seja uma profissão de fé monoteísta, isto é, não significa que abduquemos de afirmar que o Deus em que acreditamos é o único Deus verdadeiro, porque é o único digno de ser invocado (adorado) como Deus. E esse Deus é o princípio absoluto de tudo, por isso mais nada nem ninguém pode ser adorado como Deus.

Essa afirmação central do monoteísmo – que nos une aos judeus e aos muçulmanos – não é um capricho absolutista nem uma abstracção intelectual. Trata-se, essencialmente, de uma afirmação e uma prática libertadoras. Porque, ao adorarmos mais que um ‘deus’, estaremos já a divinizar realidades diversas, que são, em última instância, realidades imanentes ao mundo.

A tradição bíblica chama, a essa divinização de realidades do mundo, idolatria. E a forte condenação bíblica da idolatria não se deve aos ciúmes absurdos do Deus que quer ser único e não aceita qualquer concorrente. Como poderíamos imaginar nós isso do Deus verdadeiro, que não precisa de ter ciúmes de ninguém, porque sabe que mais ninguém é Deus? Só a insegurança humana é que provoca os ciúmes, que não são transponíveis para Deus.

As passagens bíblicas que parecem dar a entender que Deus é ciumento, apenas pretendem condenar radicalmente a idolatria, porque ela é perversa

e perigosa para o próprio ser humano. De facto, ao divinizar várias realidades imanentes ao mundo, o ser humano torna-se escravo dessas realidades. E só consegue libertar-se dessas escravaturas, na medida em que não adora, não diviniza nada de mundano. Mas só consegue recusar essa divinização, na medida em que aceita como Deus o único Deus, transcendente e diferente do mundo, que não se confunde com as realidades que nos podem escravizar e que, por isso, não entra em concorrência com nenhuma das suas criaturas, nem as escraviza, em seu benefício.

E não pensemos que se trata, aqui, de questões simplesmente ‘religiosas’. De facto, há muitas realidades que podem ser divinizadas e que, por isso, podem escravizar os humanos. Ancestralmente, era frequente a divinização da natureza, das suas forças indomáveis, do destino que os astros pretensamente traçavam sobre os humanos. Estas leituras mais ou menos animistas do mundo, que divinizam o próprio cosmos, estiveram muito presentes nas culturas antigas, mas voltam a marcar fortemente a nossa actualidade, sob a forma de astrologia, de crença no destino, de certa ecologia radical, etc.

Uma divinização também frequente foi a divinização das raças, dos grupos de pertença. Na antiguidade, deu-se sobretudo como divinização das cidades ou do império; mais recentemente, sobretudo no século XX, deu-se como divinização da nação, nos nacionalismos que levaram a Europa à catástrofe da 2ª Guerra Mundial. E os actuais regionalismos da Europa, com muito terrorismo à mistura, não deixam de ser um modo de divinização que escraviza e sacrifica muitos humanos, até à morte.

O século XX conheceu, ainda, a divinização de certas ideologias, em nome das quais muitos humanos se sacrificaram a si mesmos e sacrificaram outros. Actualmente, assistimos à divinização dos processos económicos e mediáticos a nível global, como se se tratasse de um «deus» absoluto, contra o qual nada podemos. Em nome do ‘deus’ do mercado, muitos humanos são sacrificados diariamente.

Nas nossas sociedades ocidentais contemporâneas, predomina um modo muito próprio de divinização ou idolatria, que já os antigos conheciam e que marcou muito a doutrina de S. Paulo. Trata-se da idolatria de



‘si-mesmo’ (Self), como modo de ser numa sociedade individualista. Nesse modo de idolatria, a força divinizada é cada sujeito humano, no círculo fechado de si mesmo. Essa idolatria chega a ter a aparência da liberdade, pois parece que se baseia na vontade livre de cada um. Mas essa aparência ilude. De facto, talvez a pior escravatura seja aquela em que nos tornamos escravos de nós mesmos e do nosso egoísmo. Porque, nessa escravatura, nem sequer sentimos vontade de nos libertar.

Por isso, como dizia S. Paulo, só Deus, em Jesus Cristo, nos pode libertar da escravatura de nós mesmos sobre nós mesmos, que é a básica escravatura do pecado e a máxima manifestação da idolatria. Nesse sentido, a salvaguarda da dignidade humana implica a total afirmação da sua liberdade – teórica e prática – em relação a todas as realidades que poderão escravizá-lo.

Ora, a afirmação do carácter absoluto e único de Deus – o único que pode ser adorado porque, nessa adoração, não escraviza o adorador – é a base da libertação do adorador, do crente, daquele que n’Ele espera e que O ama. Por isso, a fé num único Deus, digno de ser adorado, é condição de libertação do humano e de salvaguarda da dignidade de cada pessoa concreta, sobretudo daqueles que têm menos poder para afirmar e defender essa dignidade, como é o caso das crianças (mesmo ou sobretudo antes de nascer), dos deficientes, dos doentes, dos pobres, etc. Caso contrário, a salvaguarda da dignidade dos humanos fica entregue ao sabor das circunstâncias, que são sempre circunstâncias em que dominam os mais poderosos sobre os mais débeis.

### ***A ternura e a liberdade do amor de Deus***

Este dinamismo de absoluta adoração e profunda libertação, na afirmação da autonomia do humano perante todos os poderes que escravizam, ganha especial formato na relação à pessoa trinitária que a tradição cristã denomina Pai. É claro que a aplicação do nome ‘Pai’ a Deus resulta de uma transposição analógica, a partir da paternidade humana. E, entre os humanos, ou se é pai ou se é mãe. A impossibilidade de ser ambos simultaneamente tem como consequência que, ao nomear Deus, tenhamos que Lhe chamar pai ou mãe, não havendo um nome que abarque ambos. Por razões diversas,

afirmou-se na tradição o nome Pai. E uma tradição de séculos, com todo o seu peso, incluindo na oração do Pai-nosso, não pode ser alterada levianamente. Mantém, por isso, o seu significado e a sua validade perene.

Mas, o modo de relação representado no nome Pai pode também ser dito pelo nome Mãe. Nesse sentido, esse modo de relação não é apenas o de paternidade, em sentido estrito e em sentido humano, mas também o de maternidade. Logo, Deus-Pai é o único Deus, na dimensão ou subsistência pessoal do amor paternal e maternal. O Catecismo da Igreja Católica, no seu nº 239, diz claramente: «Esta bondade parental de Deus pode exprimir-se também pela imagem da maternidade».

Sendo assim, o amor de Deus é, nesta sua dimensão, um amor paternal e maternal. Na sua dimensão maternal, inclui a ternura pelos seus filhos, o acompanhamento e acolhimento, mesmo daqueles que não se comportam à altura desse amor – como foi o caso metaforicamente emblemático do filho pródigo – um amor baseado no perdão permanente, no dom de si, pelos seus filhos. Estes elementos do amor, sendo embora vividos também pelo pai, exprimem melhor a dimensão maternal do amor. No seu extremo, podem mesmo ser confundidos com um maternalismo exagerado, que não permite a autonomia dos filhos, que não os solta do útero materno – como pensava o irmão da parábola referida, que permaneceu sempre em casa, ao colo do pai (ou da mãe, como é mais habitual).

Nesse sentido, a dimensão paternal do amor parental, se bem que possa resvalar também para o paternalismo, qualifica-se pelo reconhecimento e apoio à autonomia do filho, à sua liberdade e dignidade de ser diferente do pai. Por isso, muitas vezes o amor paternal parece frio, pois aguenta a fuga do filho – como o da parábola – sem impedir essa decisão livre, apenas esperando o regresso, também livre e completamente autónomo.

Deus é, pois, na relação ao seu Filho e, por extensão, a nós, que somos filhos no Filho, ao mesmo tempo Pai e Mãe, sendo parecido – e, ao mesmo tempo, diferente, porque infinitamente melhor – com os pais e as mães que conhecemos na nossa existência quotidiana. É, por isso, a mãe que nos acompanha e nos perdoad, ao mesmo tempo que o pai nos exige sermos livres e dignos – tudo isso como manifestação do amor sem limites.

### ***Com o Filho, aprendemos [a viver] a filiação***

A esse amor corresponde o amor do Filho. Antes de tudo, no próprio Deus, pois é o amor do Filho que possibilita o amor do Pai – e vice-versa. Por isso, o Pai é, apenas, na medida em que é para o Filho; e o Filho é, na medida em que é para o Pai. E é como ‘extensão’ gratuita deste ‘ser-para’ do Pai para o Filho e do Filho para o Pai que Deus é para nós, através do seu Filho e no seu Filho; é nessa ‘extensão’ que nós somos para Deus, no Filho.

Por isso, a relação de filiação no próprio Deus uni-trino é que possibilita que Deus seja para a sua Criação e para a humanidade, fazendo-se humano em Jesus Cristo, sem deixar de ser Deus. No Filho, feito carne humana numa pessoa concreta da nossa história, Deus manifesta-se e age como Deus-connosco, feito um de nós, para que nós, transformados por Ele, possamos atingir a nossa verdade e, desse modo, ser libertos de todas as escravidões, ser salvos de todas as nossas perdições.

Ora, a nossa verdade, isto é, a nossa verdadeira condição, cuja aceitação e cuja prática nos conduz à salvação, é precisamente a condição de filhos e filhas. A filiação poderá ser considerada, como tal, a mais profunda definição da condição humana. E é, ao mesmo tempo, um programa de vida, do ponto de vista do sentido e do ponto de vista da actuação. Porque, para se ser filho e filha é necessário aceitar a condição de filiação. Não se trata, aqui, de pura filiação biológica, que não depende da aceitação livre por parte do novo ser gerado. A filiação que nos define é uma filiação de um nível mais profundo, que implica o acolhimento, por parte dos filhos, de que os pais sejam pais, e não simplesmente progenitores. O filho pródigo, a princípio, não aceitou a condição de filho, pretendendo ser absoluto em si mesmo. Por isso abandonou a casa. Depois, reconhecendo o mal que fez, não esperava recuperar a condição de filho, porque não a merecia – apenas mereceria um salário, se trabalhasse, na condição de empregado. Mas o pai oferece aquilo que é – a sua paternidade. E a salvação do filho reside, apenas, na capacidade e humildade de aceitar essa dádiva gratuita, aceitando-se como filho, que nada merece do que lhe é dado, mas a quem tudo é dado gratuitamente.

Essa é a nossa condição de humanos, perante Deus – e, muitas vezes, perante os outros. E o que nos é exigido é, simplesmente, a humilde aceitação

dessa nossa condição, o que não é fácil a seres humanos orgulhosos dos seus méritos e das suas capacidades, como somos todos nós, sobretudo os adultos. Em realidade, a capacidade de viver a profundidade do humano encontra-se sobretudo nas crianças – como nos videntes de Fátima. E é por isso que a salvação dada por Deus só é recebida por quem se tornar como uma criança – isto é, por quem aceitar ser filho e filha, dádiva gratuita de Deus e não produto orgulhoso de si mesmo.

### ***O Espírito que interpela***

Mas o orgulho pesa mais em nós. A não ser que estejamos abertos à acção e à voz do único que pode mover-nos à superação da escravatura do orgulho. Esse é o próprio Deus, enquanto Espírito que sopra em todo o lado, esperando apenas que escutemos e sigamos a sua brisa quase inaudível. Onde menos esperamos, Ele pode estar a interpelar-nos à nossa verdade de filhos e filhas de Deus. E pode fazê-lo por um acontecimento banal, ou por um acontecimento extraordinário, no quotidiano da nossa vida; ou por acontecimentos dos nossos tempos, sempre à espera de uma leitura; ou pela voz de outro nosso irmão, de quem nada esperaríamos; ou pela voz interior do nosso sentimento e da nossa meditação; ou pela voz mais clara da própria comunidade eclesial e da instituição que é a Igreja; ou pelos acontecimentos celebrativos que são os sacramentos; quem sabe onde mais ...

Como tal, a interpelação de Deus – que espera de nós uma resposta, sobretudo prática, e que se resume à aceitação viva da nossa condição filial – é, em primeiro lugar, a interpelação subtil e às vezes ambígua do Espírito. Essa interpelação exige, antes de mais, um discernimento na escuta, para verificar se é a voz do verdadeiro Espírito de Deus, ou se é apenas a nossa própria voz ou a voz de outros «espíritos» sedutores. Esse discernimento é complexo e deve contar com a ajuda dos outros, sobretudo da comunidade eclesial.

### ***Acreditar é responder***

Mas o apelo do Espírito tem como finalidade a resposta. É nessa resposta que Ele se realiza plenamente. A nossa resposta activa ao apelo é, em síntese, a nossa fé. A fé não se limita, pois, a acreditar que Deus existe. É, sobretudo, a

resposta fiel ao apelo desse Deus que nos interpela, como pai, a que sejamos filhos e filhas – por isso, irmãos e irmãs, uns dos outros. O crente é aquele que responde positivamente a esse apelo, dentro das suas limitadas capacidades e, muitas vezes, na indefinição e na hesitação das respostas – às vezes até na infidelidade da recusa. Mas o caminho sinuoso da vida, ou é, no seu todo, um caminho de resposta positiva a Deus – ou é completa recusa. Ser crente ou não ser crente decide-se nessa resposta, sempre livre e sempre possível.

A resposta é, antes de tudo, um modo de ser, um modo de estar, um modo de agir. Pode concentrar-se, por isso, na prontidão e disponibilidade do «eis-me aqui!». Como um filho, perante o pai, nós estamos, antes de tudo, perante Deus, que nos chama – como chamou Maria, a qual respondeu, em nome da humanidade crente: «Aqui estou!». Mas, esta disponibilidade é, como resposta, a resposta da responsabilidade. Perante Deus, estamos como seres responsáveis. Responsáveis, antes de tudo, pelo que somos e fazemos, pois somos seres livres, autónomos, não obrigados por Deus a nada. O pai apenas pede ao filho que aceite ser seu filho e aceite ficar, para estar aí, disponível.

Mas somos, como consequência, responsáveis, na resposta que damos a Deus, pelos outros irmãos, por toda a humanidade. Nesta responsabilidade pelos outros é que se mede a envergadura prática da nossa fé, que coincide com a envergadura da nossa caridade. E é nessa responsabilidade prática, quotidiana, simples e banal por cada outro que conosco se encontra, que se realiza a nossa atitude de adoração, de reconhecimento de que só Deus é Deus e de que n'Ele podemos esperar. A atitude eucarística da adoração é a celebração, em memorial da acção central de Deus na história, desta nossa resposta responsável, por tudo e por todos, perante Deus que nos interpela, como Pai, Filho e Espírito Santo.



## *As aparições do Anjo em 1915 e 1916*

*Luciano Cristino*

### *As três aparições do Anjo, em 1915, no Cabeço de Aljustrel*

Logo desde a primeira aparição de Nossa Senhora, em Maio de 1917, começou a constar que tinha havido anteriormente outras manifestações extraordinárias que tinham envolvido a Lúcia e vários companheiros e companheiras. Numa série de interrogatórios, o Dr. Manuel Nunes Formigão, foi recolhendo informações: A 27 de Setembro, Lúcia: “O ano passado, nunca me apareceu [Nossa Senhora], nem antes de Maio deste ano; nem eu disse a pessoa alguma, porque não era exacto”. A 11 de Outubro, Maria Rosa, mãe da Lúcia: “Há um ano, vários pequenos (um irmão do Francisco, João) afirmam que lhes aparecia um vulto, todo embrulhado num pano branco, sem se lhe ver o rosto, na Cova da Iria e noutros sítios”. No dia 19 de Outubro, o Dr. Formigão tocou novamente no assunto: “O que viste há cerca de um ano? Tua mãe diz que tu e outras crianças viram um vulto embrulhado, que não deixava ver o rosto. Porque foi que me disseste, o mês passado, que não foi nada?” Perante o silêncio de Lúcia, perguntou-lhe: “Dessa vez, fugiste?” Lúcia respondeu: “Cuido que fugi”. Num interrogatório, mais minucioso, no dia 2 de Novembro de 1917, o Dr. Formigão insistiu: “Preciso de saber o que foi que viste, então, e como foi que as coisas se passaram. É certo que te apareceu um vulto branco?”. Lúcia referiu, então, os companheiros que estavam com ela, nas três vezes que o vulto lhes apareceu, “em mais de uma árvore”, “todo vestido de branco”; “não lhe via os braços nem os pés”; “demorou-se pouco tempo”; “não sabe o que fosse esse vulto; mas cuida “que não era Nossa Senhora”.

Depois desta data, não se ouviu falar mais do “vulto embrulhado”, até ao dia 28 de Setembro de 1923, no decorrer dos interrogatórios oficiais do processo canónico, em que foi ouvida a mãe da Lúcia: “No ano anterior ao

das Aparições, ouviu a filha Lúcia e outras dizerem que tinham visto, noutro lugar, uma pessoa embrulhada num lençol. Não fez caso de tais palavras”.

No interrogatório oficial, a 8 de Julho de 1924, Lúcia não foi interrogada sobre as visões do “vulto branco”, nem sobre as aparições do Anjo de Portugal, em 1916. Mais ninguém se pronunciou sobre esses assuntos, nem sequer no relatório final do processo canónico diocesano, redigido pelo Dr. Formigão, aprovado pela comissão, a 14 de Abril de 1930, e entregue ao Bispo de Leria, que nele se baseou, para redigir a carta pastoral de 13 de Outubro do mesmo ano.

Finalmente, Lúcia resolveu contar por escrito, na *Segunda Memória* (1937), o que vira: “Subimos, com os nossos rebanhos, até quase ao cimo do monte. [...] Um pouco mais ou menos aí pelo meio-dia, comemos a nossa merenda e, depois dela, convidei as minhas companheiras para rezarem comigo o Terço, ao que elas anuíram com gosto. Mal tínhamos começado, quando, diante de nossos olhos, vemos, como que suspensa no ar, sobre o arvoredado, uma figura como se fosse uma estátua de neve que os raios do sol tornavam algo transparente”. E descreve mais alguns pormenores, dizendo que o facto se deu, mais duas vezes.

Na *Quarta Memória* (Dezembro de 1941), a Irmã Lúcia faz uma síntese destas aparições, que situa em 1915: “Pelo que posso mais ou menos calcular, parece-me que foi em 1915 que se deu essa aparição do que julgo ser o Anjo, que não ousou, por então, manifestar-se de todo. Pelo aspecto do tempo, penso que se deveram dar nos meses de Abril até Outubro de 1915. Na encosta do cabeço que fica voltada para o sul, ao tempo de rezar o terço, na companhia de três companheiras, de nome Teresa Matias, Maria Rosa Matias, sua irmã, e Maria Justino, do lugar da Casa Velha, vi que sobre o arvoredado do vale que se estendia a nossos pés, pairava uma como que nuvem, mais branca que neve, algo transparente, com forma humana. As minhas companheiras perguntaram-me o que era. Respondi que não sabia. Em dias diferentes, repetiu-se mais duas vezes. Esta aparição deixou-me no espírito uma certa impressão que não sei explicar. Pouco e pouco, essa impressão ia-se desvanecendo; e creio que, se não são os factos que se lhe seguiram, com o tempo a viria a esquecer por completo”.



Nos *Apelos da Mensagem de Fátima*, ultimados em 1997 e editados, pela primeira vez, no ano de 2000, a Irmã Lúcia dá mais alguns esclarecimentos sobre este assunto, respondendo a uma das perguntas que mais frequentemente lhe dirigiam: “Diga-nos, Irmã, como é que se deram as primeiras aparições, das quais pouco ou quase nada se tem falado?”: “Devia ser pelos anos 1914 e 1915, logo que comecei a pastorear o pequeno rebanho pertencente a meus pais, porque eu andava entretida na humilde vida pastoril e na companhia de outras meninas da terra, quando fomos surpreendidas por uma aparição que não soubemos definir. Encontrando-nos na encosta do chamado monte do Cabeço, vimos como se fosse uma nuvenzinha branca com forma humana, que tinha descido do firmamento e lentamente passava na nossa frente, sobre a copa do arvoredado que se estendia pelo vale a nossos pés, como que querendo atrair a nossa atenção e fascinar o nosso olhar. Algumas das meninas presentes contaram em casa aos pais o que tinham visto, enquanto eu guardei silêncio, limitando-me a confirmar o caso, quando era interrogada. Muitas perguntas me têm sido feitas sobre esta aparição, que se repetiu por várias vezes e noutros sítios. Ainda hoje, respondo como então: Não sei o que era nem o que significava. Mas uma convicção íntima me ficou na alma e não quero ocultá-la: ela me faz crer que fosse o Anjo da Guarda. Talvez desta forma, sem falar, ele tenha querido fazer sentir a sua presença e preparar assim as almas para a realização dos desígnios de Deus. Até agora não tenho querido falar destas aparições, mais do que o indispensável, para responder a algumas perguntas. Hoje, porém, faço-o, não para vos certificar se foram ou não do Anjo da Guarda, mas para vos dizer que é certa a existência dos Anjos da Guarda, que foram criados por Deus para O servir, adorar, louvar e amar. No opúsculo *Como vejo a mensagem*, publicado postumamente, em 2006, a Irmã Lúcia escreveu: “Iniciou Deus a preparação dos instrumentos que escolheu, quando eles, despreocupados, rezavam e brincavam, fazendo passar na sua frente, suave e lentamente, como se fora uma nuvenzinha branca de neve, mais brilhante que o sol, com figura humana, que houvesse descido desprendendo-se do firmamento, atraindo-lhes o olhar e chamando-lhes a atenção. ‘Que é aquilo?’, interrogavam-se entre si as pobres crianças: ‘Não sei’. E com certeza, ainda hoje não sei, mas os acontecimentos que se lhe

seguiram levam-me a crer que seria o nosso Anjo da Guarda que, sem se manifestar claramente, nos ia preparando para a realização dos planos de Deus.”

### ***As aparições do Anjo, na Loca do Cabeço e no Poço do Arneiro, em 1916***

Enquanto as aparições do “vulto branco” tiveram alguma divulgação, na época em que se verificaram (1915) e no ano de 1917, mas não voltaram a fixar a atenção de ninguém, até à *Segunda Memória* da Irmã Lúcia, as três aparições do Anjo de Portugal permaneceram praticamente desconhecidas até à *Primeira Memória* da mesma Irmã Lúcia (1935).

Em 1958, a Irmã Dina Magalhães, doroteia, antiga companheira da Lúcia, no chamado “Asilo de Vilar”, no Porto, revelou que, já em 1922, aprendeu dela duas orações: “Meu Deus, eu creio...” e “Santíssima Trindade...”. Mas nunca conseguiu saber quais os acontecimentos que estavam na sua origem, e nunca mais lhe perguntou nada.

O Dr. Formigão, em 1955, resumiu os seus interrogatórios de 27 de Setembro e de 2 de Novembro de 1917 e escreveu: “Perante declarações tão vagas, que, a meu ver, podiam comprometer, em certo modo, a obra admirável que se iniciara com as aparições da Santíssima Virgem, aconselhei a Lúcia a manter-se em silêncio sobre o assunto e não procurei mais informações neste particular. Porém, passados anos, talvez em Setembro de 1923, fiz oficialmente vários interrogatórios [...]. Em abono das vagas aparições dum anjo, e provando, de algum modo, que o facto transpirou para o domínio público, espalhou-se muito uma estampa colorida representando Nossa Senhora da Fátima, na extremidade direita, tendo o sol resplandecente, por detrás da sua cabeça; em baixo, de joelhos, diante de uma balaustrada de onde pende um rosário, os três videntes; ao lado destes, um anjo em atitude orante, segurando uma açucena na mão direita; por cima do anjo, no ângulo superior esquerdo, as quinas, em escudo antigo. [...] A partir daqui, o véu do esquecimento cai sobre este ponto, considerado, de início, como pormenor perigoso, em que a Jacinta e o Francisco nunca falaram. Até que o relato pormenorizado da vidente Lúcia, cerca do ano de 1938, nos coloca em face do inesperado: as manifestações do Anjo de Portugal”.

Mas estas aparições do Anjo aos três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, só foram conhecidas do grande público, aquando da divulgação das *Memórias da Irmã Lúcia*. Já na *Primeira Memória* (Natal de 1935), há elementos que poderiam levar à suspeita que algo teria acontecido, antes das aparições marianas: “Depois das Aparições de Nossa Senhora, a Jacinta para se ocultar das pessoas que a buscavam, ia esconder-se, com seu Irmãozinho, na caverna dum rochedo que fica na encosta dum monte que está em frente do nosso lugar e que tem no cimo um moinho de vento. O rochedo fica na encosta do lado do nascente; e é tão bem feita a loca, que os resguardava perfeitamente da chuva e dos ardores do sol. Além disso, fica encoberta por numerosas oliveiras e carvalhos. Quantas orações e sacrifícios, ela, aí, ofereceu ao nosso bom Deus!”

Esta referência às orações e sacrifícios, naquele sítio, tornou-se mais compreensível, na *Segunda Memória* (1937): “Por este tempo, o Francisco e a Jacinta pediram e obtiveram [...] licença dos pais, para começarem a guardar o seu rebanho. Deixei, pois, estas boas companheiras e substituí-as por meus primos: o Francisco e a Jacinta. Combinámos, então, pastorear os nossos rebanhos nas propriedades de meus tios e de meus pais, para não nos juntarmos na serra com os demais pastores. Um belo dia, fomos com as nossas ovelhinhas para uma propriedade de meus pais que fica ao fundo do dito monte voltado ao nascente. [...] Aí pelo meio da manhã, começou a chover uma chuva miudinha, pouco mais que orvalho. Subimos a encosta do monte, seguidos das nossas ovelhinhas, em procura de um rochedo que nos servisse de abrigo. Foi então que, pela primeira vez, entrámos nessa caverna abençoada [...]. Aí passámos o dia, apesar de a chuva haver passado e de o sol se haver descoberto, lindo e claro. Comemos a nossa merenda, rezámos o nosso Terço [...]. Terminada a nossa reza, começávamos a jogar as pedrinhas. Alguns momentos havia, que jogávamos, e eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que se passava, pois o dia estava sereno. Vemos, então, que sobre o olival se encaminha para nós a tal figura de que já falei. A Jacinta e o Francisco ainda nunca a tinham visto, nem eu lhes havia falado nela. À maneira que se aproximava, íamos divisando as feições: um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve,

que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza.

Ao chegar junto de nós, disse:

- Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.

E, ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras:

- Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Depois, erguendo-se, disse:

- Orai assim. Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas [...].

Passado bastante tempo, em um dia de Verão, em que havíamos ido passar a sesta a casa, brincávamos em cima dum poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro. [...] De repente, vemos junto de nós a mesma figura ou Anjo, como me parece que era, e diz:

- Que fazeis? Orai, orai muito. Os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.

- Como nos havemos de sacrificar?

- De tudo que puderdes, ofereci a Deus sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, os sofrimentos que o Senhor vos enviar.

Passou-se bastante tempo, e fomos pastorear os nossos rebanhos para uma propriedade de meus pais, que fica na encosta do já mencionado monte, um pouco mais acima dos Valinhos [...]. Depois de termos merendado, combinámos ir rezar na gruta que ficava a outro lado do monte [...].

Logo que aí chegámos, de joelhos, com os rostos em terra, começámos a repetir a oração do Anjo: Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos, etc. Não sei quantas vezes tínhamos repetido esta oração, quando vemos que sobre nós brilha uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o Anjo, tendo na mão esquerda um cálix, sobre o qual está suspensa uma Hóstia, da qual caem algumas gotas de Sangue dentro

do cálix. O Anjo deixa suspenso no ar o Cálix, ajoelha junto de nós, e faz-nos repetir três vezes: Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, (adoro-Vos profundamente e) ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores. Depois levanta-se, toma em suas mãos o cálix e a hóstia. Dá-me a sagrada Hóstia a mim e o Sangue do Cálix divide-o pela Jacinta e o Francisco, dizendo ao mesmo tempo: Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus. E, prostrando-se de novo em terra, repetiu connosco, outras três vezes, a mesma oração: Santíssima Trindade... etc., e desapareceu. Nós permanecemos na mesma atitude, repetindo sempre as mesmas palavras; e, quando nos erguemos, vimos que era noite e, por isso, horas de irmos para casa”.

Ainda na sua *Segunda Memória*, refere a Irmã Lúcia que a Jacinta, já doente, lhe dizia que já não podia rezar as orações do Anjo, prostrada, mas só de joelhos. O Vigário do Olival, a quem Lúcia contou, mandou dizer-lhe que “não queria que descesse mais da cama para rezar; que, deitada, rezasse só o que pudesse, sem se cansar”.

Na *Terceira Memória*: “Em outra ocasião, levei-lhe [à Jacinta] uma estampa que tinha o sagrado cálix com uma hóstia. Pegou nele, beijou-o e, radiante de alegria, dizia: É Jesus escondido! Gosto tanto d’Ele! Quem me dera recebê-l’O na igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital a levar-me outra vez a Sagrada Comunhão! Que contente que eu ficava!”

Também o Francisco vivia com intensidade as Aparições do Anjo, como refere a Irmã Lúcia, longamente, na *Quarta Memória*.

E a Irmã Lúcia descreve, mais uma vez, as aparições do Anjo, precisando melhor as datas: “Parece-me, no entanto, que deveu ser na Primavera de 1916 que o Anjo nos apareceu, pela primeira vez, na nossa Loca do Cabeço” [...]; a segunda deveu ser no pino do verão, nesses dias de maior calor [...]; vimos o mesmo Anjo junto de nós. [...]; a terceira aparição parece-me que

deveu ser em Outubro ou fins de Setembro, porque já não íamos passar as horas da sesta a casa”. Nos *Apelos da Mensagem de Fátima*, a Irmã Lúcia descreve e comenta em 89 páginas esta aparição e *Em como eu vejo a mensagem* faz o mesmo sem revelar pormenores novos.

A identificação mais completa dos sítios só foi possível, na visita que a própria Irmã Lúcia fez, a 21 de Maio de 1946, à Cova da Iria, Cabeço, Valinhos, Aljustrel e Fátima, e, nesse ano e no seguinte, foram esclarecidos alguns pontos, nas respostas que ela deu em três interrogatórios que lhe foram feitos pelo Padre Hubert Jongen, monfortino holandês, por Joseph Georges Goulven, advogado francês, residente em Marrocos, e pelo Pe. José Pedro da Silva, mais tarde, bispo auxiliar de Lisboa e bispo de Viseu.

Ao primeiro, em Junho de 1946, disse estar absolutamente certa que viu o Anjo; que não era verdade que os três pastorinhos tivessem silenciado completamente estas aparições, porque as revelaram, “em primeiro lugar, ao arcepreste do Olival. Merecia-me toda a confiança. Nada lhe ocultei, nada. Recomendou-me que não dissesse nada a ninguém. [...]. Só falei nisso ao Senhor Bispo de Leiria. [...] Também me recomendou que guardasse segredo [...]. O Arcipreste do Olival, o Senhor Bispo de Leiria, as circunstâncias, tudo nos aconselhava a calarmo-nos. Não bastaria isso para guardar o segredo, até que o Senhor Bispo me obrigou a falar?!”

A 30 de Junho de 1946, a Irmã Lúcia respondeu a um questionário de 65 perguntas de Joseph Goulven, identificando alguns sítios onde os pastorinhos pastoreavam os seus rebanhos, alguns ligados às manifestações de 1915 a 1917.

O Pe. José Pedro da Silva apresentou um interrogatório de 22 perguntas, datado de 3 de Julho de 1947, a que a Irmã Lúcia respondeu, a 1 de Agosto do mesmo ano. Recheado de dados importantes sobre variados aspectos das Aparições do Anjo e de Nossa Senhora.

## *A adoração como atitude crente*

*Emanuel Matos Silva*

### *De que falamos quando dizemos 'Adoração'*

Deus faz-Se presente ao Homem. Revela-Se na Criação, na Palavra, na Comunidade humana com sua inteligência, vontade e capacidade de amar, na História de todos os dias com seus acontecimentos, sentimentos e desafios. Revela-Se plenamente em Jesus Cristo, Verbo de Deus feito Homem. E revela-Se na Igreja, o Corpo de Cristo ressuscitado que vive na História, sinal e sacramento da Luz de todos os Povos que é Jesus Cristo. Revela-Se, portanto, em acontecimentos e em palavras que, inseparáveis e irredutíveis, se explicitam e esclarecem mutuamente.

O Homem, por seu lado, sempre tentou tocar Deus e sempre se sentiu, ao mesmo tempo, esmagado pela sua onipotência e atraído pela sua Providência misericordiosa. Por isso, ora se fecha, diz 'não' e se perde, como em Adão e Eva, ora se abre, comunga a vida de Deus que o faz crescer, e se faz homem novo à estatura de Cristo, o Primogênito de toda a criatura.

Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, não nos tira nada do que é especificamente humano. Antes pelo contrário, dá-nos a experimentar a percepção da nossa real condição e revela-Se-nos com o caminho de transfiguração. Não só não nos limita como nos dá tudo, nos alarga os horizontes, nos faz experimentar a salvação. Amar gratuitamente, dar sem esperar ou exigir gratificações, perdoar sem reprimir, partilhar sem estar sempre a cobrar, ser perseguido pelo Reino, entregar-se pela vida dos outros, são sementes da 'estatura de Cristo' em cada ser humano, sementes da verdade de Deus e da verdade do homem. Aconteça o que acontecer, o encontro com Deus deixará, portanto e sempre, no homem uma marca tão forte que o seu grande desejo é o de rever e contemplar de novo, directa ou indirectamente, o rosto d'Aquele que se mostrou próximo. E, de facto, é quando se ama que se é mais

parecido com Deus, é quando se ama que a vida se dá a experimentar como maior unidade, é quando se ama que se consegue ser mais livre e dispor da vida com liberdade.

Diríamos então que, diante de Deus, o homem está, também e sempre, diante do seu próprio mistério de homem. E as formas como se experimenta a si mesmo, as formas como se entende e se define, são as formas como acaba por definir as suas relações com Deus. A luta contra Deus é, muitas vezes, a expressão da luta contra si próprio. E a luta consigo mesmo é, muitas vezes, a luta com Aquele que ainda não conseguiu tocar ou mesmo agredir.

O homem é mortal não apenas porque, chegado o fim da vida, morre, mas porque desde o início é essa a sua condição. É mortal não apenas por consequência mas por condição. E esse é o grande desafio a que tem de responder permanentemente: tendo consciência de que não viveu sempre e de que agora vive e mais logo não, tendo consciência e experiência da sua fragilidade e provisoriedade, fazendo experiência da gradualidade do seu caminhar e do sentido da fraternidade no caminho, o homem tem de dar sentido à sua existência (Para quê? Para onde?). E nessa tentativa o homem encontra-se com a mais evidente, e não obstante tudo o que se disse, também a mais esquecida das verdades: é próprio de homem ter fome, ter sede, ter sono, ter medo, chorar, experimentar a tristeza, ser crucificado e sepultado; mas é próprio de Deus andar sobre o mar, mudar a água em vinho, ressuscitar os mortos, fazer estremecer o mundo com a sua própria morte e ressuscitar. O centro da fé, de facto, não está na acção religiosa mas sim na felicidade.

Assim sendo, as grandezas de Deus contempladas pelo homem não o afastam de Deus porque Deus é Amor. E, no amor, aquilo que pareceria uma distância intransponível, é superado e abre-se uma experiência de proximidade e intimidade. O reconhecimento de Deus como Deus, o Único Santo, infinitamente acima da criatura e o reconhecimento de que em Jesus, Deus Se faz um de nós e «coloca a toalha à cinta e ajoelha» diante da condição humana para lhe «lavar os pés», esse acto e facto essencial de desocupar o 'lugar' que só a Deus cabe para conduzir a Deus, desabrocha em oração, louvor, súplica, acção de graças, diríamos em suma, manifesta-se em adoração.

A adoração é, pois, o amor confiante e filial, a mais importante de todas



as atitudes do homem para com Deus. É o reconhecimento – aos níveis da inteligência, da vontade e do amor – da mais alta soberania de Deus e da mais profunda dependência do homem. Adoração e amor numa perfeita simbiose que fazem o homem recolher-se no interior mais íntimo, ficar sem palavras, como que abismado, entendendo sem entender, purificando impurezas, interpelado a pedir que a Santidade de Deus o contagie<sup>1</sup>.

Adorar é, humildemente, cair por terra, deixar seguranças autonomamente construídas, deixar hábitos enraizados que protegem e se apresentam como garantias de sucesso pessoal autónomo. É por isso que aos irmãos se ama mas a Deus Se adora. Por isso é possível dizer que o homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus, ou seja, é criado para adorar a Deus.

### ***Exclusividade da vida para Deus e fidelidade***

A adoração expressa, portanto, de modo essencial, a atitude e o acto fundamentais do louvor (e do culto) a Deus, ou seja, o reconhecimento da transcendência e da infinita santidade de Deus, exclusivas de Deus enquanto Criador e Providência da História<sup>2</sup>. Ela é o vértice de toda a expressão religiosa e de fé no reconhecimento e na celebração da transcendência, da santidade, do poder, da sabedoria, da bondade, da misericórdia, da acção e presença admirável de Deus.

Aos irmãos em condição ama-se. Mas a Deus adora-Se. E só a Deus Se adora. Adoração e amor numa perfeita simbiose que tornam específica e intensa a nossa relação com Quem sabemos que nos ama de uma forma única e diferente de qualquer outra<sup>3</sup>. Deus é amor e o homem é uma ânsia de harmonia, afecto e sentido que só em Deus encontra resposta e paz. Então a adoração é, por excelência, a experiência e a expressão da liberdade do homem, o caminho e já também a experiência da harmonia e da paz. Por vocação e condição, o homem está chamado a uma adoração gratuita. E é no louvor e na adoração que encontra a sua plena condição de homem. Não se distrai, não se engana, não se ilude.

---

<sup>1</sup> Cf. Luís Rocha e MELO, *Se tu soubesses o dom de Deus* (Braga: A.O. e AIS, 1999) 72.

<sup>2</sup> Cf. R. MORETTI, *Adoracion in Diccionario de Espiritualidad* (Barcelona: Herder, 1987) 47.

<sup>3</sup> Cf. Luís Rocha e MELO, *op. cit.* 72.

Na linguagem corrente, a adoração, acto espiritual, fica muitas vezes associada a certas actividades religiosas, públicas ou privadas. E o risco é sempre, precisamente, o de resumir a adoração a um conjunto de gestos. Existem, tradicionalmente, gestos que acompanham atitudes de adoração: inclinar-se, baixar-se total ou parcialmente, inclinar reverentemente a cabeça, beijar os pés a alguém, levar as mão à boca (*ad os* de onde surgirá *adoração*), etc. Só por si nenhum destes gestos é exclusivamente religioso nem estritamente reservado ao culto<sup>4</sup>.

O Antigo Testamento, por seu lado, ao referir-se à adoração, insiste numa atitude de homenagem e de submissão, uma reacção espontânea diante de revelações divinas ou do próprio Deus, uma submissão reconhecedora da onnipotência divina que se manifesta depois em serviço, em reverência e respeito. Expressar-se-ia pelo silêncio, por gestos simples muitas vezes associada à expressão de louvores e mesmo aos sacrifícios. Num determinado contexto do AT só em último lugar se fazia referência à atitude do coração. A adoração de Deus não era, de facto, nem uma forma de intimidade com Deus nem a marca de uma afecção particular diante da sua presença mas, tão somente, a expressão de uma submissão mesclada de medo e de reconhecimento diante da grandeza e soberania de Deus<sup>5</sup>.

Contudo, e ainda no contexto do Antigo Testamento, o conceito de adoração evoluiu para significar uma atitude global da pessoa. Sendo um serviço de Deus e exigindo obediência e fidelidade, a adoração estendia a sua marca a todas as facetas da vida como celebração da Aliança.

Em Jesus, e no Novo Testamento, o acento da atitude de adoração é substancialmente enriquecido. Jesus é o novo Templo de Deus. Não de pedra mas um Templo que é a sua Pessoa, presença viva e misericordiosa de Deus Pai, Verbo de Deus, pelo qual Deus cria, conduz e redime. Se o Templo era o local físico e geográfico central do encontro com Deus e com os outros, Jesus é agora o lugar e, sobretudo, a experiência amorosa de relação com Deus e, por isso, de encontro, de verdade. De certa forma Jesus purifica o Templo mas faz mais exigente, porque mais profunda, a experiência da adoração.

---

<sup>4</sup> Cf. M. GAUCHERON, *Adoration in Catholicism I* (Paris: Letouzey e Ané, 1993) 157.

<sup>5</sup> Cf. David PETERSON, *En Esprit et en vérité* (Cléon d'Andran: Ed. Excelsis, 2005) 77.

Já não haverá reunião apenas em torno de um lugar físico e geográfico mas haverá reunião e comunhão na experiência filial que só é possível fazer em profundidade quando associada em comunhão à experiência do próprio e Único Filho, Jesus Cristo.

O ensinamento que o Evangelho de João coloca na boca do próprio Jesus (Capítulo 4), manifesta como Cristo é a plenitude da adoração.

«Não adorarás outro deus», «Não adorarás deuses estrangeiros» lembra o Êxodo (23, 24 e 34, 14). E Jesus, no seu diálogo com a Samaritana, deixa de lado a questão que dividia os Judeus e os Samaritanos (a do lugar da adoração) para se centrar na maneira e na atitude próprias e necessárias da adoração: «Virá a hora em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende. Deus é Espírito e, por isso, os que O adoram devem adorá-l'O em espírito e verdade» (Jo 4, 23-24).

Por estas palavras, Jesus não estabelece apenas um contraste entre os antigos modelos de adoração (exterior e cultural) e uma nova espiritualidade (interior e universal). Dir-se-ia que nem Judeus nem outro qualquer povo deixa de reconhecer a necessidade de uma adoração interior e espiritual. O que Jesus aqui associa como incontornável é a experiência da sua Ressurreição como plenitude da revelação. Os verdadeiros adoradores são os que adoram em espírito e verdade, o Espírito de Deus, dom vivificante da sua presença que inaugura uma nova relação com a humanidade.

É por isso que o Novo Testamento, e particularmente Paulo, não reconhece pessoas, lugares, tempos, gestos que distingam o culto do resto da vida quotidiana. Na vida dos discípulos de Cristo não existe nenhum domínio que possa dizer-se ser profano.

A adoração entende-se então como a orientação fundamental (alicerce) da vida de todo o crente que está centrada sobre Cristo e no serviço ao Evangelho e da Igreja. Adorar é, em primeiro plano, ser Igreja, Povo resgatado por Cristo no mistério da sua Páscoa.

Em que consistirá então a adoração? Será uma experiência ou uma emoção? Deve olhar-se como uma tomada intensa de consciência da proximidade de Deus, como uma experiência mística ou como a expressão de

uma profunda humildade na presença de Deus? Quais os momentos mais propícios para adorar a Deus? Será necessário e urgente organizar um culto conforme e segundo a intensidade ou não das experiências de Deus? Ela é um facto objectivo ou meramente subjectivo e dependente de cada pessoa?

Se repararmos bem, na Sagrada Escritura o tema da adoração anda quase sempre associado aos grandes temas de fundo da criação, do pecado, da aliança, da redenção, da salvação, do povo de Deus e, enfim, da esperança crente. Longe de ser uma questão residual, a adoração é a questão central da relação do crente com Deus e das formas como o crente pode fazer de si mesmo, em todos os domínios da vida, «uma oferta agradável» para Deus. Antigo e Novo Testamentos dão-nos conceitos de adoração que englobam toda a vida dos crentes, a vida inteira em todas as suas dimensões.

A adoração não se resume, portanto, a um conjunto de gestos mas engloba todos os aspectos da vida. Inteligência, vontade e amor estão profundamente integrados na globalidade do crente que adora a Deus. Congregando diferentes e diversos aspectos (tais como honrar, servir, respeitar, suplicar, dar graças, contemplar, rezar), a adoração é a recusa de se dar em exclusividade e de se fidelizar a tudo aquilo que queira escapar à relação com Deus.

A tentação de adorar as criaturas, as coisas, ou mesmo algumas pessoas é uma constante na vida do homem. E, muitas vezes, cada pessoa fabrica os seus próprios ídolos que faz também substituir ao próprio Deus Único. Ídolos com o riqueza, poder, domínio continuam a querer dividir o coração dos crentes.

O homem consciente e livre, contudo, é convidado a não se ajoelhar nem se subjugar diante de nenhum desses ditos poderes. E só a verdadeira adoração o preserva da «inclinação e submissão de escravo». Para o cristão, a adoração de Deus não é submissão mas sim consagração de todo o seu ser e existência. Santificados pelo Espírito, os crentes desabrocham em adoração<sup>6</sup>. A excelência da adoração, dirá S. Tomás, revela-se após a devoção e a oração.

### ***Amar para conhecer e adorar a Deus***

Deus é Amor e só no amor se pode conhecer. Mais do que uma vez a primeira Carta de João afirma que Deus é amor. E mais do que uma vez afirma

---

<sup>6</sup> Cf. Gaston LECLEIR, *Ce Dieu caché que nous prions* (Paris: Fidelité, 2002) 63.

igualmente que o amor é imprescindível para conhecer Deus (... *aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus porque Deus é amor* ... 1 Jo 4, 7 – 8). A afirmação tem uma tal força que se percebe uma verdadeira equivalência entre amar e conhecer<sup>7</sup>. O mesmo será afirmar que o amor será sempre a linguagem adequada para se «falar com Deus» e para se falar de Deus e do conhecimento que se tem do mesmo Deus.

Talvez desta forma S. João responda às dificuldades que temos em dizer o indizível, em expressar o que não podemos nem conseguimos nunca posuir totalmente. É que falamos de Deus sempre por analogias.

Falar de amor é, hoje, ao mesmo tempo, uma tarefa fácil e difícil. Fácil porque toda a gente experimenta a necessidade de amar e ser amada. Difícil porque o conceito de *amor* é, hoje, terrivelmente ambíguo. É mais simples, muitas vezes, observar o que são as vivências personalizadas do amor do que dizer o que é o amor propriamente.

Tradicionalmente foram-se encontrando duas grandes formas de falar do amor: uma que parte das necessidades de cada sujeito, procurando nos outros a obtenção de determinados bens que colmatem essas necessidades. Será o amor desejo, o amor posse, ao limite o *amor de concupiscência*; outra que parte do amor como da tendência que cada sujeito experimenta de se comunicar, de se dar e de se doar, não por causa de si, mas para que o outro seja mais feliz e melhor pessoa, o chamado *amor de benevolência*.

Sem partir necessariamente desta distinção clássica, **falar do conhecimento de Deus como Amor é falar de um conhecimento que só se realiza por relação e no horizonte de uma liberdade interpelada e que responde**. E, de facto, se olharmos bem, toda a História da Salvação pode ser lida à luz desta gramática do amor para dizer Deus<sup>8</sup>. Para isso, claro, é necessário que o ser humano descubra **Deus como uma Presença interpelante que o convida a uma relação**. Como quem diz que o que «me resiste, existe».

Partindo do total desconhecimento, passando pela luta até chegar à profunda amizade, é possível descobrir em toda a História da Salvação um

---

<sup>7</sup> Cf. Juan Francisco AMBROSIO, *O Amor, uma gramática para dizer Deus* in *Communio* XXII (2005/4) 401.

<sup>8</sup> *Ibid.*

aumento de proximidade e confiança entre Deus e o Homem de modo que, sujeitos de liberdade, numa relação de amor, vão originando novas formas de olhar e construir a própria História.

Em certo sentido, aliás, a natureza e credibilidade da revelação de Deus e da Ressurreição de Cristo, são iluminadas pela experiência do amor. **Sendo o amor uma aprovação que deseja o bem do outro e que se compromete na sua realização, a criação é um acto de amor: o Deus revelado no acto da criação é um Deus que aprova a existência do Homem enquanto Humanidade (relação) com um acto de eficaz poder divino à maneira de ‘Quero que existas’<sup>9</sup>.**

E Jesus Cristo e os acontecimentos em seu redor são a plenitude da auto-revelação de Deus como amor. Aliás, Jesus, Ele próprio, é a revelação do Amor de Deus e da misericórdia de Deus encarnada na história da humanidade. Por isso, a fórmula clássica *Deus é Amor* vai directa ao núcleo da autocomunicação de Deus em Jesus Cristo. O Pai é descrito como Fonte do amor, mas o Filho, Jesus Cristo, é descrito como a presença sensível, revelação definitiva desse amor. E o Espírito Santo é acolhido como sendo dom do amor que nos conduz e nos move em direcção ao nosso cumprimento escatológico<sup>10</sup>.

A própria ressurreição de Cristo nos revela o amor do Pai que *é mais forte do que a morte* (DM 8). O Mistério de Deus é o Mistério de uma Comunidade de Amor infinito – Pai, Filho e Espírito Santo – que são um só Deus na simultaneidade permanente de três Pessoas: Deus Origem, Deus que se auto-comunica e Deus que vivifica. ***E, quanto mais vivifica, mais vivo fica!***

### ***Expressões e experiências de adoração – a Eucaristia***

Entre as várias formas de adoração, releva-se como muito importante na tradição da Igreja a adoração eucarística, principalmente, quando a partir do século XVII, com as revelações de Sta. Margarida Maria, se iniciou um movimento de renovação espiritual que promovia a conversão, a mudança de vida e, sobretudo, a reparação da ingratidão para com Jesus na expressão e invocação do seu Sagrado Coração<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. Gerald O’COLLINS, *Amour* in *Dictionnaire de Théologie Fondamentale* (Cerf: Paris, 1992) 7.

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> Cf. Jacinto Ferreira de FARIAS, *Adoração* in *Enciclopédia de Fátima* (Lisboa: Principia, 2007) 16.

A renovação pela contemplação dos dinamismos do Coração de Jesus, expressão do amor encarnado e humanado do Verbo de Deus, estendeu-se com rapidez a todo o Povo de Deus e a adoração eucarística, que fora até ao momento uma quase expressão exclusiva das Ordens contemplativas, universaliza-se e afirma-se.

Adorar a Eucaristia é, mais uma vez, contemplando a entrega amorosa de Jesus pela salvação da humanidade, corresponder no amor ao amor com que Deus primeiro nos amou. Jesus, de facto, morre e ressuscita como nasce e como vive, fazendo entrega de Si mesmo. Se quiséssemos resumir toda a sua acção e missão poderíamos dizer 'ser Jesus' já que, etimologicamente, o seu nome significa 'Deus salva'. E, de facto, é em Jesus que Deus Se aproxima do homem e Se lhe faz acessível. Foi em Jesus que Deus entrou e continua a entrar na vida histórica dos homens.

Por isso a sua morte não se resume apenas ao morrer (antes estava vivo e agora está morto) mas é mistério de amor e exprime plenamente a sua identidade, tudo aquilo que disse e fez. E porque é mistério de amor eterniza-se e pode ser, em cada tempo e em cada lugar, o conjunto de valores que imprime ritmo à vida, a chave de leitura da mesma vida e da sua autenticidade, a experiência configuradora da nossa maneira de ser, o desafio dinâmico a crescer e a renovar.

Quando os Evangelistas, ou S. Paulo, dizem que Jesus, durante a celebração da Páscoa com os discípulos, tomou o pão e o vinho, partiu o pão, distribuiu o vinho e lhes disse «Fazei isto em minha memória», não nos referem apenas o momento exclusivo da entrega do pão e do vinho na ceia. Esse momento é, expressivamente, ligado à totalidade da vida de Jesus. Jesus diz e age naquele momento concreto de refeição, mas reporta-se a toda a sua existência. Por isso, naquele pão e naquele vinho que dá em diante terão outro significado e expressão, está memorial e simbolicamente expressa uma atitude basilar de amor e de auto-entrega às quais se havia assistido na própria vida de Jesus: o mistério de Deus Se fazer homem, a boa-nova anunciada aos pobres, a libertação anunciada aos cativos, a vista aos cegos, o tempo dedicado a Deus (Cf. Lc 4, 18 – 19). Jesus faz sentir, nas suas palavras e nas suas acções, o amor de Deus: oferece amizade, expressa a simplicidade

das atitudes construtivas; oferece comensalidade mesmo, ou sobretudo, aos pecadores; dinamiza a capacidade de confiança; exprime o perdão de Deus; apresenta o projecto de Deus através dos seus ensinamentos e, sobretudo, da sua vida; identifica-Se com o destino daqueles a quem é enviado; sela com a sua morte a fidelidade a Deus e à humanidade.

A Eucaristia é, portanto, uma vida que se forma em cada discípulo de Jesus. «Fazei isto em minha memória» é o chamamento que Jesus faz a cada discípulo para uma total identificação com Ele. É um programa de vida pelo qual cada cristão deseja seguir e ser como o Mestre. A identidade da Eucaristia é dada pela Pessoa de Jesus que entrega aos seus discípulos o mistério da sua própria Pessoa para que vivam d' Ele e para que o re-vivam no mundo.

A Eucaristia («Fazei isto em minha memória») resume, pois, toda a vida de Jesus. É o memorial-resumo da vida de Jesus, expressão da pró-existência e entrega de Jesus Cristo e fundamento da pró-existência e da entrega da Igreja. A Igreja existe no mundo para manter viva a «memória» do Jesus Cristo Vivo.

O pão remete ao Corpo, o vinho remete ao Sangue e ambos, na comunidade dos baptizados, remetem ao Corpo entregue e expressam o Corpo presente. Cada discípulo de Jesus Cristo é Eucaristia unido ao Único Jesus Cristo que Se ofereceu para salvação dos homens. Significa que o discípulo é pão que se transforma e, ao mesmo tempo, altar onde Jesus Se oferece, alguém que se oferece com a oferta do próprio Jesus. O Símbolo remete à sua originalidade, à sua história, ao seu sujeito.

Eucaristia é a vida inteira do discípulo de Jesus que, identificado com Ele, o Mestre, faz memória da sua Pessoa em tudo o que diz, faz ou pensa. O momento celebrativo do dia ou da semana é o ponto de partida e de chegada dessa atitude global da vida de cada discípulo, o momento da plenitude do memorial. Mas a memória é a vida toda. E não há vida que seja toda memória sem os momentos fortes da vivência dessa memória. Ser discípulo de Jesus é, portanto, adorar a Eucaristia, viver eucaristicamente, viver em acção de graças.



# II - NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 1º CICLO



# *Feliz és tu porque acreditaste*

## *Maria, a mulher crente e modelo para os crentes*

*João Paulo Quelhas*

### ***Introdução***

Quando Maria chegou à casa de Zacarias, como nos relata o Evangelho de S. Lucas (Lc 1,39-56), Isabel, repleta do Espírito Santo, exclamou em alta voz: «De onde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino exultou de alegria no meu seio. Feliz és tu porque acreditaste, porque vai cumprir-se tudo o que te foi dito da parte do Senhor» (Lc 1,43-45). Isabel reconhece, portanto, as maravilhas que Deus realizara em Maria e é a primeira daqueles que, em todas as gerações, proclamarão bem-aventurada a Mãe de Jesus (Lc 1,48).

O texto de S. Lucas sublinha, também, que as palavras de Isabel foram inspiradas pelo Espírito Santo. Quer isto dizer, que o mesmo Espírito que desceu sobre a Virgem no momento da Anunciação é também a fonte de onde provém a alegria das palavras de Isabel, que proclamam Maria bendita entre todas as mulheres. É, pois, pela força do Espírito que as grandes coisas que Deus realizou na humildade da sua serva (Lc 1,48), na intimidade da casa de Nazaré, se tornam conhecidas por todas as gerações. Portanto, Isabel não fala como uma pessoa individual, mas representa a voz da primeira comunidade cristã que venera a Mãe do Senhor, não apenas pela sua maternidade irrepetível, mas também pela sua fé exemplar. Na expressão «feliz és tu porque acreditaste» encontra-se a chave que abre o acesso à realidade íntima de Maria, Daquela que foi saudada pelo Anjo como «cheia de graça» (Lc 1,28). Foi mediante a fé que Ela se entregou, sem reservas nem hesitações, à pessoa e à obra do

Seu Filho. E este Filho, como ensinam os Padres da Igreja, concebeu-O na mente, antes de O conceber no seio; precisamente mediante a fé.<sup>1</sup>

### **1 – A fé de Maria dá início à Nova Aliança**

A Virgem Maria escolhida pelo Pai celeste, oferecendo toda a sua liberdade, acolhe a palavra do Anjo, abre-se ao Verbo de Deus e à luz do Espírito Santo e dá ao mundo, como Discípula e como Mãe, o «primogénito de toda a criatura» (Cl 1,15). A sua resposta pronta ao Anjo é o sinal da sua fé não perturbada pela dúvida e completamente confiante na Palavra de Deus. A escolha de Maria insere-se nos planos divinos de salvação, pois «quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o Seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim recebermos a adopção de Filhos» (Gl 4, 4-5). O evento libertador e comunicativo, suscitado por Deus ao enviar o seu Filho ao mundo, encontrou a resposta adequada na fé de Maria. Assim, a fé desta mulher, escolhida para permitir que o Filho de Deus entrasse no mundo, é o espaço interior que o Pai Eterno preparou para iniciar a nova Aliança na história dos Homens. Por este desígnio divino, no encontro entre a Antiga e a Nova Aliança, está Maria de Nazaré, à qual o Anjo Gabriel se dirige e lhe propõe que aceite a decisão divina de gerar, na carne, o Filho de Deus. De facto, pela sua fé, Maria torna-se o princípio do povo da Nova Aliança já que, se «na economia da Revelação Divina, a fé de Abraão constitui o início da Antiga aliança, a fé de Maria, na Anunciação, dá início à Nova Aliança.»<sup>2</sup> A Virgem Maria, concebida sem pecado, é o rosto que mais se assemelha ao rosto de Cristo, esplendor da glória do Pai (Heb 1,3). Ela possui um ‘coração novo’, um coração dócil, como era requerido para que pudesse ter lugar a Nova Aliança, que Deus queria concluir com o seu novo povo (Jer 31,31-34). Ela possui um “coração puro”, que o seu Filho proclamará bem-aventurado e que é capaz de ver a Deus (Mt 5,8). Como afirma o Concílio Vaticano II, «ela é a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente

---

<sup>1</sup> Sobre o tema em análise Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptoris Mater*, Secretariado Geral do Episcopado e Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1987.

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptoris Mater*, 14.

esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa Filha de Sião, passada a longa espera da promessa, se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado com os mistérios da Sua vida terrena» (LG 55).

No dinamismo do diálogo entre Maria e o Anjo, espelha-se o diálogo da fé típico do povo de Israel, dentro do quadro da Aliança do Sinai. A Aliança estabelecida com o novo povo de Deus, que tem em Maria o seu primeiro membro, relembra e leva à plenitude a Aliança estabelecida no Sinai. Aí, quando foi renovada a Aliança, Deus manifestou a sua vontade de estabelecer uma ligação especial e única com o povo de Israel (Ex 19,3-6). Em resposta a esta escolha, todo o povo deu o seu próprio consentimento, com as palavras: «faremos tudo o que o Senhor nos disse» (Ex 19,8). Este é o primeiro ‘sim’ de Israel para que se cumprisse a vontade de Deus e que várias vezes foi renovado ao longo da História da Salvação (Js 24,24; Ne 5,12; 1 Mac 13,9). Em continuidade com o que aconteceu no Sinai, em Nazaré, Deus revela a Maria o seu projecto de Aliança Nova: a Encarnação do seu próprio Filho (Lc 1,26-37). Maria encarna, desta forma, a resposta do povo de Israel que respondia ao Senhor, seu Deus, com o empenho de só a Ele servir e só a Ele amar. Na Anunciação e em Caná Maria pronuncia as mesmas palavras de aceitação e de serviço total e desinteressado à vontade divina. Ela é a representante do povo convidado a renovar a Aliança em Cristo, único Mediador entre Deus e os homens. Por isso, a Santa Virgem pode proclamar que “o Senhor recordou-se da sua Aliança e do juramento feito a Abraão e à sua descendência para sempre” (Lc 1,51). Em Maria, revelando a Sua vontade e pedindo a cooperação da sua humilde serva, Deus quer estabelecer uma Aliança definitiva com a humanidade, uma Aliança que permanecerá para sempre. Se por um lado, o povo eleito, escolhido por amor (Dt 7,6) se tornou esposa infiel por causa dos seus pecados (Os 2,4), embora Deus não a tenha repudiado, mas escolheu um resto santo (Is 6,3) cumpridor dos decretos divinos, por outro lado, escolhida por pura graça (Lc 1,28), a Virgem Maria personifica o autêntico Israel, que responde aos planos de Deus com um total dom de si mesma (Lc 1,38). Assim, o consentimento ao projecto

divino implica um acto radical de fé. Maria deve confiar nas palavras do Anjo e acreditar que elas se vão realizar. Acreditando, sem reservas, na promessa de Deus, a fé de Maria une-se à fé de Abraão, pai na fé de todos os cristãos (Rm 4,12) e, como indica o exemplo de Abraão, a fé é um confiar e um obedecer a Deus; é um obedecer à verdade de Deus, tantas vezes desmentida pela escuridão dos factos e dos acontecimentos da história humana. A Mãe de Jesus é o exemplo perfeito de uma fé madura, aberta ao plano de Deus e à sua soberana vontade. Mulher de fé, confia em Deus, até mesmo quando tudo à sua volta parece dizer o contrário. Mulher de esperança, compreende que a sua liberdade, oferecida livremente a Deus, torna-se o lugar onde Ele pode agir para a salvação do mundo inteiro.

## ***2 – Pela fé, o ‘sim’ de Maria une-se ao ‘sim’ de Cristo***

Com o seu «sim» ao nascimento do Filho de Deus, pela virtude do Espírito Santo, Maria coloca-se totalmente nas mãos de Deus. Pela fé, a Mãe de Jesus coloca a sua existência debaixo daquele ‘sim’ inicial, que ilumina e orienta toda a sua vida. O seu corpo torna-se o lugar da presença de Deus, para que o Filho de Deus possa ter um corpo humano. Desta forma, o «faça-se em mim» pronunciado por Maria, faz eco das palavras do Filho dirigidas ao Pai, como indica a Epístola aos Hebreus: «Por isso ao entrar no mundo Cristo diz: «Tu não quiseste sacrifício nem oferenda mas preparastes-me um corpo. Não te agradaram holocaustos nem sacrifícios pelos pecados. Então Eu disse: Eis que venho - como está escrito no livro da lei a meu respeito - para fazer, ó Deus a tua vontade» (Heb 10,5-7). A consagração sacrificial do Filho de Deus é feita no momento em que o Filho de Deus se torna Filho de Maria e toma carne humana no seu seio para, mais tarde, oferecer o sacrifício da nova e eterna Aliança. A perfeita união entre o «sim» de Cristo e o «sim» de Maria revela o encontro das duas vontades, das duas obediências. É o encontro perfeito da obediência do novo Adão, com a obediência da nova Eva.

Por isso mesmo, a resposta de Maria, na Anunciação, só pode encontrar a sua chave de compreensão no Mistério da entrega de Cristo ao Pai. Ele é a verdadeira bússola que guia a sua vida e, conseqüentemente, Maria é sempre relativa a Cristo, d’Ele vive e para Ele vive. O ‘sim’ humano de Maria une-se

livremente, sem reservas, nem hesitações, ao 'sim' decisivo de Cristo ao Pai. Por isso, o Concílio Vaticano II sublinha: «Maria, respondendo ao mensageiro celeste: 'eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra' (Lc 1,38), tornou-se Mãe de Jesus e consagrou-se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, subordinada a Ele e juntamente com Ele, servindo pela graça de Deus onipotente o mistério da Redenção» (LG 56).

As palavras de Maria, em resposta ao anúncio do Anjo, são fruto da sua fé em Deus e no poder dos seus desígnios. A fé da Mãe de Jesus não é uma simples adesão especulativa ou uma verdade teórica, mas é adesão total à vontade de Deus que salva e que a escolhe, gratuitamente, para cumprir um papel de relevância na economia da salvação. É uma fé que a compromete totalmente e que lhe dá força e coragem para aceitar uma radical mudança de vida. O «faça-se em mim» de Maria encontra a sua plena realização quando unido ao «não se faça a minha vontade mas a tua», que Cristo pronunciou no jardim das Oliveiras (Lc 22,42; Mt 26,39). O «faça-se em mim» de Maria orienta para doação total de Jesus, que não veio para fazer a Sua vontade mas a vontade d'Aquele que O enviou (Jo 5,30) e antecipa já a petição do Pai-Nosso: «seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu» (Mt 6,10). O «faça-se em mim» de Maria, é reflexo da decisão tomada na fé em orientar toda a vida para Deus (Rm 14,8), o ser conduzida em todas as circunstâncias pelo Espírito de Deus (Rm 8,14). No encontro admirável entre a Palavra que o Filho de Deus pronuncia entrando no mundo e aquela que a Virgem proclama quando O acolhe no seu seio, o Verbo uniu indissolúvelmente a sua natureza divina à natureza humana. Por isso, pela sua fé decidida, Maria colabora activamente com Cristo no grande mistério da salvação do mundo. Maria está totalmente imersa no mistério da salvação de Jesus e indica, continuamente, o caminho para Ele. Ela, iluminada pela graça de Deus e guiada pela sua fé, aponta sempre para Cristo e convida, sem cessar, a que todos os homens se tornem Seus discípulos. Maria é, assim, a representação viva do encontro entre Deus e o Homem. Nela resplandece a acção de Deus que salva e a pronta aceitação humana da salvação que Deus oferece gratuitamente.

### **3 – A fé alimenta-se da Palavra de Deus**

O Anjo expôs a Maria o projecto de Deus para que Ela pudesse, com a sua fé, contribuir para o seu cumprimento. A Encarnação de Jesus Cristo é obra do Espírito Santo mas também é obra da fé activa de Maria que, ao aceitar o desafio do Anjo, reconhece a Palavra de Deus como válida e digna de confiança. Maria confia-se a Deus, acolhe como verdadeira a sua Palavra e aceita a Sua vontade. Tal como foi pronunciada por Isabel, a bem-aventurança da fé está ligada ao futuro do cumprimento da mensagem da Anunciação. Quer isto dizer, que Maria não contribuiu apenas para a realização daquilo que o Anjo lhe disse no momento em que recebeu a Palavra divina, mas cooperou permanentemente no desenvolvimento da missão do Seu Filho. O duplo testemunho de S. Lucas, quando afirma que Maria guardava as acções e as palavras de seu Filho no seu coração, apresenta o verdadeiro sentido da sua vida interior (Lc 2,19-51). No seu silêncio, Maria aparece como mulher sábia que recorda e actualiza, interpreta e confronta, à luz do evento pascal, as palavras e os factos da vida de Jesus. A Virgem, que escuta e medita em silêncio, convida à interiorização da Palavra e a entrar no mistério da Palavra Encarnada na História. Ela pôde tornar-se Mãe da Palavra Encarnada, porque pensava e falava com a Palavra de Deus; esta Palavra não lhe era desconhecida, mas, meditando-a, tornou-se a sua própria palavra e a suas palavras nascem da Palavra de Deus (Lc 1,46-56). Não causa, portanto, estranheza que quando da multidão uma mulher diz a Jesus: «feliz Aquela que Te trouxe no seu seio», Ele responda, «mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11,27-28). Com esta resposta, Jesus não diminui a grandeza da Sua Mãe, mas sublinha que Maria se confiou de forma exemplar a esta Palavra e que aqueles que O querem seguir verdadeiramente, devem reconhecer que a Palavra de Deus não engana, como Ela reconheceu. Jesus indica, desta forma, onde reside a grandeza da sua Mãe: Ela é bem-aventurada porque acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor. E assim como a Palavra de Deus não é um conjunto de acontecimentos do passado, sem nenhuma relevância para os dias de hoje, assim a confiança de Maria na Palavra é um desafio para a fé dos crentes de todos os tempos. Como afirmou o Santo Padre Bento XVI, em Fátima, «a nossa esperança tem um fundamento real, apoia-se num acontecimento que



se coloca na história e ao mesmo tempo excede-a: é Jesus de Nazaré. E o entusiasmo que a sua sabedoria e poder salvífico suscitavam nas pessoas de então era tal que uma mulher do meio da multidão – como ouvimos no Evangelho – exclama: ‘Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito’. Contudo Jesus observou: ‘Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática’ (Lc 11,27.28). Mas quem tem tempo para escutar a sua palavra e deixar-se fascinar pelo seu amor? Quem vela, na noite da dúvida e da incerteza, com o coração acordado em oração? Quem espera a aurora do dia novo, tendo acesa a chama da fé? A fé em Deus abre ao homem o horizonte de uma esperança certa que não desilude; indica um sólido fundamento sobre o qual apoiar, sem medo, a própria vida; pede o abandono, cheio de confiança, nas mãos do Amor que sustenta o mundo.»<sup>3</sup>

A fé precisa de escutar a Palavra e Maria está diante dos discípulos de seu Filho, em todos os tempos e situações, como Aquela que escuta e incentiva-os a que não percam a capacidade de escutar. Ter fé, significa abrir-se à Palavra, acolhê-la e deixar-se iluminar por ela. Escutar é o passo inicial do itinerário da fé, para que depois se possa pôr em prática o que se escutou, como exorta o livro do Deuterónimo: «Moisés convocou todo o Israel e disse: escuta Israel, as leis e os preceitos que eu hoje proclamo aos vossos ouvidos; aprendei-os e ponde-os em prática» (Dt 5,1).

Por isso, o próprio Jesus ensina que aquele que escuta a Palavra e a vive é como um homem sábio que edificou a sua casa sobre a rocha (Mt 7,24-25); é como terra preparada que recebe a semente e a faz frutificar (Mt 13,23). A fé, tal como Maria a vive, é um sinal de humilde responsabilidade, que é capaz de dizer sim aos planos de Deus, que muitas vezes parecem demasiado grandes para um ser humano. Acolher a Palavra de Deus como farol e luz que conduz os caminhos da vida (cf. Sl 118) é quanto se deve aprender de Maria. Quem ouve e vive da Palavra de Deus encontra critérios válidos para avaliar todas as situações que se apresentam e torna-se forte e corajoso, cheio da força da fé que resiste ao mal e constrói o bem. Olhando para Maria como morada vivente da Palavra de Deus, os cristãos devem aprender a viver da

---

<sup>3</sup> Cf. *Bento XVI em Portugal: discursos e homilias*. Lisboa, Paulinas, Secretariado Geral do Episcopado, 2010, 73-78.

Palavra de Deus como alimento da sua vida espiritual. Assim, é possível viver uma vida sem medo de Deus, sem receio de cumprir a Sua vontade.

#### **4 – Felizes os que acreditam sem terem visto**

A fé que se formou em Maria no momento da Anunciação não esteve isenta de momentos de dura prova e de tribulações. O Concílio afirma que, «assim avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à cruz. Junto desta esteve, não sem desígnio de Deus (cfr. Jo 19,25), padecendo acerbamente com o seu Filho único, e associando-se com coração de mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima que d’Ela nascera» (LG 58).

Exactamente porque faz parte do grupo dos pequeninos a quem Deus se revela e que aceitam o desafio da fé (Mt 11,25), a Mãe de Jesus é a primeira daqueles que acreditam sem terem visto (Jo 20,29). Guiada pela fé, Maria leva Jesus ao Templo para que se cumprissem os sinais da sua maternidade messiânica, tornando-se testemunha privilegiada do cumprimento do que tinha sido prometido aos humildes de Israel que, como Simeão, esperavam «a consolação de Israel» (Lc 2,25) e, como Ana, aguardavam a «libertação de Jerusalém» (Lc 2,38). Só pela fé Ela pôde compreender o verdadeiro mistério de Cristo, luz para todos os povos, e o mistério da espada de dor que Simeão lhe anuncia de forma clara (Lc 2,28-35). Só pela fé pôde aceitar a decisão do Seu Filho Jesus em ocupar-se «das coisas de seu Pai» (Lc 2,49). Embora não compreendendo estes acontecimentos, Maria acolheu-os e memorizou-os na fé como único caminho possível para entender a nova realidade messiânica, inaugurada pela vinda de Jesus ao mundo. Pela fé, quando Jesus iniciou a sua actividade pública, Ela aceitou fazer parte da nova família do seu Filho único (Lc 11,27s), acompanhando-O no seu caminho, vendo-O rejeitado e incompreendido até pelos seus amigos mais íntimos (Lc 4,28s). Pela sua fé perseverante antecipou a hora da revelação de Jesus, quando Ele deu início «aos seus sinais» em Caná, transformando a água em vinho (Jo 2,1-11). Sem ter visto ainda os milagres de Jesus, Ela acreditou no Seu poder. Assim como a sua fé precedeu a vinda de Cristo ao mundo, assim a sua fé precedeu o primeiro milagre de Jesus.

Animada pela fé, Maria entrou no drama da Paixão, com a vontade e a decisão de partilhar o destino doloroso do seu Filho Jesus. A sua presença no Calvário não é apenas a presença de uma Mãe junto do seu Filho moribundo, mas um testemunho de fé viva e corajosa. Ao contrário dos discípulos, ela não fugiu mas aproximou-se do seu Filho sofredor, para lhe oferecer a fidelidade do seu amor e a fidelidade da sua fé. Na cruz, porém, a promessa que lhe fora feita pelo Anjo: «o Senhor lhe dará o trono de seu Pai David e o seu reino não terá fim» (Lc 1,32-35), parece totalmente falhada e desmentida. Só a fé pode encontrar respostas para os momentos onde Deus parece ter falhado. Só a fé pode explicar a presença da Mãe dolorosa, junto da Cruz, no momento em que humanamente tudo falhou e a promessa de Deus não se concretizou. A razão fundamental de estar junto da Cruz é, portanto, a fidelidade da fé, que a leva a ficar junto de Jesus crucificado, até ao fim. O silêncio de Maria junto da cruz é a altíssima experiência de comunhão com a vontade de salvação de Jesus Cristo. A sua fé é comunhão na cruz e apenas na comunhão com a cruz a fé se torna plena e inabalável. E quando Jesus, da cruz, lhe pede que assuma uma nova maternidade, pede-lhe, também, que continue a acreditar e que receba na fé a nova missão de fazer progredir e sustentar a fé dos discípulos (Jo 19,25-27). Partindo da sua fidelidade, Ela deve velar pela fidelidade dos discípulos do seu Filho, sujeitos a tantas provas e desilusões. Mas, no Calvário, a fé de Maria é animada pela fé na Ressurreição que Jesus tinha anunciado e, certamente, o caminhar da sua fé não ficou preso na morte de Jesus. Pelo contrário, a Ressurreição do Filho é a confirmação da fé da Mãe. A Ressurreição do Filho dá uma força nova à fé da Mãe que, por isso, está presente no grupo daqueles que esperavam o dom do Espírito Santo e o receberam no dia de Pentecostes (Act 1,14). Dando-se inteiramente a Deus, a Mãe de Jesus é o protótipo do discípulo corajoso que em todos os momentos e em todos os lugares, leva a paz e a alegria da sua fé. Inserindo toda a sua existência na vontade de Deus, Ela torna-se modelo de fé para todas as gerações.

### ***5 – A fé não é uma informação como as outras***

Maria é em tudo imagem e figura da Igreja e as acções de Maria antecipam o agir da Igreja. Pela radicalidade da sua resposta ao dom da graça de Deus e à missão recebida, a Santa Virgem aparece aos olhos da Igreja como modelo de total santidade e de obediência na fé. A Igreja contempla Maria, para dela aprender as suas palavras e para dos seus actos tirar inspiração para as respostas, que deve dar aos acontecimentos da História. Maria e a Igreja encontram-se, assim, unidas na condução dos homens à obediência na fé do Evangelho de Cristo. Maria e Igreja reenviam para a única lei que salva: a Palavra de Jesus (Jo 6,68). Consequentemente, todos os membros da Igreja são chamados a participar e a colaborar no mistério da salvação, que continua no mundo de hoje. É esta a grande lição que vem da vivência da fé da Mãe do Senhor.

Mas será que hoje é pertinente e importante falar da fé? Terá Maria algo a dizer aos discípulos do seu Filho nos dias de hoje? Uma resposta para estas questões pode ser encontrada nas palavras do Santo Padre Bento XVI, quando afirma: «“Feliz aquela que acreditou”. O primeiro e fundamental acto para se tornar morada de Deus e para assim encontrar a felicidade definitiva é crer, é a fé, a fé em Deus, naquele Deus que se manifestou em Jesus Cristo e que se faz sentir na palavra divina da Sagrada Escritura. Crer não significa acrescentar uma opinião às outras. E a convicção, a fé, que Deus existe não é uma informação como as outras. Sobre muitas informações, pouco nos importa se são verdadeiras ou falsas, pois não mudam a nossa vida. Mas se Deus não existe, a vida é vazia, o futuro é vazio. E se Deus existe, tudo se transforma, a vida é luz, o nosso futuro é luz e temos a orientação para a nossa vida. Por isso, acreditar constitui a orientação fundamental da nossa vida.»<sup>4</sup>

Maria, com a sua vida e as suas palavras apresenta a importância da fé. A contemplação da fé da Mãe de Jesus convida todos os crentes a renovarem o seu pessoal acto de fé e de abandono a Deus. Quando os que seguiam Jesus

---

<sup>4</sup> BENTO XVI, «Homilia na Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, Paróquia Pontifícia de S. Tomás “da Villanova” em Castel Gandolfo, 15 de Agosto de 2006», [consulta: 13.07.2010] [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060815\\_assunzione-maria\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060815_assunzione-maria_po.html).

Ihe perguntaram o que deviam fazer para realizar as obras de Deus, Ele respondeu: «A obra de Deus é esta: crer naquele que Ele enviou» (Jo 6,29).

Mas a fé não é um acto individualista, mas um acreditar na Igreja e com a Igreja. Deste modo, olhando o exemplo de Maria, todos os que seguem o Senhor Jesus pelos caminhos da história presente são convidados a guardar, no seu coração, a profunda certeza de que Deus é a resposta à vida concreta de todos os dias e, ao mesmo tempo, são chamados a acreditar no dom de Deus, no cumprimento das suas promessas, escutando a sua Palavra como Maria, até se tornarem palavra que anuncia as maravilhas de Deus.

### **Conclusão**

A fé não é para Maria uma qualquer característica da sua personalidade mas pertence à sua existência íntima, como característica fundamental que inteiramente a envolve e determina o rumo da sua vida. A Virgem Mãe escutou e recebeu a sua missão na fé com ilimitada confiança em Deus e abandono ao plano divino, sem reservas nem limites. O «sim» crente dito pela Cheia de Graça ao Anjo determina todos seus pensamentos, obras e palavras e, por isso, mais do que falar da fé da Virgem Maria somos interpelados a falar d'Ela como a grande crente por antonomásia.

Por isso mesmo, como nos indica o Papa Bento XVI, «Maria está diante de nós como sinal de consolação, de encorajamento e de esperança. Ela dirige-se a nós, dizendo: 'Tem a coragem de ousar com Deus! Tenta! Não tenhas medo d'Ele! Tem a coragem de arriscar com a fé! Tem a coragem de arriscar com a bondade! Tem a coragem de arriscar com o coração puro! Compromete-te com Deus, e então verás que precisamente assim a tua vida se há-de tornar ampla e iluminada, não aborrecida, mas repleta de surpresas infinitas, porque a bondade infinita de Deus jamais se esgota!'».<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> BENTO XVI, «Homília no 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II e Solenidade da Imaculada Conceição, 8 de Dezembro de 2005», *Lumen*, ano 67, série III, nº1, Janeiro/Fevereiro 2006, 33-36.



# *Creio em um só Senhor*

## *Amar-a-Deus*

*José Frazão Correia*

«Escuta, Israel. O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.» (Dt 6,4-5).

### *Amar a Deus nos lugares da Sua ausência*

Entretanto, na cultural ocidental, a sarça ardente parece ter-se consumido, mas sem se ter consumado. É como se, culturalmente, o sagrado tivesse deixado de arder. E de queimar. Não atrai. Não incide sobre a carne. Não fere. Não implica. Não inspira. Diante dele, deixámos de tirar o calçado. Parece ter perdido o fascínio que é próprio dos cumes mais altos e o mistério que envolve os abismos mais profundos. Nem fascinante, nem tremendo, talvez persista, ainda, mas sem glória, na memória cultural e cultural de um passado ido. Ou, apenas, no folclore revisitado por uma qualquer curiosidade turística ou interesse social de momento. Se todos os lugares – do universo e da consciência, da sociedade e da cultura, da ética e da estética – foram, até há pouco, lugar da presença do sagrado, todos eles, hoje, se tornam testemunhos da sua ausência. Deus perdeu o lugar nos lugares do nosso quotidiano.

O absolutamente Outro torna-se, por isso, absolutamente irrelevante. Para um europeu médio, *Deus* já não se compreende por Si mesmo. É pouco mais do que um vocábulo que nada diz, uma caixa de música que não ressoa: só um rumor, uma casca vazia, uma ruína. Sem sentido e sem lugar, demasiado vago ou demasiado ridículo, perdemos o vínculo vital com Ele. Permanece aquela ligação utilitária que ainda faz encontrar alguma vantagem, individualmente reconfortante ou socialmente agregadora, num mundo que, por momentos, parece correr apressadamente para lado nenhum, sem memória nem destino.

No nosso ambiente cultural, Deus absoluto permanece só. Intocável, não toca a vida. Incompreendido, torna-Se esquecido. Inefável, dissipa-Se. Nós, homens e mulheres tão sensíveis, deixámos de sentir Deus. Tão disponíveis para toda e qualquer diferença, cessámos de Lhe reconhecer a particularidade da voz. Podemos viver tranquilamente como se Deus não existisse. E já nem sofremos nem nos inquietamos com isso.

É este o vazio que também enquadra a nossa identidade e as nossas práticas crentes. Colectivamente, parece faltar-nos a sabedoria da escuta e do discernimento para reconhecer Deus; a coragem para Lhe responder prontamente como se responde a um imperativo; a arte dos gestos e das palavras para O celebrar e O dizer; a ousadia de estilos de vida justos para O realizar; um pensamento alto para O questionar.

Este parece ser o nosso ponto de partida comum, o vazio que prova o nosso amor. Demasiado pouco? Sim, talvez. Mas é o que é. Não o lamentemos. Recordemos que o mundo e a cultura que, até há bem pouco tempo se compreenderam, naturalmente e necessariamente, cheios de Deus, também produziram os seus ídolos e seus mandantes, as suas abstracções e alienações, as suas iniquidades e impiedades. O ‘uno’ produziu e marginalizou tantas periferias. O ‘alto’ ignorou tanto quotidiano e tantas biografias. O ‘íntimo’ fez-se surdo a tantos apelos. O ‘perfeito’ fez violência ao ritmo lento de tantos passos. O ‘verdadeiro’ declarou anátema tantas diferenças. O ‘puro’ diabolizou tanto corpo. Tomemos, portanto, este novo lugar e seus vazios como feliz possibilidade para o cristianismo, uma promessa purificadora e tão fecunda para a nossa fé como arte de viver e de habitar o mundo. Poderemos reaprender a riqueza do despojamento, o dom criador da expectativa, a graça de voltar a amar a Deus em todas as coisas e de as amar, a todas, em Deus.

Aquele *nada*, ao qual os místicos do passado procuraram elevar-se como vértice do próprio encontro com Deus, é-nos dado, agora, como início comum. A pirâmide espiritual inverteu-se. No turbilhão da vida quotidiana, na incerteza do concreto e na insegurança do imediato, partimos da ausência de Deus, despojados que fomos da Sua omni-presença e da Sua omni-potência. Mas, pela carência, o nosso amor purificado poderá fazer germinar e maturar novos frutos. É virtude das fracturas instaurar coisas



novas, de outros modos. Nas palavras do poeta Daniel Faria, «não tardará e direi [ ... ] o vazio devolveu-me O sempre presente». Sim, o vazio poderá devolver-nos *O-sempre-presente*.

Esta será hoje a nossa primeira ascense, o limiar abaixo do qual a nossa fé não pode descer: a de viver plenamente o próprio presente, a de habitar criativamente o próprio lugar, realizando, assim, todas as nossas capacidades humanas. Sem fugas. Sem desculpas. Hoje, mais do que nunca, percebemos que a criação e a existência nos são realmente confiadas. Pela disponibilidade dos nossos sentidos, pela criatividade da nossa inteligência, pela obra das nossas mãos, poderemos fazer com que o nosso tempo dê e se dê à luz. Como gesto de amor. Como acto de criação. E não sozinhos, mas com outros que, sendo, por vezes, tão diferentes, tão estranhos, são como nós, homens e mulheres entregues à mesma graça e à igual tarefa que a vida é.

Na complexidade e na ambiguidade desta nossa realidade quotidiana, poderemos voltar a pressentir sinais, não já de uma presença estável e segura, que tudo cobre e assegura – e que, finalmente, desresponsabiliza e se torna irrelevante –, mas da passagem infinita desse fogo que arde sem se consumir. Não é ídolo, coisa feita à semelhança da imagem que de nós projectamos no pequeno espelho das nossas vaidades e depressões. É ícone, desenho elementar, mas aberto, por onde se insinua a passagem de um Outro, desse Outro que ainda nos pode ferir e implicar, sem, porém, nada tirar à autonomia da nossa liberdade. A Sua passagem não invade o nosso espaço, mas cede-nos o lugar. A Sua voz não nos abafa as palavras: dá-nos a palavra e a arte de a dizer. A Sua promessa não nos cancela o presente, porque é no presente que nos cura a imaginação e nos alarga o horizonte. A Sua presença, como de quem passa, diz-nos A-Deus.

### ***Amor encarnado no quotidiano da nossa humanidade***

É neste novo e inevitável contexto cultural que reaprenderemos o amor a Deus. E, para isso, precisamos de voltar, como crentes, ao mistério mais venerável e mais vulnerável da nossa fé: a encarnação de Deus em Jesus de Nazaré.

«O Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1,14). É na pequena custódia da nossa história que o Santíssimo Se (nos) expõe. O Mais Alto

desce ao mais baixo dos lugares humanos. O Santo não desdenha sentar-Se à mesa de pecadores e de mulheres de má vida. O Verbo cala-Se na boca de uma criança que ainda tem de aprender a falar e na mudez de um condenado que já não tem direito à palavra. O Todo Poderoso expõe-Se, de facto, à mesquinhez e iniquidade do nosso julgamento. A Vida passa pela dura prova da morte. Atravessa, por isso, com pés de carne, os altos e os baixos da nossa condição, a sua graciosidade e as suas desgraças, as suas linguagens e a sua mudez, a sua fecundidade e a sua esterilidade, a sua justiça e a sua impiedade, a sua fé e a sua desconfiança. Memória e promessa, graça e esforço, silêncio e palavra, confiança e reconhecimento do dom da existência reencontram-se na história do Filho de Deus entre nós. Não o esqueçamos: é na carne e no sangue da nossa humanidade que o encontro entre Deus e cada homem/cada mulher se dá. E (só) assim continua a ser.

É arriscadíssima a sentença do Prólogo de S. João. E comovente. Porém, de tanto a ouvirmos e, talvez, de tanto a repetirmos, é possível que já não nos arrepie nem nos mova. Contudo, tudo o que dissermos sobre Deus que não nasça aqui e que não cresça a partir daqui, corre o risco de se tornar abstracto e de nos alienar. *Deus-diz-de-Si-come-Deus-para-nós* na história e como história de Jesus de Nazaré. Por isso, é também na história, e cada qual com a sua história, que haveremos de reconhecer Deus e de O amar com todo o nosso coração, com todo o entendimento, com todas as forças. E, é também por isso, que não bastará olhar para o alto do céu ou perscrutar o íntimo de nós mesmos para justificar a não realização desse amor na escrita quotidiana da nossa biografia, sabendo que esta ocupa um espaço, habita um tempo, fala uma língua. E tece-se no cruzamento de tantos encontros e, quem sabe, também de tantos desencontros.

É tanto, mas é, ainda, muito pouco, pensar *Deus como absoluto*. E, talvez, de pouco nos sirva imaginar um *amor perfeito e puro*, que, na realidade, não tem, nem lugar nem realização. Como nos podem testemunhar a história do pensamento e da espiritualidade, estas palavras e desejos não são sem ambiguidade. Pensemos, por exemplo, na própria palavra *absoluto*. É *absoluto* o que é livre de qualquer laço ou relação (o que é só por si e para si, desde sempre e para sempre), tal como é *relativo* o que está em relação (o que se diz e se realiza nos

vínculos que estabelece). Mas, se assim é, para dizer Deus que Se dá a conhecer em Jesus, não nos basta dizer que é absoluto. Quando o Verbo do Pai, por obra do Espírito, se faz carne no seio de Maria, o *absoluto*, que, como trindade, já é relação, *faz-se relativo*, dizendo de Si na relação que estabelece conosco. É verdade que Deus não perde o que é quando Se nos dá. Porém, não Se nos impõe *como se a nossa liberdade não existisse*. Pelo contrário, faz-Se presente enquanto Se nos dá e, dá-Se, correndo o risco de Se expor à qualidade dos nossos afectos, ao discernimento da nossa inteligência, à disposição – ou indisposição – da nossa liberdade. Sem esta, *é como se Deus (ainda) não existisse*. Não Se revela, por isso, fora da relação que estabelece conosco: nem sem a carne e o sangue das nossas existências; nem sem o drama quotidiano dos nossos afectos e das nossas liberdades; nem sem os símbolos culturais e instituições pelos quais aprendemos a ser homens e mulheres; nem sem as metáforas das nossas múltiplas linguagens; nem sem a criação das nossas artes; nem sem as indagações críticas do nosso pensamento. Sobretudo, não sem todos aqueles e aquelas que cruzam o nosso caminho, na maior parte das vezes, de modo inesperado. É assim que na história de Jesus, Deus e humanidade, se encontram realmente e intimamente – sem separação nem mistura, porque a relação íntima não anula a insuperável diferença –, para não mais se separarem. O Ressuscitado, que viveu entre nós e morreu pelas nossas mãos, sobe ao Pai conservando em Si as marcas da sua paixão por nós. Tendo-Se feito homem, é na nossa humanidade que nos ama. E é, só assim, que nós, como homens e mulheres, O poderemos amar. Porque razão haveríamos nós de menosprezar ou desprezar aquilo a que Deus devota tanto cuidado? Por que seria mais perfeito o nosso amor se não amássemos a criação e a vida e a liberdade, quando tudo tão generosamente nos foi dado e quando tudo, de novo, nos foi restituído a tão caro preço?

Quando o vazio e a ausência desenham e nos restituem outras formas de presença de Deus, olhemos, pois, para Jesus, a história mais conseguida de uma vida humana. Deixemo-nos tocar pelo estilo da sua presença e pela qualidade das suas relações. Vejamos como toca e Se deixa tocar; como Se aproxima e Se afasta; como acolhe e como contesta; como toma a palavra e como faz silêncio. Reparemos como nasce, como vive e como morre e como, pela autenticidade da sua vida, testemunha que a nossa vida é a maior bênção

com a qual Deus nos assinala desde a criação do mundo. Vejamos, pois, o que faz e como faz. Ouçamos o que diz, mas prestemos também atenção ao modo como diz. Compreenderemos que é *fazendo* assim, entre nós e conosco, que Jesus de Nazaré *diz* Deus. E é *dizendo* Deus deste modo que *realiza* a nossa salvação: resgata-nos de todas os medos e desconfianças para que a vida floresça, de novo, e amadureça todas as promessas de que é portadora.

Contemplando Jesus nos Evangelhos – as narrativas do modo como realiza a história da sua liberdade entre nós e o modo como os discípulos O reconhecem como Messias – , saberemos, que com a inteligência dos nossos afectos e com a sensibilidade da nossa inteligência, antes de mais, nada do que é nosso, por mais pobre ou por mais rude que seja, nem nenhuma língua, são indignos de dizer Deus. Se já pela criação, tudo tem o toque de Deus, pela encarnação do Verbo, tudo é confirmado como Sua bênção. E até os lugares infernais da Sua ausência se abrem à possibilidade fecunda da Graça. A vida divina re-passa, de facto, os lugares vazios – todos os lugares – da nossa existência. Mas, contemplando Jesus, saberemos, também, que é na qualidade das nossas relações que, em última instância, se decide o peso da nossa existência. Contra todos os cálculos e expectativas, é na decisão pela vida de um outro, correndo, se necessário, o risco de perder a própria, que a vida divina brilha na nossa. É diante de alguém que tem fome e sede, que está na prisão ou no hospital, que precisa de roupa ou de acolhimento que a vida de qualquer ser humano se decide (lembramos Mateus 25, citação à qual nos convém regressar continuamente). Nestes lugares de periferia, e mesmo sem ser explicitamente reconhecido, Deus encarna-Se, tanto no excesso de indigência de quem reclama misericórdia, como no excesso de compaixão de quem a manifesta. O que pareceria impossível é confirmado em Jesus: para cada homem e para cada mulher, crente ou não crente, o que está entre morte e vida – pode ser abismo ou ponte – é um excesso, uma possibilidade de superação de si a favor de um outro.

Pela encarnação do Verbo, como pode ressoar, então, esse apelo à escuta de Israel e à nossa própria escuta: «O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6,4-5)? Sim, só Deus pode ser amado com todos

as forças e com todo o entendimento. Nada nem ninguém, por muito que o quisessem, e mesmo declarando a sinceridade de intenção, poderiam garantir, sempre e em qualquer lugar, o reconhecimento dos afectos mais íntimos, dos desejos mais sinceros de um outro. Em qualquer momento, poderiam deixar de estar à altura das próprias promessas e das expectativas alheias. Por isso, não é justo, sequer, colocar sobre alguém ou alguma coisa esse peso que, simplesmente, nada nem ninguém pode suportar. Só Deus pode ser amado com todo o coração, porque só Ele pode garantir-nos a vida e reconhecer-nos plenamente no mistério que somos. Porque é Ele a origem desse dom que não podemos dar-nos por nós mesmos. E, porque é Ele a plenitude e o reconhecimento do que, com esse dom, pudermos e soubémos realizar.

Dito isto, seria ainda pouco pensar em Deus como o primeiro amor, ou o maior, entre muitos outros amores. Desse modo, Deus seria ainda um, entre tantos, mesmo sendo o maior ou o primeiro entre todos. Seria, ainda, o absoluto, desligado de nós, aquele que, mesmo que benignamente nos atraísse, continuaria a despertar desconfiança, ressentimento e concorrência. Pelo contrário, amar a Deus com todo o coração, significará amá-Lo como o amor de todos os amores (entre pais e filhos, entre amado e amada, entre amigos, entre quem pede e quem dá), o laço de todos os afectos, a compaixão de todos os encontros, a esperança de todos os lugares, a fecundidade de todas as artes. Amá-Lo, significa reconhecer que sem Ele não podemos viver; que, não O possuindo como coisa nossa, O temos da nossa parte. E, por isso, Lhe podemos dizer: «permaneces para mim um outro e és-me necessário, dado que o que eu sou de mais verdadeiro é o que existe entre nós» (M. de Certeau). É *entre-nós* e *entre-tanto-e-tantas-coisas* que o nosso amor a Deus se desenha e realiza. Assim, não se O amará sem amores e sem afectos, sem encontros, sem lugares e sem artes. Pelo contrário, é nesses amores e afectos, nesses encontros, lugares e artes que Deus é amado. Sim, com todo o coração e com todas as forças. Cada pessoa e cada circunstância é, de facto, lugar da passagem e do encontro com *O-sempre-presente*. Neles, o nosso amor A-Deus.

## ***O Amor exposto na Eucaristia***

Como sempre, tudo regressa a este cume. E tudo dele parte. A Eucaristia tudo recolhe. Tudo condensa. Tudo relança. Esta é a sarça que arde sem se consumir. É o ícone que, pelas coisas da nossa existência, nos abre, ainda e sempre, a passagem para o que a vida tem de eterno. Vértice e abismo do vínculo de Deus conosco, os gestos e as palavras, os ritmos, as formas, os cantos e os silêncios, as cores e as sombras que fazem a Eucaristia, realizam, aqui e agora, o encontro entre o sagrado e o quotidiano, a minha biografia e a nossa história comum. Assim se desenha um espaço entre nós e entre nós e Deus, no qual a pobreza dos meios e a limitação das formas se tornam lugares da infinita riqueza da Graça.

Neste lugar, tão alto e tão baixo, tão largo e tão extenso, e, porém, tão contido e tão elementar, continuamos a testemunhar como o Absoluto Se faz relativo, como o Santíssimo Se nos expõe. Aqui e agora, O sempre presente restitui-Se-nos no que as nossas existências e as nossas coisas têm de mais simples. Reduzido a pão que nem pão parece, a corpo que não se vê, o mistério divino pode tocar-Se, partir-Se, comer-Se. Numa vulnerabilidade inaudita, expõe-Se, até à nossa desconsideração e ao nosso não reconhecimento. Aqui, o Santíssimo é Deus e é coisa, é Senhor e é servo, é pastor e é cordeiro levado ao matadouro, é dom e é moeda de troca, é grão lançado à terra e é alimento. Inseparavelmente. E, assim mesmo, enquanto Se nos dá na pequenez das nossas coisas – no pão das nossas dores e no vinho nas nossas alegrias –, deixa-nos espaço para as palavras que haveremos de dizer, para os gestos que haveremos de fazer, para as obras que haveremos de criar, para o corpo que haveremos de ser no concreto do nosso quotidiano e das nossas relações. Como indivíduos. Como comunidade de crentes. Aqui, o que já vimos abre-nos a passagem para o que ainda nos falta ver; o que já conhecemos para o que ainda há-de vir; o que já encontrámos para o que ainda desejamos receber.

A pequena custódia que nos expõe o infinito num pedacinho de pão, não pode não desconcertar-nos. Apercebemo-nos da desproporção? Tão elementar. Tão simples. E, porém, em Jesus morto e ressuscitado, o infinito reclama o pedacinho de pão para se nos dar. É o pouco, mas o necessário, para *O-realmente-presente-entre-nós*.

Poderá este lugar, tão humano e tão sagrado, reclamar menos que um corpo-a-corpo, precisamente o corpo-a-corpo das nossas liberdades e dos nossos sentidos (J.-P. Sonnet)? Diante do Santíssimo assim exposto, somos postos diante duma nudez desarmante. Atrai o olhar e torna-o atendo, ferindo-o, porém, na sua volúpia insaciável de imagens. A sobriedade dos gestos e a arte das palavras gera um silêncio, quase seco, que não pode não ferir o palavreado ocioso e violento do linguajar quotidiano, a insensatez e a esterilidade de tantas opções. E, assim, se gera o espaço propício e o ritmo necessário para a palavra criadora, para o gesto fecundo. O corpo que se expõe a ser tocado, comido e saboreado – «*Hoc est corpus meum*» – é o mesmo que recusa ser coisa que se faz própria: «*Noli me tangere*». Máximo de presença corpórea e máximo de distância indizível.

Da contemplação deste lugar sagrado e da força com que nos deixarmos atravessar por tão desarmante dádiva, germinará a atenção generosa que é própria dos vigilantes; a resposta responsável que é própria dos justos; a fecundidade criadora que é própria dos artistas; a inteligência sensível que é própria dos sábios; a simplicidade de uma vida elementar que é própria dos ascetas; a graça de se definir a partir de um outro que é própria dos místicos.

No quotidiano nas nossas existências, no concreto dos nossos ritmos e lugares, o gesto pascal de Jesus retoca os modestos resultados do quotidiano com as grandes esperanças que nos mantêm em vida, o vazio com a abundância inesgotável da Graça, a morte com o Espírito da vida. Comovidos, compreendemos que, aqui, cada coisa, cada fragmento do nosso mundo, cada momento das nossas vidas são resgatados ao seu esquecimento e degradação. E que, todos, são acenos a-Deus, até que Deus chegue a ser tudo em todos.

Diante deste fogo que arde no pão e no vinho, tiramos o calçado. Aqui, aprendemos a ajoelhar-nos. Não para nos rebaixarmos, mas, antes, para nos elevarmos à estatura d'Aquele que se fez *O-mais-baixo* e, assim, chegarmos mais à altura de nós mesmos e do mistério que a vida é. Será um gesto de amor, profundamente reconhecido, porque *o que existe de mais verdadeiro em mim é o que existe entre nós*. Será um gesto largo, porque *o que existe entre nós* é cada encontro humano e cada momento concreto da história. Mesmo que hoje nos pareçam lugares onde Deus não tem lugar, continuam a ser os lugares

onde haveremos de reconhecer e de amar *O-sempre-presente-entre-nós*. Neles, o Santíssimo que Se nos dá, expõe-Se à nossa disposição de O amarmos com todo o coração. Como nosso Senhor.



# *Envolvidos(as) no amor materno e paterno de Deus*

*Isabel Varanda*

«Deus é amor» (1Jo 4,8). Ao longo de dois milénios, o cristianismo procurou levar esta boa nova – tão simplesmente expressa por S. João – a todo o ser vivo e a todo o mundo. Muitas vezes foi anunciado Deus, mas esquecido o amor; muitas outras, o amor de Deus foi acolhido e partilhado como boa notícia, a melhor notícia para o cosmos e para a criação.

«Deus caritas est» – Deus é amor – é o título que Bento XVI atribuiu à primeira Encíclica do seu pontificado, anunciando a razão deste tema na introdução: «num mundo em que ao nome de Deus se associa às vezes a vingança ou mesmo o dever do ódio e da violência, esta é uma mensagem de grande actualidade e de significado muito concreto. Por isso, na minha primeira Encíclica, desejo falar do amor com que Deus nos cumula e que deve ser comunicado aos outros por nós».

O tema que intitula esta reflexão inscreve-se no espírito da linha programática da Encíclica. Em si, o título substancial – num estilo assertivo e sintético, como convém a um título – pode ser visto como uma confissão declarativa, num tom doxológico: «envolvidos no amor materno e paterno de Deus». Parece que está tudo dito. E talvez não. O estilo declarativo carece, pelo menos, de um princípio explicativo, na impossibilidade de demonstração. Esta frase tem habitado muitos recantos e momentos do meu pensamento nos últimos tempos. Nem sempre procurei ir mais longe na reflexão; deixei-me simplesmente conviver com ela. Algumas vezes, as próprias circunstâncias do quotidiano recentravam-me na afirmação, nem sempre conseguindo, todavia, reconhecer a sua efectividade prática no dia-a-dia. Por isso mesmo, em muitos momentos acrescentei um ponto de interrogação no final: «envolvidos no amor materno e paterno de Deus?».

Pode ter interesse um primeiro olhar sobre a tridimensionalidade do título, claramente assegurada por três acentuações: *aqueles e aquelas* que são envolvidos, *Aquele* que envolve e o *Amor* com que envolve. Repare-se que, na construção da frase, o termo inicial – envolvidos(as) – e o termo final – Deus – estão ligados pelo amor. É do amor *materno e paterno* de Deus, que se trata. E é este amor de Deus que, alegadamente, nos envolve. A quem se refere este ‘nos’? Certamente que à criatura humana, aos homens e mulheres criados ‘à imagem e semelhança’ de Deus. Refere-se, certamente, também, a todas as criaturas, no céu e na terra, pois toda a criação respira esta envolvência amorosa do seu Criador. Deus ama todas as suas criaturas; por amor as cria, no amor as sustenta. É o que vamos procurar aprofundar ao longo das próximas páginas, não ignorando, no entanto, a maré de indiferença que inunda o olhar contemporâneo sobre Deus.

Assim, ainda na problematização introdutória, caracterizaremos o olhar genérico do mundo contemporâneo sobre Deus em duas breves alíneas, que sublinham o abandono como imagem de marca do mundo ocidental contemporâneo na sua relação com Deus.

### ***a) Do Deus amado ao Deus abandonado***

Em rigor, a afirmação de que o «amor de Deus nos envolve» – afirmação de alcance universal – tem, hoje, um potencial de recepção paradoxalmente limitado e reduzido porque é uma expressão confessante e, por isso, só é aceitável, compreensível e valorizada num registo de fé. Fora deste contexto, tal afirmação, se não for simplesmente silenciada pela indiferença ou, então, motivo da ‘irrisio infidelium’ (Tomás de Aquino), suscita no máximo perplexidade.

É aqui que talvez comece a ficar mais difícil lidar com a afirmação. Como falar e anunciar o amor de Deus no tempo actual, se o tempo actual não quer saber de Deus? Até a própria ideia de Deus parece diluir-se na maré de indiferença, que é já a imagem de marca desta primeira década do século XXI. Deus já nem sequer *vem à ideia* com a naturalidade que Emmanuel Lévinas pensa<sup>1</sup>. Hoje, principalmente no mundo ocidental, generaliza-se a ideia de

---

<sup>1</sup> Emmanuel LÉVINAS, *De Dieu qui vient à l'idée*, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1992. Lévinas

que se passa bem sem Deus. De facto, para muitos, Deus não significa mais do que um adereço cómico, fora de moda, que não acrescenta nada à estética do tempo nem à ética do tempo: «em nada contribui para a minha felicidade», diz-se de forma conclusiva.

Há uns tempos atrás, exprimia a minha percepção do progressivo abandono de Deus no mundo ocidental, dizendo que «quando a geração dos nossos pais desaparecer, Deus ainda será lembrado, mas já não será amado». Não se veja aqui mero cepticismo ou desencanto, mas simplesmente a constatação de que Deus vem perdendo relevância e lugar no mundo humano. Já não se fala em *morte de Deus* (Nietzsche) – para se falar na sua morte seria necessário partir do princípio de que Ele existe e «para que me hei-de dar a esse trabalho se a minha vida chega bem para me ocupar?!», ouve-se aqui e ali; e ouve-se, ainda: «para mim tanto faz que Ele exista ou não». Já não se fala no «eclipse de Deus» (Martin Buber) – para se falar no eclipse seria necessário reconhecer o ser que perdura apesar de eclipsado. Não se fala mais de morte ou de eclipse, Deus é simplesmente deixado ao abandono<sup>2</sup>; e nem sequer do abandono se fala porque na própria natureza do abandono está o esquecer, o largar, o deixar, o afastar, o ignorar. Assim, o próprio processo de abandono é abandonado pela consciência reflexiva e Deus é abandonado ao abandono, sem honra ou glória, sem barulho, como simples sub-produto da entropia humana.

---

reúne neste livro diversos textos que expõem a sua investigação sobre «a possibilidade – ou mesmo o facto – de compreender a palavra Deus como uma palavra significante», como ele próprio escreve no próleio, in *Ibidem*, 7.

<sup>2</sup> «Porém, a pessoa pode demonstrar e admitir concludentemente a existência de Deus e, não obstante, despreocupar-se dela, não se ocupar dela a não ser como um objecto como tantos outros no universo. Neste caso, conhece-se Deus mas não se aceita a sua fundamentalidade; deste modo, a realidade-fundamento, Deus-fundante, é eo ipso reduzida a realidade-objecto, a Deus ocioso. Um enormíssimo número de pessoas vivem hoje despreocupadas da questão de Deus... são vidas sem vontade de fundamentalidade, vivem em indiferença fundante, a vida não lhes apresenta qualquer problema: é o que é e nada mais. É vida ateia, que repousa sobre si mesma, sem necessidade de ir 'contra' nada nem contra alguém, vida tomada em si e por si mesma 'e nada mais', a-teia, no sentido meramente privativo do prefixo 'a'. O que constitui o ateísmo é tomar o poder do real nas coisas como um facto e nada mais que como um facto, a pura facticidade do poder do real, a fundamentalidade como pura facticidade», in Carlos DÍAZ, *Querer por haber sido querido*, in: *Coram Deo. Memorial Juan Luís Ruiz de la Peña*, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1997, 426.

### **b) Deus está ao abandono**

Na década de 90 do século XX, o teólogo belga Adolphe Gesché exprime a maturidade da sua forma de ‘teologar’, propondo a crenes e a não crenes, a *hipótese Deus*, ou a ideia de Deus, como uma mais-valia no processo de aprofundamento do conhecimento do mundo, da vida, das suas revelações, incógnitas e mistérios. «Para pensar bem, nada é demais. Para pensar bem é necessário explorar até ao fim os meios de que dispomos. Ora, a ideia de Deus, mesmo como puro símbolo ou abstracção, representa na história do pensamento a ideia mais extrema»<sup>3</sup>.

Mas, que pertinência pode ter «Deus para pensar», hoje, quando se pensa tão pouco em Deus? É claro que se fosse necessário ilustrar com exemplos concretos a afirmação do abandono de Deus pelo mundo de hoje, teríamos outros tantos exemplos concretos para ilustrar precisamente o contrário. De facto, a sociologia das religiões – Danièle Hervieu-Léger e Peter Berger são referências incontornáveis – continua a escrutinar o fenómeno religioso no mundo e vai-nos dizendo que, sob o processo aparentemente irreversível de remissão do mundo a si mesmo, particularmente no mundo ocidental<sup>4</sup>, este continua a procurar caminhos e a explorar possibilidades de exprimir a tensão intrínseca para a transcendência, irredutível a qualquer ideologia, humanismo ou moral imanentista. Por outras palavras, a interrogação do mundo continua a extravasar os limites da simples imanência, revelando a resistência das mundivisões contemporâneas a instalarem-se definitivamente numa imanência blindada<sup>5</sup>.

Não obstante, um dos traços emblemáticos do mundo actual é, insistentemente, o abandono de Deus, de que praticamente não se fala, de tão óbvio. Até o movimento ateu, que atravessou os tempos modernos até aos nossos dias, se ainda não abandonou a questão de Deus tornou-se, claramente, menos agressivo e menos militante, com excepção do epifenómeno de uma certa literatura sensacionalista contemporânea, que se alimenta do sarcasmo

---

<sup>3</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dieu pour penser. I. O Mal*, Editions du Cerf, Paris, 1993, 7.

<sup>4</sup> Cf. o mesmo diagnóstico em JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal Ecclesia in Europa* (28 de Junho de 2003). Escreve João Paulo II no § 9: «Na raiz da crise da esperança está a tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo».

<sup>5</sup> Cf. Peter BERGER (dir.), *Le réenchantement du monde*, Bayard Éditions, Paris, 2001.

intelectual e pseudo-científico com o qual envolve Deus e a religião. Bernard Sesboué exprime este abandono de Deus em termos de *esquecimento*; segundo ele: «hoje o ateísmo não é virulento como pôde ser no início do século XX, nem mesmo triunfante como em meados do século. Mas Ele continua sob formas mais modestas e transforma-se em esquecimento ou ausência»<sup>6</sup>. Se necessário fosse reforçar a dimensão do abandono passivo – o apagamento de Deus da memória actual – ainda encontramos em Sesboué palavras que, sem engenharias verbais, exprimem uma percepção mais ou menos generalizada: «Deus não está cá, Ele está simplesmente ausente; se está nalgum sítio não é aqui, ponto final. Ele permaneceu demasiado tempo ausente e mudou diante das questões dos homens, do mesmo modo estes últimos ausentaram-se Dele. Os homens tomaram partido e fazem doravante ‘sem’»<sup>7</sup>.

O fosso entre a transcendência e a cultura prática parece cada vez mais cavado. Pouco se vê para além de um mundo sem altura, entregue a uma «transcendência na imanência» (Luc Ferry) que facilmente se transforma em ideologia e facilmente se enreda e perde nas pseudo-meta-narrativas intrínsecas à imanência<sup>8</sup>. Este processo confuso de remissão do sujeito a si mesmo e às suas circunstâncias intra-históricas, apesar de simultaneamente marcado por uma rebelião intrínseca, vai baralhando e perdendo os caminhos de acesso à transcendência, contribuindo para o processo de abandono

<sup>6</sup> Bernard Sesboué, *Croire. Invitation à la foi catholique pour les femmes et les hommes do XXI siècle*, Droguet e Ardant, Paris, 1999, 85.

<sup>7</sup> *Ibidem*, 89. «Mas a tentação mais perigosa seria a do esquecimento total do próprio nome de Deus. Não pensemos aqui no agnosticismo modesto dos que consideram que não podem decidir, em consciência, se Deus existe ou não. Pensemos antes num indiferentismo de tal ordem que o termo mesmo de Deus não mais existiria» in *Ibidem*, 96.

<sup>8</sup> A crítica que o filósofo André Comte-Sponville faz aos «oximoros» a que Luc Ferry recorre para caracterizar o «humanismo horizontal» é paradigmática da dificuldade de sustentar uma antropologia imanentista. Pergunta Comte-Sponville: «O que é o sagrado se ele não é separado? O que é uma transcendência, se ela é, como diz Luc Ferry ‘na imanência’? O que é o divino se ele só existe no homem? Parece-me que o meu amigo Luc abusa um pouco dos oximoros, quer dizer das expressões que aproximam dois significados opostos ou incompatíveis». A resposta de Luc Ferry à crítica de Sponville insiste na adequação das expressões que propõe, pois, diz ele, elas traduzem «uma realidade da consciência comum que nos conduz para lá da vida natural... o amor, por exemplo, é no íntimo de nós mesmos que ele é descoberto, na imanência absoluta a si... Assim, o amor é totalmente imanente e ao mesmo tempo totalmente transcendente... ele permite captar concretamente o que a noção de transcendência na imanência pode significar na vida quotidiana», in André COMTE-SPONVILLE – Luc FERRY, *La Sagesse des Modernes. Dix questions pour notre temps*, Robert Laffont, 1998, 52-53.

e de esquecimento de Deus. Karl Rahner, no seu *Tratado fundamental da fé*, deixa-nos uma longa e extraordinária reflexão sobre a possibilidade de que até o nome «Deus» possa desaparecer do vocabulário humano e mesmo da memória; se tal acontecesse, diz, seria porque «o homem teria esquecido a realidade total e o seu fundamento e ao mesmo tempo teria esquecido – se ainda fosse possível dizê-lo – de ter esquecido»<sup>9</sup>.

Apesar de avassalador, este registo crítico solicita, ao mesmo tempo, uma justa relativização interna diante das dinâmicas crentes e confessantes, que continuam a tecer, com amorosa criatividade, matrizes de superação dos diversos perfis do materialismo imanentista contemporâneo. Que dizer de tantos homens e mulheres do nosso tempo que crêem em Deus, organizam a sua vida numa matriz de fé, de esperança e de amor? Que dizer de tanto bem que, em nome de Deus – por amor em Deus e *por amor de Deus* –, torna o mundo mais pacífico, mais justo, mais humano, mais saudável? Que dizer de tantos gestos que, por amor em Deus, suavizam as dores e tormentos dos mais vulneráveis, dos mais frágeis, dos desprotegidos, dos ignorados e mal-amados do mundo? Que dizer dos momentos de céu que a liturgia, como uma girândola de milhares de estrelas coloridas, ilumina os tempos mais sombrios dos nossos dias e das nossas noites? Que dizer dos homens e das mulheres que vivem dinâmicas únicas de consagração da vida a Deus, seja em comunidade, seja individualmente? Que dizer do cosmos, de todas as criaturas que nele têm lugar, das mais simples às mais complexas, das mais imensas às mais ínfimas e da extravagante ‘dança cósmica’ que denota a festiva ‘intentio profundior’ na natureza das coisas?

Tudo nos fala de Deus, apesar da cultura religiosa frágil, decadente e sem fulgor. Deus resiste à negação, ao abandono, à confusão, à dúvida, à idolatria. Deus resiste, deixando-Se dizer indizível. Mesmo na transcendência silenciosa e silenciada do mundo, Deus resiste no silêncio, que não é passividade de Deus, mas, antes, liberdade dos humanos, a tal ponto amada por Deus que Se deixa silenciar nela.

Por isso, mesmo aqueles que pensam que a transcendência, instituída sob um princípio teocêntrico, não resistiu ao encontro com a imanência,

---

<sup>9</sup> K. RAHNER, *Traité fondamental de la foi*, Paris, Centurion, 1983, 61-64.

instituída sob os princípios cosmocêntrico e antropocêntrico; aqueles que dizem que a metafísica foi liquidada pela objectividade empírica das ciências e que as religiões ficaram para trás como formas ancestrais ingénuas e primárias de abordar a questão do sentido da existência continuam, todavia, a ser confrontados com questões que ficam em aberto e como que em suspenso, sobre incógnitas e vazios, geradores de carência e de sofrimento<sup>10</sup>.

Esta longa contextualização introdutória permite-nos localizar o lugar a partir do qual falamos, onde nos posicionamos e o método que conduz a reflexão. Não partimos de uma qualquer ideologia, de princípios ou de especulações dedutivas, antes nos situamos nos dados que fazem parte do património antropológico, como eles se dão à reflexão e à experiência comum para avançarmos pelas categorias antropológicas, cosmológicas e teológicas que exprimem a nossa forma de conceber a transcendência e traduzem, em linguagem humana, a experiência histórica de um Deus que se dá a conhecer: 1) Deus Pai de Jesus-Cristo, 2) Criador e Providente, 3) Amor de imensidão que nos torna livres. É o que procuraremos iluminar, mesmo que de forma trémula, ao longo destas páginas.

### 1) 'Deus Pai' e a paternidade em questão

Aos nossos dias chega uma vasta tradição filosófica e teológica que nos dá conta do esforço 'racional confessante', apoiado na Revelação e na inspiração do Espírito Santo, desenvolvido à volta do artigo de fé: Deus é Pai. «Creio em um só Deus, Pai...». A primeira afirmação do *Credo cristão*, definido formalmente no Concílio de Niceia (325) e no Concílio de Constantinopla (381), é que Deus é Pai. De imediato se percebe que tal afirmação não pretende falar de uma espécie de biologia reprodutiva activa da parte de Deus; dizer que Deus é Pai é, antes de mais, uma afirmação teológica, diz algo sobre o ser de Deus<sup>11</sup>; é o modo de ser divino, incomparável e irredutível à

<sup>10</sup> Cf. Jean-Marc FERRY, «Raison et religion», in *Revue Théologique de Louvain*, 40 (1/2009) 3-13.

<sup>11</sup> Limitamo-nos a indicar alguns títulos de estudos que explicitam o lugar inquestionável do tema da paternidade divina na teologia: Leonardo BOFF, *O Pai-Nosso*, Petrópolis, 1979; Ruben ALVES, *Pai-nosso*, S. Paulo, Paulina, 1987; Charles JOURNET, *Entretiens sur Dieu le Père*, Editions Parole e Silence, Saint-Maur, 1998; COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Deus Pai de Misericórdia*,

mais completa e profunda compreensão da paternidade humana e mesmo da paternidade e da maternidade em conjunto. Ou seja, pensar Deus como pai implica o esforço metodológico de suspender os pré-conceitos empíricos sobre a paternidade e a maternidade humanas, deixando lugar à revelação original e singular de Deus como Pai – outro que pai e outro que mãe – e à emergência de um perfil teológico de parentalidade, que possa servir de inspiração, não só na ressustancialização da parentalidade humana, como também na reconfiguração das relações entre todas as criaturas e destas com o seu Criador. Não é certamente por acaso, porque o é pela graça da inspiração divina, que, no Credo cristão, a confissão de fé em Deus Pai está directamente ligada à confissão de fé em Deus Criador. Deus Pai é Criador. Deus é fonte inesgotável de vida, envolvendo toda a criação num Amor singular, entretecido com inumeráveis e inesgotáveis facetas, sempre novas e surpreendentes. Deus ama à maneira de Deus, não à maneira dos humanos; ama como pai e como mãe, à maneira de Deus e não à maneira dos humanos. Que maneira é esta? É o que procuraremos aprofundar na continuidade.

Este trabalho impõe-se tanto mais quanto é substancial a crítica e a recusa da imagem de Deus Pai<sup>12</sup>, desenvolvida por toda uma tradição agnóstica, ateia e secularista, ao longo dos séculos XIX e XX e que se estende até aos nossos dias. Como bem nota Emmanuel Durand, «estes questionamentos

---

Edições Paulinas, Lisboa, 1998; AA. VV. *Deus Pai em teologia e mariologia*, Paulus, Apelação, 1998; AA. VV., *Em nome de Deus Pai*, Edições Didaskalia, Lisboa, 1999; François-Xavier DURRWELL, *Le Père. Dieu en son mystère*, Cerf, Paris, 1999; Juan Antonio MAYORAL, *Tras las huellas de Dios Padre*, BAC, Madrid, 1999; Bernard SESBOUÉ, *Croire...*, op. cit., capítulo V: Un Dieu Père, 117; Gianfranco RAVASI, *La paternità divina nella Bibbia*, Edizione Dehoniane Bologna, 2000; Emmanuel DURAND, *Le Père, Alpha et Ómega de la vie trinitaire*, Cerf, Paris, 2008.

<sup>12</sup> A questão da paternidade é uma problemática transversal a diversas disciplinas que orquestram um amplo e controverso debate: a psicanálise, a fenomenologia, a sociologia, a história política, o direito civil, concentram-se «numa recomposição da figura do pai e trabalham numa reavaliação do seu estatuto, pelo menos na cultura ocidental», afirma Emmanuel DURAND, *Le Père Alpha et Ómega de la vie trinitaire*, Cerf, Paris, 2008, 9-10. Este trabalho é tanto mais necessário quanto é acelerada, ao longo das últimas décadas, a decadência do modelo tradicional de família e a emergência de novos e inéditos modelos de referência familiar e de recomposição familiar. É curioso notar que, à margem da instituição familiar tradicional, era comum na sociedade portuguesa do século XIX e principalmente na primeira metade do século XX, muitos dos recém-nascidos fora do casamento serem registados como filhos de pai incógnito. Hoje, dizemos, não há filhos de pai incógnito, os pais é que são pais de filhos incógnitos. Ousar pensar hoje Deus como Pai é correr o risco de perder o pai e de abandonar Deus num qualquer lar de terceira idade.



antropológicos têm consequências para a elaboração e a recepção de uma teologia de Deus Pai»<sup>13</sup>. Destaca-se, assim, por um lado, a recusa freudiana que vê a religião como «nevrose obsessiva», em que «o homem imagina um Deus como ‘um pai muito amplificado’ porque só assim um Deus pode compreender as necessidades do filho do homem»<sup>14</sup>; por outro, a recusa por parte da cultura marxista, do «pai patrão», castrador, autoritário, dominador, que não permite a realização autónoma dos supostos filhos. Destaca-se ainda uma outra frente, radicalizada na teologia feminista<sup>15</sup>, que rejeita a imagem masculina de Deus – Deus com rosto de pai – «imposta pela tradição hebraico-cristã» ao longo dos séculos. Deus é Pai, defendem, mas Deus também é Mãe, e assim deve justamente ser chamado.

Não vamos posicionar-nos criticamente nem sequer entrar neste tom de debate, até porque nos afastaria do tema ao reter-nos na discussão de caricaturas antropomórficas de Deus – roçando o andrógino, no limite uma espécie de «pãe»<sup>16</sup> – que pouco ou nada têm a ver com a revelação bíblica da paternidade de Deus. Isto não significa que não haja nada de positivo e sustentável nestas diferentes formas, mesmo que limitadas e distorcidas, de procurar dizer Deus. Se é certo que a linguagem humana é insuficiente, limitada e inadequada para «dizer Deus», ela não é, todavia, incapaz, mesmo que fique simplesmente pelo balbucio. Por entre as insuficiências redutoras, e mesmo nas imagens distorcidas e pervertidas que a linguagem humana forja para traduzir a experiência de Deus, Deus está lá, precisamente como o *mal-dito* e o *não-dito*, o distorcido e o indizível<sup>17</sup>. Deus está lá, quando o ser

<sup>13</sup> Emmanuel DURAND, *Le Père Alpha et Ómega de la vie trinitaire...*, op. cit., 10.

<sup>14</sup> AA.VV., *Deus, Pai em teologia e mariologia*, op. cit., 25.

<sup>15</sup> Crítica muito bem sistematizada pela teóloga católica Elizabeth A. JOHNSON, *La que es. El misterio de Dios en el discurso teológico feminista* (edição americana em 1992), Biblioteca Herder, Barcelona, 2002.

<sup>16</sup> Resultado do jogo entre as palavras pai e mãe.

<sup>17</sup> É extraordinária esta longa reflexão de Martin Buber sobre o nome de Deus vilipendiado pela linguagem humana: «Como é que pode utilizar permanentemente a palavra ‘Deus’?... desde que a palavra Deus é pronunciada, é atirada para as mãos dos homens. Haverá uma palavra da linguagem dos homens que tenha sido usada de forma mais abusiva do que o nome Deus? Uma palavra que tenha sido tão enxovalhada? Uma palavra que tenha sido tão violada como esta? O sangue inocente derramado em seu nome empalideceu o seu esplendor. Todas as injustiças que teve de encobrir retiraram-lhe peso. Cada vez que ouço nomear o Altíssimo ‘Deus’, tal soa no meu ouvido como uma blasfémia... (Deus) é a palavra mais marcada de todas as palavras humanas. Nenhuma outra foi tão conspurcada, tão lacerada. É por isso que

humano, mesmo atabalhoadamente, se entrega à tarefa de purificar os seus conceitos, de apurar as categorias, de provocar o encontro de palavras nunca antes cruzadas, na esperança de que este encontro seja performativo e ocorra o milagre da palavra que diz Deus e deixa Deus dizer-se.

Deus Pai, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis, cria o ser humano capaz de palavra; palavra para que ele se diga a si mesmo e palavra para dizer o que o rodeia e o que experimenta. Palavra que não é, portanto, palavra para dominar, para reter ou reduzir. É palavra que permite dizer, mas não dizer tudo; dizer, mas não reduzindo o *dizível* a um tema, a um *dito*. Neste sentido, a linguagem humana é adequada<sup>18</sup> para dizer Deus<sup>19</sup> na medida em que se reconhece precisamente inadequada. Quem fala com Deus – fala de Deus – tem noção da aventura e da humildade desse gesto de transliterar as palavras da oração e da adoração para a narração; percebe, então, que só é possível falar de Deus sob modo analógico, ou seja, sustentando uma relação, entre as categorias humanas e Deus, que, ao mesmo tempo que afirma a *similitudo* afirma *maior dissimilitudo*.

Se é verdade que a teologia elegeu a analogia como o modo mais adequado para falar de Deus, muitos teólogos preferem falar em modo *doxológico*, mais do que *analógico*. Isto, porque, «ao contrário do que ocorre na analogia, na doxologia, ou adoração, as palavras humanas perdem o seu significado

---

não posso renunciar a ela. Gerações humanas inteiras despejaram o peso da sua vida angustiada sobre a palavra 'Deus' e esmagaram-no; ele jaz na poeira do solo, carregado com todos os pesos. Os homens dilaceraram-no com as suas divisões religiosas. Mataram por ele e por ele foram mortos. Ele conserva a marca dos seus dedos... Onde poderei encontrar uma palavra à justa semelhança do Altíssimo para o qualificar?... Os homens desenham figuras grotescas e assinam com o nome 'Deus'; matam-se uns aos outros dizendo que é 'em seu nome'; mas quando se esgota a loucura e a impostura, quando na penumbra mais solitária se encontram diante dele e não falam mais 'Ele, Ele', mas suspiram 'Tu, Tu', não será este o verdadeiro Deus que todos eles chamam? Aquele que os escuta? E a palavra 'Deus', a palavra do grito, o grito transformado em Nome, não se torna assim palavra sagrada em todas as línguas e para sempre?... Não está no nosso poder purificar a palavra 'Deus', como também não está no nosso poder restituir-lhe a integridade, mas podemos, tal como ele está, enxovalhado e dilacerado, levá-lo da terra e mantê-lo de pé nesta hora de grande inquietude», in Martin BUBER, *L'éclipse de Dieu*, Nouvelle Cité, Paris, 1987, 12-14.

<sup>18</sup> «O modo como uma comunidade de fé dá forma à linguagem sobre Deus representa implicitamente o que ela entende por maior bem, a verdade mais profunda, a beleza mais sugestiva», in Elisabeth JOHNSON, *La que es...*, op. cit., 18.

<sup>19</sup> Cf. Bernard SESBOUÉ, *Croire...*, op. cit., concretamente o terceiro capítulo: Quel langage pour les choses de la foi?, 58-82.

comum e são transferidas para o sublime infinito divino: este modo ‘adorante’ de falar de Deus contém, isso sim, uma analogia, mas apenas uma analogia entre o sentido comum desta palavra e o ser divino em si e por si»<sup>20</sup>. No entanto, mesmo neste modo adorante, e mesmo na experiência de comunhão profunda com Deus, a maneira humana de conhecer e de exprimir esta experiência não pode dispensar a analogia: o nosso dizer Deus jamais se adequa ao ser de Deus; é um discurso que necessita ser epistemologicamente situado no horizonte escatológico de uma sempre maior e nova adequação.

Com estes pressupostos, interroguemo-nos, então: de onde aprendemos que o amor de Deus, o amor que é Deus, é materno e paterno?

## 2) O amor materno e paterno de Deus

Não se encontra na Sagrada Escritura, nem no Primeiro nem no Segundo Testamento, uma só atribuição do título formal de «mãe» a Deus, como também não se encontra qualquer afirmação explícita de que Deus é masculino ou feminino<sup>21</sup>. Destaca-se, sim, e com uma explicitação ao mesmo tempo transversal, culminante e sem reservas no Segundo Testamento, a confissão de que Deus é Pai – Pai do Filho Jesus – e pelo Filho e no Filho, é *Pai nosso*<sup>22</sup>. Importa todavia situar esta afirmação no registo já indiciado mais acima: Deus é Pai à imagem e semelhança de Deus e não à imagem e semelhança dos humanos. Por isso, a confissão de que Deus é Pai é estritamente teológica, iniciando o crente no modo de Deus ser Pai paterno e Pai materno<sup>23</sup>, que configura um modo único e absoluto de parentalidade: à maneira de Deus. Neste sentido, «nome de Pai é um nome teológico, portanto

<sup>20</sup> AA. VV., *Deus, Pai em teologia e mariologia*, op. cit., 64. Este modo doxológico permite evidenciar a dimensão escatológica da revelação, pela qual, como diz Pannenberg, «a correspondência entre as nossas palavras e Deus já não é decidida, mas ainda está por decidir», citado in *Ibidem*.

<sup>21</sup> Mesmo a atribuição do carácter feminino ao Espírito Santo pela tradição cristã, principalmente na cultura hebraica e síriaca, é contestada com perspicácia por S. Jerónimo, que comentava: «Espírito é feminino em Hebraico, neutro em Grego e masculino em Latim, sinal da assexualidade de Deus» S. JERÓNIMO, *Isaiam XI PL 24*, 419.

<sup>22</sup> «O Deus do Primeiro Testamento torna-se Pai do Filho Jesus no Segundo. Uma espécie de «mutação ocorre no uso da palavra Deus», François-Xavier DURRWELL, *Le Père. Dieu en son mystère*, op. cit., 14.

<sup>23</sup> «A maternidade supõe necessariamente a paternidade e reciprocamente a paternidade supõe necessariamente a maternidade», in JOÃO PAULO II, *Dieu notre Père. Anthologie*, op. cit., 15.

trinitário. Da criação e da providência de Deus não nasce o nome de Pai, mas, no máximo, o de Senhor. É só pela geração do Filho, Jesus Cristo, que Deus se revela como Pai. Mas também na geração do Filho a imagem do Pai sofre uma profunda transformação: ‘um pai que gera e também dá à luz o próprio filho não é apenas um pai varão, mas também um pai materno’<sup>24</sup>.

O Primeiro Testamento surpreende com a revelação do Deus das alturas, transcendente, inatingível, todo-poderoso, que se torna próximo, *fortiter et suaviter, tremendum et fascinatum*, tão próximo como uma mãe e um pai estão dos seus filhos; que cuida com carinho e solicitude como uma mãe e um pai cuidam dos seus filhos. Deixemos falar os textos:

«O Senhor disse-me: Tu és meu filho, hoje eu te gerei» (Sl 2,7). É nas entranhas que o filho é gerado; o vínculo de geração aqui exposto é, claramente, de natureza materna. É a mãe que gera o filho nas suas entranhas; por isso, não será forçar ou distorcer o texto se se explicitar o que está implícito: «Tu és o meu filho – *eu sou a tua mãe* – hoje eu te gerei».

Mesmo quando Deus é literalmente comparado a um pai, transparecem traços maternos nesta paternidade, mostrando que o amor de Deus Pai está para além de qualquer estereótipo afectivo paterno. Deus Pai fala-nos de um modo materno, visceral, matricial, de ser pai. Gianfranco Ravasi chama a atenção para o Salmo 103,13 habitualmente traduzido nos seguintes termos: «Como um pai tem piedade dos seus filhos, assim o Senhor tem piedade de quantos o temem». Diz Ravasi: «No hebraico encontramos: ‘como um pai prova ternura (em hebraico *rahem*, ‘viscere’, trata-se de amor visceral, instintivo, terno) para com o seu filho, assim Adonai o Senhor para com aqueles que o temem’<sup>25</sup>. Interpretação partilhada pela Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do ano 2000: «Na Bíblia – diz – aplica-se os termos *rahamim*, ‘vísceras’, ‘misericórdia’ e *rahum*, misericordioso (que são aparentados com *réhem* que significa ‘seio materno’), para indicar o lugar do cuidado, da defesa e do crescimento da vida na sua primeira fase. Estes termos exprimem quase o

---

<sup>24</sup> AA.VV., *Deus Pai em Teologia e mariologia*, op. cit., 99; «Em suma, a revelação neo-testamentária está bem longe da referência sexual ao conceito de Deus, eliminando toda a implicação machista e patriarcal», in *Ibidem*.

<sup>25</sup> Gianfranco RAVASI, *La paternità divina nella Bibbia*, op. cit., 11.

carácter físico da misericórdia de Deus, que é um amor ‘entranhado’, um sentimento profundo, espontâneo, íntimo, feito de ternura, compreensão, compaixão, indulgência e perdão, que liga a mãe aos seus filhos (cf. Is 49,15 e Ex 34,6-7)»<sup>26</sup>.

Deus ama o seu filho, o seu menino; chama por ele, toma-o nos braços, e o rosto do menino encosta-se à face materna de Deus, abandona-se em total confiança à doce intimidade dos braços que abraçam, do rosto que só existe para si e dos seios que o amamentam e saciam – mimo total: «Quando Israel era um menino, eu o amei e do Egipto chamei meu filho. Mas quanto mais eu os chamava, tanto mais se afastavam de mim... Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar, eu os tomei em meus braços... Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto. Eu me inclinava para ele e o alimentava» (Os 11,1-4). Como *mãe e filho*, enfim, em abandono mútuo, sem palavras, reclamações, sem exigências ou necessidades: «Eu fiz calar e repousar os meus desejos, como a criança saciada no colo da sua mãe» (Sl 131,2). Este modo materno de ser Deus é também revelado, para além das metáforas humanas, através de metáforas da vida animal que comparam, por exemplo, a relação de íntima confiança entre a criatura e Deus ao *pintainho* que busca conforto e protecção debaixo das asas da mãe. Deus, ‘mãe galinha’, acolhe debaixo das suas asas *a pupila dos seus olhos*: «guarda-me como a pupila dos olhos, esconde-me à sombra de tuas asas» (Sl 17,8); noutro lugar: «como é precioso, ó Deus, o teu amor! Deste modo os filhos de Adão se abrigam à sombra das tuas asas» (Sl 36,8).

Vemos Deus ‘perdido de amor’ pela sua criatura, apaixonado, encantado; e a criatura rendida à infinita doçura do seu Deus: «suas palavras são mais doces do que o mel escorrendo dos favos» (Sl 20,1). Palavras que não deixam qualquer dúvida quanto ao vínculo que une Deus à sua criatura: «Sim, Efraim é o meu menino querido, o meu menino muito amado... é por isso que as minhas entranhas se comovem por ele, que por ele transborda a minha ternura» (Jer 31,20). Gianfranco Ravasi faz questão de sublinhar a

<sup>26</sup> COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Deus Pai de Misericórdia*, op. cit., 51.

tradução que Luis Alonso Shökel (1920-1998) dá deste versículo: «Efraim é o filho que eu amo, o meu menino, o meu encanto»<sup>27</sup>, evidenciando neste modo «singular e extraordinário» de exprimir o amor de Deus aspectos característicos do pai e da mãe e aspectos únicos do Amor de Deus, que é absolutamente incondicional, inabalável, incalculável, imensurável, inigualável ao maior e mais profundo amor que um pai e uma mãe possam sentir pelo seu filho: «por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti» (Is 49,15). «Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim... meu coração contorce-se dentro de mim, minhas entranhas comovem-se» (Os 11,8). Por isso, confiadamente, o salmista declara: «Se meu pai e minha mãe me abandonarem, o Senhor, porém, há-de acolher-me» (Sl 27,10).

S. João Crisóstomo, que morreu no início do século V (+407), ofereceu-nos um extraordinário comentário a estas passagens bíblicas: «uma mulher poderá esquecer o seu filho ou ter piedade do fruto do seu seio? O profeta pretende dizer com esta expressão: ‘que se para uma mulher os filhos não poderão ser esquecidos, para o Senhor também a raça humana o não poderá’... em seguida, para te fazer compreender que o profeta utilizou esta comparação, não com a intenção de mostrar que a medida do amor de Deus é comparável ao amor de uma mãe pelo fruto do seu seio, mas porque ele considerava algo conhecido de todos que a medida deste amor ultrapassa a dos outros amores – e, certo, o amor de Deus é ainda muito maior que o dos homens – ele acrescenta: ‘mesmo se uma mãe esquecesse os seus filhos, eu nunca te esqueceria, diz o Senhor’. Vês como Ele ultrapassa a medida do amor maternal. Para que compreendas que este amor ultrapassa de forma superabundante a ternura de uma mãe e o afecto de um pai pelos seus filhos, o profeta diz: ‘como um pai tem piedade dos seus filhos, o Senhor tem piedade daqueles que O temem’. E ele utiliza novamente esta comparação do amor, sabendo que o amor (de Deus) tem qualquer coisa que ultrapassa os outros»<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Gianfranco RAVASI, *La paternità divina nella Bibbia*, op. cit., 28.

<sup>28</sup> Jean CRISOSTOME, *Sur la Providence de Dieu*, Sources Chrétiennes, 79, 97.

Que amor é este? Que Deus é este que comove as nossas entranhas e nos deslumbra com a revelação do modo divino de amar? Apesar de S. João Crisóstomo considerar estas questões desnecessárias e indiscretas, é a partir das suas reflexões sobre o modo de ser de Deus para com as suas criaturas que nos relançamos na aventura de escrutinar o amor de Deus, que se revela criador e providência amorosa.

### 3) *A providência divina*

Consagrada de forma explícita no Novo Testamento como modo de ser de Deus com a criação, os cristãos confessam e anunciam a *deorum providentia*, a providência de Deus<sup>29</sup>, não em razão de uma qualquer espécie de invenção ou de projecção antropomórfica mas, simplesmente, porque o próprio Deus se manifestou e se manifesta como Deus providente<sup>30</sup>, governando, com solicitude contínua, o mundo, o ser humano e a história.

A fé religiosa conduz-nos a uma consciência calorosa e a um sentido agudo da presença de Deus – «presença de habitação» –, amando o cosmos na sua arquitectura mais imensa e mais ínfima, mais complexa e mais simples e envolvendo com o seu amor providente cada sopro de vida que, no cosmos, testemunha o mistério da criação – «presença de criação»<sup>31</sup>. Estes dois modos de descrever a presença de Deus são distintos em termos categoriais, mas não são teologicamente distinguíveis, nem existencialmente distinguíveis. O Deus que habita o mundo em modo de imensidão de amor é o Deus da criação, Causa criadora e sustentadora, incomparável e irredutível a qualquer causa que nós conhecemos, que confere ao cosmos uma profundidade

<sup>29</sup> Cf. Pierre-Jean LABARRIÈRE, *Providence*, in *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, tomo 12, 2ª parte, Beauchesne, Paris, 1986, col 2464-2475. O *Dictionnaire de Théologie Catholique*, volume XIII, 1.ª parte, Librairie Letouzey et Ané, Paris, 1936, oferece amplos desenvolvimentos e estudos analíticos da doutrina católica clássica da providência: na Sagrada Escritura (col. 935-941); segundo os Padres Gregos (col. 941-960); em Santo Agostinho (col. 961-984); na Teologia (col. 985-1023). Cf. também Jean Yves LACOSTE (dir.), *Dictionnaire critique de Théologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1998, 946-952.

<sup>30</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Creo en Dios Padre. Catequesis sobre el Credo*, Ediciones Palabra, Madrid, 1996, 222.

<sup>31</sup> Charles Journet fala em três modos da presença de Deus no mundo: «presença de criação», «presença de habitação», «presença de encarnação», cf. Charles JOURNET, *Entretiens sur Dieu le Père*, op. cit., 81-125.

absolutamente única e uma legitimidade que não deriva de qualquer jogo de «acaso ou de necessidade», nem de um resignado «porque sim», mas funda-se no mistério de uma Sabedoria Transcendente, nascente inesgotável e ininterrupta de vida: Deus Criador, que «sustenta todas as coisas pela sua palavra poderosa» (Heb 1,3).

O povo de Israel encontrou palavras e imagens magníficas, colhidas da natureza e da forma como os seres vivos se relacionam com ela, para louvar o Criador e reconhecer a sua contínua solicitude para com todo o criado. O Salmo 104 canta o esplendor, o poder, a doçura e a Sabedoria com que Deus cria do caos um cosmos, fundando «a terra sobre bases sólidas, inabaláveis para sempre» (v.5); uma terra generosa, hospitaleira, que o Criador envolve com a sua divina providência: «Fazeis irromper as fontes nos rios... a elas vão beber todos os animais dos campos, nelas matam a sede os veados dos montes. Os pássaros do céu vêm morar nas suas margens... fazeis brotar a erva para o gado e as plantas úteis para os homens... a cegonha constrói a sua casa nos ciprestes. Os altos montes dão abrigo às cabras e os rochedos aos animais roedores... Senhor, quão numerosas são as vossas obras, todas elas são fruto da Vossa sabedoria! A terra está cheia das vossas criaturas... Todas elas esperam que lhes deis de comer a seu tempo. Vós dais-lhes e eles o recolhem, abris a vossa mão e saciam-se de bens. Se escondéis o Vosso rosto, perturbam-se; se lhes tirais o seu alento, perecem» (v. 10-29). Por isso o Salmista exclama: «Quero cantar ao Senhor enquanto viver, quero celebrar o meu Deus enquanto existir» (v.32).

No século IV, o bispo João Crisóstomo espantava-se que, diante de tantas evidências da *terna, solícita e apaixonada* providência de Deus para com as suas criaturas, alguém ainda pudesse duvidar. Eis as palavras que fazem justiça ao seu nome – João Crisóstomo, traduzido à letra, João Boca-de-Ouro – : «Então, tu que tens tantas provas da sua providência... tu ainda duvidas? Não coloques portanto questões indiscretas, sabendo bem que tu tens um mestre que é mais terno do que um pai, mais cheio de solicitude do que uma mãe, mais apaixonado do que um jovem esposo ou uma jovem esposa, pensando que o seu próprio repouso é a tua salvação..., mostrando todas as formas de amor que um pai tem pelos seus filhos, a mãe pelos seus



pequenos, o jardineiro pelas suas plantas, o arquitecto pela sua obra, o esposo recentemente casado pela sua esposa, o jovem homem pela jovem mulher, um amor que quer afastar de ti todos os males tanto quanto o oriente está longe do ocidente, tanto quanto o céu está acima da terra ... e mais ainda, não só isso tudo, mas mais do que isso tudo... A sua providência é impossível de explicar, incompreensível é a sua solicitude, indizível é a sua bondade, impossível de descortinar é o seu amor»<sup>32</sup>.

Em suma, a fé em Deus é inseparável da fé em Deus Criador e a fé em Deus Criador é inseparável da fé na providência divina, descrita pela filosofia e pela teologia clássicas em termos de *criação contínua*, que pretende exprimir o agir constante de Deus na sua obra<sup>33</sup>: Ele condu-la, sustenta-a e toda a renovação que acontece é concretização do seu desígnio e do seu poder criador.

Não se veja neste tom doxológico qualquer arrogância fideísta, indiferente, insensível ou mesmo ignorante das abordagens e das teorias científicas do mundo. Como diz Christoph Schönborn, arcebispo de Viena e primaz da Áustria, a criação contínua não se pode «medir através de métodos empíricos», mas deve haver alguma «ressonância» entre a criação contínua confessada e «a realidade que é objecto das ciências naturais»<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> Jean CRISOSTOME, *Sur la Providence de Dieu*, op. cit., 141.

<sup>33</sup> «Criação actual», contínua, por vezes interpretada no sentido de que Deus interviria para de certo modo reparar, melhorar, reajustar a posteriori a sua criação. Denunciando esta deturpação, Christoph Schönborn escreve: «Se a acção presente do Criador é compreendida como uma espécie de melhoramento, é compreensível que se queira fazê-lo intervir somente onde subsistem lacunas no conhecimento, como um «tapa-lacunas» nos domínios que o saber científico ainda não explora», in Christoph SCHÖNBORN, *Hasard ou plan de Dieu? La Création et l'Évolution vues à la lumière de la Foi et de la Raison*, Cerf, Paris, 2010, 72. Este recente livro do Cardeal Schönborn – tentativa de desfazer mal-entendidos e violentas polémicas suscitadas por um seu artigo publicado no dia 7 de Julho de 2005 no New York Times – constitui, em minha opinião, um dos melhores contributos de **divulgação** da reflexão teológica na Europa, nos últimos anos, para desmistificar a persistente mas inconsistente ideologia que opõe ciência e fé, no que respeita concretamente, aos discursos religiosos e científicos sobre a origem, os começos e a evolução do cosmos. Um outro contributo capital, pouco conhecido em Portugal, vem-nos da teologia da América do Norte. John Haugt, desde há algumas décadas, centra a sua investigação teológica nos encontros e desencontros entre a fé e a ciência. Destacamos alguns títulos, como sugestão de referência: John HAUGT, *Cristianismo e Evolucionismo em 101 perguntas e respostas*, Gradiva, Lisboa, 2009; *Deeper than Darwin. The prospect for Religion in the Age of Evolution*, Westview Press, Oxford, 2004; *The promise nature. Ecology and cosmic purpose*, Paulist Press, 1993.

<sup>34</sup> Christoph SCHÖNBORN, *Hasard ou plan de Dieu?...*, op. cit., 67.

Todos, uns mais, outros menos, temos um conhecimento prático, mesmo que estereotipado, dos discursos científicos – do Big Bang a Charles Darwin – sobre o começo do universo e a sua evolução até à figura cósmica actual. Não vamos equacionar aqui o debate entre a fé e a ciência ou, concretamente, a problemática da conciliação ou inconciliação entre a abordagem do cosmos como criação e do cosmos como evolução. Mesmo assim, recolocamos a questão, tão simples e tão claramente formulada pelo Cardeal Shönborn: «em que é que o facto de acreditar que o Universo tem um Criador poderá ser obstáculo para a ciência? Em que é que a ciência poderia ser travada se ela concebesse as suas investigações, as suas descobertas, a elaboração das suas teorias como um ‘estudo do livro da Criação’?»<sup>35</sup> E sugerimos a resposta, sem lugar a equívocos, dada pelo Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. No nº 36 podemos ler que a investigação científica, em qualquer campo do saber, quando desenvolvida segundo uma metodologia verdadeiramente científica e deontologicamente adequada, nunca estará em oposição à fé, já que todas as realidades, sejam as da ciência, sejam as da fé, provêm do mesmo e único Deus<sup>36</sup>.

Podemos ainda ir mais longe. Contrariamente ao preconceito que fez e faz escola de que a fé está associada a obscurantismo e ignorância, a confissão de fé em Deus Criador não se substancializa diante da ignorância das coisas,

---

<sup>35</sup> *Ibidem*, 16.

<sup>36</sup> «No entanto, muitos dos nossos contemporâneos parecem temer que a íntima ligação entre a actividade humana e a religião constitua um obstáculo para a autonomia dos homens, das sociedades ou das ciências. Se por autonomia das realidades terrenas se entende que as coisas criadas e as próprias sociedades têm leis e valores próprios, que o homem irá gradualmente descobrindo, utilizando e organizando, é perfeitamente legítimo exigir tal autonomia. Para além de ser uma exigência dos homens do nosso tempo, trata-se de algo inteiramente de acordo com a vontade do Criador. Pois, em virtude do próprio facto da criação, todas as coisas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias, que o homem deve respeitar, reconhecendo os métodos peculiares de cada ciência e arte. Por esta razão, a investigação metódica em todos os campos do saber, quando levada a cabo de um modo verdadeiramente científico e segundo as normas morais, nunca será realmente oposta à fé, já que as realidades profanas e as da fé têm origem no mesmo Deus. Antes, quem se esforça com humildade e constância por perscrutar os segredos da natureza, é, mesmo quando disso não tem consciência, como que conduzido pela mão de Deus, o qual sustenta as coisas e as faz ser o que são. Seja permitido, por isso, deplorar certas atitudes de espírito que não faltaram entre os mesmos cristãos, por não reconhecerem suficientemente a legítima autonomia da ciência e que, pelas disputas e controvérsias a que deram origem, levaram muitos espíritos a pensar que a fé e a ciência eram incompatíveis» (*Gaudium et Spes*, nº 36).

antes se substancializa precisamente quando o conhecimento é mais vasto e profundo. Neste sentido, uma correcta abordagem da realidade deveria colocar a questão de Deus não diante do que se ignora e que não se explica (onde haveria aparentemente lugar para Deus), mas diante do conhecimento e do saber acumulado ao longo dos milénios, que nos espanta e maravilha.

Inevitável é a questão: «qual a razão de tudo isto?»<sup>37</sup>. O que sabemos é que houve um tempo em que o mundo material, que hoje conhecemos, não existia; o mesmo é dizer que, nada do que existe *materialmente* existe *necessariamente*. A esta condição existencial, a filosofia chama *contingência, não-necessidade*, que suscita uma interrogação imediata: «então, o que nos faz existir?»<sup>38</sup>. O que sabemos é que «a força de conservação no ser» não pode ser uma força contingente, finita, limitada, mensurável, cuja própria sustentação no ser dependa de uma outra força. «É necessário que seja uma força absoluta, transcendendo o tempo, infinita. Estas qualidades caracterizam o Ser divino»<sup>39</sup>, conclui Christoph Schönborn.

Este raciocínio indutivo subjaz à confissão de fé em Deus Criador, que conserva as criaturas no ser, cuida-as e sustenta-as num processo de criação transcendente e permanente: «Se lhes retirais o seu alento perecem, e voltam ao pó de onde saíram», diz o Salmista, deslumbrado com a força criadora divina que atravessa o universo. Universo, realidade criada, através do qual o Criador se dá a conhecer e que dá a conhecer o Criador não como um qualquer criador de uma obra, seja ela extraordinária, que depois de concluída a deixa entregue a si mesma, restando simplesmente o vínculo de autor, mas como o Criador actual, que cuida e governa as suas criaturas com a Sua providência permanente e concreta (Mt 6,25-34), na aventura da plenitude de um Amor possível.

A afirmação da providência de Deus ainda se desdobra numa outra linha semântica. Não significa somente que Deus opera em permanência, mantendo as criaturas no ser; significa que Deus não só sustenta o *ser*, mas também sustenta o *fazer*; ou seja, a existência de todas as coisas é conduzida

---

<sup>37</sup> Cf. Christoph SCHÖNBORN, *Hasard ou plan de Dieu?...*, op. cit., 72-73.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 73-74.

por Ele, como o *fazer* de todas as coisas o é também<sup>40</sup>. Ora, este modo de relação originário de Deus com a criação, para além dos problemas sérios que a teodiceia coloca, suscita naturalmente a questão da real autonomia do ser humano.

Em jeito conclusivo, esboçaremos algumas pistas para pensar a liberdade humana que aceita posicionar-se diante de uma outra liberdade, originária e fundante, a de Deus Criador.

### ***Providência divina e liberdade humana***

Muitas foram as controvérsias sobre a relação entre a graça providente de Deus e a liberdade humana, que marcaram os dois últimos milénios da história do cristianismo<sup>41</sup>. Na génese encontra-se sempre, mesmo que expresso de modos diversos, o receio de que a graça de Deus operante no mundo entrave, limite, reduza ou mesmo aniquile a liberdade da criatura humana. Que imagem de Deus está subjacente a este receio? Que ideia de providência divina? O que sabemos dizer é, simplesmente, que a ideia de providência divina perderia todo o sentido religioso e espiritual autêntico se, de alguma maneira, obstaculizasse ao exercício da liberdade humana e fechasse os caminhos da sua responsabilidade, em vez de os manter abertos em toda a sua exigência<sup>42</sup>.

A relação entre a providência divina e a liberdade humana «não é de antítese, mas de comunhão no amor»; amor este que é liberdade e que liberta. Não se trata, portanto, de um confronto de liberdades mas, bem pelo contrário, de um encontro de liberdades – da liberdade fundante e da liberdade fundada – animado pela tensão escatológica para a plenitude da relação.

Em rigor, falar-se em liberdade e autonomia das criaturas só assume consistência na medida em que se reconhece que elas procedem da liberdade criadora de Deus. «Elas têm uma existência e uma subsistência que lhes é

---

<sup>40</sup> Cf. *Ibidem*, 74.

<sup>41</sup> Destacam-se a controvérsia pelagiana no século V e a controvérsia protestante no século XVI.

<sup>42</sup> Cf. Pierre-Jean LABARRIÈRE, *Providence*, in *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, op. cit., 2466.

própria, porque elas são queridas por Deus»<sup>43</sup>. Por isso, esta autonomia e liberdade criadas têm tanta mais consistência e plenitude de sentido quanto se remetem à liberdade criadora de quem recebem a essência e a existência. Que força ou dinamismo, ou criatura, por mais poderosa que seja na contingência cósmica, pode justificar e garantir a sua própria autonomia?

Assim, ao contrário do que a ideia de providência possa à primeira vista induzir, ela não veicula uma má notícia para a autonomia do criado, antes, pelo contrário, constitui uma boa notícia. Ela manifesta-se precisamente na autonomia das criaturas, mostrando que, concretamente, o ser humano não está entregue a si próprio e à mercê das forças cegas da evolução, como certas correntes materialistas defendem. Diante destas, a providência divina constitui-se como «a fundamental e definitiva *garantia do homem e da sua liberdade no cosmos*»<sup>44</sup>, diz João Paulo II.

A fé na providência divina abre ao ser humano horizontes de sentido existencial soberanos relativamente aos determinismos materialistas que derivam das leis intrínsecas da natureza. Quer dizer que «o homem pode enfrentar a sua existência de modo essencialmente diverso, quando tem certeza de não estar sob o domínio de um destino cego (*fatum*), antes depende de Alguém que é seu Criador e Pai»<sup>45</sup>. Inscrevendo-se nesta linha de pensamento, Christoph Schönborn diz não conhecer nenhuma outra doutrina que ligue de forma tão consistente a «dependência de todas as criaturas relativamente ao seu Criador e a autonomia das criaturas»<sup>46</sup>. Ou seja, este vínculo amoroso no qual e pelo qual a dependência se faz liberdade só é possível porque Deus cria tudo em soberana liberdade. Só uma liberdade soberana, a liberdade de Deus criador, cria liberdades capazes de recusar o seu fundamento. Num desígnio libérrimo, no seu «amor auto-oblativo», Deus cria «criaturas capazes de ateísmo», «capazes de O negar», diria Emmanuel Lévinas.

<sup>43</sup> Christoph SCHÖNBORN, *Hasard ou plan de Dieu?...*, op. cit., 40. «Devemos admirá-l'O e louvá-l'O, não porque Ele criou... mas porque Ele não tinha qualquer necessidade de nós. Eis o sinal admirável da sua bondade: sem ter necessidade do nosso serviço, chamou-nos a ser... somente por amor Ele nos chamou a ser», in Jean Crisostome, *Sur la Providence de Dieu*, Sources Chrétiennes, 79, 131.

<sup>44</sup> JOÃO PAULO II, *Creo en Dios Padre. Catequesis sobre el Credo*, op. cit., 227.

<sup>45</sup> *Ibidem*, 227-228.

<sup>46</sup> Christoph SCHÖNBORN, *Hasard ou plan de Dieu?...*, op. cit., 40.

No momento de concluir, as palavras de Lévinas fazem-nos reencontrar o ponto de partida desta meditação sobre Deus e sobre o seu amor «auto-oblativo e promissor», que envolve o universo. Começámos, então, por dizer quão difícil se tornou no nosso tempo reconhecer sinais da presença de Deus e da sua providência. Dizíamos que esta dificuldade se traduz numa atitude intelectual e prática de indiferença e de abandono de Deus.

Tal diagnóstico coloca-nos num outro horizonte de compreensão da providência; não já da providência divina para com as suas criaturas, mas da providência humana para com o seu Criador. Criado à imagem e semelhança de Deus, o ser humano recebe um cosmos para contemplar, cultivar e cuidar; poderíamos dizer que Deus convida o ser humano a ser providente com o cosmos e com todas as criaturas que nele habitam, à imagem da sua divina providência. Podemos perceber aqui todo um ponto de partida para pensar a questão da crise ecológica actual. Fica a intuição em aberto. Por agora limitamo-nos a sublinhar a importância legítima de se pensar a providência humana para com Deus.

«Temos de tomar conta de Deus», diz uma mulher ao jornalista que a interroga depois da missa dominical na Igreja da Ribeira Brava, na Madeira, logo a seguir às trágicas inundações do dia 20 de Fevereiro de 2010. Perdida a família, os amigos e os bens, a tragédia é de tal ordem que nem Deus parece escapar; como se esta mulher dissesse: resta-nos tomar conta de Deus para que também Ele não desapareça ou para que, perdidos de tanto, não nos percamos também Dele, de quem ainda nos vem uma luz de promessa e de esperança. Neste mesmo sentido, ousou com respeito e humildade interpretar também aquele outro grito de uma mulher num dos acampamentos montados em Port-au-Prince após o terrível sismo no Haiti, em Janeiro passado: «Nous appelons Dieu; et plus, il n'a plus personne d'autre» – «chamamos por Deus; não há mais ninguém para além d'Ele».

Outra mulher, Etty Hillesum, morta no campo de concentração de Auschwitz, escrevia pouco tempo antes de ser para lá conduzida durante a Segunda Guerra Mundial: «São tempos temerosos...vou ajudar-te, Deus, a não me abandonares. Apesar de eu não poder garantir nada com antecedência. Mas torna-se-me cada vez mais claro o seguinte: que tu não nos podes

ajudar, que nós é que temos de te ajudar, e ajudando-te, ajudamo-nos a nós próprios. E esta é a única coisa que podemos preservar nestes tempos, e também a única que importa: uma parte de ti em nós, Deus. E talvez possamos ajudar a pôr-te a descoberto nos corações atormentados de outros»<sup>47</sup>. Etty insiste na ideia de que é Deus que precisa de ajuda para não ser banido completamente do mundo, e ficarem os humanos entregues uns aos outros, sem ninguém de onde lhes possa vir um auxílio ou uma esperança. Nada à sua volta revela já vestígios de Deus. Mas Etty sente que há ainda a esperança de que Deus resista no coração dos que n'Ele crêem e O acolhem; só que isso não depende de Deus, depende da providência humana para com Deus; depende da decisão de cada mulher e de cada homem de tomar conta de Deus: «E quase a cada batida do coração, torna-se-me isto mais nítido: que tu não nos podes ajudar, que nós devemos ajudar-te e que a morada em nós onde tu resides tem de ser defendida até às últimas»<sup>48</sup>.

Para Etty é já impensável cuidar dos outros ou acreditar que não será engolida pelo horror voraz da guerra. Confessa: «Não tenho grandes ilusões acerca da verdadeira situação e até mesmo à pretensão de ajudar os outros eu renuncio»<sup>49</sup>. Resta-lhe ajudar Deus, para que ajudando Deus a permanecer em si possa reencontrar a capacidade para se comprometer e ajudar os outros: «Hei-de partir sempre do princípio de ajudar Deus tanto quanto possível e se conseguir, pois bem, nesse caso também estou disponível para outros»<sup>50</sup>. Etty sente a intrínseca necessidade de que Deus não desapareça da sua vida, mas tem consciência de que isso depende mais de si do que de Deus, repetindo-o de diversos modos e em diferentes momentos: «Gosto de me sentir abrigada e segura, mas não irei revoltar-me se for exposta ao relento, desde que seja pela Tua mão. Hei-de acompanhar-te sempre guiada pela tua mão e tentarei não ter medo. Hei-de tentar irradiar algo do amor, do verdadeiro amor ao próximo, que tenho dentro de mim, onde quer que eu esteja.»<sup>51</sup> Etty percebe que não deve esperar de Deus aquilo que deve esperar

<sup>47</sup> Etty HILLESUM, *Diário. 1914-1943*, Assírio e Alvim, 20082, 351-352.

<sup>48</sup> *Ibidem*, 252.

<sup>49</sup> *Ibidem*, 246.

<sup>50</sup> *Ibidem*.

<sup>51</sup> *Ibidem*, 139-140.

de si própria; percebe, no mesmo rasgo, que também não pode colocar tudo nos seus ombros, ignorando a ajuda de Deus. Seria uma carga insuportável, demasiado pesada.

Enfim, Etty compreende que o mal moral que domina o mundo com as suas forças destrutivas não é uma inevitabilidade; está aí, mas podia não estar porque ele resulta das opções dos seres criados livres. Por isso, ela ainda diz: «Não é Deus que nos deve explicações, mas nós a ele... E Deus também não nos deve explicações pelas coisas sem sentido que nós próprios fazemos; somos nós quem tem de dar explicações»<sup>52</sup>.

E Deus? Deus envolve eternamente todas e cada uma das suas criaturas no seu amor mais forte e solícito do que o de um pai, mais doce e íntimo do que o de uma mãe. E mesmo que nós O abandonemos, Ele jamais «nos abandona à solidão dos nossos sofrimentos; mantém-se junto a nós, sofrendo com a nossa falta de ser, sofrendo com as nossas resistências ao seu apelo, com todas as nossas fraquezas e quedas, com as nossas recaídas no nada, consentindo a não intervir para não entravar o crescimento da nossa liberdade, mas agindo poderosamente, inspirando-nos a amá-l'O... se Ele é impotente para agir na história, é porque Ele está em carência de nós, porque Ele espera que nós assumamos a nossa liberdade»<sup>53</sup>.

Pertence a nós decidir.

---

<sup>52</sup> *Ibidem*, 211.

<sup>53</sup> Citado in Geneviève MÉDEVIELLE (dir.), *Les fins dernières*, Desclée de Brouwer, Paris, 2008, 105.



## *Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus*

*Carlos Cabecinhas*

No centro do Símbolo da Fé ou Credo, a segunda parte, a mais longa, proclama a nossa fé em Jesus Cristo, Filho de Deus.

Dizer que acreditamos em «Jesus Cristo» é já uma profissão de fé. Não se trata de um nome composto: «Cristo» é o termo grego que traduz o hebraico «Messias», que quer dizer «ungido», ungido pelo Espírito de Deus. «Cristo» torna-se nome próprio de Jesus porque Ele cumpre perfeitamente a missão divina que tal nome significa; n'Ele se cumprem as promessas de salvação do Antigo Testamento. Dizer «Jesus Cristo» equivale a afirmar que «Jesus é o Cristo», isto é, aquele homem concreto, Jesus de Nazaré, que viveu, na Palestina, há cerca de 2000 anos, é o Cristo, o Messias, o Ungido de Deus, numa palavra, o Salvador. A esta afirmação de fé, junta-se uma outra: o reconhecimento de Jesus como Senhor, título atribuído a Jesus ressuscitado e glorificado. Na tradução grega do Antigo Testamento, «Senhor» era o nome mais habitual para designar o Deus de Israel. Ao designar Jesus como Senhor, as primeiras gerações cristãs afirmam a sua condição divina (Fil 2, 6), a sua divindade. É contudo o título de Filho de Deus que se impõe, na confissão de fé cristã, como «categoria cristológica suprema»<sup>1</sup>, que tanto põe em destaque a sua natureza divina como a sua relação com o Pai. Enfatiza quer a relação filial (Filho) quer a sua divindade (de Deus).

A origem deste título deve procurar-se não na cultura envolvente, que aceitava a existência de homens filhos dos deuses, mas no contexto estritamente monoteísta do judaísmo. O Antigo Testamento usa, por vezes, a designação de filho de Deus para exprimir uma especial relação de algumas pessoas com Deus, como acontecia com o rei; e o próprio povo é considerado filho de Deus. Porém, nos escritos do Novo Testamento, a expressão

---

<sup>1</sup> O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, Madrid 2001, p.372.

«Filho de Deus» aplicada a Jesus adquire um sentido totalmente novo. Em toda a sua acção e nas suas palavras se descobre que Jesus acreditava que Deus era seu Pai num sentido único e excepcional. Embora nunca aplique a si mesmo o título «Filho de Deus», Jesus apresenta-se como alguém maior que todos os profetas (Mt 12, 41; Lc 10, 24; Jo 8, 56); reclama ter autoridade até para corrigir a Lei de Moisés e para questionar algumas das mais sagradas instituições judaicas, como o sábado e o templo (Mt 12, 6.8); perdoa os pecados, prerrogativa exclusiva de Deus (Mt 9, 2; Mc 2, 1; Lc 5, 17). Mas é sobretudo no modo como exprime a sua relação com o Pai que emerge mais claramente esta consciência de ser Filho de Deus. Designa-se a si mesmo como Filho e chama a Deus seu Pai. De maneira absoluta, diz sempre «meu Pai» (Mc 14,36 e paral.; Mt 11, 25 e paral.) e «vosso Pai» (Lc 6, 36; 12.30-32), «vosso Pai celeste» (Mc 11, 25 e paral.; Mt 23, 9) ou ainda «meu Pai e vosso Pai» (Jo 20, 17). Jesus tem pois clara consciência de ser Filho de Deus de um modo único e irrepetível.

É na Páscoa de Jesus Cristo que «se realiza plenamente no mundo e se revela a paternidade de Deus a respeito do seu Filho único. Daí brota para o mundo o Espírito da filiação divina»<sup>2</sup>. O ponto de partida da fé e da reflexão cristã é a Páscoa, a ressurreição do Crucificado. É sempre à luz da Páscoa de Cristo que podemos reflectir sobre a sua filiação divina e sobre o mistério da sua encarnação.

### ***Filho de Deus***

Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Filho amado, o Unigénito. O Filho é sempre relativo ao Pai; o que O caracteriza é a filiação. O termo «Filho» é um termo relacional: sendo Filho, só pode actuar a partir do Pai, isto é, d'Aquele que O faz ser o que é. Por isso, no Evangelho de São João, Jesus afirma acerca de si próprio que «o Filho, por si mesmo, não pode fazer nada» (Jo 5, 19.30). «Se no Pai reside a manancialidade do amor, no Filho é posta a receptividade do amor. O Filho é acolhimento puro, eterna obediência de

---

<sup>2</sup> F.-X. DURRWELL, *Nuestro Padre, Dios en su misterio*, Salamanca 1992, p.9. F.-X. DURRWELL, *El Espíritu Santo en la Iglesia*, Salamanca 1990, p.11: «Fora de Cristo e da sua Páscoa, nem o Pai é conhecido na sua paternidade, nem o Espírito em quem o Pai gera, em quem é gerado o Filho».

amor»<sup>3</sup>. A afirmação do quarto Evangelho referida anteriormente completa-se com uma outra afirmação de Jesus acerca da sua relação com o Pai: «Eu e o Pai somos um» (Jo 10, 30). O Filho não é absolutamente nada por si e por isso mesmo é totalmente um com o Pai; não sendo nada fora do Pai e não contrapondo nada ao Pai que seja exclusivamente seu, não reservando nenhum espaço ao próprio eu, o Filho é totalmente igual ao Pai<sup>4</sup>.

Nesta unidade e igualdade, também a vontade do Filho se identifica totalmente com o querer do Pai. A obediência do Filho mais não é que o pleno consentimento da sua liberdade e do seu amor à vontade do Pai.

Só o Filho «conhece» verdadeiramente o Pai: «Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o queira revelar» (Mt 11, 27; cf. Lc 10, 21-22). O conhecimento requer sempre alguma forma de igualdade: o verdadeiro conhecimento de Deus pressupõe a comunhão com Deus, a unidade com Deus. Por isso, só o Filho conhece o Pai, e todo o verdadeiro conhecimento do Pai só pode ser participação no conhecimento do Filho, só por Ele pode ser revelado<sup>5</sup>.

O Filho é aquele que é a partir de Outro, o Pai. Nesta sua pura receptividade, o Filho é aquele no qual o Pai plenamente se comunica e exprime, a plena expressão e comunicação do Pai, o Verbo, a Palavra. A palavra é essencialmente algo que vem «de um outro» e é dirigido «para um outro». Assim, enquanto Verbo de Deus, o Filho é totalmente «a partir de» e «dirigido para». É neste amor plenamente receptivo, que o Filho é o fundamento imanente da comunicação de si absolutamente livre e gratuita que Deus realiza criando o mundo e enviando o seu próprio Filho ao mundo. O Filho é o enviado do Pai: um só com Aquele que O envia. E mais uma vez, o ser do Filho se revela como ser «a partir de» e ser «dirigido para», isto é, como radical e total abertura.

Aquele que desde o princípio existe junto do Pai (cf. Jo 1, 1) está na origem de toda a criação: «Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. n'Ele é que estava a Vida de tudo o que veio

<sup>3</sup> B. FORTE, *A Trindade como história. Ensaio sobre o Deus cristão*, São Paulo 1987, p.104.

<sup>4</sup> Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao cristianismo. Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, Cascais 2000, 134.

<sup>5</sup> Cf. J. RATZINGER – BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Lisboa 2007, p.119-120.

a existir.» (Jo 1, 3-4). «Se no próprio Deus – a fim de que Ele possa ser chamado Amor – tem que haver Um e Outro e a sua união, então é ‘muito bom’ que exista outro (...) O outro é, em primeiro lugar, o Filho e, por isso, outros seres só podem ser criados no Filho»<sup>6</sup>. É esse mistério que S. Paulo exprime de forma poética: «É Ele a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi n’Ele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis, os Tronos e as Dominações, os Poderes e as Autoridades, todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele. Ele é anterior a todas as coisas e todas elas subsistem n’Ele» (Col 1, 15-17).

### ***Filho de Deus feito homem: o Deus-connosco***

A radical abertura que define o Filho conduz à Encarnação; enviado pelo Pai, «por nós homens e para nossa salvação», o Filho de Deus «desceu dos céus e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem», em tudo igual a nós, excepto no pecado (cf. Heb 4, 5). Em Jesus Cristo, Deus torna-Se humano sem deixar de ser Deus: totalmente Deus e totalmente homem. «N’Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída» (GS 22). A história humana, da qual Jesus Cristo é «a chave, o centro e o fim» (GS 10), torna-se também história de Deus.

Este mistério, no Novo Testamento, é expresso com linguagens muito diversas. O Evangelho de S. João proclama solenemente: «o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14). A Encarnação constitui o momento culminante e decisivo das relações de salvação e revelação de Deus com a humanidade e com toda a criação.

S. Paulo recorre à linguagem hímnica, apresentando a vinda do Filho ao mundo como acto de «abaixamento», de humilhação, num movimento que vai da Encarnação à morte e ressurreição de Jesus e à sua glorificação: «Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo,

---

<sup>6</sup> H.U. VON BALTHASAR, *Credo. Meditações sobre o Símbolo dos Apóstolos*, Coimbra s.d., p.40.

ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2, 6-8).

A Carta aos Hebreus, de forma majestosa, apresenta a Encarnação como ponto culminante de uma preparação divina de vários séculos: «Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo. Este Filho, que é resplendor da sua glória e imagem fiel da sua substância e que tudo sustenta com a sua palavra poderosa, depois de ter realizado a purificação dos pecados, sentou-se à direita da Majestade nas alturas» (Heb 1, 1-3).

O Filho de Deus faz-se homem por amor e para que conheçamos o amor do Pai (cf. 1 Jo 3, 16; 4, 9). Deus não foi forçado a vir até nós de forma tão extrema, mas quis assim manifestar-nos o seu amor. «Não foi a miséria humana que forçou Deus a manifestar-Se na carne, mas o seu próprio amor, livre e gratuito»<sup>7</sup>. Em Jesus Cristo, o amor de Deus assumiu rosto humano, para nos revelar a nossa dignidade de filhos de Deus, de filhos no Filho, e para nos fazer participar na sua vida divina, ou, como afirma a tradição eclesial, o Filho de Deus fez-se homem para que nós possamos tornar-nos «divinos».

### ***Filhos no Filho***

Deus faz-se um de nós e Deus-connosco, para nos revelar a verdade da nossa condição de filhos de Deus: «o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente» (GS 22). Todos somos chamados a «ser filhos no Filho» (cf. Gal 4, 4-8). Em Jesus Cristo, Filho de Deus, temos a definição da nossa própria vocação de filhos e, conseqüentemente, de irmãos. A filiação, porém, é um conceito dinâmico: ainda não somos perfeitamente filhos de Deus, mas o dom do Espírito do Filho capacita-nos para viver e realizar em plenitude esta vocação.

Pelo Baptismo, o cristão é uma nova criatura (Gal 5, 6; 6, 15; 2 Cor 5, 17) e essa nova condição exprime-se na comunhão com Cristo: o cristão é filho de Deus Pai em Cristo e por Cristo, por acção do Espírito Santo. Não

<sup>7</sup> J. MOLTMANN, *A alegria de ser livre*, Apelação 1974, p.57.

se trata de uma mera metáfora: a filiação divina do cristão tem carácter ontológico. A vida do cristão é, pois, um novo modo de ser, que encontra o seu modelo em Jesus Cristo e na sua condição de Filho de Deus<sup>8</sup>. No Evangelho de S. João, paralelamente à afirmação «não pode o Filho fazer nada por si mesmo» (Jo 5, 19.30), que se refere ao Jesus Cristo, afirma-se, acerca dos seus discípulos: «sem Mim nada podeis fazer» (Jo 15, 5). Assim, a existência cristã com Cristo é colocada sob a égide da relação. E, paralelamente à consequência que faz com que Cristo afirme «Eu e o Pai somos um» (Jo 10, 30), lê-se a sua súplica: «para que sejam um, assim como Nós» (Jo 17, 11.22). A diferença significativa em relação a Cristo revela-se no facto de que a união com Cristo não é expressa no indicativo, como facto consumado, mas sim sob a forma de súplica.

Ser cristão significa ser como o Filho: não persistir para si e em si, mas sim viver totalmente aberto na relação «a partir de» Deus e na «d direcção» dos irmãos. «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 13, 20; 17, 18; 20, 21). A essência da vida cristã consiste, assim, em aceitar e viver a existência como relacionalidade vertical e horizontal.

Se a filiação define o ser do cristão, o seu agir deve corresponder a esta condição de filho de Deus<sup>9</sup>. Se o cristão é filho do Pai de modo análogo a Cristo, o seu agir deve brotar dessa raiz filial e todo o seu proceder deverá ser filial, sempre orientado para o Pai e a sua vontade. As consequências aparecem nas páginas do Novo Testamento a cada passo. Antes de mais, a vida filial implica conhecer o Pai, não num sentido meramente intelectual, mas sobretudo existencial. O conhecimento do Pai significa «conhecimento-comunhão» com o Pai, comunhão com Aquele que é conhecido. Este conhecimento implica necessariamente o conhecimento experiencial do Filho: «ninguém vai ao Pai senão por Mim. Se me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai» (Jo 14, 7-8). Exprime-se no amor aos irmãos: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama

---

<sup>8</sup> Cf. RATZINGER, *Introdução ao cristianismo*, p.134-137.

<sup>9</sup> Cf. N. SILANES, «Vida cristiana», in *Diccionario Teológico «El Dios Cristiano»*, dir. X. Pikaza – N. Silanes, Salamanca 1992, p.1444-1458.

não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.» (1 Jo 4, 7-9). O amor busca a presença e companhia do amado. Se Deus Pai está sempre conosco, se estamos permanentemente na sua presença, pertence à nossa condição filial procurar, em cada momento, viver na presença de Deus Pai. O modo por excelência de procurar esta comunhão é a oração, como é igualmente o amor a Deus e ao próximo.

O conhecimento do Pai traduz-se em confiança filial n'Ele. Mas igualmente no esforço por cumprir sua vontade. A condição filial do cristão comporta uma total abertura ao Pai e à sua vontade, como Jesus, que qualifica a vontade do Pai como o seu alimento (cf. Jo 4, 34). Para todo o filho do Pai a única tarefa a realizar é o cumprimento da vontade do Pai.

A nossa condição filial implica ainda imitar o Pai. O cristão é desafiado a ser imagem viva de Deus seu Pai, conforme o convite de Jesus a imitar a bondade do Pai (cf. Mt 5, 43-48; 6, 1-13). S. Paulo tira a conclusão: «Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos bem amados, e procedei com amor, como também Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós como oferta e sacrifício de agradável odor» (Ef 5,1-2). Se «Deus é amor» (1 Jo 4, 8), os seus filhos adoptivos hão-de ser amor na sua vida de total entrega ao Pai e aos homens. Por isso, S. João caracteriza o cristão como aquele que permanece no amor (cf. 1 Jo 4, 16).

A vida filial significa igualmente configuração com o Filho, Jesus Cristo. Ser cristão é ser imagem do Filho, estar associado à sua filiação, manter com Deus uma relação de origem e semelhança análoga à do «Filho muito amado». Ser imagem de Cristo é pensar como Ele, amar como Ele, orar como Ele, agir como Ele... Na vida cristã, é Cristo que continua a viver nos seus.

Esta configuração com Cristo é consequência do seguimento do Mestre. O cristão é aquele que se faz seguidor e discípulo de Cristo, seu imitador. Seguimento e configuração com Cristo implicam a fé confiada em Jesus como Filho do Pai e irmão de todos os homens; implicam sempre a cruz e o dom total de si ao Pai.





# *Chamados pelo Espírito de Deus*

*Eduardo Borges de Pinho*

## *1. A fé como apelo e dom do Espírito*

A fé não é uma conquista feita por cada um de nós, consequência das nossas capacidades e fruto dos nossos méritos, mas é, antes de mais e sempre, dom de Deus no seu Espírito. É o Espírito Santo que nos dá a possibilidade de crer em Jesus Cristo, capacitando-nos para perceber o sentido da sua vida, morte e ressurreição e para aderir existencialmente ao seu Evangelho. Foi assim no início do Cristianismo – a fé definitiva dos primeiros discípulos nasceu no encontro com o Ressuscitado e na graça do Espírito – e é sempre assim ao longo dos tempos em cada história pessoal e comunitária de fé. Como se lê na Primeira Carta aos Coríntios, «ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’, senão pelo Espírito Santo» (1 Cor 12, 3).

A existência cristã assenta, pois, nesta consciência de que, no princípio da adesão de fé, quaisquer que sejam as circunstâncias de tempo e de espaço em que tal aconteça, está o amor gratuito de Deus, o agir de Deus que é Amor Criador, Amor Salvador e Amor Santificador (Pai, Filho e Espírito Santo). Não que – bem pelo contrário! – não seja indispensável a resposta humana, o empenho do mais profundo da nossa liberdade. Mas o ponto de partida, o pressuposto básico é sempre o reconhecimento de que, para prestar a adesão da fé, «é necessário – como se lê no nº 5 da Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II – o prévio auxílio da graça divina e o auxílio interior do Espírito Santo, que mova e converta a Deus o coração, abra os olhos do entendimento e dê ‘a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade’». E o mesmo documento conciliar acrescenta logo de seguida: «Para que a inteligência da revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os seus dons». Ressalta aqui o primado absoluto de Deus,

que toma a iniciativa de vir ao nosso encontro e impulsiona a pessoa a corresponder ao seu amor misericordioso.

Mas, afinal, que queremos dizer quando falamos do Espírito Santo? Estamos a falar do amor de Deus personificado que se dá para nos pôr em comunhão com a vida divina trinitária. Dentro do Mistério trinitário de Deus, o Espírito Santo é o próprio Deus como dom pessoal, é Deus no modo de dar-se a si mesmo, ou seja, como Amor. O Espírito Santo é Aquele que, como mediação permanente da acção do Pai e do Filho na história do mundo e no coração das pessoas, realiza e torna eficaz essa acção ao longo de toda a história da salvação. Dito ainda de outra maneira, o Espírito Santo é essa presença interior, permanente e salvífica de Deus no coração e na consciência de pessoas humanas que somos, abertas estruturalmente ao Mistério.

## ***2. O Espírito que fala na e pela comunidade***

Em virtude da sua ressurreição, Jesus dá o Espírito à comunidade dos crentes (cf. Lc 24, 49; Act 2, 33), a qual se torna assim expressão histórica, corporeidade visível do Senhor ressuscitado (realmente, «Corpo de Cristo»). Na sua identidade original e permanente de comunidade acolhedora da pessoa de Jesus e do dom da salvação que n'Ele acontece de forma definitiva, a Igreja é constituída verdadeiramente pelo dom do Espírito, pelo poder de Deus que renova os corações e torna possível uma nova maneira de viver, na comunhão com Deus e no amor fraterno. O Espírito Santo é o fundamento permanente da vida da Igreja, o agir de Deus que possibilita a fé comum e que dá identidade à existência cristã na fidelidade a Jesus, a presença actuante de Deus que torna eficazes a Palavra anunciada e os sinais sacramentais realizados, a força que possibilita a permanência na verdadeira fé ao longo das transformações e vicissitudes da história.

A chamada pessoal à fé acontece no seio da comunidade crente e exprime-se, antes de mais, numa vocação e missão comum a partir da graça baptismal/crismal como realidade básica do ser cristão. Todos os membros da Igreja são convocados e capacitados para serem testemunhas do Deus vivo no meio dos homens: pelo anúncio do Evangelho pela palavra e pela vida, pela celebração da fé no culto e nos sacramentos, pelo serviço dos outros

dentro e fora da comunidade eclesial. É uma chamada comum, a responder por cada cristão como «sujeito» activo da sua fé, num projecto pessoal de vida em processo de constante maturação.

É dentro desta vocação e missão comum que se concretiza e explicita a vocação específica de cada um, no lugar e com os dons que lhe são próprios. Nenhum cristão – sempre pressuposto um normal crescimento e amadurecimento da sua fé em liberdade e responsabilidade pessoais – pode considerar-se menos abrangido por esta convocação pessoal de Deus no seu Espírito ou eximir-se a esta responsabilidade indeclinável. O dom do Espírito não é, pois, privilégio concedido apenas a alguns, mas é dado a cada um dos membros da comunidade crente, na diversidade e riqueza de inúmeras expressões, experiências, testemunhos.

Desse modo, a vocação e missão específica do cristão configura-se e diversifica-se na fidelidade que acolhe e desenvolve os dons do Espírito na própria história de vida. O mesmo Espírito Santo que torna possível a adesão crente capacita cada cristão com carismas, ou seja, com dons em que se manifesta, individua e modaliza em cada um a graça de Deus. Por outras palavras, os carismas são a manifestação da plenitude e da diversidade do dom do Espírito à comunidade eclesial e a expressão do modo como essa acção do Espírito se concretiza e expande na existência cristã, tanto numa perspectiva de serviço à comunidade eclesial como em ordem à construção humana do mundo à luz de Deus.

Estamos a falar de dons que podem ter, ocasionalmente, um carácter extraordinário, mas que, mais habitualmente, são dons ordinários, comuns, que cada cristão é chamado a descobrir e a deixar frutificar no seu viver. A sua explicitação e o seu reconhecimento na vida de cada cristão têm a ver com diversos factores: a maturidade humana da pessoa, a fidelidade com que é vivida a existência crente, a consistência dos processos conducentes à maturidade cristã, a forma como a realidade eclesial se configura e dá espaço ao desenvolvimento vocacional das pessoas.

Desta dimensão carismática, desta realidade dos dons do Espírito como suporte vivencial da comunidade cristã resultam múltiplas realizações vocacionais, diversas formas de vida e espiritualidades, numa riqueza

complementar e num dinamismo de comunhão que só o Espírito torna possíveis. O Espírito Santo, que é a mútua relação de amor entre o Pai e o Filho e a actualização desse amor na história do mundo e no coração das pessoas, suscita na Igreja um espírito e uma prática de comunhão. Ou seja, possibilita a nossa participação na própria comunhão que Deus é no seu Mistério trinitário e uma nova relação de comunicação e amor mútuos entre os crentes. Como salienta a Encíclica *Ut unum sint*, nº 9, «a comunhão dos cristãos não é senão a manifestação neles daquela graça, pela qual Deus os torna participantes da sua própria comunhão, que é a vida eterna».

Mas é fundamental ter bem presente que o Espírito Santo como fonte de comunhão eclesial é, ao mesmo tempo, criador de unidade na diversidade. É o Espírito que conduz à unidade tantas realidades diversas, animando a sua pluralidade e dando-lhes coesão. O Espírito Santo une diversificando, possibilitando a experiência de uma pertença comum, apesar e no meio de todas as diferenças. Trata-se, pois, de uma unidade na legítima e indispensável diversidade: diversas vocações e pluralidade de expressões na única chamada à santidade; diversos carismas e ministérios; realizações eclesiais diferentes conforme os lugares, as culturas, as situações temporais.

### ***3. A voz interior do Espírito e suas expressões na vida cristã***

Porque toca nas profundezas do coração humano, esta presença e acção do Espírito suporta todo o caminhar na fé e faz amadurecer e frutificar a existência cristã em expressões de autenticidade humana e de santidade cristã. O Espírito Santo emerge assim como condição fundamental da existência crente em todas as suas dimensões. A existência «em Cristo» é vida sob a acção do Espírito, que torna verdadeiramente possível viver como filhos de Deus, encontrar caminhos da mais profunda e autêntica liberdade, experienciar o que tal significa como mais plena realização da nossa condição humana pelo acolhimento de Deus e sua graça: «De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai! Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus» (Rm 8, 14-16).

Assim, na força do Espírito a existência cristã procura caminhos de fidelidade, na escuta do que Deus concretamente lhe pede na sua situação de vida. O cristão insere-se numa tradição viva, da qual fazem parte dados fundacionais a receber, atitudes e orientações fundamentais de vida a acolher, indicações de comportamento concreto a seguir. Mas tudo isso só conduz ao verdadeiro seguimento de Jesus na força do Espírito Santo, que interpela, ilumina, guia e fortalece, ajudando a viver uma existência onde transpareça o que significa verdadeiramente o amor a Deus e ao próximo como núcleo programático determinante do Evangelho. É esta constante abertura interior à acção do Espírito que justifica, fundamenta, potencia a santidade de vida a que todo o cristão, também o cristão leigo, é chamado, como acentuou inequivocamente e de vários modos o Vaticano II: «O amor de Deus que ‘foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado’ (Rm 5, 5), torna os leigos capazes de exprimir em verdade, na própria vida, o espírito das bem-aventuranças» (Decreto sobre o Apostolado dos Leigos *Apostolicam actuositatem*, nº 4).

É também na abertura à acção do Espírito que o cristão, inserido na comunidade crente, toma consciência do que constitui a verdadeira fé e a interioriza, percebendo e expressando o que ela exige de si nas concretas situações da vida. De facto, com o dom da fé e na medida da sua fidelidade, cada crente é capacitado pelo Espírito para sintonizar existencialmente, no seu pensar e no seu agir, com a verdadeira fé da Igreja. Este sentido da fé (*sensus fidei*) dos crentes manifesta-se como uma percepção existencial, uma espécie de intuição que permite reconhecer e testemunhar a verdade da fé no quotidiano da vida, em comunhão com a Igreja inteira e seu magistério. Com esta capacitação interior, sustentada pela acção do Espírito de Deus, os crentes acolhem a verdadeira Palavra de Deus, aderem à fé na certeza da fidelidade fundamental da Igreja às suas raízes apostólicas, penetram mais profundamente na verdade da fé e no seu significado para todas as dimensões da vida (cf. Constituição Dogmática *Lumen gentium*, nº 12).

#### **4. O Espírito que nos interpela nos sinais dos tempos**

A existência cristã tem por fio condutor a leitura crente da vida quotidiana, procurando aí descobrir os sinais e as interpelações de Deus (a fé é, em última análise, procurar ver o mundo com os olhos de Deus e agir em consequência). Os pequenos e grandes acontecimentos de todos os dias, os processos de transformação da sociedade, as mutações culturais são lugares privilegiados de escuta e percepção do que Deus pede à Igreja e a cada cristão em particular, dentro da sua específica situação e responsabilidade nas circunstâncias históricas que tecem o seu viver.

O compromisso cristão no mundo é, assim, marcado pela exigência de sensibilidade às interpelações de cada momento histórico. É esta atenção aos sinais de Deus no meio dos acontecimentos do mundo que configura, dá forma concreta ao compromisso cristão, que é sempre envolvimento nas circunstâncias e nos limites de espaço e de tempo que condicionam o nosso viver. É aí – na actividade profissional, seu sentido e sua valoração existenciais; na vida familiar em todas as suas facetas e responsabilidades; na tarefa activa de transformação da sociedade; na atenção às necessidades quotidianas das pessoas; na sensibilidade aos dinamismos da história; na capacidade de arriscar opções e realizações concretas na consciência do carácter provisório de todas as mediações históricas – que o cristão é chamado a descobrir a vontade de Deus no seu próprio caminho irrepetível de vida. Para cada cristão, a pergunta concreta pela sua vocação e missão tem de ser, pois, a tentativa de discernir os dons que Deus lhe deu, de saber estar profundamente sensível às exigências do momento histórico (dos seres humanos, do seu meio, da Igreja) e de lhes procurar responder nas possibilidades reais da sua existência.

Esta atenção aos sinais de Deus na história coloca também a Igreja num dinamismo criativo, sob a exigência e o impulso de uma constante renovação. Como já se sublinhou, o Espírito não é um elemento acidental e exterior à Igreja, como se a Igreja pudesse existir sem a acção e a presença contínuas do Espírito Santo. Pelo contrário, ela é fruto, criação, construção do Espírito, que torna possível a autêntica fidelidade à verdade do Evangelho na diversidade de situações ao longo do caminhar histórico humano.

Na consciência disto mesmo entendemos melhor que, na Igreja, há necessariamente lugar para a liberdade criativa, para a capacidade inovadora, para a busca de respostas mais adequadas conforme as culturas, as épocas, os lugares. De certa forma, a Igreja nunca está totalmente feita, está a fazer-se num caminho que só termina no fim da história. Não se trata aqui nunca – como é óbvio – de «inventar» a Igreja: há valores evangélicos, princípios, orientações e estruturas fundamentais de que não se pode abdicar. Mas tem de haver, precisamente por razões de fidelidade num mundo que evolui e se transforma, capacidade criativa para se poder responder de modo mais autêntico aos desafios de cada situação e às interpelações das pessoas em cada época. Trata-se de inovar na fidelidade ao único e mesmo Evangelho, e isso tanto no que respeita à linguagem da fé como às estruturas eclesiais, no que se refere às formas de testemunho como às estruturas de ordem pastoral.

O cristão vê na presença e acção do Espírito a raiz, a fonte da certeza de que neste mundo, apesar de todas as suas opacidades, Deus continua presente com o seu amor, a sua misericórdia e o seu poder libertador. Ele vive, pois, uma fé animada pela esperança, aberta ao futuro de Deus connosco e seus caminhos insondáveis. Actualizando no presente o acontecimento da salvação, o Espírito Santo antecipa também de algum modo o que é esperança a realizar-se definitivamente no futuro, anima-nos constante e profundamente a viver o presente e a olhar para o futuro com a força da esperança cristã. Por mais complexas e difíceis que sejam as situações, o cristão sabe que não está sozinho na luta contra o mal, na construção de um mundo mais livre, justo e fraterno, no desenvolvimento de todas as potencialidades contidas num viver humano aberto à chamada e aos dons de Deus.

É também esta consciência, esta certeza da presença e acção do Espírito nos caminhos da história humana que faz com que a Igreja possa ser verdadeiramente missionária, testemunhando o significado do Evangelho para a humanização deste mundo. É a missão do Espírito que torna presente, eficaz e dinamicamente operante a salvação definitivamente consumada em Cristo, possibilitando que ela se alargue às dimensões universais do mundo e da história humana e se torne proposta efectiva e credível na vida das pessoas, nos condicionamentos próprios e diversos de ordem social, cultural e

existencial que as envolvem. Na abertura, pessoal e comunitária, ao Espírito Santo e seu contínuo agir na história dos homens, cada cristão e a Igreja no seu conjunto são chamados a ser «sacramento» do Amor misericordioso de Deus no meio do mundo, sinal e instrumento do plano salvífico de Deus, que quer a felicidade humana, a plena realização de cada um e de todos os seres humanos.



# *Senhor, eis-me aqui*

## *O acreditar como resposta*

*António Martins*

Quando alguém diz «Eis-me aqui/*ecce ego*» (Is 6,8) revela, por palavras, a sua disponibilidade existencial como resposta a um apelo prévio. Na presente reflexão, partimos de uma fenomenologia do amor humano, que responde amando porque se descobre e reconhece amado. Procuraremos depois sondar as Escrituras para identificar a fé como resposta de amor, pessoal e livre, do homem a Deus. Esta resposta do crente encontra na obediência de Cristo até à cruz o seu pleno cumprimento e o seu fundamento: Ele é o homem (*ecce homo*) que responde fiel e filialmente a Deus: «Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade/*ecce venio*» (Hb 10,7). Maria, a mulher virgem, esposa e mãe, consente que a Palavra de Deus nela se cumpra e todo o seu ser é resposta fiel: «Eis a serva do Senhor/*ecce ancila*» (Lc 1,38). Por isso ela é a figura profética já realizada e ao mesmo tempo por realizar da resposta de cada fiel e da Igreja inteira que Deus espera. Tendo como base estes fundamentos antropológico, bíblico, cristológico e mariológico, procuraremos, por último, apresentar os principais traços da aventura existencial de acreditar enquanto resposta de amor à dádiva do amor de Deus Pai revelado na paixão do Filho e interiorizado nos corações pelo dom do Espírito Santo: «Senhor, eis-me aqui».

### ***1. A existência humana como resposta primeira***

A existência humana cumpre-se como resposta, única, pessoal e possível, a desejos, projectos e desafios. Os acontecimentos do mundo e da nossa própria vida quotidiana são permanentes apelos a uma resposta de aceitação e de consentimento, ou de indignação, de protesto e de revolta. Cada um de

nós descobre-se, em sua originalidade de pessoa única e irrepetível, como um projecto de vida a cumprir, como um caminho a seguir. A resposta primeira de uma pessoa é o seu consentimento à vida, o seu acto de existir, a aceitação do seu ser como dádiva a cumprir-se no dom de si mesma. E necessitamos todos de uma vida inteira para dar cumprimento a esta resposta primeira, radical, original.

Existir é dar-se a si mesmo como resposta à convocação original de existir e de viver. «A primeira vocação é a vocação de ser; a primeira resposta, ser aí»<sup>1</sup>. A nossa responsabilidade é o cumprimento, na sucessão dos dias e dos acontecimentos, das contradições, dos apelos e das surpresas, daquela resposta radical e primeira que é o acto de existir e de dar consentimento à vida. Resposta que se cumpre no dom de nós próprios como reconhecimento e agradecimento ao excesso da gratuidade da vida que nos chega, para além de todas as nossas qualificações, competências ou capacidades. Responder é ser responsável pelo cumprimento de si mesmo, da sua existência como promessa de futuro.

A nossa resposta será sempre deficiente, porque ninguém é capaz de responder ao apelo de existir com uma completa disponibilidade de si mesmo, numa inteireza definitiva e realizada. A carência e o imperfeito, o mesmo é dizer a obscuridade e a ambiguidade, caracterizam a resposta que cada um dá de si mesmo, ou se dá a si mesmo como resposta, em cada etapa da sua vida. Descobrimos que somos um excesso de dádiva e que a nossa resposta será sempre deficiente e incompleta a esse apelo primeiro de existir. A possibilidade de responder transporta consigo a impossibilidade de uma plena correspondência, porque o acontecer da resposta estará sempre aquém do excesso de dom que a funda e a suscita. «Pois quem responde é excedido por aquilo a que responde»<sup>2</sup>.

A nossa comum experiência de crianças que aprendem a sorrir e a amar perante o sorriso e o amor das nossas mães ajuda-nos a perceber bem o realismo de que existimos como resposta a um apelo de amor que nos é dado. Antes de ser capaz de sorrir à sua mãe, que a estreita ao colo, uma criança já

---

<sup>1</sup> J.-L. CHRÉTIEN, *La llamada y la respuesta*, Madrid 1997, 34.

<sup>2</sup> J.-L. CHRÉTIEN, *La llamada y la respuesta*, 41.

foi tantas vezes chamada pelo sorriso da mãe, pela ternura e pelo afecto do amor materno que a ama e que a torna capaz de amar, respondendo a esse amor primeiro<sup>3</sup>. A capacidade de amar de uma pessoa é resposta ao amor com que foi amada e que primeiramente lhe foi dado. O amor desperta o amado, e esta capacidade de despertar desperta a própria capacidade de responder amando e sorrindo. A resposta de uma criança é precedida pelo dom do amor materno. O amor dado apela, desafia e suscita a resposta do amor, o amor consentido, recebido e correspondido. Por isso mesmo a experiência do amor materno pode muito bem ser utilizada na Escritura para revelar a ternura materna do próprio amor de Deus para com o seu povo: «Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto» (Os 11,4).

## ***2. Amando, o homem responde ao amor de Deus***

Afirma o Concílio Vaticano II: «Deus invisível, na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles para os convidar à comunhão com Ele» (DV 5). O falar divino não é somente revelação de Deus, é também revelação do homem. Falando ao homem, Deus não somente diz algo de si próprio; diz também quem é o homem para Deus. Deus fala de Si falando ao homem em sua própria linguagem e nos acontecimentos da sua história. A comunicação amorosa da vida divina ao homem apela a uma resposta de fé, a uma adesão por inteiro do homem a Deus: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6,5). O amor revelado e falante, o amor amante, suscita no amado que escuta uma resposta de amor, como expressão da sua aceitação e do seu consentimento com todo o seu ser.

O dinamismo da comunhão amorosa de Deus com o homem é uma iniciativa exclusiva e gratuita do próprio Deus: «Não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou» (1 Jo 4,10). Por isso, o amor primeiro, o amor do amante, é sempre graça incondicional que gratuitamente vem ao encontro do homem. Este experimenta-se e compreende-se como ouvinte da Palavra («Escuta, Israel»: Dt 6,4) numa atenta escuta que já é o início da

<sup>3</sup> Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Sólo el amor es digno de fé*, Salamanca 2006, 71-72.

sua resposta, de um consentimento amoroso, livre e responsável. A resposta do homem a Deus é gerada na obediência da escuta, no acto da atenção interior para ouvir em si a voz que o convoca para o êxodo da sua vida: «Se hoje ouvirdes a voz no Senhor, não fecheis os vossos corações» (Sl 95,7-8). Quem é de Deus ouve as suas palavras (cf. Jo 8,43); ou melhor, ouve aquela Palavra que é o seu próprio Filho encarnado: «Este é o meu Filho muito amado, escutai-o» (Mt 17,5)<sup>4</sup>.

A Sagrada Escritura realça ainda outro elemento na comunicação entre Deus e o homem: a resposta do homem é capacitada e potenciada pelo próprio Deus. Pede o Salmista e com ele todo o povo crente: «Abri, Senhor, os meus lábios e a minha boca proclamará o vosso louvor» (Sl 51,17). O homem responde a Deus cumprindo a sua Palavra, aceitando viver em aliança (relação), a partir de uma interiorização do projecto de Deus: «Os preceitos que hoje te prescrevo estejam fixos no teu coração» (Dt 5,6). Na linguagem antropológica bíblica, o coração é a sede da decisão, do querer e da vontade do homem, expressão de toda a sua capacidade de conhecer e de amar, de confiar e de entregar-se<sup>5</sup>. A resposta do homem a Deus só pode acontecer com a inteireza do coração, com a totalidade de todo o seu ser. Outros textos veterotestamentários anunciam mesmo a promessa futura de um «coração novo» e de «um espírito novo», de uma nova capacitação para amar a Deus e viver em fidelidade à sua aliança que só o próprio Deus pode dar: «Dar-lhes-ei um coração novo, e um espírito novo colocarei dentro deles; arrancarei do seu peito o coração de pedra e dar-lhes-ei um coração de carne, para que sigam os meus preceitos e observem as minhas leis e as metam em prática. Serão o meu povo e eu serei o seu Deus» (Ez 11,19-20; cf. Jer 31,31; 4,4; Dt 30,6-8). O dom do próprio Deus de um «coração novo», é convertido pelo Salmista em pedido orante do homem, como reconhecimento da sua condição pecadora cuja capacitação para a fidelidade só o próprio Deus pode assegurar: «Criai em mim, ó Deus, um coração puro, renovai em

---

<sup>4</sup> Cf. C. AUGRAIN, «Ouvir», in X. LÉON-DUFOUR (ed.), *Vocabulário de teologia bíblica*, Petrópolis 19874, 688.

<sup>5</sup> Cf. H. W. WOLFF, *Antropología del Antiguo Testamento*, Salamanca 19972, 63-86; F. DREYFUS - A. VANHOYE, «Coração», in X. LÉON-DUFOUR (ed.), *Vocabulário de teologia bíblica*, 174-177.

mim um espírito firme» (Sl 50,12). Amando, o crente responde a Deus; mas responde capacitado pelo Espírito que se converte em dinamismo da acção humana<sup>6</sup>.

### **3. Jesus Cristo a resposta fiel a Deus**

Afirma a Carta aos Hebreus: «Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes tempos que são os últimos, falou-nos por meio do Filho» (Hb 1,1-2). O definitivo do falar de Deus acontece na pessoa do próprio Filho, o enviado do Pai ao mundo. Agora, Deus não fala mais por intermédio de «profetas», de homens que Lhe dão voz e palavra; fala-nos pessoalmente, de forma directa e imediata, na pessoa do próprio Filho. Deus fala-nos através de Deus, mas em condição humana. A plenitude do falar de Deus coincide com a plenitude da humanização desse mesmo dizer. Em Jesus Cristo, Deus diz humanamente tudo de Si mesmo e diz quem é o homem, em definitivo, no desígnio de Deus. De tal modo que palavra humana se torna palavra do próprio Deus; e a Palavra de Deus se torna verdadeiramente humana: «O Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1,14).

Deus, o Pai, dá-se por inteiro no dom do seu próprio Filho: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único» (Jo 3,16). Jesus Cristo é o definitivo da revelação do amor trinitário; a Palavra última do Pai feita carne que revela por inteiro a paixão de Deus pela humanidade. E revela essa paixão trinitária quando Se entrega por inteiro ao Pai em sua obediência filial até à morte (cf. Fl 1,8). Abandonando-se ao Pai, Jesus, o Filho, cumpre-se existencialmente como resposta: «Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23,46). A sua resposta de Filho é, ao mesmo tempo, eucarística e sacrificial, de acção de graças e de entrega da sua própria vida: «Isto é o meu corpo que é dado por vós (...). Esta taça é a aliança em meu sangue que é derramado por vós» (Lc 22,19-20; Mt 26,26-28; Mc 14,22-24; 1 Cor 11,23-25). Amando os seus até ao fim (cf. Jo 13,1), até à totalidade do dom da sua vida, Jesus é vida que se torna fecunda porque aceita perder-se na morte por amor. Por isso a sua morte é pascal e gloriosa, porque portadora de vida:

<sup>6</sup> Cf. L. A. SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, Estella (Navarra) 20023, 729.

«Se o grão de trigo caído na terra não morrer, permanece só; mas se morrer, produzirá muito fruto» (Jo 12,24).

Na obediência filial de Cristo na cruz acontece, em sua expressão derradeira, o que foi toda a sua vida: um acordo do Amado ao amor do Pai. Com palavras de H. U. von Balthasar: «Um acordo do amor ao amor. Somente a palavra comunicada como amor pode suscitar a resposta do amor, o amor como resposta»<sup>7</sup>. A resposta filial e fiel de Cristo é a resposta do amor que aceita ser amado e amar até ao fim, até ao definitivo esgotamento e perda de sua vida. O Amor desperta o Amado e o Amado em sua resposta corresponde ao amor recebido do Pai com a dádiva de si mesmo. A resposta de Cristo é correspondente, pois ao incondicional do amor recebido do Pai Ele responde com o excesso do seu amor dado, numa plena correspondência entre o amor divino (a dádiva) e o amor humano (a resposta)<sup>8</sup>.

Cristo é o Amado porque em sua humanidade consente ser amado pelo Pai e por isso o Pai reconhece em seu amor fiel e filial a resposta que espera de cada homem e mulher e que o pecado vai adiando e dificultando. Ele é o protótipo da resposta do homem enquanto filho ao Pai. A resposta na fé dos cristãos encontra em Cristo o seu permanente fundamento, a sua incessante origem e a sua finalização. Na resposta de Cristo está já incluído, ainda que apenas potencialmente, o sim de cada cristão, cujo cumprimento existencial dependerá sempre dessa paixão consentida de conformar a sua própria vida à de Cristo. O único caminho de resposta ao Pai é o caminho de resposta que é o próprio Filho, existência pascalmente cumprida na entrega de si mesmo por amor. E por isso mesmo cada existência crente está aberta a um cumprir-se que é sempre uma conformação a Cristo, em sua forma despojada de servir.

---

<sup>7</sup> H. U. VON BALTHASAR, *Sólo el amor es digno de fé*,79.

<sup>8</sup> Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Sólo el amor es digno de fé*,79.

#### 4. *Maria, a figura da resposta eclesial da fé*

O que se pode dizer de Maria, virgem, esposa e mãe, pode-se dizer igualmente da Igreja segundo o projecto de Deus<sup>9</sup>. A Igreja santa, ela também virgem, esposa e mãe, encontra a sua configuração e realização em Maria. O que Deus promete, em Cristo pelo Espírito Santo à Igreja, já o cumpriu em Maria. Afirma o Concílio Vaticano II: «Está a Virgem [Maria] intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo» (LG 63). Maria é o espelho da perfeição e da santidade querida por Deus, o rosto escatológico da Igreja: «Na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha e sem ruga que lhe é própria» (LG 65). Por seu lado, a Igreja, ao longo da sua peregrinação pela história, procura cada vez mais assemelhar-se a Maria: «A Igreja, procurando a glória de Cristo, torna-se mais semelhante àquela que é o seu tipo e sublima figura, progredindo continuamente na fé, na esperança e na caridade» (LG 65). Tal como Maria, que gerou a Cristo, a Palavra de Deus feita carne, também a Igreja, pela acção do Espírito Santo e por meio da Palavra que celebra e anuncia, gera novos filhos na fé (cf. LG 64).

A resposta do crente ao projecto de Deus revelado em Cristo encontra a sua tipificação eclesial no sim de Maria, que representa e realiza o sim de toda a Igreja em sua santidade virginal esponsal e maternal. Aquilo que a Constituição Dei Verbum diz da própria dinâmica da fé, enquanto resposta ao apelo de Deus, começa por se realizar em Maria, que é figura da resposta pessoal, própria de cada crente, e da resposta eclesial no seu todo enquanto tecido comunitário: «A Deus que revela é devida a ‘obediência da fé’» (Rm 16,26; cf. Rm 1,5; 2 Cor 10,5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo «a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade” e prestando voluntário assentimento à sua revelação» (DV, 5).

Em Maria, o sim em palavra e o sim da existência constituem uma unidade. O seu consentimento maternal e virginal é expressão de uma total disponibilidade para a hospitalidade à palavra de Deus que a visita e nela se

---

<sup>9</sup> F. CASSINGENA-TRÉVEDY, *Étincelles II*, Genebra 2007, 434: «Maria é a extrema focalização individual do mistério eclesial, como a Igreja é a extrema exposição universal do mistério marial».

torna carne e vida: «Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38). «Faça-se» é um consentir que Deus faça em nós, nos desfaça e nos refaça por caminhos só por Ele conhecidos. E o acto de maior liberdade consiste em consentir que um outro exterior a mim me determine. Consentimento só possível enquanto expressão de amor, e credível enquanto resposta de amor ao amor que lhe é dado. Maria é aquela que responde por inteiro ao apelo de Deus, colocando todo o seu ser de mulher ao serviço da maternidade do Filho de Deus feito homem. O seu sim é palavra afirmativa que diz e prediz toda a sua existência cumprida como consentimento e seguimento da Palavra de Deus<sup>10</sup>.

Maria, tal como a Igreja, acolhe numa escuta obediente a Palavra de Deus, dando espaço ao seu cumprimento (cf. Lc 1,38.45). Gera o Verbo de Deus na carne do seu ventre (cf. Lc 1,31). Discípula de seu Filho, faz com Ele a peregrinação da fé, tantas vezes sem perceber o sentido imediato dos acontecimentos (cf. 2,19). Está presente junto da cruz no abandono por amor de Jesus ao Pai (cf. Jo 19,25-27). No martírio do Filho, ela é também mártir aceitando morrer enquanto mãe de um filho único para se tornar mãe da nova humanidade dos filhos de Deus<sup>11</sup>. Está presente na comunidade apostólica primitiva reunida em oração (cf. Act 1,14). Toda a existência de Maria é habitada e transfigurada pela Palavra que nela se faz carne. O sim de Maria não foi apenas dado num momento; foi um sim cumprido com uma total entrega ao longo da sua inteira existência.

Em Maria realiza-se a configuração eclesial da fé enquanto resposta, na liberdade e no amor, do crente a Deus através do compromisso de toda a sua existência que se torna, ela mesmo, confissão de fé viva. A sua resposta de consentimento a Deus é uma resposta de amor ao amor de Deus que vem ao

---

<sup>10</sup> Escreve H. U. VON BALTHASAR, *Córdula ou o momento decisivo*, Lisboa 2009, 30: «Aquele assentimento era já mortal, quer Maria o suspeitasse quer não. Era, de facto, uma anuência sem limites (pois, quem pretende opor limites a Deus?), que portanto incluía o extremo, o morrer e o matar: e precisamente como acontecimento aceite, se for "segundo a tua palavra"».

<sup>11</sup> S. Bernardo, no seu *Sermão sobre as Doze Estrelas de Maria*, alia o sofrimento da Mãe ao do Filho, proclamando-a mártir em seu coração, enquanto o Filho o foi em sua carne. Maria é intimamente associada à paixão de Cristo, sofrendo, com violência, quando Ele foi crucificado. Em Cristo acontece uma «morte do corpo»; em Maria, sua Mãe, uma «morte do coração»: S. BERNARD DE CLAIRVAUX, *Écrits sur la Vierge Marie*, Paris 1995, 37.



seu encontro e a «enche de graça». Uma resposta de amor fecundo, que dá vida, e por isso se realiza maternalmente<sup>12</sup>. O próprio Deus capacita-a para a resposta fiel no amor com o dom do seu Espírito: «O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra» (Lc 1,35). A resposta de Maria ao anjo na anunciação é, segundo H. U. von Balthasar, o arquétipo da resposta do homem a Deus na fé e no amor<sup>13</sup>. Maria é expressão de um sim irrevogável a Deus, possível nos limites e na pobreza da nossa condição humana de criaturas. O sim de Maria é um acto de amor, qual profecia existencial do sim da Igreja e nela do sim pessoal de cada cristão.

### **5. A aventura de acreditar: A vida inteira como reposta**

A fé cristã é uma decisão de amor que envolve e compromete a pessoa por inteiro. Escreve o teólogo e bispo alemão Walter Kasper: «Para a Bíblia a fé é um acto de toda a pessoa. Não é apenas um acto do entendimento que considera certas as verdades da fé, nem uma simples decisão da vontade, nem muito menos um sentimento vazio de conteúdo. No acto de fé convergem todas as potência anímicas, entendimento, vontade e sentimento. O acto de fé é uma atitude existencial totalizadora»<sup>14</sup>. Acreditando, o cristão responde à oferta do amor de Deus Pai revelado na páscoa de Jesus Cristo e interiorizado pelo dom do Espírito Santo. Escreve o Papa Bento XVI na sua primeira encíclica *Deus caritas est*, marcando o essencial da fé cristã: «Nós cremos no amor de Deus – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte, e desta forma, o rumo decisivo»<sup>15</sup>.

O acreditar cristão é uma opção pelo amor amando, um consentimento de amor que responde correspondendo no amor ao amor divino que lhe é dado. «O crente não pode responder ao amor de Deus recebido na confiança

---

<sup>12</sup> E. BIANCHI, *Magnificat. Benedictus. Nunc dimittis. Commento esegetico-spirituale*, Magnano 19912, 27: «A maternidade do Messias em Maria torna-se assim também a maternidade de toda a humanidade».

<sup>13</sup> Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Solo el amor es digno de fe*, Salamanca 2006, 75-76.

<sup>14</sup> W. KASPER, *La fe que excede todo conocimiento*, Santander 1988, 59.

<sup>15</sup> BENTO XVI, *Carta encíclica "Deus caritas est"*, Pior Velho 20086, 5 (nº 1).

senão com amor. A fé é, de certo modo, uma declaração de amor a Deus»<sup>16</sup>. Deus antecipa-se a nós no dom do seu amor primeiro; e «por isso também nós podemos responder com o amor (...). Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta ‘antecipação’ de Deus também pode, como resposta, despontar em nós o amor». Acreditar no Deus vivo que, no dom do seu Espírito nos vivifica e nos torna filhos à imagem de seu Filho muito amado, «é um processo que permanece em caminho: o amor nunca está ‘concluído’ e ‘completado’; transforma-se e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio»<sup>17</sup>. O crescimento na fé é um crescimento no amor. Processo que envolve a vida inteira.

Ninguém pode acreditar sozinho nem chegar à fé por si só, sem a mediação dos outros. A resposta existencial de acreditar implica sempre um apelo, um chamamento prévio, uma comunidade de anúncio e de testemunho: «Como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador?» (Rm 10,14). Por isso mesmo, a fé cristã experimenta-se como resposta ao mesmo tempo pessoal e comunitária; própria de cada pessoa, como expressão da inteireza da sua vida e da sua identidade, mas inserida numa comunidade de crentes que partilha a fé no mesmo Deus traduzida em comunhão de irmãos, a Igreja: «Quando o fiel pronuncia o Creio em Deus, exprime, portanto, a resposta da sua fé à tríplice iniciativa de Deus em seu favor: a do Pai e criador que está na origem de tudo, a do Filho que veio viver na nossa carne, morreu por nós e ressuscitou, e a do Espírito santo que foi dado à Igreja»<sup>18</sup>.

A resposta é individual, na primeira pessoa, mas inserida na resposta comunitária da Igreja que confessa a sua fé trinitária na celebração e no louvor adorante. «O eu do “eu creio” é, sem dúvida, a de um crente individual, mas de um crente inserido no Eu de toda a Igreja, um Eu que é também um nós. A Igreja, presente no eu de cada um e de todos, fá-los entrar no eu da sua própria confissão de fé»<sup>19</sup>. A vida litúrgica e sacramental da Igreja em oração é esse

---

<sup>16</sup> W. KASPER, *La fe que excede todo conocimiento*, 60.

<sup>17</sup> BENTO XVI, *Carta encíclica “Deus caritas est”*, 32-33 (nº 17).

<sup>18</sup> B. SESBOUÉ, *Pensar e viver a fé no Terceiro Milénio*, Coimbra 2001, 53.

<sup>19</sup> B. SESBOUÉ, «*Le contenu de la tradition: règle de foi et Symboles (Ile-V siècles)*», in B. SESBOUÉ (ed.), *Histoire des dogmes II*, Paris 1995, 96.

contínuo responder sim, ao mesmo tempo pessoal e comunitário. Ninguém responde a Deus senão através da escuta da Palavra e na continuidade da vida sacramental da Igreja, no contexto de uma comunidade toda ela ouvinte e ao mesmo tempo sujeito de resposta. A fé cristã alimenta-se, pois, da Palavra anunciada e celebrada na Eucaristia e nos demais sacramentos. «A Palavra de Deus faz-se carne sacramental no acontecimento da Eucaristia e leva a Sagrada Escritura ao seu cumprimento»<sup>20</sup>.

Afirma o Concílio Ecuménico Vaticano II: «A fé ilumina todas as coisas com uma luz nova» (GS 11). Essa luz nova, que é Cristo ressuscitado interiorizado nos corações pela dinâmica do Espírito, está simbolizada pelo rito baptismal da entrega da vela: 'Agora sois luz em Cristo. Caminhai sempre como filhos da luz'»<sup>21</sup>. A resposta existencial da fé é como que uma vela acesa que se vai derretendo, qual iluminação que é ao mesmo tempo dom. A luz da fé ilumina todas as experiências e acontecimentos vividos. Iluminando, a fé unifica, reúne, dá sentido, cria inteireza de vida. As diferentes idades da vida humana, a juventude, a meia-idade, a velhice, com as suas crises, os seus impasses, os seus passos de crescimento, são novas oportunidades para responder e renovar, de forma concreta e encarnada, o seguimento do Senhor e a pertença eclesial. Cada etapa da vida, cada acontecimento, cada nova experiência, é um tempo de graça, doloroso e jubiloso, para o cristão aprofundar o mistério do amor que funda a sua existência. Para revelar o sentido mais profundo do seu ser escondido em Cristo.

Mas esta iluminação interior de toda a existência cristã que dramaticamente se vai cumprindo como resposta, não é caminho linear nem está isento de profundos e dolorosos momentos de obscuridade, alguns até misteriosamente prologados. Os místicos conhecem esse tempo espiritual árido, esvaziado, terrivelmente angustiante, como a «noite escura», em que a alma e o coração fazem a experiência do total silêncio e abandono de Deus, a morte interior do próprio eu e de todas as seguranças que o funda. Estas experiências podem estar relacionadas com a destruição das ilusões sobre

---

<sup>20</sup> «As 55 Preposições dos padres Sinodais (Preposição 7)», in SÍNODO DOS BISPOS-2008, *A Palavra de Deus na vida e missão da Igreja. Documentos*, Prior Velho 2009, 134.

<sup>21</sup> *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*, Coimbra 1979, 99 (nº 226).

nós próprios, sobre Deus, sobre a Igreja, sobre os outros. Tudo e todos nos aparecem, brutalmente, em sua verdade nua, feita de carência, de miséria e vulnerabilidade. Este tempo do silêncio de Deus, da impotência anímica do corpo e da mente, pode revelar-se fecundo tempo de graça para se experimentar a gratuidade da fé.

A existência cristã experimenta-se como uma contínua peregrinação de busca de sentido, de uma exigência interior de discernimento da própria vida pessoal e dos acontecimentos da história contemporânea. Por isso mesmo a progressiva caminhada na fé apela a uma formação permanente, que capacite o cristão para «dar as razões da esperança» (1 Pd 3,15) perante os actuais desafios do mundo. Tal exige não apenas uma séria preparação intelectual, bíblica, catequética e teológica, como também uma vida espiritual fecunda, alimentada na escuta orante da Palavra de Deus, capaz de interpretar, segundo a vontade de Deus, a diversidade de experiência e as novas realidades da sociedade. Para estas novas realidades alertou-nos o Santo Padre, na homília proferida durante a eucaristia celebrada na cidade do Porto: «Neste últimos anos, alterou-se o quadro antropológico, cultural, social e religioso da humanidade; hoje, a Igreja é chamada a enfrentar desafios novos e está pronta a dialogar com as culturas e religiões diversas, procurando construir juntamente com cada pessoa de boa vontade a pacífica convivência dos povos»<sup>22</sup>. Não podemos deixar de rejeitar como contrários ao Deus cristão e à aventura eclesial da fé todos os intentos fundamentalistas e tradicionalistas que se limitam a reproduzir as formas, os ritos e as letras dos textos do passado, incapazes de se inserirem na corrente viva, e sempre em renovação, que é a tradição da Igreja. A aventura serena da fé julga sim o mundo mas a partir do juízo de misericórdia de Cristo na cruz; não condena, porque acredita que o Espírito trabalha, silenciosamente, no interior das consciências. Não foge do mundo, porque o vê inserido no mistério da encarnação de Cristo. Não quer ser ingénua, porque se experimenta como uma luta constante contra o mal, combate que começa dentro do próprio coração. Nada impõe, mas sempre propõe<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> BENTO XVI, «Homília na Praça da Avenida dos Aliados – Porto», in *Bento XVI em Portugal. Discurso e homílias*, Prior Velho 20103, 107.

<sup>23</sup> Cf. BENTO XVI, «Homília na Praça da Avenida dos Aliados – Porto», 106.

O Deus santo acreditado e seguido pela comunidade cristã oferece-se sempre indisponível, como o totalmente outro da relação que nenhuma palavra o esgota em seu dizer. Deus é inefável, excesso de amor que a finitude humana jamais conseguirá alcançar. Deus escapa sempre a todas as linguagens e representações. «Todo o compreender claro funda-se na obscuridade de Deus»<sup>24</sup>. Não podemos silenciar a experiência do Deus que funda o sentido da nossa existência, e daí a urgência de o narrar com o testemunho da própria vida. Mas precisamos de acrescentar, imediatamente, que a experiência de Deus no seu dizível tem algo de indizível, porque Deus não é categorizado nem condicionado pela hermenêutica da linguagem. Tal implica renunciar a tudo querer saber e conhecer, aceitar atravessar o insondável e o incompreensível dos desígnios de Deus. «Porque nesta vida, é só o amor que chega até Deus, e não o conhecimento»<sup>25</sup>. Aceitando ignorar, o cristão confia que a revelação do sentido último da vida só a Deus pertence e por isso aguarda na esperança.

Escreve o teólogo católico Hans Urs von Balthasar: «A fé cristã é, com toda a urgência possível, a antecipação da dádiva da minha vida a Cristo»<sup>26</sup>. Por isso mesmo, a existência crente é «uma existência na morte por amor». O sim inicial da fé, permanentemente actualizado na celebração litúrgica e no testemunho concreto dos cristãos, só é dito, em definitivo, na morte. É então aí que se cumpre a coincidência entre palavra e carne, quando a carne deixa de ser palavra e a palavra não tem mais possibilidade de se encarnar. A morte é a resposta última da fé, vida inteira oferecida ao Pai com Cristo em sua Páscoa. Coincidência do sim à morte com o sim à vida eterna. Resposta silenciosa, radicalmente pessoal e configuradora de toda a existência, que só Deus pode julgar em seu cumprimento ou adiamento. Na morte, é toda a pessoa que confessa, na dádiva do seu alento e da sua vida, «Senhor, eis-me aqui», em total disponibilidade ao Deus da vida e da morte. Pois, como escreve Paulo, «quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor» (Rm 14,8).

<sup>24</sup> R. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, Barcelona 1984, 41.

<sup>25</sup> *A nuvem do não-saber*, Lisboa 2006, 51.

<sup>26</sup> H. U. VON BALTHASAR, *Córdula ou o momento decisivo*, 20-21.



# **III - PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA**





# *Orai comigo - Catequese para crianças*

*Maria Emília Carreira*

## **Objectivos:**

1. Acolher o convite do Anjo, como mensagem para hoje.
2. Ajudar a criança a compreender o valor da oração.
3. Aceitar Jesus, amá-l'O e adorá-l'O como Nosso Senhor.

## *A - Conteúdo catequético*

### **1. Convite à oração**

Todos sabemos o que é um convite. Convidamos e somos convidados para festas, passeios, cinemas, jantares... Os amigos gostam de estar juntos, por isso, convidam-se mutuamente. A sua presença é sempre uma alegria, uma festa. Assim, os convites tornam-se muito importantes para todas as pessoas.

Mas há outros convites e convites muito especiais que vêm de Alguém para outro alguém. 'Orai comigo' é um convite ou uma proposta de Alguém muito especial. Vamos ver de onde vem e a quem se destina.

Fátima, Cova da Iria, Aljustrel, Valinhos e Loca do Cabeço são localidades muito conhecidas pelos Portugueses e por pessoas de muitos outros Países. O que é que tornou tão importantes estes lugares? – podemos perguntar. Tudo começou por um convite que soou nos céus destas pequenas localidades de Portugal.

Era ao fim da tarde. Três crianças – Lúcia, Francisco e Jacinta – jogavam alegremente, num pequeno monte chamado Loca do Cabeço. Enquanto jogavam, foram surpreendidos por um Anjo de uma enorme beleza e cheio de luz!

– Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo – disse.

E curvando-se até ao chão, rezou assim: Meu Deus, eu creio, adoro,

espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão, para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam. Depois levantou-se e acrescentou: – Orai assim. Os corações de Jesus e Maria estão atentos às vossas orações. E desapareceu.

O Anjo fez um convite aos três Pastorinhos e eles aceitaram-no imediatamente. Trocaram o jogo pela oração. Sentiram dentro deles como que um impulso que os levou a imitarem o Anjo, rezando com ele e como ele. Este convite vindo do Céu alterou os planos destas três crianças que tinham decidido jogar o jogo das pedrinhas naquele fim de tarde. No entanto, estavam felizes, muito felizes, com tudo o que tinha acontecido.

‘*Orai comigo*’ e ‘*orai assim*’, foram os primeiros de muitos outros convites que se seguiram na vida destas crianças. Convites diferentes dos nossos convites, é certo, mas convites muito especiais, porque vindos do Céu.

O Anjo veio provocar neles um enorme desejo de Deus. Veio despertar neles a vontade de O conhecerem e de O amarem mais e melhor. Veio ensinar-lhes que, sem deixarem de brincar, correr, jogar, dançar, ... podiam viver a vida de outra maneira que os ajudaria a ser muito mais felizes. Recordou-lhes que, na vida, podemos descobrir coisas muito importantes e belas. E rezar é uma dessas coisas lindas, porque Deus nos dá a conhecer coisas maravilhosas que jamais alguém ensinará!

Rezar faz bem; dá-nos paz. Ajuda-nos a sermos bons e a viver a vida de acordo com o desejo de Deus. Ele gosta que rezemos. E rezar é falar com Deus como falamos com os nossos amigos. Mais do que falar é escutar. Escutar Deus é estar atento aos seus desejos e perceber o que Ele quer de nós. Ele faz-nos convites, muitos convites.

Se estivermos quietinhos, com os olhos fechados, a pensar em Deus, podemos sentir que Ele nos sorri, nos abraça, e, talvez, quem sabe, nos faça algum convite: Reza! Escuta! Segue! Sê amigo!

## ***2. Convite à adoração***

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão, para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Esta oração ensinada pelo Anjo aos Pastorinhos e rezada por eles com muita fé e muito amor, ajudou-os a encontrarem-se com Deus e a

compreenderem o seu grande Amor. Rezaram-na muitas vezes e com o rosto por terra. Tinham aceitado o convite do Anjo e prometeram nunca o esquecer. Pouco a pouco, a vida deles foi-se transformando e Deus passou a ser, para eles, o Alguém mais importante, o único importante.

Meu Deus, eu creio... rezaram eles vezes sem conta! É como se dissessem: Meu Deus, eu acredito em Ti. Sei que existes, que estás vivo, me conheces, me amas e cuidas de mim. Sei que me criaste, por isso, confio em Ti. Tu és o meu Senhor, o meu único Senhor. Sem Ti a minha vida não vale nada. Tu és tudo para mim. Amo-Te muito. Ajoelho-me, curvo-me, prostro-me diante de Ti... Como és grande, Senhor! Adoro-Te. Tantas vezes rezaram assim, que o Anjo, na terceira aparição, lhes trouxe uma maravilhosa surpresa.

Foi na Loca do Cabeço. Estavam com o rosto por terra a rezar a oração do Anjo quando ele apareceu. Trazia nas mãos um cálice e sobre ele uma hóstia da qual caíam algumas gotas de sangue. O Anjo deixou o cálice e a hóstia suspensos no ar e prostrou-se por terra a adorar Jesus Eucaristia, com esta oração:

– Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

Os Pastorinhos, espantados com o que estava a acontecer, imitaram o Anjo e rezaram com ele e como ele. De seguida, o Anjo deu-lhes a comunhão dizendo: – Tomai e comei o Corpo e Sangue de Cristo. Consolai o vosso Deus!

De novo ajoelhou e, prostrado em terra, rezou mais três vezes a mesma oração. Os Pastorinhos prostraram-se também, para adorar Jesus, consolá-l'O, presente, agora, nos seus corações. Foi um momento único, maravilhoso e inesquecível para eles. Sentiram-se totalmente envolvidos por Jesus. Estavam tão unidos a Ele que até se esqueceram uns dos outros. Jesus fez-lhes sentir tanto a Sua Presença e o Seu Amor, que eles permaneceram em oração durante longo tempo.

A partir desta experiência que tiveram com Jesus Eucaristia, a sua vida mudou para melhor. Decidiram amar e adorar Jesus de tal maneira que até deixavam as brincadeiras, para rezarem e fazer companhia a Jesus Escondido.

Quem acredita em Deus Vivo e Verdadeiro, quem O escuta, quem O ama, adora-O profundamente. E adorar a Deus é consolá-l'O, é reconhecer que Ele é Tudo para nós e que nós existimos n'Ele e graças a Ele. Adorar a Deus é amá-l'O com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças. Adorar a Deus é não consentir em amar ninguém mais do que a Deus, pois só Ele deve ocupar o primeiro lugar no nosso coração.

Na nossa vida há coisas belas, lindas, magníficas de que gostamos muito. No entanto, essas coisas tão belas só valem enquanto nos ajudarem a ser felizes, pois que, um dia, todas essas maravilhas da terra acabarão. Só Deus, a maior de todas as maravilhas, permanece para sempre. Por isso, devemos amá-l'O e adorá-l'O, acima de todas as pessoas e de todas as coisas.

Os Pastorinhos compreenderam isto muito bem. Deus, para eles, foi o único e o mais importante das suas vidas. Deram a Deus todo o amor dos seus corações e só tinham um desejo: dar-Lhe alegria, escutar a sua Palavra, os seus recados e fazer a sua vontade. E a vontade de Deus para cada um deles e para cada um de nós é que O amemos a sério e com muita verdade, cumprindo todos os nossos deveres para com Deus e para com todas as pessoas.

### **3. Convite à reparação**

Estamos a perceber que o Anjo transmitiu aos Pastorinhos vários convites de Deus: convidou-os à oração, à adoração e à reparação. Reparar é amar muito; é estar com ... é consolar quem está triste, sofre ou é ofendido.

Nesta oração *'Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão, para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam'*, os três Pastorinhos foram convidados pelo Anjo a rezar e a pedir perdão a Deus pelos pecados dos outros, ou seja, por todos os que não acreditam n'Ele, não O adoram, não confiam n'Ele e não O amam. Deus é muito ofendido e magoado pelos pecados daqueles que vivem longe d'Ele, pelos que O ignoram e desprezam, pelos que fazem o mal.

Na 3ª aparição, o Anjo, ao dar-lhes a comunhão, pediu mesmo: Consolai

o vosso Deus! Isto significa que Deus está muito ofendido. Há muito ódio no mundo, muita guerra, muita vingança, muitos pecados. Consolar Deus é pois reparar, dar-Lhe alegria na vez dos que O entristecem, não só em oração/adoração, mas também na nossa própria vida vivida com muito amor e responsabilidade.

Os Pastorinhos levaram a sério este pedido do Anjo. Ficaram muito impressionados, quando souberam que Deus estava assim tão triste. Depois das aparições, o Francisco só pensava em dar alegria a Jesus. Por isso, sempre que podia, ia à Igreja da sua paróquia, estar na companhia de Jesus escondido. Ficava horas seguidas a consolar, a escutar, a falar com o seu grande Amigo, Jesus Eucaristia. Ele não O via – tal qual não via o vento, nem o ar – mas sabia que Ele estava lá à sua espera. Estar ali, na sua companhia, fazia sentir o seu coração feliz, muito feliz. E ele tinha, também, a certeza de que Jesus gostava muito da sua oração, da sua companhia, da sua presença.

Às vezes dizia às companheiras: – Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum.

Dar alegria a Deus foi uma preocupação constante na vida do Francisco: até podemos dizer que ele foi o grande consolador de Jesus escondido.

Os Pastorinhos aceitaram com muito amor todos os convites vindos do Céu. Por isso, decidiram ser diferentes nos seus comportamentos, nas suas atitudes e, sobretudo, na sua oração. A vida deles foi uma oferta total a Deus, ajudando todas as pessoas. Dar alegria a Deus exige, como sabemos, muitos sacrifícios; mas eles nunca tiveram medo! Deixaram-se conduzir por Jesus, por Nossa Senhora, e depressa começaram a ter comportamentos, atitudes e gestos lindos que agradavam a Deus e surpreendiam a todos.

Começaram a rezar mais e melhor; a serem mais obedientes; a respeitar e a pensar nos outros; a partilhar o que tinham com os mais pobres; a fazer bem os seus trabalhos e muitos outros sacrifícios que eles inventavam para oferecerem a Deus pela conversão dos pecadores.

Os convites de Deus através do Anjo, no ano de 1916, não serão, também para nós, hoje? Foram entregues a três crianças. A mais velha, antes de morrer, com 92 anos, a Irmã Lúcia, deu a conhecer todos estes convites, dizendo que também eram para todos nós, para todas as pessoas do mundo

inteiro. Somos livres em aceitá-los ou não, pois Deus respeita a nossa liberdade. No entanto, Ele espera sempre que Lhe digamos sim, porque deseja o nosso amor, a nossa generosidade.

Se abirmos o nosso coração a Deus e Lhe dermos a atenção que Ele merece, então estamos a aceitar os convites: Orai comigo e orai assim! Consolai o Vosso Deus!

### ***B - Indicações pedagógicas***

1. Para o desenvolvimento da catequese a nível temático, apresentam-se três opções:

1ª Opção

- a) Dar a catequese na sua totalidade, num único momento.
- b) Para a adoração eucarística, sugere-se outro momento específico.

2ª Opção

- a) Apresentar a catequese durante uma manhã ou uma tarde e culminar com a adoração eucarística.

3ª Opção

- a) Apresentar a catequese de forma mais prolongada, ou seja, em três momentos: um encontro para o convite à oração; outro para o convite à adoração e outro para o convite à reparação.
- b) Sugere-se um momento específico para a adoração eucarística. (Os cânticos para a adoração eucarística poderão ser aprendidos pelas crianças ao longo da catequese, para quem escolher a 2ª ou a 3ª opção.)

2. Actividades

- a) Num rectângulo de cartolina, escrever a oração: Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos... Depois, rezá-la em grupo no local da catequese ou diante do sacrário. Pode-se, também, dar às crianças pagelas com a oração do Anjo.

- b) Aprender e cantar o seguinte cântico: Cristo Jesus, Tu me chamaste (*H. Faria*)

Cristo Jesus, Tu me chamaste

Eu Te respondo: estou aqui.

Tu me chamaste pelo meu nome,

Eu Te respondo: estou aqui. (*bis*)

3. Frases que podem ser apresentadas durante a catequese

a) Orai comigo!

b) Orai comigo e orai assim!

c) Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente...

d) Consolai o vosso Deus.

### ***C - Tempo de adoração eucarística***

Tema: **Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente**

Sugere-se que esta frase seja utilizada na adoração e colocada em lugar bem visível, por exemplo: diante do altar, de modo a ser lida por todas as crianças.

Propõe-se um momento de adoração eucarística diante do Santíssimo Sacramento exposto. Este momento de oração deve ser devidamente preparado pelo orientador, assim como as crianças devem ser motivadas e bem preparadas para a adoração. Pode-se, também, fazer este momento de oração junto do sacrário. Neste caso, o orientador fará as adaptações necessárias ao esquema apresentado.

#### **1. Acolhimento**

*Orientador:* Estamos, hoje, aqui, porque conhecemos alguns convites que Deus fez aos Pastorinhos, através do Anjo de Portugal:

- Convite à oração... (Rezai e rezai muito).

- Convite à reparação... (Consolai o vosso Deus).

- Convite à adoração... (Meu Deus, eu creio, adoro...).

Conhecemos estes convites e como os Pastorinhos, queremos aceitá-los, porque eles são também para nós, para todas as pessoas. Por isso, viemos

para estar um momento com Jesus Eucaristia. Vamos escutá-l'O e falar com Ele. Vamos louvá-l'O, consolá-l'O e adorá-l'O.

O silêncio ajuda a preparar o nosso coração para este momento tão importante. (Silêncio). Vamos senti-lo dentro de nós... Pensemos em Jesus... Ele está à nossa espera, para escutar a nossa oração... (Silêncio).

## **2. Início da oração**

*Entram em duas filas, em silêncio ou com fundo musical. Depois de todos estarem nos seus lugares, canta-se o cântico:*

Cristo Jesus, Tu me chamaste,  
Eu Te respondo: estou aqui.  
Tu me chamaste pelo meu nome,  
Eu Te respondo: estou aqui. (*bis*)

*Orientador:* Estamos, aqui, porque Jesus nos chamou; Ele fez-nos um convite para estarmos na Sua companhia e nós viemos. Vamos mostrar-Lhe que O queremos seguir e amar com muita verdade.

## **3. Exposição do Santíssimo**

*De joelhos*  
*Oração silenciosa*

*Orientador:* Estamos diante de Jesus Eucaristia. Jesus Ressuscitado está presente nesta hóstia santa que está sobre o altar. No silêncio do nosso coração, digamos baixinho: Jesus, eu estou aqui...; Amo-Te muito...; Quero ser teu amigo... (*Silêncio*).

## **4. Invocações**

*De joelhos. Todos repetem cada invocação:*

Jesus, eu creio em Ti.  
Tu és o meu Senhor.  
Adoro-Te, Jesus.  
Eu amo-Te.  
Eu louvo-Te.



## 5. Cântico

Tão perto de mim,  
Tão perto de mim.  
Que até eu Lhe posso tocar.  
Aqui está Jesus. (*bis*)

## 6. Momento de reflexão

*Sentados*

*O orientador fará uma breve reflexão sobre a frase: Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente...*

Apelar para a leitura da frase... Esta frase faz parte da oração que o Anjo ensinou aos Pastorinhos, na terceira aparição. Vamos pensar na palavra «adorar». Todos repetimos muitas vezes esta palavra: dizemos que adoramos um grupo musical, um desporto, um alimento... Quando, utilizamos esta palavra, queremos dizer que gostamos muito de alguma coisa.

Mas o verdadeiro sentido desta palavra é dirigido a Deus: adorar, significa prestar culto, homenagem a Deus. Adoramos unicamente a Deus. Nem sequer adoramos Nossa Senhora e os Santos, pois não são deuses.

Adorar a Deus, como vimos na catequese, é amá-l'O com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças. Adorar a Deus é consolá-l'O, é reconhecer que Ele é Tudo para nós e que nós existimos n'Ele e graças a Ele. Sem Deus a nossa vida não vale nada. Adorar a Deus é deixá-l'O ocupar o primeiro lugar no nosso coração.

Os Pastorinhos compreenderam isto muito bem. Deus, para eles, foi o único e o mais importante das suas vidas. Deram a Deus todo o amor dos seus corações e só tinham um desejo: dar-Lhe alegria, escutar a sua palavra, os seus recados e fazer a sua vontade.

Na terceira aparição, o Anjo depois de dar a comunhão aos Pastorinhos, fez-lhes um convite muito importante: Consolai o vosso Deus! Consolá-l'O porque Ele está muito ofendido, isto é, muito magoado e triste com o ódio no mundo, a guerra, a vingança, os pecados. Consolar Deus é pois, dar-Lhe alegria para compensar os que O entristecem.

Neste momento, nós estamos, também, a dar alegria a Deus; estamos a consolá-l'O. E consolamos Deus, não só quando rezamos, mas também com a nossa própria vida vivida com muito amor e responsabilidade.

Em silêncio e de olhos fechados para não nos distrairmos, vamos pensar: Quero amar a Deus mesmo a sério cumprindo os meus deveres para com Deus e todas as pessoas? (Silêncio) Quero consolá-l'O rezando mais e melhor? (Silêncio) Quero dar-Lhe o primeiro lugar no meu coração? (Silêncio)

### **7. Cântico**

Jesus, eu amo-Te (4 x)

Tu és o meu Senhor (4 x)

Jesus, eu creio em Ti (4 x)

### **8. Oração de adoração**

Rezemos a oração que o Anjo ensinou aos Pastorinhos.

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos.

Peço-Vos perdão, para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

### **9. Pai Nosso**

*Orientador:* Agora, de braços levantados, exprimindo o nosso louvor e a nossa alegria, vamos rezar com muito amor, unidos a Jesus aqui presente, a oração que Ele nos ensinou:

Pai Nosso que estais nos Céus ...

### **10. Bênção Eucarística**

Se estiver um sacerdote, canta-se um cântico eucarístico e ele dá a bênção com o Santíssimo Sacramento.

### **10.1. Cântico**

Ó verdadeiro Corpo do Senhor,  
Nascido para nós da Virgem Mãe,  
Penhor da eterna glória prometida,  
Ó verdadeiro Corpo do Senhor.

### **10.2. Bênção do Santíssimo**

### **11. Cântico Final**

Cantemos alegres  
A uma só voz.  
Francisco e Jacinta  
Rogai por nós.

Salve, salve, pastorinhos  
Nosso encanto e alegria.  
Salve, salve, pastorinhos  
Predilectos de Maria.

Cantemos alegres...



## **Mistérios Gozosos**

*Manuel dos Santos José*

### **1º mistério: A anunciação do Anjo a Maria**

*Do Evangelho de S. Lucas: O Anjo Gabriel disse a Maria: «Conceberás e darás à luz um Filho... Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo... O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.» (Lc 1,31-32.35)*

Deus, o Pai, envia o seu Anjo a Maria para lhe anunciar o grande dom do seu amor – o seu Filho Unigénito – para a salvação do mundo.

Em Fátima, na primeira aparição, o Anjo convidou os Pastorinhos a rezar com ele; depois, ajoelhou em terra, curvou a fronte até ao chão e rezou por três vezes: Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos, peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam. (Memórias da Irmã Lúcia – MIL, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 10ª edição, p. 169)

Nesta dezena, peçamos, por intercessão de Maria, o dom de uma fé viva, de uma esperança indefectível e de uma caridade ardente; peçamos também a graça de só adorar o Deus Uno e Trino.

### **2º mistério: A Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel**

*Do Evangelho de S. Lucas: À saudação de Maria, Isabel respondeu: «E donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?... E disse mais: Feliz és Tu porque acreditaste...» (Lc 1,43.45)*

Todos, na casa de Zacarias, ficaram cheios do Espírito Santo. O pequeno João Baptista foi o primeiro a fazer festa, dando saltos de alegria no seio de Isabel. Jesus, o Filho que Maria trazia em seu seio, foi proclamado por Isabel Messias e Senhor. O Pai foi exaltado por Maria, no seu Magnificat, pelas maravilhas realizadas. A Trindade Santíssima foi louvada e adorada.

Os Pastorinhos, depois de o Anjo os ter deixado, continuaram a rezar, prostrados por terra, a oração do Meu Deus, eu creio...; e quanto mais a rezavam, mais se sentiam invadidos pela divina presença. (MIL, cf. Ib. p. 169)

Nesta dezena, peçamos, por intercessão da Virgem Maria, a graça de adorar a Deus e amá-l'O sobre todas as coisas.

### **3º mistério: O Nascimento de Jesus em Belém**

*Do Evangelho de S. Lucas: O Anjo disse aos pastores: «Anuncio-vos uma grande alegria. Hoje, nasceu-vos em Belém um Salvador, o Messias Senhor.» Os pastores foram a Belém e contaram tudo o que lhes tinha sido dito d'Aquela Menino. E Maria guardava todas estas coisas ponderando-as em seu coração. (Lc 2,10.16-20...)*

As palavras do Anjo não saíam da mente e do coração dos pastores. Depois de contemplarem e adorarem, a Jesus, recém-nascido, ao regressarem, falavam d'Ele a toda a gente.

Ao contrário, os Pastorinhos sentiam-se de tal modo tomados pela atmosfera de sobrenatural que nem sequer conseguiam falar entre si. (MIL, 169)

Nesta dezena, peçamos a graça de abrir nossos corações à Palavra de Deus e de nos deixarmos envolver pelo seu amor terno e misericordioso.

### **4º mistério: A Apresentação do Senhor no Templo**

*Do Evangelho de S. Lucas: Simeão tomou [o Menino] nos braços e bendisse a Deus, dizendo: «Agora, Senhor... deixareis ir em paz o vosso servo, porque meus olhos viram a salvação que oferecestes a todos os povos, Luz para se revelar às nações.» (Lc 2,28-32)*

Simeão e a profetisa Ana estavam cheios do Espírito Santo, louvavam a Deus por Aquele Menino e falavam d'Ele a toda a gente; e quantos os ouviam, enchiam-se de espanto e alegria.

O Anjo disse aos Pastorinhos, na segunda aparição: «Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia.» E eles vão passar horas seguidas, a rezar a oração ensinada pelo Anjo, e seus corações vão-se deixando-se impregnar da divina misericórdia que jorra dos Corações de Jesus e de Maria. (MIL, cf. Ib. p. 170)

Nesta dezena, peçamos a graça de também nós abriremos nossos corações aos desígnios amorosos dos Corações de Jesus e Maria a nosso respeito.

### **5º mistério: O encontro do Senhor no Templo**

*Do Evangelho de S. Lucas: Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele tinha doze anos, passados os dias festivos, os pais regressaram e Jesus ficou em Jerusalém... Três dias depois, encontraram-n'O no templo, e sua Mãe disse-Lhe: «Filho, por que procedeste assim connosco? Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura». «Por que Me procuráveis, respondeu Jesus? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?» (Lc 2,41-43.46.48-49)*

Para Jesus, estar na casa do Pai, estar com o Pai, era algo de irrecusável, que Lhe vinha do mais fundo do ser, e Jesus ficou em Jerusalém.

Os Pastorinhos, após a terceira aparição sentiram-se completamente mergulhados em Deus, Trindade de Amor, que os absorvia quase por completo e os enchia de encanto e de espanto diante da grandeza do seu mistério. (MIL, cf. Ib. p. 171)

Peçamos que nos seja dado o dom da adoração para também nós nos enchermos de encanto e de espanto diante da grandeza de Deus e do seu mistério.





# **Mistérios Luminosos**

*Manuel dos Santos José*

## **1º mistério: Baptismo de Jesus no rio Jordão**

*Do Evangelho de S. Mateus: Logo que foi baptizado, Jesus saiu da água [...], o Céu abriu-se e o Espírito de Deus desceu como uma pomba sobre Ele. Fez-se ouvir uma voz que dizia: «Este é o meu Filho amado no qual pus as minhas complacências». (Mt 3,16-17)*

A Trindade Santíssima, que Se manifestou no Baptismo de Jesus, vem morar no coração dos seus discípulos no dia em que são baptizados. O Baptismo faz dos cristãos filhos bem amados do Pai, no Filho Jesus, pelo Espírito.

Assim aconteceu também com os Pastorinhos. A presença deles do Deus Uno e Trino, tornou-se particularmente forte, nas aparições do Anjo, levando-os a sentirem-se cada vez mais envolvidos pelo amor materno e paterno de Deus e a sentir-se inundados de paz, alegria, felicidade. (Cf. Memórias da Irmã Lúcia, Secretariado dos Pastorinhos, 10ª Edição, pág. 171)

Peçamos, através de Maria, a graça de nos deixarmos envolver pelo amor terno e misericordioso de Deus e de adorar o Pai em espírito e verdade.

## **2º mistério: As Bodas de Caná**

*Do Evangelho de S. João: Maria disse a Jesus: «Não têm vinho»; e aos serventes: «Fazei tudo o que o meu Filho vos disser». (Jo 2,3.5)*

E, graças à intervenção de Maria, Jesus mudou a água em vinho e abriu à fé o coração dos primeiros discípulos. As palavras que Maria disse aos serventes de mesa, nas Bodas de Caná, quer dizê-las a todos: «Fazei tudo o que o meu Filho vos disser.» O verdadeiro discípulo segue a Jesus de todo o coração e aponta incessantemente para Ele, o único Salvador.

Deus enviou o seu Anjo a preparar os Pastorinhos para uma grande missão: Logo na 1ª aparição, o Anjo disse: «Orai comigo.» Depois, curvou a fronte até ao chão e rezou três vezes a oração do «Meu Deus, eu creio...» E quanto mais a rezavam, mais Deus era o tudo da sua vida. (MIL, Ib. p. 169)

Que por intercessão de Maria, sejamos cada vez mais dóceis à vontade de Deus e não cessemos nunca de apontar para Jesus, por quem vem ao mundo a vida, a salvação.

### **3º mistério: Jesus anuncia o Reino de Deus**

Neste 3º Mistério, contemplamos Jesus a anunciar a proximidade do Reino de Deus e a convidar todos à conversão.

*Do Evangelho de S. Marcos: Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: «Completo-se o tempo e o reino de Deus está próximo: «arrependei-vos e acreditai no Evangelho.» (Mc 1,14-15)*

Fixemos nossos olhos em Jesus: Ele vai de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, anunciar a Boa Nova do Reino e convidar a todos ao arrependimento e à conversão. Se alguma povoação O queria reter, dizia: «Tenho de anunciar a Boa Nova do Reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado.» (Lc 4,43)

O Anjo disse aos Pastorinhos na segunda aparição: «Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia.» (MIL, Ib. 170) O mesmo é dizer: Quereis fazer de vós obreiros de misericórdia para o mundo, para que, através da vossa oração e sacrifícios muitos possam chegar à luz, à salvação.

Nesta dezena, peçamos, por intercessão de Maria, que também nós, pela oração e sacrifício, nos tornemos obreiros da misericórdia de Deus, no mundo.

### **4º mistério: Transfiguração de Jesus**

No 4º Mistério, contemplamos Jesus transfigurado no monte santo

*Do Evangelho de S. Lucas: Jesus. [...] subiu a um monte para orar. E enquanto orava, o aspecto do seu rosto modificou-se. [...] E da nuvem veio uma voz que disse: «Este é o meu Filho predilecto, escutai-O.» (Cf. Lc 9,28-29.35)*

No monte santo, a glória de Deus refulgiu no rosto de Jesus e suas vestes tornaram-se resplandecentes de luz! Foi na oração que a voz do Pai se fez ouvir; é ela que nos torna capazes de escutar Jesus, de verdade. Só a oração transfigura nossas vidas.

E que transfiguração a oração operou na vida dos Pastorinhos?!... Antes das aparições do Anjo, eles rezavam o Terço a correr, pois todo o tempo era pouco para brincar; depois, passaram a rezá-lo, com todos os Pai-Nossos e Ave-Marias; e rezavam a oração do Meu Deus, eu creio... até caírem por terra, de cansados. (MIL, cf. Ib. 77-78 )

Que pela acção maternal de Maria, nos configuremos mais e mais com Cristo, até sermos presenças vivas do seu amor no mundo.

### **5º Mistério: instituição da Eucaristia**

*Do Evangelho de S. João: «Eu sou o Pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste Pão viverá eternamente; e o Pão que Eu hei-de dar é a minha carne que Eu darei para a vida do mundo.» (Jo 6,51)*

Foi na última Ceia que Jesus instituiu a Eucaristia. Jesus é o verdadeiro Pão descido do Céu para a vida do mundo. Comungamos o Corpo de Cristo para nos deixarmos assimilar por Cristo, até sermos UM com Ele.

A Eucaristia constitui, por certo, uma das páginas mais enternecedoras da vida da Jacinta: Quando pequenina queria tanto vê-l'O, mas depois, já só queria recebê-l'O. E com que «felicidade indizível» dizia ao Francisco que o Anjo lhes dera também a Comunhão... E o Francisco dizia: «Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!» (MIL, cf. Ib. 40-42. 140)

Que pela intercessão de Maria, reconhecamos na Eucaristia o grande dom de Cristo à sua Igreja e pratiquemos o amor reparador pelas indiferenças, desacatos e sacrilégios, cometidos contra a Santíssima Eucaristia.



## ***Misterios Dolorosos***

*Jorge Guarda*

As aparições do Anjo, em 1916, manifestam a proximidade de Deus em relação aos homens e preparam os três pastorinhos para acolherem «os desígnios de misericórdia» que Ele tinha sobre eles. O celeste mensageiro inicia-os na oração como relação de amor com Deus mediante atitudes, gestos e palavras. Recomenda-lhes o sacrifício, sobretudo a aceitação e fortaleza no suportar os sofrimentos que a vida lhes trouxesse. Começa então neles a aventura de uma generosa compaixão para com Deus e para com os homens e mulheres marcados pela tribulação e o pecado.

Na oração do Rosário, iluminados pela fé e guiados pela mão de Maria Santíssima aproximamo-nos de Deus. Meditando os mistérios dolorosos, entramos em comunhão com Cristo sofredor e apresentamos-lhe os padecimentos de todos os homens, para que encontrem consolação e alívio com a intercessão da Mãe do Céu.

### ***1º mistério: A agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras***

*Do Evangelho de São Lucas: Jesus foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras. Pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.» Então, vindo do Céu, apareceu-lhe um anjo que o confortava. Cheio de angústia, pôs-se a orar mais instantemente, e o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra. (Cf Lc 22, 39-44)*

Meditação: Também para Jesus o sofrimento foi pesado. Aos discípulos recomendou-lhes a oração para não serem esmagados pelas tribulações da vida. Com o Anjo, os Pastorinhos aprenderam a adorar a Deus e a oferecer-lhe os seus sofrimentos. E, como Jesus, foram atendidos nas suas preces.

Perante os sofrimentos que nos atingem ou que afligem os outros, confiemo-nos à misericórdia divina que conforta e fortalece quem n'Ele crê.

Rezemos, por intercessão de Maria, por todos os que sofrem no corpo ou na alma.

### **2º mistério: A flagelação de Jesus**

*Do Evangelho de São Mateus: Pilatos disse aos sacerdotes, aos anciãos e à multidão: «Que hei-de fazer de Jesus chamado Cristo?» E todo o povo respondeu: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!» Então, Pilatos soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de o mandar flagelar, entregou-o para ser crucificado. (Cf Mt 27, 22-26)*

Meditação: As pessoas tornaram-se cúmplices da violência contra Jesus, condenando o inocente e libertando o criminoso. Mas Jesus assume sobre si a injustiça dos homens, para os libertar do pecado. Os Pastorinhos, instruídos pelo Anjo, acreditam que podem colaborar com Deus assumindo voluntariamente o sofrimento e com ele contribuir para a conversão dos homens. A fé torna-nos possível a comunhão espiritual de modo a fazermos bem aos homens mediante a solidariedade espiritual e a reparação.

Rezemos, por intercessão da Mãe de Misericórdia, por todos as vítimas inocentes das injustiças e violências.

### **3º mistério: Jesus coroado de espinhos**

*Do Evangelho de São Mateus: Os soldados do governador conduziram Jesus para o pretório e reuniram toda a coorte à volta dele. Despiram-no e envolveram-no com um manto escarlata. Tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e uma cana na mão direita. Dobrando o joelho diante dele, escarneciam-no, dizendo: «Salve! Rei dos Judeus!» E, cuspido-lhe no rosto, agarravam na cana e batiam-lhe na cabeça. (Mt 27, 27-30)*

Meditação: Quem assume qualquer poder está sujeito à tentação de o usar para dominar e humilhar os outros. Jesus foi disso vítima. Os Pastorinhos receberam nas suas mãos o poder de interceder pela paz e pela conversão dos pecadores. Com que generosidade o usaram em favor dos outros! Só Deus

é absoluto. Deus usa o seu poder para amar e libertar os homens. Façamos como Ele usando para o bem os nossos poderes e os talentos pessoais.

Rezemos, por intercessão da Serva do Senhor, para que todos os poderes humanos sejam empregues para o bem das pessoas.

#### **4º mistério: Jesus condenado a caminho do calvário**

*Do Evangelho de São Lucas: Quando iam conduzindo Jesus, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus. Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos». E levavam também dois malfeitores, para serem executados com Ele. (Cf Lc 23, 26-32)*

Meditação: Jesus, tratado como malfeitor, é ajudado. Mas também Ele consola quem sofre e faz a promessa a um dos malfeitores de o fazer entrar no Céu. Aos Pastorinhos o Anjo veio revelar o coração misericordioso de Deus, que quer salvar os homens. A conversão abre os corações e as mentes humanas aos bens espirituais e à plenitude da vida oferecida por Deus. Fátima é testemunha da abundante chuva de graças que o Céu tem derramado para multidões de pessoas.

Rezemos, por intercessão do Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores.

#### **5º mistério: A crucifixão e morte de Jesus**

*Do Evangelho de São Lucas: Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram Jesus e os malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.» Dito isto, expirou. Ao ver o que se passava, o centurião deu glória a Deus, dizendo: «Verdadeiramente, este homem era justo!». (Cf Lc 23, 33-49)*

Meditação: Jesus enfrenta a morte com um acto de amor, entregando-Se ao Pai. Os primeiros efeitos fazem-se sentir nas pessoas presentes. Esta

mesma oferta, em favor dos homens, continua Jesus a fazê-la no sacramento da Eucaristia: oferece em comunhão o seu Corpo e o seu Sangue para suscitar a conversão dos homens a Deus. Neste seu acto associa também os Pastorinhos e quantos aceitam viver segundo Deus e ser testemunhas e mensageiros desse amor no meio dos homens.

Rezemos, por intercessão da Senhora da Mensagem, para que os homens, na hora da sua morte, em acto de fé, se entreguem nas mãos amorosas de Deus.



A concluir, rezemos com o Papa Bento XVI:  
Ó Maria, Advogada e Medianeira da graça,  
Vós que estais totalmente imersa  
na única mediação universal de Cristo,  
solicitai a Deus, para nós,  
um coração completamente renovado,  
que ame a Deus com todas as suas forças  
e sirva a humanidade como o fizestes Vós.



## *Mistérios Gloriosos*

*Jorge Guarda*

A oração do Rosário – disse Bento XVI na sua peregrinação a Fátima – «permite-nos fixar o nosso olhar e o nosso coração em Jesus, como sua Mãe, modelo insuperável da contemplação do Filho. Ao meditar os mistérios ao longo das «Ave-Marias», contemplamos todo o mistério de Jesus; contemplamos a participação íntima de Maria neste mistério e a nossa vida em Cristo hoje, também ela tecida de momentos de alegria e de dor, de sombras e de luz, de trepidação e de esperança. A graça invade o nosso coração no desejo de uma incisiva e evangélica mudança de vida de modo a poder proclamar com São Paulo: «Para mim viver é Cristo» (Fl 1, 21), numa comunhão de vida e de destino com Cristo.»

Nos mistérios gloriosos, meditamos no poder de Deus que alcança para Seu Filho a vitória sobre a morte e os dons de vida eterna que concede a quem n'Ele crê, a começar por Maria Santíssima. Ela intercede connosco junto de Seu Filho para que os homens vivam a graça da vida nova recebida no baptismo e oferecida a todos os homens.

### ***1º mistério: A ressurreição de Jesus***

*Do Evangelho de S. Lucas: No primeiro dia da semana, ao romper da alva, as mulheres foram ao sepulcro. Encontraram removida a pedra da porta do sepulcro e, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Estando elas perplexas com o caso, apareceram-lhes dois homens em trajes resplandecentes que lhes disseram: «Porque buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui; ressuscitou!». (Cf. Lc 24,1-6)*

Disse Bento XVI na sua visita a Portugal: «Nossa Senhora de Fátima para nós é um sinal da presença da fé; que justamente dos pequenos nasce uma nova força da fé, que não se reduz aos pequenos, mas que tem uma

mensagem para todo o mundo e toca a história precisamente no seu presente e ilumina esta história».

Rezemos, por intercessão da Virgem fiel, para que a graça da fé em Cristo vivo seja concedida a quem a busca, mesmo sem o saber, e se fortaleça em cada cristão.

### **2º mistério: A ascensão de Jesus ao Céu**

*Do Evangelho de S. Lucas: Jesus levou os Apóstolos até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao Céu. E eles, depois de se terem prostrado diante dele, voltaram para Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no templo a bendizer a Deus. (Cf. Lc 24, 50-53)*

Disse Bento XVI na sua visita a Portugal: «Em Fátima a bem-aventurada Virgem Maria convida-nos a caminhar com grande esperança, deixando-nos guiar pela «sabedoria do alto», que se manifestou em Jesus, a sabedoria do amor, para levar ao mundo a luz e a alegria de Cristo».

Rezemos pelos homens e mulheres que vivem animados pela esperança cristã, para que, com o seu testemunho, a comuniquem a quem a perdeu.

### **3º Mistério: A descida do Espírito Santo**

*Do Livro dos Actos dos Apóstolos: Quando chegou o dia do Pentecostes, os discípulos de Jesus encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem. (Cf. Act 2, 1-4)*

Disse Bento XVI na sua visita a Portugal: «Que, há 93 anos, o Céu se abraze precisamente sobre Portugal – como uma janela de esperança que Deus abre quando o homem lhe fecha a porta – para reatar, no seio da família humana, os laços da solidariedade fraterna assente no mútuo reconhecimento de um só e mesmo Pai, trata-se de um amoroso desígnio de Deus. Veio do

Céu a Virgem Maria para nos recordar verdades do Evangelho que são para a humanidade, fria de amor e desesperada de salvação, fonte de esperança».

Rezemos para que a verdade do Evangelho, sob o impulso do Espírito Santo, seja hoje eficazmente testemunhada e docilmente acolhida.

#### **4º Mistério: A assunção de Nossa Senhora ao Céu**

*Da 1ª Carta de S. Paulo aos Coríntios: Digo-vos, irmãos: o homem terreno não pode herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade. Vou revelar-vos um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados. É, de facto, necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade e que este ser mortal se revista de imortalidade. (Cf. 1 Cor 15, 50-53)*

Disse Bento XVI na sua visita a Portugal: «Maria, aparecendo aos três Pastorinhos, abriu ao mundo um espaço privilegiado para encontrar a misericórdia divina que cura e salva. Em Fátima, a Virgem Santa convida todos a considerar a terra como lugar da nossa peregrinação rumo à pátria definitiva, que é o Céu. Na realidade todos somos peregrinos, precisamos da Mãe que nos guia.»

Rezemos para que todos os peregrinos e devotos de Virgem de Fátima se deixem transformar por Deus, reconhecendo-a como guia e aceitando a sua ajuda.

#### **5º Mistério: A coroação de Nossa Senhora no Céu**

*Do Livro do Apocalipse: Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. Então ouvi uma voz forte no céu que aclamava: «Alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais!» (Ap 12,1.10.12)*

Disse Bento XVI na sua visita a Portugal: «Trago comigo as preocupações e as esperanças deste nosso tempo e as dores da humanidade ferida, os problemas do mundo e venho colocá-los aos pés de Nossa Senhora de Fátima: Virgem Mãe de Deus e nossa Mãe querida, intercedei por nós junto de vosso Filho para que todas as famílias dos povos, quer as que se distinguem pelo nome cristão quer as que ainda ignoram o seu Salvador, vivam em paz e concórdia até se reunirem finalmente num só povo de Deus, para glória da santíssima e indivisível Trindade. Amen.»

Rezemos para que os homens se reconheçam como irmãos e os povos vivam todos em fraternidade universal.



A concluir, rezemos com o Papa Bento XVI:

Ó Maria, Esposa do Espírito Santo,  
alcançai-nos o dom inestimável  
da transformação em Cristo.

Com a mesma força do Espírito que,  
estendendo sobre Vós a sua sombra,  
Vos tornou Mãe do Salvador,  
ajudai-nos para que Cristo, vosso Filho,  
nasça em nós também.

# *Adoração Eucarística - Modelo A*

*Luís Miranda*

## **Cântico**

- Toda a Terra Vos adore, Senhor
- Pai, Filho, Espírito Santo

## **Saudação Inicial**

+ Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.  
Amen.

## **Presidente**

Irmãos e Irmãs, reunidos pelo Espírito Santo, graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus nosso Pai e de Seu Filho Jesus Cristo, o Redentor da humanidade.

## **Assembleia**

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

## **Presidente**

Irmãos, estamos reunidos para louvar, bendizer e adorar a Santíssima Trindade. Adorar significa para nós, os crentes, como dizia S. Bento: «Nada antepor ao amor de Cristo», ou seja, significa deixar que a nossa vida, a nossa inteligência, os nossos afectos, tudo o que somos e fazemos, seja revestido e renovado pelo amor pascal de Jesus. É por isso que aqui nos reunimos à volta do altar, não como estranhos mas como família de Deus, como peregrinos, sabendo que o Pai, na força do Espírito Santo, nos oferece o Seu Filho, como companheiro de viagem e como caminho que devemos percorrer com alegria.

Vamos invocar o Espírito Santo de Deus para que nos assista nesta hora em que queremos centrar os nossos corações em Deus.

**Leitor 1**

Pai Santo, fonte de toda a luz e verdade, enviai-nos o vosso Espírito Santificador: que Ele seja, Senhor, consolação para as nossas tristezas, remédio para o nosso sofrimento e força para a nossa fragilidade.

**Todos**

Enviai Senhor, o Vosso Espírito,  
E renovai a face da terra. Aleluia. Aleluia.

**Leitor 2**

Jesus Cristo, rosto eterno do Amor do Pai, enviai-nos o Vosso Espírito e com a força do amor tornai-nos dóceis aos vossos ensinamentos, fiéis à vossa vontade e humildes na realização da missão que nos confiastes.

**Todos**

Enviai Senhor, o Vosso Espírito, e renovai a face da terra. Aleluia. Aleluia.

**Leitor 1**

Espírito Santo de Deus, fogo eterno da beleza de Deus, vinde sobre nós e renovai os nossos corações para que vivamos cada dia com o mesmo ardor e alegria com que fizestes sair os Apóstolos do cenáculo ao encontro dos irmãos.

**Todos**

Enviai Senhor, o Vosso Espírito, e renovai a face da terra. Aleluia. Aleluia.

**Presidente**

Pai de Misericórdia,  
enviastes o Vosso Filho para nos anunciar a Boa Nova do Reino.  
Pela Sua ressurreição Vós, ó Pai, nos enviastes o Espírito Santo,  
vida da Igreja, fogo da Nova Aliança no coração dos crentes.  
Nós Vos rogamos nesta hora:  
Dai-nos o Vosso Espírito e fazei desta Igreja que somos  
cada vez mais uma casa de discípulos e apóstolos,  
de verdadeiros adoradores da Vossa santidade.  
Tudo isto nós o pedimos, ó Pai, por Jesus Cristo,  
que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo.

## Liturgia da Palavra

### 1ª Leitura (Deut. 6, 1-15. 20-25)

Leitura do Livro do Deuterónimo.

Estes são os mandamentos, as leis e os preceitos que o Senhor, vosso Deus, ordenou que vos ensinasse para os cumprirdes na terra onde ides entrar, para dela tomar posse. Portanto, debes temer o Senhor, teu Deus, cumprindo todas as suas leis e mandamentos que te ordeno, tu, os teus filhos e os filhos dos teus filhos, por todos os dias da tua vida, a fim de que os teus dias se prolonguem. Portanto, Israel, escuta e tem cuidado em cumprir o que será bom para ti e vos fará multiplicar muito na terra onde corre leite e mel, como te prometeu o Senhor, Deus dos teus pais.

Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos que hoje te imponho estarão no teu coração. Repeti-los-ás aos teus filhos e reflectirás sobre eles, tanto sentado em tua casa, como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar. Atá-los-ás, como símbolo, no teu braço e usá-los-ás como filactérias entre os teus olhos. Escrevê-los-ás sobre as ombreiras da tua casa e nas tuas portas.

Quando o senhor, teu Deus, te introduzir na terra que vos há-de dar, como jurou a teus pais, Abraão, Isaac e Jacob, terra de grandes e belas cidades, que não edificaste, com casas repletas de bens que não juntaste, com cisternas abertas que não cavaste, com vinhas e oliveiras que não plantaste; então comerás e ficarás saciado. Guarda-te, porém, de esquecer o Senhor que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão! Ao Senhor, teu Deus, adorarás, a Ele servirás, e pelo seu nome jurarás. Não ireis atrás de outras divindades, deuses dos povos que vos rodeiam, pois o Senhor, teu Deus, que está no meio de ti é um Deus ciumento.

Quando, amanhã, os teus filhos te perguntarem que regras, leis e preceitos são estes que o Senhor, nosso Deus, vos impôs, dirás, então, aos teus filhos: 'Éramos escravos do faraó, no Egito, e o Senhor tirou-nos do Egito com mão forte. À nossa vista, o Senhor fez sinais, prodígios enormes e terríveis no Egito contra o faraó e toda a sua casa. Quanto a nós, tirou-nos de lá, para nos introduzir aqui e nos dar a terra que prometera em juramento a

nossos pais. O Senhor ordenou-nos, então, que puséssemos em prática todas estas leis, que temêssemos o Senhor, nosso Deus, a fim de sermos eternamente felizes, para nos conservar a vida, como acontece hoje. Desse modo, seremos justos, porque tomámos cuidado em praticar todos estes mandamentos diante do Senhor, nosso Deus, como Ele nos ordenou.

Palavra do Senhor

***Admonitor***

Irmãos e irmãs, no silêncio de um coração que reza, elevemos para Deus o nosso canto e acolhendo como outrora o convite feito ao povo eleito reafirmemos também o nosso desejo sincero de adorar e amar o Senhor nosso Deus acima de todas as coisas, como no-lo pede a nossa fé. Cantemos com alegria:

**Cântico**

Escuta Israel, não há outro Deus senão o Senhor,  
Ama-lo-ás, ama-lo-ás de todo o teu coração.

***Admonitor***

Irmãos e irmãs, de cada vez que escutamos a palavra de Deus o nosso coração é pacificado. É o próprio Deus que nos fala e enche de coragem desafiando-nos a fazer o nosso caminho quotidiano com verdade, profundidade e muita alegria. Acolher a santidade de Deus, adorá-l'O sobre todas as coisas, significa dar testemunho d'Ele nos mais pequenos gestos da nossa vida. Foi esse também o apelo que Jesus nos fez e a missão que Ele nos deixou. Coloquemo-nos de pé e, como filhos de Deus que somos, aclamemos o próprio Cristo que nos vai falar no santo evangelho.

**Aclamação do Evangelho – Aleluia (M. Carneiro)**

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia (Bis)

A palavra de Deus é vida  
A palavra de Deus é pão  
Pão que mata a fome de amor  
Aleluia, Glória ao Senhor



**Evangelho** (Mt 5, 1-12)

✠ Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Mateus

Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo: «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. Felizes os que choram, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque possuirão a terra. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu; pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam.»

Palavra da Salvação

*Um breve comentário/partilha sobre as leituras escutadas*

Pode ajudar ter em conta os seguintes tópicos:

- Centralidade de Deus
- Um convite a deixar a idolatria.
- Convite feito ao Povo eleito permanece actual ... o nosso coração precisa de renovar sempre a sua adesão a Deus.
- Quem dá a Deus o centro da sua vida vive pacificado e em permanente gratidão.
- Amar a Deus com todo o coração, inteligência e vontade é possível hoje também como o foi para Francisco, Jacinta e para tantos outros e outras ao longo dos séculos. Somos herdeiros e contemplativos de uma imensidão de histórias de fidelidade a Deus (os santos).
- O projecto salvador de Deus revelado em Jesus: um convite à alegria de uma vida simples, fiel e sempre acolhedora dos dons de Deus que se torna capaz de, no dia a dia, os partilhar com os irmãos (o testemunho de vida).

## **Exposição do Santíssimo Sacramento e tempo de adoração**

### **Cântico**

- Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-vos

*ou*

- Ó Verdadeiro Corpo do Senhor

### **Tempo de silêncio e adoração intercalado com o cântico**

Nada te turbe, nada te espante, quem a Deus tem, nada lhe falta

Nada te turbe, nada te espante, só Deus basta.

### **Ou**

Durante o tempo de silêncio podem introduzir-se pausadamente, permitindo a interiorização e meditação, as seguintes invocações, com resposta [cantada] da assembleia:

Cristo, tende piedade de nós

- Cristo, dom do Pai, concebido por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria.
- Cristo, baptizado no Jordão, consagrado pelo Espírito e enviado pelo Pai aos pobres e oprimidos.
- Cristo, Bom Pastor, caminho, verdade e vida para todos os homens e mulheres.
- Cristo, saúde dos enfermos, consolação dos aflitos, misericórdia dos pecadores.
- Cristo, Cordeiro Pascal, ressurreição e vida, esperança e alegria do mundo.
- Cristo, Esposo da Igreja, doador do Espírito Santo, Vivente pelos séculos sem fim.
- Cristo, rosto da ternura do Pai, rochedo da nossa salvação e luz para as nossas trevas.

### **Ou**

Introduzir várias vezes durante o tempo de adoração a oração ensinada pelo Anjo: Santíssima Trindade...

## **Preces**

### ***Presidente***

Irmãs e Irmãos, é infinita a misericórdia do Senhor nosso Deus. Ele é o Deus da bondade e da alegria, da paz e da esperança, o Deus-Amor. Nesta hora em que mergulhámos no Seu coração e em que tomámos mais consciência de que diante d'Ele não há pecado que não tenha perdão, não há abandono que impeça o regresso à Sua casa, dirigamos-Lhe a nossa oração humilde e digamos com toda a confiança cantando:

Nós vos rogamos Senhor, ouvi-nos

1. Pela Santa Igreja espalhada pelo mundo inteiro, para que na fidelidade ao projecto de Jesus seja sempre uma voz que convoca para a adoração e glorificação de Deus e para a defesa da dignidade humana, oremos irmãos.
2. Pelo Papa Bento XVI, pelos nossos bispos, presbíteros e diáconos, para que à semelhança de Cristo, vivam uma vida de permanente intimidade e escuta da voz do Pai na oração e no serviço fraterno a todos os baptizados, oremos irmãos.
3. Por todo o Povo Santo de Deus, para que a celebração do mistério eucarístico renove sempre a sua esperança e a sua alegria, oremos irmãos.
4. Pelos homens e mulheres do mundo inteiro, para que descubram em Deus um Pai misericordioso e próximo, oremos irmãos.
5. Por todos os que sofrem, no corpo ou no espírito, para que encontrem em Deus o sentido, a serenidade e o alívio para os seus males, oremos irmãos.
6. Por todos os que não crêem em Deus, por todos os que experimentam a noite da fé e por todos aqueles que O procuram de coração sincero, para que o Senhor incendeie os seus corações com o fogo do seu amor misericordioso, oremos irmãos.
7. Por todos aqueles que nestes dias se fizeram peregrinos a este santuário mariano, para que o Senhor revigore a sua fé, a sua esperança e o seu amor, de modo a que sejam verdadeiras testemunhas de Cristo ressuscitado, oremos irmãos.

8. Por todos os que aqui nos reunimos para celebrarmos a presença viva e activa do Senhor no meio de nós, para que Ele nos fortaleça de modo a que sejamos para o nosso tempo samaritanos da esperança, oremos irmãos.

**Presidente**

Reunidos pelo Espírito Santo como família de Deus, ousamos rezar como Cristo nos ensinou, ao Pai:

Pai-nosso...

**Bênção do Santíssimo**

Tantum ergo

**Ou**

Fonte de água viva (A. Cartageno, melodia popular baixo Alentejo)

Bendito, bendito sejas,  
Cristo meu Senhor, pel' Eucaristia. (*bis*)  
És força no caminhar,  
luz no entardecer 'strela que nos guia. (*bis*)

A ti vão matar a sede,  
fonte de água viva par' a vida eterna. (*bis*)  
Os pobres e oprimidos  
encontram em Cristo a sua cisterna. (*bis*)

Quem bebe de qualquer fonte  
sempre terá sede no seu caminhar. (*bis*)  
Quem bebe de Jesus Cristo  
torna-se nascente p'ra sempre a jorrar. (*bis*)

**Presidente**

Oremos.

Fazei, Senhor, que o sacramento pelo qual nos renovais, encha o nosso coração com a suavidade do vosso amor e nos leve a desejar as riquezas do reino dos Céus. Por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Amen

*O sacerdote dá a bênção à assembleia.*

*Depois de dar a bênção, todos repetem:*

Bendito seja Deus,  
Bendito seja o seu santo Nome,  
Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem,  
Bendito o nome de Jesus,  
Bendito o seu Sacratíssimo coração,  
Bendito o seu Preciosíssimo Sangue,  
Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar,  
Bendito o Espírito Santo Paráclito,  
Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima,  
Bendita a sua santa e Imaculada Conceição,  
Bendita a sua gloriosa Assunção,  
Bendito o Nome de Maria, Virgem e Mãe,  
Bendito São José, seu castíssimo Esposo,  
Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

***Presidente:***

Antes de regressarmos a nossas casa, e diante de Maria, mãe do Salvador e mãe nossa, consagremos nesta hora o nosso desejo de com Ela aprendermos a seguir sempre o caminho da Adoração e da fidelidade ao nosso Deus, e cantemos:

**Cântico Final**

Desde toda a eternidade sois a eleita do Senhor,  
Virgem Santa, Mãe de Deus,  
te cantamos com fervor:

Ave! Ave! Avé, Maria!

***Presidente***

Ide em paz e o senhor vos acompanhe.



# *Adoração Eucarística - Modelo B*

*Amélia Costa*

## **Preparação para o momento de Adoração**

### *Presidente*

De coração alegre e agradecido a Deus por este momento de adoração, invoquemos a Santíssima Trindade cantando:

**Cântico:** Santíssima Trindade eu Vos adoro

### **Ou:**

### *Presidente*

Vinde! Repousai um pouco! Disse Jesus aos apóstolos fatigados pela missão, pelo trabalho... Hoje, Jesus poderá repetir-nos este imperativo com o convite sempre actual: Vinde junto de Mim! Aqui, encontrareis alívio e paz para as vossas almas! Vamos interiorizar o convite de Deus ao salmista: «aquietai-vos Eu sou o vosso Deus» (Sl 46,10) uma prece que pode expressar os sentimentos que nos vão na alma e ajudar a viver este momento profundo de Adoração:

Pára um momento junto a Mim! - Interiorizado  
(*CD Pára um momento - faixa1*)

### *Presidente*

Este é um momento de reflexão e de intimidade com Deus. Um Deus presente que sabe do que necessita o nosso coração e sempre pronto a escutar-nos. Este é também um momento de estarmos com Jesus Cristo, vivo e ressuscitado na Eucaristia, deixando que Ele penetre fundo a nossa vida e escutar a palavra que conforta o nosso interior: Eu sou o vosso Deus!

De joelhos acolhamos Jesus no Santíssimo Sacramento.

## **Exposição do Santíssimo Sacramento**

Faz-se a exposição do Santíssimo Sacramento de acordo com o que estabelece o respectivo Ritual, n.93-94.

### **Canto de adoração**

Senhor, eu creio que sois Cristo, eu creio que sois Cristo  
Filho de Deus vivo. Eu creio, Senhor,  
Que sois o Salvador do mundo, que sois o Salvador do mundo.

### **Adoração**

#### ***Leitor 1***

Ao Beato Francisco, o que mais o impressionava e absorvia era Deus naquela luz imensa que penetrara no íntimo dos três. Só a ele, porém, Deus Se dera a conhecer tão triste, como ele dizia. Certa noite, seu pai ouviu-o soluçar e perguntou-lhe porque chorava; o filho respondeu: Pensava em Jesus que está tão triste por causa dos pecados que se cometem contra Ele. Vive movido pelo único desejo - tão expressivo do modo de pensar das crianças - de consolar e dar alegria a Jesus.

Na sua vida dá-se uma transformação que poderíamos chamar radical; uma transformação certamente não comum em crianças da sua idade. Entrega-se a uma vida espiritual intensa, que se traduz em oração assídua e fervorosa, chegando a uma verdadeira forma de união mística com o Senhor. Isto mesmo leva-o a uma progressiva purificação do espírito, através da renúncia aos próprios gostos e até às brincadeiras inocentes de criança. (*da homilia da Beatificação dos Pastorinhos do Papa João II*)

#### ***Presidente***

A grande preocupação de Francisco era a de consolar Nosso Senhor. O espírito de amor e reparação para com Deus ofendido, foram notáveis na sua vida tão breve. Passava horas a pensar em Deus. Era um contemplativo.

Vamos também nós silenciar a nossa voz e o nosso coração, para adorarmos Jesus, o amigo escondido a quem Francisco gostava de fazer companhia e de contemplar.

### **(Momento de Silêncio)**



Antífona: **Como sois grande em toda terra, Senhor nosso Deus.** (*bis*)

*Salmo 8 (rezado em coros alternados)*

Senhor, nosso Deus, \*

Como é admirável o vosso nome em toda a terra! †

A vossa majestade está acima dos céus.

Da boca das crianças e meninos de peito \*

sai um louvor que confunde os vossos adversários †

e reduz ao silêncio os inimigos rebeldes.

Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, \*

a lua e as estrelas que lá colocastes,

que é o homem para que Vos lembreis dele, \*

o filho do homem para dele Vos ocupardes?

Fizestes dele quase um ser divino, \*

de honra e glória o coroastes:

destes lhe poder sobre a obra das vossas mãos, \*

tudo submetestes a seus pés:

Senhor, nosso Deus, \*

como é admirável o vosso nome em toda a terra!

### **Leitor 2**

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direcção a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino exultou-lhe no seio. Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz:

«Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Na verdade, logo que cheguei aos meus ouvidos a voz da tua saudação, o menino exultou de alegria no meu seio. Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor».

### **Cântico**

Feliz és Tu porque acreditaste  
Que havia de cumprir-se  
o que Te foi dito da parte do Senhor  
feliz és Tu porque acreditaste!

### **Reflexão**

#### ***Leitor 1***

Crer é confiar. Crer é acolher. Crer é, essencialmente, entregar-se ao Deus fiel que chama para enviar. A Fé é ao mesmo tempo um acto e uma atitude que envolve e penetra todo o ser do chamado.

Maria era uma jovem, como outras do seu tempo... Quando interpelada por Deus, perturba-se, questiona, sente-se pequena! Mas diante do chamamento de Deus não foge. Serenamente, entrega-se. Nem tudo é claro para ela mas porque conhece a força do Espírito Santo, na fé, diz sim, eis-me! Doravante, será sempre Sim, mesmo na obscuridade do seu peregrinar de Fé.

Maria sente-se a pobre e a humilde serva. Com o seu «Faça-se» entra na grande aventura da Fé adulta. O seu Sim é total! Acreditou! Porque sabe que a Deus nada é impossível!

**Cântico:** Feliz és Tu, porque acreditaste (*Canta Povo de Deus*)  
(*escutar o Feliz porque acreditaste – CD- Faz-te ao largo – Faixa 5*)

### **Tempo de silêncio para oração pessoal**

#### ***Presidente***

Diante da Eucaristia, cada fiel manifesta o rosto da Igreja Esposa em adoração, oração e contemplação.

Adoração: o mistério ultrapassa a nossa compreensão, e o amor do Deus da vida tão próximo de nós pede a nossa acção de graças.

Oração: sintonizada com os sentimentos de Jesus diante do Pai: adoração, louvor, bênção, invocação e memória; oferta ao Pai com Cristo no Espírito Santo e intercessão pela salvação de todos.

Contemplação: Silenciosa mas cheia de fé e de amor, em íntima familiaridade e amizade com Cristo.

## Oração Universal

### *Presidente*

Irmãos, alegremo-nos de ter Maria por Mãe, presença materna constante em nossa vida. Com Ela, oremos a Jesus, feito Pão para nós, dizendo:

### *Interceda por nós a Virgem cheia de graça*

1. Oremos pela Igreja que sofre, neste tempo de crise e de mudança, para que fiel ao impulso do Espírito, sempre presente e operante, saiba viver com serenidade esta hora de purificação, buscando novos caminhos de encarnação.
2. Oremos por todos os que dão a vida pelo Reino, o Santo Padre, os Bispos, Presbíteros, Consagrados e Leigos, para que não desanimem nos fracassos e que o exemplo e amparo de Maria os estimule e fortaleça.
3. Oremos pelos que andam afastados de Deus e da Igreja, para que experimentem em suas vidas a intercessão do Beato Francisco e o encorajamento dos que vivem e anunciam o caminho de felicidade evangélica.
4. Oremos pelas famílias, para que sejam, nos seus lares, verdadeiros canais da bênção de Deus, educando e testemunhando cada dia, o Amor que salva.
5. Oremos pelos sós, os marginalizados, os sem emprego, todos os que são vítimas de uma sociedade egoísta, para que em Jesus Eucaristia encontrem, a força e a luz que hão-de transformar as suas vidas e encontrem em Maria protecção e conforto.

**Oração:** Felizes os que crêem!

### *Presidente*

Felizes os que não Vos viram e crêem em Vós

Felizes os que não contemplaram o Vosso rosto  
e confessam a Vossa divindade

Felizes os que lendo o Evangelho,

reconhecem em Vós Aquele a quem esperam

Felizes os que, no segredo de seus corações, escutam a Vossa voz

Felizes os que, animados pelo desejo de Deus,  
Vos encontram no mistério da Eucaristia  
Felizes os que no momento de escuridão,  
aderem mais fortemente à Vossa luz  
Felizes os que desconcertados pela provação  
mantêm firme a sua confiança em Vós.  
Felizes os que tendo a impressão de que estais ausente,  
continuam a crer na Vossa proximidade.  
Felizes os que não Vos viram,  
mas vivem a firme esperança de Vos ver um dia. Amem.

### **Bênção SS. Sacramento**

Quando se aproxima o fim da adoração, se está presente um ministro ordenado, este vai para o altar, genuflecte e ajoelha, enquanto se canta:

**Cântico:** Meu Deus eu creio

#### *Presidente*

Oremos. Senhor Jesus Cristo, que neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão, concedei-nos a graça de venerar de tal modo os mistérios do vosso Corpo e Sangue, que sintamos continuamente os frutos da vossa redenção. Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.  
Amen.

*O sacerdote dá a bênção à assembleia.*

*Depois de dar a bênção, todos repetem:*

Bendito seja Deus.

Bendito o seu santo Nome.

Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Bendito o Nome de Jesus.

Bendito o seu Sacratíssimo Coração.

Bendito o seu Preciosíssimo Sangue.

Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.

Bendito o Espírito Santo Paráclito.

Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.

Bendita a sua santa e Imaculada Conceição.

Bendita a sua gloriosa Assunção.

Bendito o Nome de Maria, Virgem e Mãe.

Bendito São José, seu castíssimo Esposo.

Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

*Se não estiver presente um ministro ordenado, pode cantar-se o cântico de adoração (Meu Deus eu creio) e depois, em silêncio, procede-se à reposição do Santíssimo Sacramento no tabernáculo.*



## Via Sacra

Carlos Paes

### **1ª estação: Jesus é condenado à morte**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Nós estávamos todos lá, naquele tribunal iníquo que Te condenou, Senhor Jesus. Estávamos todos lá, cada qual com a sua história trágica e o seu pecado. Estávamos todos lá, com as nossas omissões e as nossas fraquezas. Estávamos todos lá, com as nossas traições e cobardias. Estávamos lá também com os que Te choravam, porque conheciam a tua inocência, mas não tiveram coragem de a proclamar...

Deixámos que Te condenassem, e Tu aceitastes que o fizessem, porque ali se cumpriam os desígnios do Pai e a tua missão redentora. Não pensaste na injustiça que se abatia sobre Ti, mas apenas naqueles por quem decidiras entregar-Te. Bendito Sejas, Senhor Jesus!

### **2ª estação: Jesus toma a sua cruz**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Nunca ninguém abraçou a cruz como Tu, Senhor Jesus! E não era porque desconhecesses o tormento, a tortura, a amargura que ela iria significar. Aquela cruz tinha todo o peso do pecado do mundo e da história, que, numa conspiração trinitária, decidiras redimir. Aquela cruz seria o lugar da recapitulação de toda uma criação subvertida pelas nossas infidelidades e a nova árvore da vida, para sustento da nova humanidade.

Por isso não pensaste no drama que se estava a abater sobre Ti, mas numa outra paixão: a paixão do amor que Te levava a uma tal entrega e a um tal acolhimento do instrumento dum sofrimento indescritível. Bendito sejas, Senhor Jesus!

**3ª estação: Jesus cai pela primeira vez**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

A tua queda, Senhor Jesus, não é um sinal de fraqueza, mas expressão da verdade com que assumas aquela paixão. Carregas o peso de toda uma aliança mil vezes traída, de toda uma história irremediavelmente comprometida, todo um fracasso irreparável. A tua queda significa o desmoronar do nosso orgulho auto-suficiente, das nossas construções na areia, das nossas teorias insustentáveis.

Caíste Senhor Jesus, para denunciar a ilusão dos nossos projectos, concebidos à revelia da única Aliança que lhes poderia oferecer consistência e continuidade. Bendito sejas, Senhor Jesus!

**4ª estação: Jesus encontra sua mãe**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Foi num sentimento de cumplicidade de alma, que o Teu olhar se cruzou com o de Maria tua Mãe. Aquele olhar disse mais, do que todos os gestos de ternura que ela teve para contigo, desde a primeira hora. Aquele olhar foi mais eloquente e mais consolador do que mil palavras. Aquele olhar foi também uma espada de dor, que só o Pai sabe em qual dos dois foi mais profunda: se na Mãe, se no Filho. Um olhar que a ambos confirmou no mesmo propósito e na mesma determinação: ali Maria viu confirmada a sua vocação da co-redentora; e Jesus viu acalentada a sua entrega salvadora. Bendito sejas, Senhor Jesus!

**5ª estação: Simão de Cirene ajuda Jesus a levar a sua cruz**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Nunca quiseste, ao longo de toda a tua encarnação, assumir a imagem do super-homem que ganha todas as provas, numa demonstração de poder invencível. Pelo contrário, revestindo-Te da nossa vulnerabilidade, quiseste aceitar a ajuda dum desconhecido, que nem sequer fazia parte dos teus



discípulos. Acima de tudo, deste-nos uma imagem de magnanimidade e um exemplo de solidariedade, mesmo no estertor duma hora que Te convidava a encerrar-Te na tua dor. Ensinaste a Simão de Cirene e a todos nós, que qualquer um pode ser Cireneu do seu semelhante, pode ser samaritano daquele que está caído, mesmo que esse seja o Filho de Deus incarnado. Bendito sejas, Senhor Jesus!

**6ª estação: a Verónica limpa o rosto a Jesus**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

No meio de tamanha desolação aquela mulher demonstrou que não se finou no coração da humanidade um resto de compaixão. Não sabemos quem era, nem isso aqui interessa, porque o seu gesto diz mais do que qualquer identificação. Ali ela representa todos aqueles de nós, que não deixaram estiolar a sensibilidade do seu coração. E Tu Jesus, recompensaste o seu gesto deixando impressa naquele lenço a tua imagem. Uma imagem que ficou gravada no nosso coração e com a qual somos chamados a configurar-nos. Bendito sejas, Senhor Jesus!

**7ª estação: Jesus cai pela segunda vez**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Cais uma segunda vez, Senhor Jesus, esmagado pelo peso, cada vez mais insuportável, do fardo que lançámos sobre os teus ombros. Cais e ergues-Te, porque beberás até ao fim o cálice daquela paixão de renovação da aliança entre a humanidade e o Pai.

Cais desamparado, porque aquela é a hora do grão de trigo que cai sozinho na terra, para morrer e dar muito fruto.

Cais e ergues-Te de novo, para nos ensinares que, doravante, ninguém mais pode desistir da sua própria cruz e da sua paixão, porque em Ti podemos recuperar a coragem de continuar! Bendito sejas, Senhor Jesus!

**8ª estação: Jesus consola as mulheres de Jerusalém**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Aquele grupo de mulheres, certamente discípulas que Te vinham seguindo desde a Galileia, representam todas as mulheres que ao longo dos séculos choram a perda dos inocentes. Desde Marta até Mónica; desde Isabel de Aragão, até Teresa de Calcutá, desde Edith Stein até à irmã Elvira. A todas repetes a mesma advertência: «não choreis por mim, chorai por vós e vossos filhos!»

O mais digno de compaixão que alguma vez percorreu aquela via-sacra, não se detém num legítimo queixume, mas esquecendo as suas dores, continua a olhar-nos com misericórdia. A misericórdia que Te levou a tomar a cruz, para nossa salvação. Bendito sejas, Senhor Jesus!

**9ª estação: Jesus cai pela terceira vez**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Era demasiado o peso daquela cruz. Mas o mais pesado era o abandono a que foste entregue; a traição dos amigos; o beijo de Judas; a negação de Pedro; a indiferença dos responsáveis; a cobardia dos apóstolos; o silêncio do Pai. Só Maria continuava a seguir-Te, tão perto quanto lhe deixavam; e também João e mais algumas mulheres...

Esgotado e exangue, voltas a erguer-Te, para nos lembrares que doravante será sempre possível levantar-se e retomar o drama da nossa existência, porque nas tuas três quedas estão compendiadas e vencidas todas as fragilidades da nossa vida; todas as roturas, infidelidades, desistências, a que nos sentimos tentados. Bendito sejas, Senhor Jesus!

**10ª estação: Jesus é despojado das suas vestes**

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Por fim até das tuas vestes és despojado, Senhor Jesus. Tu que fizeras de toda a tua existência um dom. Tu que nem para nascer tiveste lugar. Tu

que não tinhas morada própria e vivias da hospitalidade dos amigos. Tu que aceitaste o abandono dos pusilânimes. Tu que fizeste da pobreza a bem aventurança dos libertos de coração; dos disponíveis para o serviço e a posse do Reino dos Céus; dos mansos e humildes de coração... és despojado e privado até da túnica que Te revestia... Contemplando-Te assim desarmado e despojado, aprendemos a libertar-nos dos nossos apegos e idolatrias; da nossa avareza e egoísmo. Aprendemos a lição do dom sem limite. Bendito sejas, Senhor Jesus!

### ***11ª estação: Jesus é pregado na cruz***

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Mais do que um instrumento para execução dum condenado, aquela cruz, assumida por Ti, Senhor Jesus, é um altar, é a árvore da vida. Tu dissestas: «a minha vida ninguém ma tira, sou Eu que a dou voluntariamente». É ali que consumas esse propósito e a cruz do sacrifício supremo transforma-se numa árvore onde doravante todos podem colher os frutos da Vida. Estendido e pregado àquele altar tornastes-Te para sempre o sinal duma oblação que restaura a aliança entre o Pai e a humanidade, porque ali se cruzam dois amores até então divorciados. Bendito sejas, Senhor Jesus!

### ***12ª estação: Jesus morre na cruz***

℣. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

℟. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Por fim morres na cruz, Senhor Jesus. Mas quando olhamos para a tua cruz não vemos um morto. Vemos alguém que atravessou e venceu a própria morte, abrindo as portas da Ressurreição para Si e para todos nós. É por isso que a emolduramos em feixes luminosos, ou a florimos em frescas flores. É por isso que a entronizamos em nossos templos ou a erguemos como referência vital nos lugares altos da nossa vida. No coração da nossa história, impossível de eliminar, ela tornou-se o sacramento por excelência da Igreja e o sinal mais expressivo da redenção universal! Bendito sejas, Senhor Jesus!

### **13ª estação: Jesus é descido da cruz**

Ÿ. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

Ř. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Não fazia sentido que ficasses à mercê numa qualquer vala comum dos condenados. Depositado nos braços de Maria tua Mãe, que desde o último suspiro nos ofereceste como Mãe da Igreja, é nos braços da Igreja que és acolhido e que, por momentos, podemos contemplar o realismo daquela tua Páscoa, que os profetas anunciaram.

Para lá da expressão cruenta dessa Páscoa, passamos, de forma quase imperceptível, para o mistério inesgotável daquela via que, por isso mesmo, se tornou sacra e que continuamos a percorrer. Desde então ela é também a nossa Via-sacra. Bendito sejas, Senhor Jesus!

### **14ª estação: Jesus é depositado no sepulcro**

Ÿ. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus

Ř. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Aquele sepulcro onde Te depositaram, Senhor Jesus, não é a última morada dum defunto ilustre. Aquele sepulcro é a nova arca da Aliança onde depositámos a semente de Vida plena e o fermento dos novos Céus e da nova Terra! Por isso o transformámos num lugar de peregrinação por excelência e quando lá vamos trazemos o sacramento e a memória do Vivo que dali partiu para se tornar a Presença com mais irradiação e força no coração da humanidade. Dali irradia o Espírito que foi o segredo de toda a tua Vida e que agora nos inunda a todos. Bendito sejas, Senhor Jesus!

# *Itinerário do Peregrino*

## *1. As aparições do Anjo*

As três aparições do Anjo aos Pastorinhos, em 1916, foram uma preparação para as aparições de Nossa Senhora, no ano seguinte. A primeira aparição aconteceu na Primavera de 1916, na Loca do Cabeço; a segunda aparição, no Verão do mesmo ano, teve lugar no Poço do Arneiro, junto da casa da Lúcia; a terceira aparição, no Outono, foi, de novo na Loca do Cabeço. Neste primeiro ano do percurso para a celebração do centenário das aparições, é na mensagem do Anjo que se concentra a nossa atenção. Aí descobrimos a atitude fundamental da adoração, que guia o percurso que a seguir se propõe. São os lugares destas aparições que somos convidados a visitar, não como turistas, mas como peregrinos.

Este percurso pode fazer-se individualmente ou em grupo. Em grupo, um membro pode fazer a evocação do acontecimento, lendo em voz alta o texto; depois, todos juntos fazem a oração proposta. No último lugar a visitar, a Capela do Santíssimo Sacramento, no Santuário, a leitura do texto deverá fazer-se antes de entrar, para preservar o silêncio daquele lugar, e a oração deve ser apenas pessoal.

***Partida: no início da Via-Sacra, junto da Rotunda Sul. Fazer a Via-Sacra até ao Calvário húngaro e dirigir-se, depois, à Loca do Cabeço, em silêncio.***

## *2. Loca do Cabeço*

### *2.1. Evocação*

Na Primavera de 1916, os três Pastorinhos estavam a guardar o rebanho junto da Loca do Cabeço. Enquanto brincavam, vêem aproximar-se uma figura que a Ir. Lúcia descreve como “um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais

branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza”. Conta-nos a Ir. Lúcia:

“Ao chegar junto de nós, disse:

- Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.

E ajoelhando em terra, curvou a frente até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras:

- Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Depois, erguendo-se, disse:

- Orai assim. Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.

As suas palavras gravaram-se de tal forma na nossa mente que jamais nos esqueceram. E, desde aí, passávamos largo tempo assim prostrados repetindo-as, às vezes, até cair cansados”

(*Segunda Memória: Memórias da Irmã Lúcia I, Fátima 200713, p.77-78*)

## 2.2. Oração

Profundamente inclinados, de joelhos ou prostrados, em atitude de adoração, rezamos como o Anjo ensinou:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam. (3 vezes)

***Seguir para o Poço do Arneiro, junto da casa da Lúcia.***

## 3. Poço do Arneiro

### 3.1. Evocação

Conta-nos a Ir. Lúcia:

“Passado bastante tempo, num dia de Verão, em que havíamos ido passar a sesta a casa, brincávamos em cima dum poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro. [...] De repente, vemos junto de nós a mesma figura ou Anjo, como me parece que era, e diz:

- Que fazeis? Orai, orai muito. Os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.

- Como nos havemos de sacrificar?

- De tudo o que puderdes, oferecei a Deus sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atrai, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, os sofrimentos que o Senhor vos enviar.”

*(Segunda Memória: Memórias da Irmã Lúcia I, Fátima 200713, p.78)*

### 3.2. Oração

Profundamente inclinados, de joelhos ou prostrados, em atitude de adoração, rezamos:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam. (3 vezes)

Meu Deus eu creio que sois o único Deus verdadeiro, o Criador de tudo o que existe, o único Senhor do Céu e da terra, o único digno de ser servido, adorado e amado. Porque creio que todos os bens de Vós hão-de vir, adoro-Vos e espero em Vós, abandono-me nos Vossos braços de Pai e confio no Vosso amor, porque sois o meu Salvador. Amo-Vos porque sois o único digno do meu amor, e quisera pagar-Vos com o mesmo amor com que Vós me amais a mim. (cf. *Irmã Lúcia, Como vejo a Mensagem, 2006, p.20-21*)

***Seguir para a Capela do Santíssimo Sacramento (Lausperene), na igreja da Santíssima Trindade. O regresso faz-se pelo percurso da Via-Sacra rezando o Rosário.***

## 4. Capela do Santíssimo Sacramento (Lausperene)

### 4.1. Evocação

A terceira aparição teve lugar na Loca do Cabeço. Conta-nos a Ir. Lúcia: “Logo que aí chegámos, de joelhos, com os rostos em terra, começámos a repetir a oração do Anjo: Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos, etc. Não sei quantas vezes tínhamos repetido esta oração, quando vemos sobre nós brilhar uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o Anjo, tendo na mão esquerda um cálice, sobre o qual está suspensa uma hóstia, da qual caem algumas gotas de Sangue dentro do cálice. O

Anjo deixa suspenso no ar o cálice, ajoelha junto de nós, e faz-nos repetir três vezes: Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores. Depois levanta-se, toma em suas mãos o cálice e a hóstia. Dá-me a sagrada hóstia a mim e o sangue do cálice divide-o pela Jacinta e o Francisco, dizendo ao mesmo tempo: Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus. E, prostrando-se de novo em terra, repetiu connosco, outras três vezes, a mesma oração: Santíssima Trindade... etc., e desapareceu. Nós permanecemos na mesma atitude, repetindo sempre as mesmas palavras; e, quando nos erguemos, vimos que era noite e, por isso, horas de irmos para casa”.

*(Segunda Memória: Memórias da Irmã Lúcia I, Fátima 200713, p.78-79)*

#### 4.2. Oração

Profundamente inclinados, de joelhos ou prostrados, em atitude de adoração, rezamos:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam. *(3 vezes)*

Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

***Ficar em adoração durante algum tempo (5 a 15 minutos).***



**IV - MISSAS DAS  
PEREGRINAÇÕES  
ANIVERSÁRIAS**



## Maio

«*Feliz és tu porque acreditaste!*»

### 12 de Maio – Quinta-feira

**Missa Votiva da Santíssima Trindade** (Missal Romano, p. 431)

*1ª leitura:* Deut 4, 32-34.39-40 «Cumprirás as suas leis e os seus mandamentos, que hoje te prescrevo, para seres feliz» (Leccionário Dominical B, p. 395).

*2ª leitura (em língua estrangeira):* 2 Cor 13, 11-13 «Sede alegres, trabalhai pela vossa perfeição» (Leccionário Dominical A, p. 360).

*Evangelho:* Mt 18, 16-20 «Quando O viram, adoraram-n’O... baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Leccionário Dominical B, p. 398), Missa Votiva do Santíssimo Nome de Maria, p. 1071). Mt 18, 18-20, em línguas.

### 13 de Maio – Sexta-feira

**Missa de Nossa Senhora de Fátima** (Missal Romano, p. 848)

*1ª leitura:* Ap 21, 3-4 (Leccionário Santoral, p. 431).

*2ª leitura (forma abreviada em língua estrangeira):* Tg 1, 25 «Encontrará a felicidade no seu modo de viver» (Leccionário Ferial, Vol. VI, p. 162).

*Evangelho:* Mt 12,46-50 (Leccionário Santoral, p. 440). Mt 12, 48-50, em línguas.

## Junho

«*Creio em um só Senhor*»

### 12 de Junho – Domingo

**Missa do Domingo de Pentecostes** (Missal Romano, p. 389)

*1ª leitura:* Actos 2, 1-11 (Leccionário Dominical A, p. 236).

*2ª leitura (forma abreviada em língua estrangeira):* 1 Cor 12, 3b-6 «É o mesmo Deus que opera tudo em todos». (Ib, p. 237).

*Evangelho:* Jo 20, 19-23 (Ib, p. 239). Jo 20, 21-23, em línguas.

### **13 de Junho – Segunda-feira**

**Missa da Virgem Maria, amparo da fé** (Missal da Virgem Santa Maria, p. 170).

*1ª leitura:* Jud 13, 14.17-20 (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 157).

*2ª leitura (forma abreviada em língua estrangeira):* 1 Tes 1, 8-10 «Dos ídolos vos convertestes a Deus» (Leccionário ferial, Vol. V, p. 457).

*Evangelho:* Lc 11, 27-28 (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 159).  
Idem, em línguas.

## **Julho**

**«Envolvidos pelo amor materno e paterno de Deus»**

### **12 de Julho – Terça-feira**

**Missa para dar graças a Deus** (Missal Romano, p. 1241).

*1ª leitura:* Is 63, 7-9 «No seu amor e na sua compaixão, foi Ele que os libertou, os ergueu e conduziu» (Leccionário VIII, Missa para dar graças a Deus, p. 863).

*2ª leitura (forma abreviada em língua estrangeira):* Rom 8, 14-16 «Espírito de adopção filial, pelo qual exclamamos: ‘Abba, Pai’» (Leccionário Dominical B, p. 397).

*Evangelho:* Mt 6, 24-34 «Bem sabe o vosso Pai celeste que precisais de tudo isso» (Leccionário Dominical A, p. 265). Mt 6, 31-32 em línguas.

### **13 de Julho – Quarta-feira**

**Missa da Virgem Maria, Mãe da Divina Providência** (Missal da Virgem Santa Maria, p. 190).

*1ª leitura:* Is 66, 10-14c «Como a mãe que anima o seu filho, também Eu vos confortarei» (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 179).

2ª leitura (*forma abreviada em língua estrangeira*): Rom 8, 38-39 «Nem a morte nem a vida... poderá separar-nos do amor de Deus» (Leccionário VIII, Missa em qualquer necessidade, p. 856).

*Evangelho*: Jo 2, 1-11 (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 181). Jo 2, 1-3a.5.11a em línguas.

## Agosto

«*Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus*»

### 12 de Agosto – Sexta-feira

**Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus** (Missal Romano, p. 1259).

1ª leitura: Os 11, 1.3-4.8c-9 «Atraía-os com laços humanos, com vínculos de amor» (Leccionário VIII, Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus, p. 1041).

2ª leitura (*forma abreviada em língua estrangeira*): Ef 3, 10-12 «É pela fé em Cristo que podemos aproximar-nos de Deus com toda a confiança» (Ib. p. 1047).

*Evangelho*: Jo 11, 21-27 «Acredito, Senhor, que Tu és o Messias, o Filho de Deus» (Leccionário VIII, Missa dos defuntos, p. 1125). Jo 11, 25-27, em línguas.

### 13 de Agosto – Sábado

**Missa de Santa Maria, Mãe do Senhor** (Missal da Virgem Santa Maria, p. 107).

1ª leitura: 1 Cr 15, 3-4.15-16; 16, 1-2 (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 95).

2ª leitura (*forma abreviada em língua estrangeira*): 1 Jo 4, 15-16 «Se alguém confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus» (Leccionário VIII, Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus, p. 1049).

*Evangelho*: Lc 1, 39-47 (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 97). Lc 1, 43-45, em línguas.

## Setembro

«*Chamados pelo Espírito de Deus*»

**12 de Setembro – Segunda-feira**

**Missa Votiva do Espírito Santo** (Missal Romano, p. 1260)

*1ª leitura:* Actos 2, 1-11 «Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar» (Leccionário dominical A, p. 236).

*2ª leitura (forma abreviada em língua estrangeira):* 1 Cor 12, 3b-7 «Em cada um se manifestam os dons do Espírito para o bem comum» (Ib. p. 237).

*Evangelho:* Jo 16, 12-15 «Quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará para a verdade plena» (Leccionário dominical C, p. 413). Jo 16, 12-13, em línguas.

**13 de Setembro – Terça-feira**

**Missa da Virgem Santa Maria, Templo do Senhor** (Missal da Virgem Santa Maria, p. 121)

*1ª leitura:* Ez 36, 24-28 «Infundirei em vós um espírito novo» (Leccionário VIII, Missa da Confirmação, p. 149).

*2ª leitura (em língua estrangeira):* Rom 8, 26-27 «O Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis» (Leccionário VIII, Missa da Confirmação, p. 163).

*Evangelho:* Lc 1, 26-38 «O Espírito Santo virá sobre ti» (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 112). Lc 1, 35-37, em línguas.

## Outubro

«*Senhor, eis-me aqui*»

**12 de Outubro – Quarta-feira**

**Missa da dedicação da Basílica** (Missal Romano, p. 1143)

*1ª leitura:* 1Reis 8, 22-23.27-30 (Leccionário Santoral, p. 391).

*2ª leitura (forma abreviada em língua estrangeira):* Hebr 10, 5-7 «Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade» (Leccionário dominical C, p. 63).

*Evangelho:* Jo 2, 13-22 (Leccionário Santoral, p. 409). Jo 2, 19-22, em línguas.

**13 de Outubro – Quinta-feira**

**Missa da Virgem Maria, Serva do Senhor** (Missal da Virgem Santa Maria, p. 118)

*1ª leitura:* Sam 3, 1-10 «Aqui estou, porque me chamaste» (Leccionário VIII, Missa pelas Vocações sacerdotais e religiosas, p. 590).

*2ª leitura (em língua estrangeira):* Tg 1, 23-25 «Aquele que se aplica atentamente a considerar a lei perfeita, que é a lei da liberdade» (Leccionário Ferial, Vol. VI, p. 162).

*Evangelho:* Mc 3, 31-35 «Quem fizer a vontade de Deus esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 239). Mc 3, 32.35, em línguas.





**V - TEXTOS DE APOIO AOS  
TEMAS MENS AIS**



## ***Maio - «Feliz és tu porque acreditaste!»***

### ***Sagrada Escritura***

1. «Confia no Senhor e pratica o bem, possuirás a terra e viverás tranquilo» (Sl 36, 3); 2. «Os vossos testemunhos são dignos de toda a fé» (Sl 92, 5); 3. «A felicidade é para os que temem a Deus e se enchem de respeito na sua presença» (Qo 8, 12); 4. «Ele deixa-Se encontrar pelos que não O tentam e revela-Se aos que n'Ele confiam» (Sab 1, 2); 5. «Andai sempre no caminho que Eu vos indicar, para que sejais felizes» (Jer 7, 23); 6. «Todas as nações vos chamarão felizes, pois sereis um país de delícias» (Ml 3, 12); 7. «Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Mt 12, 50); 8. «Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38); 9. «Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 45); 10. «Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 28); 11. «Felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo 20, 29); 12. «Alegrou-se com toda a família, por ter acreditado em Deus» (Actos 16, 34); 13. «Nós conhecemos o amor que Deus nos tem e acreditámos no seu amor» (1 Jo 4, 16); 14. «Na verdade, a Escritura diz: Todo aquele que acreditar no Senhor não será confundido» (Rom 10, 11); 15. «Aquele que se aplica atentamente a considerar a lei perfeita ... esse encontrará a felicidade no seu modo de viver» (Tg 1, 25).

### ***Padres da Igreja***

#### ***Santo Agostinho, Sermão 215***

Creiamos em Jesus Cristo, nosso Senhor, nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria. Pois também a bem-aventurada Maria, acreditando, concebeu aquele a quem, acreditando, deu à luz. Ao escutar a mensagem de que haveria de ter um filho, perguntou ela como poderia acontecer isso, uma vez

não conhecia varão. Com efeito, só conhecia um modo de conceber e dar à luz; ainda que, pessoalmente, não o tivesse experimentado, tinha aprendido com outras mulheres – a natureza é repetitiva – que homem nasce de um varão e de uma mulher. Recebeu, então, do anjo esta resposta: «O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso, o que nascer de ti será santo e será chamado Filho de Deus». Depois destas palavras do anjo, ela, cheia de fé e tendo concebido a Cristo na sua mente antes do que no seu seio, disse: «Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra». Cumpra-se, disse, que uma virgem conceba sem sêmen de varão; nasça do Espírito Santo e de uma mulher virgem aquele em quem renascerá do Espírito Santo a Igreja, também virgem. Seja chamado Filho de Deus aquele Santo que há-de nascer de mãe humana, mas sem pai humano, uma vez que foi conveniente que se fizesse filho do homem aquele que, de forma admirável, nasceu de Deus Pai sem mãe alguma. Desta forma, assim como quando, ao nascer, saiu de um seio fechado, assim também, na mesma carne, quando adulto, já ressuscitado, entrou por portas fechadas. Estas coisas são maravilhosas, porque são divinas; são inefáveis, porque são inescrutáveis. A boca do homem não é capaz de explicá-las, porque tampouco o coração é capaz de investigá-las. Maria acreditou e realizou-se nela aquilo em que acreditou. Creiamos, também nós, para que em nós possa igualmente realizar-se o que nela se realizou. Ainda que também este nascimento seja maravilhosos, pensa ó homem o que assumiu por ti o teu Deus, o que assumiu o criador pela criatura: Deus que permanece em Deus, o eterno que vive com o eterno, o Filho igual ao Pai, não desdenhou revestir-se da forma de servo em benefício dos servos, réus e pecadores. E isto não se deve a méritos humanos, pois merecíamos antes o castigo pelos nossos pecados; porém, se tivesse posto os olhos na nossa maldade, quem teria resistido? Assim, pelos servos ímpios e pecadores, o Senhor dignou-se nascer, como servo e homem, do Espírito Santo e da virgem Maria.

## **Magistério da Igreja** **Catecismo da Igreja Católica**

148. A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (Lc 1, 37) e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 45). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão-de proclamar bem-aventurada.

149. Durante toda a sua vida e até à última provação, quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, a sua fé jamais vacilou. Maria nunca deixou de crer «no cumprimento» da Palavra de Deus. Por isso, a Igreja venera em Maria a mais pura realização da fé.

273. Só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da onipotência de Deus. Esta fé gloria-se nas suas fraquezas, para atrair a si o poder de Cristo (97). Desta fé é modelo supremo a Virgem Maria, pois acreditou que «a Deus nada é impossível» (Lc 1, 37) e pôde proclamar a grandeza do Senhor: «O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas; ‘Santo’ – é o seu nome» (Lc 1, 49).

490. Para vir a ser Mãe do Salvador, Maria «foi adornada por Deus com dons dignos de uma tão grande missão». O anjo Gabriel, no momento da Anunciação, saúda-a como «cheia de graça». Efectivamente, para poder dar o assentimento livre da sua fé ao anúncio da sua vocação, era necessário que Ela fosse totalmente movida pela graça de Deus.

494. Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo, Maria respondeu pela «obediência da fé», certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d’Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção.

«Como diz Santo Ireneu, «obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano». Eis porque não poucos Padres

afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que «o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé»; e, por comparação com Eva, chamam Maria a «Mãe dos vivos» e afirmam muitas vezes: «a morte veio por Eva, a vida veio por Maria»».

### **Bento XVI, Audiência Geral, 12 de Agosto 2009**

Quando Deus decidiu fazer-se homem no seu Filho, tinha necessidade do «sim» livre de uma sua criatura. Deus não age contra a nossa liberdade. E aconteceu algo verdadeiramente extraordinário: Deus faz-se dependente da liberdade, do «sim» de uma sua criatura; espera este «sim». Numa das suas homilias, São Bernardo de Claraval explicou de modo dramático este momento decisivo da história universal, onde o céu, a terra e o próprio Deus aguardam o que esta criatura dirá.

Por conseguinte, o «sim» de Maria é a porta através da qual Deus pôde entrar no mundo, fazer-se homem. Assim, Maria está real e profundamente comprometida no mistério da Encarnação, da nossa salvação. E a Encarnação, o fazer-se homem do Filho, estava desde o início finalizada para o dom de si; ao doar-se com muito amor na Cruz, para se fazer pão pela vida do mundo. Assim, sacrifício, sacerdócio e Encarnação caminham juntos, e Maria está no centro deste mistério.

### **João Paulo II, *Redemptoris Mater***

13. «A Deus que revela é devida «a obediência da fé» (Rom 16, 26; cf. Rom 1, 5; 2 Cor 10, 5-6), pela qual o homem se entrega total e livremente a Deus», como ensina o Concílio. Exactamente esta descrição da fé teve em Maria uma actuação perfeita. O momento «decisivo» foi a Anunciação; e as palavras de Isabel - «feliz daquela que acreditou» - referem-se em primeiro lugar precisamente a esse momento.

Na Anunciação, de facto, Maria entregou-se a Deus completamente, manifestando «a obediência da fé» Àquele que lhe falava, mediante o seu mensageiro, prestando-lhe o «obséquio pleno da inteligência e da vontade». Ela respondeu, pois, com todo o seu «eu» humano e feminino. Nesta resposta de fé estava contida uma cooperação perfeita com a «prévia e concomitante

ajuda da graça divina» e uma disponibilidade perfeita à acção do Espírito Santo, o qual «aperfeiçoa continuamente a fé mediante os seus dons».

A palavra de Deus vivo, anunciada pelo Anjo a Maria, referia-se a ela própria: «Eis que conceberás e darás à luz um filho» (Lc 1, 31). Acolhendo este anúncio, Maria devia tornar-se a «Mãe do Senhor» e realizar-se-ia nela o mistério divino da Encarnação: «O Pai das misericórdias quis que a aceitação por parte da que Ele predestinara para mãe, precedesse a Encarnação». E Maria dá esse consento, depois de ter ouvido todas as palavras do mensageiro. Diz: «Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Este fiat de Maria - «faça-se em mim» - decidiu, da parte humana, do cumprimento do mistério divino. Existe uma consonância plena com as palavras do Filho que, segundo a Carta aos Hebreus, ao vir a este mundo, diz ao Pai: «Não quiseste sacrifícios nem oblações, mas formaste-me um corpo... Eis que venho... para fazer, ó Deus, a tua vontade» (Hebr 10, 5-7). O mistério da Encarnação realizou-se quando Maria pronunciou o seu «fiat»: «Faça-se em mim segundo a tua palavra», tornando possível, pelo que a ela competia no desígnio divino, a aceitação do oferecimento do seu Filho.

Maria pronunciou este «fiat» mediante a fé. Foi mediante a fé que ela «se entregou a Deus» sem reservas e «se consagrou totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra do seu Filho». E este Filho - como ensinam os Padres da Igreja - concebeu-o na mente antes de o conceber no seio: precisamente mediante a fé! Com justeza, portanto, Isabel louva Maria: «Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor». Essas coisas já se tinham cumprido: Maria de Nazaré apresenta-se no limiar da casa de Isabel e de Zacarias como mãe do Filho de Deus. É essa a descoberta letificante de Isabel: «A mãe do meu Senhor vem ter comigo!».

14. Por conseguinte, também a fé de Maria pode ser comparada com a de Abraão, a quem o Apóstolo chama «nosso pai na fé» (cf. Rom 4, 12). Na economia salvífica da Revelação divina, a fé de Abraão constitui o início da Antiga Aliança; a fé de Maria, na Anunciação, dá início à Nova Aliança. Assim como Abraão, «esperando contra toda a esperança, acreditou que haveria de se tornar pai de muitos povos» (cf. Rom 4, 18), também Maria, no

momento da Anunciação, depois de ter declarado a sua condição de virgem («Como será isto, se eu não conheço homem?»), acreditou que pelo poder do Altíssimo, por obra do Espírito Santo, se tornaria a mãe do Filho de Deus segundo a revelação do Anjo: «Por isso mesmo o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus» (Lc 1, 35).

Entretanto, as palavras de Isabel: «Feliz daquela que acreditou» não se aplicam apenas àquele momento particular da Anunciação. Esta representa, sem dúvida, o momento culminante da fé de Maria na expectativa de Cristo, mas é também o ponto de partida, no qual se inicia todo o seu «itinerário para Deus», toda a sua caminhada de fé. E será ao longo deste caminho, que a «obediência» por ela professada à palavra da revelação divina irá ser actuada, de modo eminente e verdadeiramente heróico ou, melhor dito, com um heroísmo de fé cada vez maior. E esta «obediência da fé» da parte de Maria, durante toda a sua caminhada, terá surpreendentes analogias com a fé de Abraão. Do mesmo modo que o patriarca do Povo de Deus, também Maria, ao longo do caminho do seu fiat filial e materno, «esperando contra toda a esperança, acreditou». Especialmente ao longo de algumas fases deste seu caminhar, a bênção concedida «àquela que acreditou» tornar-se-á manifesta com particular evidência. Acreditar quer dizer «abandonar-se» à própria verdade da palavra de Deus vivo, sabendo e reconhecendo humildemente «quanto são insondáveis os seus desígnios e imperscrutáveis as suas vias» (Rom 11, 33). Maria, que pela eterna vontade do Altíssimo veio a encontrar-se, por assim dizer, no próprio centro daquelas «imperscrutáveis vias» e daqueles «insondáveis desígnios» de Deus, conforma-se a eles na obscuridade da fé, aceitando plenamente e com o coração aberto tudo aquilo que é disposição dos desígnios divinos.

### ***Mensagem de Fátima***

**Irmã Lúcia, *Como vejo a Mensagem*, p.18**

Nesta mensagem, eu vejo a Deus no seu Anjo, começando por introduzir-nos num caminho de fé: «*Meu Deus, eu creio*». Porque a fé é o fundamento de toda a nossa vida espiritual, os alicerces onde enraíza e encontra a seiva que nos alimenta e nos dá a vida. É pela fé que vemos a Deus e com Ele



nos encontramos, como dizia o Profeta Elias: «*Vive o Senhor Deus, em cuja presença estou.*» Se vivemos compenetrados desta verdade, desta realidade, a nossa fé cresce, avigora-se e leva-nos a penetrar na Imensidade do Ser supremo de Deus.

S. Paulo diz que nós somos o templo de Deus, sim, mas mais do que isso, Deus é o nosso templo onde nos encontramos submergidos no Ser Imenso de Deus que tudo vê, tudo penetra, a tudo dá o ser e a vida. Como um peixe não vive sem água, nós não vivemos sem Deus. Deus é o grande Oceano onde habitamos, nos movemos, respirando a aragem do sopro Divino com que Deus nos beneficia a cada instante.

É nesse mar que eu vivo, aí me submergi e nunca mais daí saí. Ele me tomou em Seus braços de Pai e me conduziu por onde me quis levar. N'Ele acreditei, a Ele me entreguei até que queira transportar-me e levar-me a esse novo dia, onde hei-de servi-l'O, adorá-l'O e amá-l'O para sempre sem fim.

Orai assim: com fé e confiança, humildemente adorando e amando, para que os Corações de Jesus e de Maria, possam acolher a vossa oração e levá-la ao Pai, como humilde fruto da Sua obra Redentora.

**Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p. 60-61**

O primeiro apelo, que Deus nos dirige aqui por meio do Seu enviado, é um apelo à Fé: *Meu Deus, eu creio!*

A fé está na base de toda a vida espiritual. É pela fé que acreditamos na existência de Deus, no Seu poder, na Sua sabedoria, na Sua misericórdia, na Sua obra redentora, no Seu perdão e no Seu amor de Pai.

É pela fé que acreditamos na Igreja de Deus, fundada por Jesus Cristo, e na Doutrina que ela nos transmite e por meio da qual seremos salvos.

É a luz da fé que guia os nossos passos, conduzindo-os pela via estreita que leva ao Céu.

É pela fé que vemos Cristo nos nossos irmãos, que os amamos, servimos e ajudamos, quando precisam do nosso auxílio.

É ainda pela fé que nos vem a certeza da presença de Deus em nós; de que estamos sempre sob o olhar de Deus. É este olhar de Luz, onnipotente e imenso, que se estende por toda a parte, que tudo vê, tudo penetra, com nitidez única e própria só do Sol Divino, face ao qual o sol, que vemos e nos

alúmia, não é mais que um pálido reflexo, uma ténue centelha emanada da Luz do imenso Ser que é Deus.

Isto que acabo de dizer-vos, não é novo; di-lo já S. João, no início do seu Evangelho: «*No princípio já existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no princípio, com Deus. Tudo começou a existir por meio d'Ele, e sem Ele nada foi criado. N'Ele estava a Vida, e a Vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a admitiram*» (Jo, 1,1-5). Nesta passagem, S. João fala-nos do Ser eterno do Verbo de Deus; diz-nos que tudo por Ele foi criado; tudo recebeu d'Ele o ser que tem. No Seu poder, bondade e sabedoria infinita, Deus comunica a tudo quanto existe os dons necessários à sua subsistência. Por isso, tudo depende d'Ele, e sem Ele nada pode continuar a existir.

S. João fala-nos também da luz de Deus, dizendo que essa luz é a nossa vida: «*N'Ele estava a Vida e a Vida era a luz dos homens*». Assim, a nossa vida é uma centelha da luz de Deus a refulgir em nós. Partiu de Deus e para Deus há-de voltar, se o pecado não a afastar.

Estas verdades abrem à nossa frente caminhos de luz; depende de nós o querer segui-los. Tudo quanto existe é uma manifestação de Deus, da Sua obra criadora, providente e redentora.

Nestes tempos em que a ciência tem feito tantos progressos, em que homens arrojados conseguiram pisar a lua, e o mundo se gloria de inúmeros avanços, nenhum dos sábios modernos se esqueça do nome e grandeza do Artífice que fabricou todos estes mundos, onde eles tanto desejam penetrar.

## *Junho - «Creio em um só Senhor»*

### *Sagrada Escritura*

1. «Abrão acreditou no Senhor» (Gen 15, 6); 2. «Nenhum deus existiu antes de Mim, e depois de Mim nenhum outro existirá» (Is 43, 10); 3. Porque não adoro imagens fabricadas pelo homem, mas só ao Deus vivo que criou o Céu e a Terra e é Senhor de todo o ser vivo» (Dn 14, 5); 4. «Viemos adorá-l'O» (Mt 2, 2); 5. «Escuta Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor» (Mc 12, 29); 6. «Deus é único e não há outro além d'Ele» (Mc 12, 32); 7. «Ao Senhor teu Deus adorarás, só a Ele prestarás culto» (Lc 4, 8); 8. «Sim, Ele é também Deus dos gentios, porque há um só Deus» (Rom 3, 30); 9. «Dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro» (1 Tes 1, 9); 10. «Acreditas que há um só Deus? Muito bem! Os demónios também acreditam, mas tremem!» (Tg 2, 19); 11. «É a Deus que deves adorar» (Ap 22, 9).

### *Padres da Igreja*

**São João Crisóstomo, *Homilias sobre a 1ª carta aos Coríntios***

Cristo, para nos levar a amá-lo mais, deu-nos a sua carne como alimento. Vamos, pois, até ele com muito amor e devoção... Este corpo é o que os magos adoraram quando estava deitado numa mangedoura. Esses pagãos, esses estrangeiros deixaram a sua pátria e a sua casa, empreenderam uma longa viagem para o adorarem com temor e tremor. Imitemos ao menos esses estrangeiros, nós que somos cidadãos dos céus...

Vós mesmos já não o vedes numa mangedoura mas sobre o altar. Já não vedes uma mulher que o segura nos braços, mas o sacerdote que o oferece e o Espírito Santo que, com toda a sua generosidade, paira por cima das oferendas. Não só vedes o mesmo corpo que viram os magos mas, além disso, conheceis o seu poder e a sua sabedoria, e não ingorais nada do que ele realizou,

após toda a iniciação aos mistérios que vos foi minuciosamente facultada. Acordemos, pois, e despertemos em nós o temor de Deus. Mostremos muito mais piedade para com o Corpo de Cristo do que aqueles estrangeiros manifestaram...

Esta mesa fortalece a nossa alma, congrega o nosso pensamento, suporta a nossa confiança; ela é a nossa esperança, a nossa salvação, a nossa luz, a nossa vida. Se deixarmos a terra munidos com este sacramento, entraremos mais confiantes nos átrios sagrados... Mas para quê falar do futuro? Já neste mundo, o sacramento transforma a terra em céu. Abri, pois, as portas do céu..., vereis então o que vos acabo de dizer. O que há de mais precioso no céu, vo-lo mostrarei sobre a terra. O que vos mostro não são anjos, nem arcanjos, nem os céus dos céus, mas aquele que é o Senhor deles todos.

### ***Magistério da Igreja***

#### ***Catecismo da Igreja Católica***

«Creio em um só Deus»

200. É com estas palavras que começa o Símbolo Niceno-Constantinopolitano. A confissão da unicidade de Deus, que radica na Revelação divina da Antiga Aliança, é inseparável da confissão da existência de Deus e tão fundamental como ela. Deus é único; não há senão um só Deus: «A fé cristã crê e professa que há um só Deus, por natureza, por substância e por essência».

201. A Israel, seu povo eleito, Deus revelou-Se como sendo único: «Escuta, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6, 4-5). Por meio dos profetas, Deus faz apelo a Israel e a todas as nações para que se voltem para Ele, o Único: «Voltai-vos para Mim, e sereis salvos, todos os confins da terra, porque Eu sou Deus e não há outro [...] Diante de Mim se hão-de dobrar todos os joelhos, em Meu nome hão-de jurar todas as línguas. E dirão: «Só no Senhor existem a justiça e o poder»» (Is 45, 22-24).

202. O próprio Jesus confirma que Deus é «o único Senhor», e que é necessário amá-Lo «com todo o coração, com toda a alma, com todo o

entendimento e com todas as forças». Ao mesmo tempo, dá a entender que Ele próprio é «o Senhor». Confessar que «Jesus é o Senhor» é próprio da fé cristã. Isso não vai contra a fé num Deus Único. Do mesmo modo, crer no Espírito Santo, «que é Senhor e dá a Vida», não introduz qualquer espécie de divisão no Deus único:

«Nós acreditamos com firmeza e afirmamos simplesmente que há um só Deus verdadeiro, imenso e imutável, incompreensível, todo-poderoso e inefável. Pai e Filho e Espírito Santo: três Pessoas, mas uma só essência, uma só substância ou natureza absolutamente simples» (IV Concílio de Latrão, Cap. 1, De fide catholica: Ds 800).

### **Paulo VI, *Credo do povo de Deus***

9. Cremos que este Deus único é tão absolutamente uno em sua essência santíssima como em todas as suas demais perfeições: na sua onipotência, na sua ciência infinita, na sua providência, na sua vontade e no seu amor. Ele é Aquele que é, conforme Ele próprio revelou a Moisés (cf. Ex 3,14); Ele é Amor como nos ensinou o Apóstolo São João (cf. 1Jo 4,8); de tal maneira que estes dois nomes - Ser e Amor - exprimem inefavelmente a mesma divina essência Daquele que se quis manifestar a nós e que, habitando uma luz inacessível (cf. 1Tm 6,16), está, por si mesmo, acima de todo nome, de todas as coisas e de todas as inteligências criadas. Só Deus pode dar-nos um conhecimento exacto e pleno de si mesmo, revelando-se como Pai, Filho e Espírito Santo, de cuja vida eterna somos pela graça chamados a participar, aqui na terra, na obscuridade da fé, e, depois da morte, na luz sempiterna. As relações mútuas, que constituem eternamente as Três Pessoas, sendo, cada uma delas, o único e mesmo Ser Divino, perfazem a bem-aventurada vida íntima do Deus Santíssimo, infinitamente acima de tudo o que podemos conceber à maneira humana. Entretanto, rendemos graças à Bondade divina pelo facto de poderem numerosíssimos crentes dar testemunho connosco, diante dos homens, sobre a unidade de Deus, embora não conheçam o mistério da Santíssima Trindade.

### **João Paulo II, *Centesimus annus***

44. O totalitarismo, na forma marxista-leninista, defende que alguns homens, em virtude de um conhecimento mais profundo das leis do desenvolvimento da sociedade, ou de uma particular consciência de classe ou por um contacto com as fontes mais profundas da consciência colectiva, estão isentos de erro e podem, por conseguinte, arrogar-se o exercício de um poder absoluto. Acrescente-se que o totalitarismo nasce da negação da verdade em sentido objectivo: se não existe uma verdade transcendente, na obediência à qual o homem adquire a sua plena identidade, então não há qualquer princípio seguro que garanta relações justas entre os homens. Com efeito, o seu interesse de classe, de grupo, de Nação, contrapõe-nos inevitavelmente uns aos outros. Se não se reconhece a verdade transcendente, triunfa a força do poder, e cada um tende a aproveitar-se ao máximo dos meios à sua disposição para impor o próprio interesse ou opinião, sem atender aos direitos do outro. Então o homem é respeitado apenas na medida em que for possível instrumentalizá-lo no sentido de uma afirmação egoísta. A raiz do totalitarismo moderno, portanto, deve ser individuada na negação da transcendente dignidade da pessoa humana, imagem visível de Deus invisível e, precisamente por isso, pela sua própria natureza, sujeito de direitos que ninguém pode violar: seja indivíduo, grupo, classe, Nação ou Estado. Nem tão-pouco o pode fazer a maioria de um corpo social, lançando-se contra a minoria, marginalizando, oprimindo, explorando ou tentando destruí-la.

### **Bento XVI, *Sacramentum caritatis***

66. (...) De facto, na Eucaristia, o Filho de Deus vem ao nosso encontro e deseja unir-Se connosco; a adoração eucarística é apenas o prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior acto de adoração da Igreja: receber a Eucaristia significa colocar-se em atitude de adoração d'Aquele que comungamos. Precisamente assim, e apenas assim, é que nos tornamos um só com Ele e, de algum modo, saboreamos antecipadamente a beleza da liturgia celeste. O acto de adoração fora da Santa Missa prolonga e intensifica aquilo que se fez na própria celebração litúrgica. Com efeito, «somente na adoração pode maturar um acolhimento profundo e verdadeiro. Precisamente neste acto pessoal de encontro com o Senhor

amadurece depois também a missão social, que está encerrada na Eucaristia e deseja romper as barreiras não apenas entre o Senhor e nós mesmos, mas também, e sobretudo, as barreiras que nos separam uns dos outros».

67. Juntamente com a assembleia sinodal, recomendo, pois, vivamente aos pastores da Igreja e ao povo de Deus a prática da adoração eucarística tanto pessoal como comunitária. Para isso, será de grande proveito uma catequese específica na qual se explique aos fiéis a importância deste acto de culto que permite viver, mais profundamente e com maior fruto, a própria celebração litúrgica. Depois, na medida do possível e sobretudo nos centros mais populosos, será conveniente individuar igrejas ou capelas que se possam reservar propositadamente para a adoração perpétua. Além disso, recomendo que na formação catequética, particularmente nos itinerários de preparação para a Primeira Comunhão, se iniciem as crianças no sentido e na beleza de demorar-se na companhia de Jesus, cultivando o enlevo pela sua presença na Eucaristia.

Quero exprimir, aqui, apreço e apoio a todos os institutos de vida consagrada, cujos membros dedicam uma parte significativa do seu tempo à adoração eucarística; deste modo, oferecem a todos o exemplo de pessoas que se deixam plasmar pela presença real do Senhor. Desejo igualmente encorajar as associações de fiéis, nomeadamente as confrarias, que assumem esta prática como seu compromisso especial, tornando-se assim fermento de contemplação para toda a Igreja e apelo à centralidade de Cristo na vida dos indivíduos e da comunidade.

### ***Mensagem de Fátima***

***Irmã Lúcia, Como vejo a Mensagem, p.23-24***

A terceira aparição do Anjo é um incentivo à nossa adoração a Deus, no mistério da Santíssima Trindade: «*Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.*»

Esta oração foi para mim um grande laço da minha união com Deus, laço que me estreita, me prende, indissolivelmente gravada no meu coração: Trindade Santa, único Deus verdadeiro, em Quem acredito, em Ti espero; eu Te adoro e amo-Te, aceita o meu amor e a minha humilde adoração. Tão pouco é o que tenho para Te dar, que, peço, aceites, em troca da minha indignidade, os méritos infinitos do Coração de Jesus e do Coração Imaculado de Maria, e em troca peço-Te a conversão dos pobres pecadores.

Em seguida o Anjo ergue-se e toma de novo a Hóstia e o Cálice – que trazia e havia deixado suspenso no ar – e dá a Comunhão aos três pastorinhos, dizendo ao mesmo tempo: *«Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparaí os seus crimes e consolai o vosso Deus.»*

De novo se prostrou em terra e rezou com os pastorinhos por mais três vezes, a mesma oração, repetindo os pastorinhos as palavras que ouviam dizer ao Anjo. Que significado tem esta Comunhão? Para mim, significa o querer Deus avivar a nossa fé, na presença real de Jesus Cristo presente na Divina Eucaristia, e na eficácia da Sua palavra quando disse: *«Isto é o Meu Corpo, isto é o Meu Sangue.»* E para que, identificados com Cristo pudéssemos oferecer à Santíssima Trindade, uma reparação mais digna e agradável a Seus olhos.

Assim aquelas pequeninas Hóstias, consagradas com Cristo, sobre o altar do sacrifício, terão sido oferecidas ao Pai, como oferta de eterno louvor.

Hóstia Divina, Pão do Céu descido,  
que o Pai nos deu, e em mim acendeu  
laboriosa chama, que o Teu amor inflama  
presente em mim, Hóstia Divina,  
sobre o altar do sacrifício, eu Te adoro e amo,  
quero ser contigo consagrada, oferecida ao Pai,  
labareda ardente, para em Ti me perder  
na eternidade do Teu imenso Ser.  
Hóstia pequenina quero ser contigo,  
faz de mim para Ti o Teu sacrário vivo.  
Que aí possas morar, como essa fornalha ardente,  
que o Teu amor presente, não deixa apagar.



Aí hás-de ficar, chama bem quente,  
que Teu amor sustente, com a luz do Teu olhar.

**Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, 9ª edição e seguintes, p. 155-156**

Um dia, perguntei-lhe: – *Francisco, tu, de que gostas mais: de consolar a Nosso Senhor ou converter os pecadores, para que não fossem mais almas para o inferno?* – *Gostava mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora, ainda no último mês, se pôs tão triste, quando disse que não ofendessem a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido? Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores, para que não O ofendessem mais.* Quando ia à escola, por vezes, ao chegar a Fátima, dizia-me: – *Olha: tu vai à escola. Eu fico aqui na igreja, junto de Jesus escondido. Não me vale a pena aprender a ler; daqui a pouco vou para o Céu. Quando voltares, vem por cá chamar-me.* O Santíssimo estava, então, à entrada da Igreja, do lado esquerdo. Metia-se entre a pia baptismal e o altar e aí o encontrava, quando voltava. (O Santíssimo estava aí por andar a Igreja em obras). Depois que adoeceu, dizia-me, às vezes, quando, a caminho da escola, passava por sua casa: – *Olha: vai à Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido.*

**Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, 9ª edição e seguintes, p. 170**

A terceira aparição parece-me que deveu ser em Outubro ou fins de Setembro, porque já não íamos passar as horas da sesta a casa. Como já disse no escrito sobre a Jacinta, passámos da Pregueira (é um pequeno olival pertencente a meus pais) para a Lapa, dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e Casa Velha. Rezámos aí o terço e (a) oração que na primeira aparição nos tinha ensinado. Estando, pois, aí, apareceu-nos pela terceira vez, trazendo na mão um cálix e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam, dentro do cálix, algumas gotas de sangue. Deixando o cálix e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração: – *Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração*

e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores. Depois, levantando-se, tomou de novo na mão o cálix e a Hóstia e deu-me a Hóstia a mim e o que continha o cálix deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo, ao mesmo tempo: – *Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.* De novo se prostrou em terra e repetiu connosco mais três vezes a mesma oração: – *Santíssima Trindade... etc.* E desapareceu. Levados pela força do sobrenatural que nos envolvia, imitávamos o Anjo em tudo, isto é, prostrando-nos como Ele e repetindo as orações que Ele dizia. A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia privar-nos até do uso dos sentidos corporais por um grande espaço de tempo. Nesses dias, fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico, que nos prostrava, também era grande.

***Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, 9ª edição e seguintes, p. 174***

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (*a graça de Deus, etc.*) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente: – Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

## ***Julho - «Envolvidos pelo amor materno e paterno de Deus»***

### ***Sagrada Escritura***

1. «Abraão deu ao local este nome: ‘O Senhor providenciará’» (Gén 22, 14); 2. «Como a mãe que anima o seu filho, também Eu vos confortarei» (Is 66, 13); 3. «Acaso pode uma mulher esquecer-se do menino que amamenta, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria» (Is 49, 15); 4. «O Vosso Pai bem sabe do que precisais» (Mt 6, 8); 5. «Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados» (Mt 10, 30); 6. «Encheu-se de compaixão e correu lançar-se-lhe ao pescoço» (Lc 15, 20); 7. «O amor de Deus foi derramado em nossos corações» (Rom 5, 5); 8. Nem a morte nem a vida... poderá separar-nos do amor de Deus» (Rom 8, 39); 9. «Nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que O amam» (1 Cor 2, 9); 10. «Serei para vós um Pai» (2 Cor 6, 18); 11. «Ele nos libertou do poder das trevas» (Col 1, 13); 12. «Vede que admirável amor o Pai nos consagrou» (1 Jo 3, 1); 13. «Confiai-Lhe todas as vossas preocupações, porque Ele vela por vós» (1 Pedro 5, 7).

### ***Padres da Igreja***

#### **São Simeão, o Novo Teólogo, *Hino 18***

Nós conhecemos o amor que tu nos deste, sem limite, indizível, que nada pode encerrar; ele é luz, luz inacessível, luz que age em tudo... Com efeito, o que é que esta luz não faz, e o que é que ela não é? Ela é encanto e alegria, doçura e paz, misericórdia sem medida, abismo de compaixão. Quando a possuo, não a observo mais; vejo-a apenas quando ela se vai. Precipito-me para a prender, e ela foge totalmente. Não sei o que fazer e consumo-me. Aprendo a pedir e a procurar com lágrimas e em grande humildade, a não

considerar como possível o que ultrapassa a natureza, nem como efeito do meu poder ou do esforço humano, aquilo que vem da compaixão de Deus e da sua misericórdia infinita...

Esta luz conduz-nos pela mão, fortifica-nos, ensina-nos, mostrando-se, mas fugindo assim que temos necessidade dela. Não é quando a queremos – o que pertence aos perfeitos – mas é assim que ficamos embaraçados e completamente esgotados que ela vem em nosso socorro. Ela aparece de longe e faz -me senti-la no meu coração. Grito até me sufocar de tanto que a quero prender, mas tudo é noite, e vazias estão as minhas pobres mãos. Esqueço tudo, sento-me e choro, desesperando de a ver ainda uma outra vez. Quando chorei muito e consenti em me deter, então, vindo misteriosamente, ela toma-me a cabeça, e eu derreto-me em lágrimas sem saber quem está a iluminar o meu espírito de uma luz muito doce.

### ***Magistério da Igreja***

#### ***Catecismo da Igreja Católica***

239. Ao designar Deus com o nome de «Pai», a linguagem da fé indica principalmente dois aspectos: que Deus é a origem primeira de tudo e a autoridade transcendente, e, ao mesmo tempo, que é bondade e solicitude amorosa para com todos os seus filhos. Esta ternura paternal de Deus também pode ser expressa pela imagem da maternidade, que indica melhor a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e a sua criatura. A linguagem da fé vai, assim, alimentar-se na experiência humana dos progenitores, que são, de certo modo, os primeiros representantes de Deus para o homem. Mas esta experiência diz também que os progenitores humanos são falíveis e podem desfigurar a face da paternidade e da maternidade. Convém, então, lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Não é homem nem mulher: é Deus. Transcende também a paternidade e a maternidade humanas, sem deixar de ser de ambas a origem e a medida: ninguém é pai como Deus.

302. (...) Chamamos divina Providência às disposições pelas quais Deus conduz a sua criação em ordem a essa perfeição:

«Deus guarda e governa, pela sua Providência, tudo quanto criou, «atingindo com força dum extremo ao outro e dispondo tudo suavemente»

(Sb 8, 1). Porque «tudo está nu e patente a seus olhos» (Heb 4, 13), mesmo aquilo que depende da futura acção livre das criaturas».

303. É unânime, a este respeito, o testemunho da Escritura: a solicitude da divina Providência é concreta e imediata, cuida de tudo, desde os mais insignificantes pormenores até aos grandes acontecimentos do mundo e da história. Os livros santos afirmam, com veemência, a soberania absoluta de Deus no decurso dos acontecimentos: «Tudo quanto Lhe aprouve, o nosso Deus o fez, no céu e na terra» (Sl 115, 3); e de Cristo se diz: «que abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre» (Ap 3, 7); «há muitos projectos no coração do homem, mas é a vontade do Senhor que prevalece» (Pr 19, 21).

305. Jesus reclama um abandono filial à Providência do Pai celeste, que cuida das mais pequenas necessidades dos seus filhos: «Não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? Que havemos de beber? [...] Bem sabe o vosso Pai celeste que precisais de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo» (Mt 6, 31-33).

307. Aos homens, Deus concede mesmo poderem participar livremente na sua Providência, confiando-lhes a responsabilidade de «submeter» a terra e dominá-la. Assim lhes concede que sejam causas inteligentes e livres, para completar a obra da criação, aperfeiçoar a sua harmonia, para o seu bem e o dos seus semelhantes. Cooperadores muitas vezes inconscientes da vontade divina, os homens podem entrar deliberadamente no plano divino, pelos seus actos e as suas orações, como também pelos seus sofrimentos. Tornam-se, então, plenamente «colaboradores de Deus» (1 Cor 3, 9) e do seu Reino.

312. Assim, com o tempo, é possível descobrir que Deus, na sua onnipotente Providência, pode tirar um bem das consequências dum mal (mesmo moral), causado pelas criaturas: «Não, não fostes vós – diz José a seus irmãos – que me fizestes vir para aqui. Foi Deus. [...] Premeditastes contra mim o mal: o desígnio de Deus aproveitou-o para o bem [...] e um povo numeroso foi salvo» (Gn, 45, 8; 50, 20). Do maior mal moral jamais praticado, como foi o repúdio e a morte do Filho de Deus, causado pelos pecados de todos os homens, Deus, pela superabundância da sua graça, tirou o maior

dos bens: a glorificação de Cristo e a nossa redenção. Mas nem por isso o mal se transforma em bem.

314. Nós cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Muitas vezes, porém, os caminhos da sua Providência são-nos desconhecidos. Só no fim, quando acabar o nosso conhecimento parcial e virmos Deus «face a face» (1 Cor 13, 12), é que nos serão plenamente conhecidos os caminhos pelos quais, mesmo através do mal e do pecado, Deus terá conduzido a criação ao repouso desse Sábado definitivo, em vista do qual criou o céu e a terra.

### **João Paulo I, *Angelus Domini* de 10 de Setembro de 1978**

Também nós, que nos encontramos aqui, temos os mesmos sentimentos; somos objecto, da parte de Deus, dum amor que não se apaga. Sabemos que tem os olhos sempre abertos para nos ver, mesmo quando parece que é de noite. Ele é papá; mais ainda, é mãe. Não quer fazer-nos mal, só nos quer fazer bem, a todos. Os filhos, se por acaso estão doentes, possuem um título a mais para serem amados pela mãe. Também nós, se por acaso estamos doentes de maldade, fora do caminho, temos um título a mais para que o Senhor nos ame.

### **João Paulo II, *Dives in Misericordia***

15. O homem contemporâneo interroga-se com profunda ansiedade quanto à solução das terríveis tensões que se acumulam sobre o mundo e se entrecruzam nos caminhos da humanidade. Se algumas vezes o homem não tem a coragem de pronunciar a palavra «misericórdia», ou não lhe encontra equivalente na sua consciência despojada de todo o sentido religioso, ainda se torna mais necessário que a Igreja pronuncie esta palavra, não só em nome próprio, mas também em nome de todos os homens contemporâneos.

É, pois, necessário que tudo o que acabamos de dizer no presente documento, sobre a misericórdia, se transforme continuamente em fervorosa oração, num clamor a suplicar a misericórdia, segundo as necessidades do homem no mundo contemporâneo. E que este clamor esteja impregnado de toda a verdade sobre a misericórdia que tem expressão tão rica na Sagrada Escritura e na Tradição, e também na autêntica vida de fé de tantas gerações

do Povo de Deus. Com este clamor apelamos, como fizeram os Autores sagrados, para o Deus que não pode desprezar nada daquilo que Ele criou, para o Deus que é fiel a si próprio, à sua paternidade e ao seu amor.

Como os Profetas, apelamos para o amor que tem características maternais e, à semelhança da mãe, vai acompanhando cada um dos seus filhos, cada ovelha desgarrada, ainda que houvesse milhões de extraviados, ainda que no mundo a iniquidade prevalecesse sobre a honestidade e ainda que a humanidade contemporânea merecesse pelos seus pecados um novo «dilúvio», como outrora sucedeu com a geração de Noé. Recorramos, pois, a tal amor, que permanece amor paterno, como nos foi revelado por Cristo na sua missão messiânica, e que atingiu o ponto culminante na sua Cruz, morte e ressurreição! Recorramos a Deus por meio de Cristo, lembrados das palavras do Magnificat de Maria, que proclamam a misericórdia «de geração em geração». Imploremos a misericórdia divina para a geração contemporânea! Que a Igreja, que procura, a exemplo de Maria ser em Deus, mãe dos homens, exprima nesta oração a sua solicitude maternal e o seu amor confiante, donde nasce a mais ardente necessidade da oração.

### **Bento XVI, Encontro com os jovens, Turim, 2 de Maio de 2010**

O jovem do Evangelho sabemo-lo pergunta a Jesus: «Que devo fazer para alcançar a vida eterna?». Hoje, não é fácil falar de vida eterna e de realidades eternas, porque a mentalidade do nosso tempo nos diz que nada existe de definitivo: tudo muda e muito rapidamente. «Mudar» tornou-se, em muitos casos, a palavra de ordem, o exercício mais exaltante da liberdade, e deste modo também vós jovens sois levados muitas vezes a pensar que seja impossível realizar opções definitivas, que comprometam para a vida inteira. Mas este é o modo correcto de utilizar a liberdade? É realmente verdade que para sermos felizes temos que contentar-nos com alegrias momentâneas, pequenas e fugazes que, quando terminam, deixam a amargura no coração? Caros jovens, não é esta a verdadeira liberdade, a felicidade não se alcança assim. Cada um de nós é criado não para realizar certas opções provisórias e revogáveis, mas escolhas definitivas e irrevogáveis, que dão sentido pleno à existência. Vemos isto na nossa vida: cada experiência bonita, que nos enche de felicidade, gostaríamos que nunca mais terminasse. Deus criou-nos em

vista do «para sempre», colocou no coração de cada um de nós a semente para uma vida que realize algo de bonito e de grande. Tende a coragem das escolhas definitivas e vivei-as com fidelidade! O Senhor poderá chamar-vos ao matrimónio, ao sacerdócio, à vida consagrada, a um dom particular de vós mesmos: respondei-lhe com generosidade!

No diálogo com o jovem que possuía muitos bens, Jesus indica qual é a riqueza maior e mais importante da vida: o amor. Amar a Deus e amar aos outros com todo o nosso ser. A palavra amar – sabemos-lo – presta-se a várias interpretações e tem diversos significados: temos necessidade de um Mestre, Cristo, que nos indique o seu sentido mais autêntico e profundo, que nos oriente para a fonte do amor e da vida. Amor é o nome próprio de Deus. O Apóstolo João no-lo recorda: «Deus é amor», e acrescenta que «não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele quem nos amou e nos mandou o seu Filho». E «se Deus nos amou deste modo, também nós devemos amar-nos uns aos outros» (1 Jo 4, 8.10-11). No encontro com Cristo e no amor recíproco experimentamos em nós a própria vida de Deus, que permanece em nós com o seu amor perfeito, total e eterno (cf. 1 Jo 4, 12). Portanto, não existe nada maior para o homem, um ser mortal e limitado, do que participar na vida de amor de Deus. Hoje vivemos num contexto cultural que não favorece relacionamentos humanos profundos e abnegados mas, ao contrário, induz com frequência a fechar-se em si mesmo, ao individualismo, a deixar prevalecer o egoísmo que existe no homem. Mas o coração de um jovem é por natureza sensível ao amor verdadeiro. Por isso, dirijo-me com grande confiança a cada um de vós e digo-vos: não é fácil fazer da vossa vida algo de bonito e de grande, é algo exigente, mas com Cristo tudo é possível!

Bento XVI, *Homília na Santa Missa*, Fátima, 13 de Maio de 2010

O Senhor, a nossa grande esperança, está connosco; no seu amor misericordioso, oferece um futuro ao seu povo: um futuro de comunhão consigo. Tendo experimentado a misericórdia e consolação de Deus que não o abandonara no fatigante caminho do regresso do exílio de Babilónia, o povo de Deus exclama: «Exulto de alegria no Senhor, a minha alma rejubila no meu Deus» (Is 61, 10). Filha excelsa deste povo é a Virgem Mãe de Nazaré, a qual, revestida de graça e docemente surpreendida com a gestação de Deus



que se estava operando no seu seio, faz igualmente sua esta alegria e esta esperança no cântico do Magnificat: «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador». Entretanto não se vê como privilegiada no meio de um povo estéril, antes profetiza-lhe as doces alegrias duma prodigiosa maternidade de Deus, porque «a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem» (Lc 1, 47.50).

Prova disto mesmo é este lugar bendito. Mais sete anos e voltareis aqui para celebrar o centenário da primeira visita feita pela Senhora «vinda do Céu», como Mestra que introduz os pequenos videntes no conhecimento íntimo do Amor Trinitário e os leva a saborear o próprio Deus como o mais belo da existência humana. Uma experiência de graça que os tornou enamorados de Deus em Jesus, a ponto da Jacinta exclamar: «Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo. Quando Lho digo muitas vezes, parece que tenho um lume no peito, mas não me queimo». E o Francisco dizia: «Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!» (Memórias da Irmã Lúcia, I, 40 e 127).

Irmãos, ao ouvir estes inocentes e profundos desabafos místicos dos Pastorinhos, poderia alguém olhar para eles com um pouco de inveja por terem visto ou com a desiludida resignação de quem não teve essa sorte mas insiste em ver. A tais pessoas, o Papa diz como Jesus: «Não andareis vós enganadas, ignorando as Escrituras e o poder de Deus?» (Mc 12, 24). As Escrituras convidam-nos a crer: «Felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo 20, 29), mas Deus – mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio (cf. Santo Agostinho, Confissões, III, 6, 11) – tem o poder de chegar até nós nomeadamente através dos sentidos interiores, de modo que a alma recebe o toque suave de algo real que está para além do sensível, tornando-a capaz de alcançar o não-sensível, o não-visível aos sentidos. Para isso exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma (cf. Card. Joseph Ratzinger, Comentário teológico da Mensagem de Fátima, ano 2000). Sim! Deus pode alcançar-nos, oferecendo-Se à nossa visão interior.

### ***Mensagem de Fátima***

***Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, 9ª edição e seguintes, p.112***

Várias pessoas que aí iam, de fora, ao verem-me com uma cara amarelenta e meia anémica, pediam a minha mãe para me deixar ir uns dias para suas casas, dizendo que a mudança de ares me fazia bem. Com este intento, minha mãe dava o seu consentimento e lá me levavam, ora para umas partes, ora para outras. Nestas viagens nem sempre encontrava estima e carinho. Ao lado das pessoas que me admiravam e julgavam santa, havia sempre outras que me vituperavam e chamavam hipócrita, visionária e feiticeira. Era o nosso bom Deus a deitar o sal na água, para que ela se não corrompesse. E assim, graças a esta Divina Providência, passei pelo fogo sem me queimar, nem chegar a conhecer aquele bichinho da vaidade que tudo costuma carcomer.

***Apresentação de «A mensagem de Fátima, em Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I – Apêndice III, 9ª edição e seguintes, p.197***

A história está constelada de aparições e sinais sobrenaturais, que influenciam o desenrolar dos acontecimentos humanos e acompanham o caminho do mundo, surpreendendo crentes e descrentes. Estas manifestações, que não podem contradizer o conteúdo da fé, devem convergir para o objecto central do anúncio de Cristo: o amor do Pai que suscita nos homens a conversão e dá a graça para se abandonarem a Ele com devoção filial. Tal é a mensagem de Fátima, com o seu veemente apelo à conversão e à penitência, que leva realmente ao coração do Evangelho.

***Irmã Lúcia, Apelos da Mensagem de Fátima, p.79-80***

Por certo que, de entre todas as criaturas, nenhuma como Nossa Senhora foi tão amada por Deus, mas todos nós estivemos igualmente, desde toda a eternidade, presentes na mente de Deus, no seu desígnio criador; e Ele criou tudo o mais por amor de cada um de nós, porque, desde todo o sempre, nos teve presente e nos amou. Temos para com Deus uma dívida de amor eterno, e só na prolongação dos séculos é que podemos ir satisfazendo esta dívida, sem nunca a saldarmos completamente, porque o amor de Deus antecipou-se e prolonga-se sempre com maior intensidade. Por isso, ninguém nem coisa alguma merece como Ele a correspondência do nosso amor.

Assim devemos olhar para o preceito que Deus nos deu de «amá-Lo», como uma prova mais do Seu amor; porque é um sinal de que aceita o nosso amor, a nossa gratidão, a nossa humilde correspondência. Somos muito pequeninos diante da imensidade de Deus, mas damos-Lhe o que temos: o nosso amor! Quase como sucede com as crianças, que, embaladas nos braços do pai de quem tudo recebem, pagam-Lhe com uma carícia e com um beijo, símbolos do amor; e o pai sorri contente e dá-se por satisfeito, porque o filho corresponde ao seu amor.

Este nosso amor a Deus manifesta-se e prova-se com o amor que dedicamos a cada um dos nossos irmãos, porque todos são, como nós, filhos de Deus, amados e redimidos por Ele em Jesus Cristo. Na verdade, se quisermos provar o nosso amor a um pai de família, não encontraremos meio mais eficaz do que beneficiar os seus filhos. É neste sentido que Jesus, no Evangelho, nos diz que toma como feito a Si próprio tudo aquilo que fizermos a um dos nossos irmãos mais pequeninos; isto, porque esse nosso irmão é, como nós, Seu irmão, filho do mesmo e único Pai, que está nos Céus, criado à Sua imagem e semelhança, destinado à participação da vida eterna de Deus: «*Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher*» (Gn 1, 27).

A obra da criação é a obra do amor. Deus criou-nos por amor; e, como um pai, conduz os nossos passos pelos caminhos da vida: deu-nos as Suas leis, os Seus ensinamentos, que são o guia que devemos seguir.

### ***Irmã Lúcia, Apelos da Mensagem de Fátima, p.160-161***

Não podemos pensar que, para cumprir as exigências da Mensagem e do preceito do amor, seja suficiente evitar o pecado, para não ofender a Deus. Este é certamente o primeiro passo, mas não basta; porque, se usarmos de frieza, indiferença, ou desprezo com o nosso pai, a nossa mãe ou alguém a quem devemos favores, salta à vista que estamos a ser injustos e ingratos com essa pessoa, e ofendemo-la. O mesmo se passa com Deus, que é para nós mais do que um pai: ofendemo-Lo com as nossas friezas, esquecimentos, indiferenças e desprezos; procedemos para com Ele de forma ingrata, como quem não reconhece o seu Benfeitor maior, Aquele a quem mais devemos.

Olhemos Jesus Cristo, no Evangelho! A grande preocupação do Seu

coração era dar a conhecer aos homens o amor do Pai, amá-Lo e fazê-Lo amar, observando os Seus preceitos e a Sua palavra [...] No facto de ter em Si o amor do Pai e de Lhe corresponder, está a alegria de Jesus Cristo, da qual nos deseja fazer participantes [...] O amor é o laço que deve estreitar a nossa união com Deus e com o próximo, identificar-nos com o Coração de Cristo, fundir-nos no Coração de Deus, de modo que a nossa vontade seja a Sua, e a nossa única aspiração seja a posse plena do Seu amor.

## **Agosto - «Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus»**

### **Sagrada Escritura**

1. «Serei para ele um pai e Ele será para Mim um filho» (2 Sam 7, 14); 2. «Tu és meu Filho, Eu hoje te gerei» (Sl 2, 7); 3. «Se o justo é filho de Deus, Deus o protegerá» (Sab 2, 18); 4. «Será chamado Filho de Deus» (Lc 1, 35); 5. «Mestre, Tu és o Filho de Deus... Porque te disse: 'Eu vi-te debaixo da figueira', acreditas.» (Jo 1, 50); 6. «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14); 7. «O Filho Unigénito, que está no seio do Pai é que O deu a conhecer» (Jo 1, 18); 8. «Nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus» (Jo 6, 69); 9. «Do coração daquele que acredita em Mim correrão rios de água viva» (Jo 7, 38); 10. «Se és o Messias, diz-nos claramente... Já vo-lo disse, mas não acreditais» (Jo 10, 24-25); 11. «Acredito, Senhor, que Tu és o Messias, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo» (Jo 11, 27); 12. «Acreditastes que Eu saí de Deus» (Jo 16, 27); 13. «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28); 14. «Os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho» (Rom 8, 29); 15. «Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo» (Gal 3, 26); 16. «É pela fé em Cristo que podemos aproximar-nos de Deus com toda a confiança» (Ef 3, 10-12); 17. «É para vossa correção que sofreis. Deus trata-vos como filhos» (Hebr 12, 6); 18. «Quem nega o Filho também não reconhece o Pai» (1 Jo 2, 23); 19. «Se alguém confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus» (1 Jo 4, 15); 20. «Nós estamos no Verdadeiro, por seu Filho, Jesus Cristo, que é o Deus verdadeiro e a vida eterna» (1 Jo 5, 20).

### **Padres da Igreja**

#### **Carta a Diogneto, Cap. 8**

Nenhum homem viu a Deus nem o conheceu, mas ele mesmo se manifestou. Manifestou-se pela fé, pois só a ela é concedida a visão de Deus. O

Senhor e Criador do universo, Deus, que fez todas as coisas e as dispôs em ordem, não só amou os homens, mas também foi paciente com eles. Deus sempre foi, é e será o mesmo: benigno e bom, isento de ira, veraz; só ele é bom. E quando concedeu seu grande e infável desígnio, só o comunicou a seu Filho. Enquanto mantinha oculto e em reserva seu plano de sabedoria, parecia abandonar-nos e esquecer-se de nós. Mas, quando revelou por seu Filho amado e manifestou o que havia preparado desde o princípio, ofereceu-nos tudo ao mesmo tempo: participar de seus benefícios, ver e compreender. Quem de nós poderia jamais esperar tamanha generosidade?

Tendo Deus, portanto, tudo disposto em si mesmo com o seu Filho, deixou-nos, até estes últimos tempos, seguir nossos impulsos desordenados, desviados do caminho reto pelos maus prazeres e paixões. Não que ele tivesse algum gosto com nossos pecados; tolerando-os, não aprovava aquele tempo de iniquidade, mas preparava este tempo de justiça. Assim, convencidos de termos sido, naquele período, indignos da vida em razão de nossas obras, tornemo-nos agora dignos dela pela bondade de Deus. E depois de mostrar nossa incapacidade de entrar pelas próprias forças no Reino de Deus, nos tornemos capazes disso pelo poder divino.

Quando, pois, a nossa iniquidade atingiu o auge e se tornou manifesto que a apaga merecida do castigo e da morte estava iminente, chegou o tempo estabelecido por Deus para revelar sua bondade e poder. Ó imensa benignidade e amor de Deus! Ele não nos odiou, não nos rejeitou nem se vingou de nós, mas nos suportou com paciência. Cheio de compaixão, assumiu nossos pecados, entregou seu próprio Filho como preço de nossa redenção: o santo pelos pecadores, o inocente pelos maus, o justo pelos injustos, o incorruptível pelos corruptíveis, o imortal pelos mortais. O que poderia apagar nossos pecados a não ser sua justiça? Por quem poderíamos ser justificados, nós, ímpios e maus, senão pelo Filho de Deus?

Ó doce intercâmbio, ó misteriosa iniciativa, ó surpreendente benefício, ser a iniquidade de muitos vencida por um só justo e a justiça de um só justificar muitos ímpios!

## **Magistério da Igreja** **Catecismo da Igreja Católica**

430. Em hebraico, Jesus quer dizer «Deus salva». Quando da Anunciação, o anjo Gabriel dá-Lhe como nome próprio o nome de Jesus, o qual exprime, ao mesmo tempo, a sua identidade e a sua missão. Uma vez que «só Deus pode perdoar os pecados» (Mc 2, 7), será Ele quem, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, «salvará o seu povo dos seus pecados» (Mt 1, 21). Em Jesus, Deus recapitula, assim, toda a sua história de salvação em favor dos homens.

436. Cristo vem da tradução grega do termo hebraico «Messias», que quer dizer «ungido». Só se torna nome próprio de Jesus porque Ele cumpre perfeitamente a missão divina que tal nome significa. Com efeito, em Israel eram ungidos, em nome de Deus, aqueles que Lhe eram consagrados para uma missão d'Ele dimanada. Era o caso dos reis, dos sacerdotes e, em raros casos, dos profetas. Este devia ser, por excelência, o caso do Messias, que Deus enviaria para estabelecer definitivamente o seu Reino. O Messias devia ser ungido pelo Espírito do Senhor, ao mesmo tempo como rei e sacerdote mas também como profeta. Jesus realizou a expectativa messiânica de Israel na sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei.

441. Filho de Deus, no Antigo Testamento, é um título dado aos anjos, ao povo eleito aos filhos de Israel e aos seus reis. Nestes casos, significa uma filiação adoptiva, que estabelece entre Deus e a sua criatura relações de particular intimidade. Quando o Rei-Messias prometido é chamado «filho de Deus», isso não implica necessariamente, segundo o sentido literal de tais textos, que Ele seja mais que um simples ser humano. Os que assim designaram Jesus, enquanto Messias de Israel, talvez não tenham querido dizer mais.

442. Mas não é este o caso de Pedro, quando confessa Jesus como «Cristo, o Filho de Deus vivo», porque Jesus responde-lhe solenemente: «não foram a carne nem o sangue que to revelaram, mas sim o meu Pai que está nos céus» (Mt 16, 17). De igual modo, Paulo dirá, a propósito da sua conversão no caminho de Damasco: «Quando aprouve a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que O anuncie como Evangelho aos gentios...» (Gl

1, 15-16). «E logo começou a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus» (Act 9, 20). Será este, desde o princípio, o núcleo da fé apostólica, primeiramente professada por Pedro como fundamento da Igreja.

444. Os evangelhos referem, em dois momentos solenes, no baptismo e na transfiguração de Cristo, a voz do Pai, que O designa como seu «filho muito-amado». Jesus designa-Se a Si próprio como «o Filho único de Deus» (Jo 3, 16), afirmando por este título a sua preexistência eterna. E exige a fé «no nome do Filho único de Deus» (Jo 3, 18). Esta profissão de fé cristã aparece já na exclamação do centurião diante de Jesus crucificado: «Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!» (Mc 15, 39); porque somente no Mistério Pascal o crente pode dar pleno significado ao título de «Filho de Deus».

445. É depois da ressurreição que a filiação divina de Jesus aparece no poder da sua humanidade glorificada: «Segundo o Espírito santificante, pela sua ressurreição de entre os mortos, Ele foi estabelecido como Filho de Deus em poder» (Rm 1, 4). E os Apóstolos poderão confessar: «Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como a Filho único, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14).

### **João Paulo II, *Redemptor Hominis***

10. O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente. E por isto precisamente Cristo Redentor, como já foi dito acima, revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é – se assim é lícito exprimir-se – a dimensão humana do mistério da Redenção. Nesta dimensão o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade. No mistério da Redenção o homem é novamente «reproduzido» e, de algum modo, é novamente criado. Ele é novamente criado! «Não há judeu nem gentio, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher: todos vós sois um só em Cristo Jesus». O homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente – não apenas segundo imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes critérios e medidas do próprio ser – deve, com a sua



inquietação, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Ele deve, por assim dizer, entrar n'Ele com tudo o que é em si mesmo, deve «apropriar-se» e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo. Se no homem se actuar este processo profundo, então ele produz frutos, não somente de adoração de Deus, mas também de profunda maravilha perante si próprio. Que grande valor deve ter o homem aos olhos do Criador, se «mereceu ter um tal e tão grande Redentor», se «Deus deu o seu Filho», para que ele, o homem, «não pereça, mas tenha a vida eterna».

**João Paulo II, Vigília Mariana, 12 de Maio de 1991**

Exorto-vos, irmãos amados, a perseverar na devoção a Maria. Quanto mais vivemos e progredimos na atitude de entrega, tanto mais Maria nos aproxima das “insondáveis riquezas de Cristo” (Eph. 3, 8) e, deste modo, nos possibilita reconhecermos cada vez mais, em toda a sua plenitude, a nossa dignidade e o sentido definitivo da nossa vocação, porque “só Cristo revela plenamente o homem a si próprio” (Gaudium et spes, 22). Na maternidade espiritual de Maria, nós somos adoptados como filhos no Filho, o primogénito de muitos irmãos. Transcendemo-nos e libertamo-nos para formarmos uma família, autêntica comunidade humana, orientada para o seu destino último - o próprio Deus que “será tudo em todos” (1 Cor. 15, 28).

**Congregação para a doutrina da fé, Declaração Dominus Jesus**

10. Deve, de facto, crer-se firmemente na doutrina de fé que proclama que Jesus de Nazaré, filho de Maria, e só ele, é o Filho e o Verbo do Pai. O Verbo, que «estava no princípio junto de Deus» (Jo 1,2), é o mesmo «que Se fez carne» (Jo 1,14). Em Jesus «o Cristo, o Filho do Deus vivo» (Mt 16,16) «habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (Col 2,9). Ele é «o Filho unigénito, que está no seio do Pai» (Jo 1,18), o seu «Filho muito amado, no qual temos a redenção [...]. Aproveu a Deus que n'Ele residisse toda a plenitude e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, estabelecendo a paz, pelo sangue da sua cruz, com todas as criaturas na terra e nos céus» (Col 1,13-14.19-20).

Fiel à Sagrada Escritura e refutando interpretações errôneas e redutivas, o primeiro Concílio de Niceia definiu solenemente a própria fé em «Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, ou seja, da substância do Pai; Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por meio do qual foram criadas todas as coisas do céu e da terra. Por nós homens e pela nossa salvação, desceu do céu, encarnou e Se fez homem, sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, voltou a subir ao céu, donde virá para julgar os vivos e os mortos». Seguindo os ensinamentos dos Padres, também o Concílio de Calcedónia professou «que o único e idêntico Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, é Ele mesmo perfeito em divindade e perfeito em humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem [...], consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade [...]; gerado do Pai antes dos séculos segundo a divindade e, nos últimos dias, Ele mesmo por nós e pela nossa salvação, de Maria, a virgem Mãe de Deus, segundo a humanidade».

Por isso, o Concílio Vaticano II afirma que Cristo, «novo Adão», «imagem de Deus invisível» (Col 1,15), «é o homem perfeito, que restituiu à descendência de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado [...]. Cordeiro inocente, pelo seu sangue voluntariamente derramado, mereceu-nos a vida e n'Ele Deus nos reconciliou consigo e conosco, libertando-nos da escravidão do diabo e do pecado, de tal sorte que cada um pode dizer com o Apóstolo: o Filho de Deus “amou-me e entregou-Se a Si mesmo por mim” (Gal 2,20)».

A esse respeito, João Paulo II declarou explicitamente: «É contrário à fé cristã introduzir qualquer separação entre o Verbo e Jesus Cristo [...]: Jesus é o Verbo Encarnado, pessoa una e indivisa [...]. Cristo não é diferente de Jesus de Nazaré; e este é o Verbo de Deus, feito homem para a salvação de todos [...]. À medida que formos descobrindo e valorizando os diversos tipos de dons, e sobretudo as riquezas espirituais, que Deus distribuiu a cada povo, não podemos separá-los de Jesus Cristo, o qual está no centro da economia salvadora».

**Bento XVI, Audiência geral, 15 de Novembro de 2006**

Eis a nossa grande dignidade: a de não ser apenas imagem, mas filhos de Deus. Trata-se de um convite a viver esta nossa filiação, a estarmos cada vez mais conscientes de que somos filhos adoptivos na grande família de Deus. É um convite a transformar este dom objectivo numa realidade subjectiva, determinante para o nosso pensar, para o nosso agir, para o nosso ser. Deus considera-nos seus filhos, tendo-nos elevado a uma tal dignidade, mesmo se não é igual, à do próprio Jesus, o único Filho em sentido pleno. Nele é-nos dada, ou restituída, a condição filial e a liberdade confiante em relação ao Pai.

***Mensagem de Fátima***

**Irmã Lúcia, *Como vejo a Mensagem*, p.38**

O Senhor não nos enganou, nem nos faltou com a Sua Graça, como prometeu Nossa Senhora: «A graça de Deus será o vosso conforto». É esta graça de Deus que actua em nós, levando-nos onde Deus nos quiser conduzir, e vamos contentes, como crianças abandonadas nos braços do Pai, quer Ele nos leve por sendas planas, quer nos conduza por caminhos tortuosos, pisando espinhos, cardos e abrolhos, pondo os nossos pés nas pegadas que Cristo, indo à nossa frente deixou marcadas no solo da terra; é subir conTigo, a montanha íngreme, esbarradiça do monte Calvário; é beber conTigo até à última gota do cálice que o Pai Te apresentou; é ser uma conTigo no partir do pão e no beber do cálice; é, pela nossa íntima união conTigo, ser o Filho muito amado em quem o Pai se compraz, vendo em nós, o rosto de Seu Filho, o Espírito Santo que atea em nós o fogo do puro amor que nos transforma num ser de eterno louvor à Santíssima Trindade, a Quem adoro, confio, amo e para sempre quero louvar! De Ti espero esta graça que há-de ser o meu hino de eterno amor!

**Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p.213-215**

Tudo isto demonstra qual deve ser a firmeza da nossa convicção e a extensão da nossa fé em Deus: temos de acreditar no poder imenso da Sua palavra operante, na sabedoria eterna do Seu Ser que é manancial de vida, nas

leis com que marcou os nossos caminhos, na Sua obra criadora e redentora, na palavra do Seu Verbo e na doutrina que Ele nos ensinou, na Sua Igreja. Depositária dessa doutrina que o Seu Verbo lhe confiou, na Sua misericórdia, no Seu perdão e no Seu amor.

O princípio de toda a vida espiritual é acreditar em Deus. Esta fé abre-nos às maravilhas do Ser infinito, faz-nos encontrar a Deus nas Suas obras, viver a vida de Deus presente em nós. Por nós mesmos, somos pobres e nada temos; mas, em Deus possuímos tudo e nada nos falta.

A pessoa que acredita em Deus é feliz, porque sabe que tem um Pai que está na origem e acima de toda a paternidade humana. Ama o seu Pai, descansa nos Seus braços e vive para esse Pai, que sabe ser bondade, misericórdia, perdão e amor!

## ***Setembro - «Chamados pelo Espírito de Deus»***

### ***Sagrada Escritura***

1. «Nos cobristes de glória, chamando-nos para Vós» (Sab 18, 8); 2. «Sobre ele fiz repousar o meu espírito» (Is 42, 1); 3. «O Senhor chamou-me desde o ventre materno» (Is 49, 1); 4. «O espírito de Senhor está sobre mim» (Is 61, 1); 5. «Infundirei em vós um espírito novo» (Ez 36, 26); 6. «Quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão» (Mc 3, 29); 7. «Quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará para a verdade plena» (Jo 16, 13); 8. «Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas» (Actos 2, 4); 9. «O Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis» (Rom 8, 26); 10. «Fiel é Deus, por quem fostes chamados» (1 Cor 1, 9); 11. «Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?» (1 Cor 3, 16); 12. «Ninguém pode dizer 'Jesus é o Senhor' a não ser pela acção do Espírito Santo» (1 Cor 12, 3); 13. «Nós recebemos, pela fé, o Espírito prometido» (Gal 3, 14); 14. «Nós, porém, é pelo Espírito Santo, em virtude da fé, que esperamos alcançar a justificação» (Gal 5, 5); 15. «Recebendo a palavra no meio de muitas tribulações, com a alegria do Espírito Santo» (1 Tes 1, 6); 16. «Impelidos pelo Espírito Santo, os homens falaram como porta-vozes de Deus» (2 Pedro 1, 21); 17. «Se alguém ouvir a minha voz e Me abrir a porta, entrarei em sua casa» (Ap 3, 20); 18. «Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas» (Ap 3, 22).

### ***Padres da Igreja***

#### ***Santo Ireneu de Lião, Tratado contra as heresias***

Ao dar a seus discípulos poder para que fizessem os homens renascer em Deus, o Senhor disse: «Ide e ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo».

Deus havia prometido pela boca de seus profetas que, nos últimos dias, derramaria seu espírito sobre os servos e servas, e que estes profetizariam; por isto infundiu o Espírito Santo sobre o Filho de Deus que se havia feito Filho do Homem, para assim, permanecendo nele, habitar no gênero humano, repousar sobre os homens e habitar na obra plasmada por suas mãos, realizando assim no homem a vontade do Pai e renovando-o da antiga condição à nova, criada em Cristo.

E São Lucas nos narra como este Espírito, depois da Ascensão do Senhor, pousou sobre os discípulos, no dia de Pentecostes, com o poder de dar a todos os homens entrada na Vida e sua plenitude à Nova Aliança; por isto todos, em unidade de espírito, louvavam a Deus em todas as línguas, [...] oferecendo ao Pai as primícias de todas as nações.

Por isto o Senhor prometeu que nos enviaria aquele Advogado que nos faria capazes de Deus. Pois, do mesmo modo que o trigo seco não pode converter-se numa massa compacta e em um só pão, se antes não for umedecida, assim também nós, que somos muitos, não podíamos nos converter em uma só coisa em Cristo Jesus, sem esta água que desce do Céu. E, assim como terra árida não dá fruto se não recebe a água, assim também nós, que éramos antes como um ramo seco, não poderíamos jamais dar o fruto da vida sem o dom desta chuva do alto.

Nossos corpos, com efeito, receberam pelo banho batismal a unidade destinada à incorruptibilidade, porém nossas almas a receberam pelo Espírito.

O Espírito de Deus desceu sobre o Senhor, Espírito de Sabedoria e de Inteligência, Espírito de Conselho e de Fortaleza, Espírito de Ciência e de Temor ao Senhor; Ele, por sua vez, o deu à Igreja, enviando do céu o Advogado sobre toda a terra, lá de onde Satanás foi arremessado como um raio, como disse o Senhor; por isso necessitamos deste orvalho divino para produzirmos fruto e para que não sejamos lançados ao fogo; e já que temos quem nos acusa, tenhamos também um Advogado, pois que o Senhor encomenda ao Espírito Santo o cuidado do homem, sua propriedade, que havia caído em mãos de ladrões, compadecendo-se de suas feridas. E, entregando dois denários régios para que nós, recebendo pelo

Espírito a Imagem e a Inscrição do Pai e do Filho, conseguimos multiplicar o denário que nos foi confiado, retornando ao Senhor com juro.

### ***Magistério da Igreja***

#### ***Catecismo da Igreja Católica***

736. É graças a esta força do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto. Aquele que nos enxertou na verdadeira Vide far-nos-á dar «os frutos do Espírito: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio» (Gl 5, 22-23). «O Espírito é a nossa vida»: quanto mais renunciarmos a nós próprios, mais «caminharemos segundo o Espírito»:

«Pela comunhão com Ele, o Espírito Santo torna-nos espirituais, recoloca-nos no paraíso, reconduz-nos ao Reino dos céus e à adopção filial, dá-nos a confiança de chamar Pai a Deus e de participar na graça de Cristo, de ser chamados filhos da luz e de tomar parte na glória eterna».

737. A missão de Cristo e do Espírito Santo completa-se na Igreja, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo. Esta missão conjunta associa, doravante, os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo: o Espírito prepara os homens e adianta-se-lhes com a sua graça para os atrair a Cristo. Manifesta-lhes o Senhor ressuscitado, lembra-lhes a sua Palavra e abre-lhes o espírito à inteligência da sua morte e da sua ressurreição. Torna-lhes presente o mistério de Cristo, principalmente na Eucaristia, com o fim de os reconciliar, de os pôr em comunhão com Deus, para os fazer dar «muito fruto».

797. «O que o nosso espírito, quer dizer, a nossa alma, é para os nossos membros, o Espírito Santo é-o para os membros de Cristo, para o Corpo de Cristo, que é a Igreja». «É ao Espírito de Cristo, como a um princípio oculto, que se deve atribuir o facto de todas as partes do Corpo estarem unidas, tanto entre si como com a Cabeça suprema, pois Ele está todo na Cabeça, todo no Corpo, todo em cada um dos seus membros». É o Espírito Santo que faz da Igreja «o templo do Deus vivo» (2 Cor 6, 16):

«De facto, foi à própria Igreja que o dom de Deus foi confiado [...]. Nela foi depositada a comunhão com Cristo, isto é, o Espírito Santo, arras da incorruptibilidade, confirmação da nossa fé e escada da nossa ascensão para

Deus [...]. Porque onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, aí está a Igreja e toda a graça».

798. O Espírito Santo é «o princípio de toda a acção vital e verdadeiramente salvífica em cada uma das diversas partes do Corpo», Ele realiza, de múltiplas maneiras, a edificação de todo o Corpo na caridade: pela Palavra de Deus, «que tem o poder de construir o edifício» (Act 20, 32); mediante o Baptismo, pelo qual forma o Corpo de Cristo; pelos sacramentos, que fazem crescer e curam os membros de Cristo; pela «graça dada aos Apóstolos que ocupa o primeiro lugar entre os seus dons»; pelas virtudes que fazem agir segundo o bem; enfim, pelas múltiplas graças especiais (chamadas «carismas») pelos quais Ele torna os fiéis «aptos e disponíveis para assumir os diferentes cargos e ofícios proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja».

#### João Paulo II, *Dominum et vivificantem*

25. Consumada a obra que o Pai tinha confiado ao Filho sobre a terra (cf. Jo 17, 4), no dia do Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja, e, assim, os que viessem a acreditar tivessem, mediante Cristo, acesso ao Pai num só Espírito (cf. Ef 2, 18). Este é o Espírito da vida, a fonte de água que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4, 14; 7, 38-39); é Aquele por meio do qual o Pai dá novamente a vida aos homens, mortos pelo pecado, até que um dia ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cf. Rom 8, 10-11).

É deste modo que o Concílio Vaticano II fala do nascimento da Igreja no dia de Pentecostes. Este acontecimento constitui a manifestação definitiva daquilo que já se tinha realizado no mesmo Cenáculo no Domingo da Páscoa. Cristo Ressuscitado veio e foi «portador» do Espírito Santo para os Apóstolos. Deu-lho dizendo: «Recebi o Espírito Santo». Isso que aconteceu então no interior do Cenáculo, «estando as portas fechadas», mais tarde, no dia do Pentecostes, viria a manifestar-se publicamente diante dos homens. Abrem-se as portas do Cenáculo e os Apóstolos dirigem-se aos habitantes e peregrinos, que tinham vindo a Jerusalém por ocasião da festa, para dar testemunho de Cristo com o poder do Espírito Santo. E assim se



realiza o anúncio de Jesus: «Ele dará testemunho de mim: e também vós dareis testemunho de mim, porque estivestes comigo desde o princípio».

Num outro documento do Concílio Vaticano II lemos: «Sem dúvida que o Espírito Santo estava já a operar no mundo, antes ainda que Cristo fosse glorificado. Contudo, foi no dia de Pentecostes que ele desceu sobre os discípulos, para permanecer com eles eternamente (cf. Jo 14, 16); e a Igreja apareceu publicamente diante da multidão e teve o seu início a difusão do Evangelho entre os pagãos, através da pregação».

O tempo da Igreja teve início com a «vinda», isto é, com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, reunidos no Cenáculo de Jerusalém juntamente com Maria, a Mãe do Senhor. O tempo da Igreja teve início no momento em que as promessas e os anúncios, que tão explicitamente se referiam ao Consolador, ao Espírito da verdade, começaram a verificar-se sobre os Apóstolos, com potência e com toda a evidência, determinando assim o nascimento da Igreja. Disto falam em muitas passagens e amplamente os Actos dos Apóstolos, dos quais nos resulta que, segundo a consciência da primitiva comunidade – da qual São Lucas refere as certezas – o Espírito Santo assumiu a orientação invisível – mas de algum modo «perceptível» – daqueles que, depois da partida do Senhor Jesus, sentiam profundamente o terem ficado órfãos. Com a vinda do Espírito eles sentiram-se capazes de cumprir a missão que lhes fora confiada. Sentiram-se cheios de fortaleza. Foi isto precisamente que o Espírito Santo operou neles; e é isto que Ele continua a operar na Igreja, mediante os seus sucessores. Com efeito, a graça do Espírito Santo, que os Apóstolos, pela imposição das mãos, transmitiram aos seus colaboradores, continua a ser transmitida na Ordenação episcopal. Os Bispos, por sua vez, depois tornam participantes desse dom espiritual os ministros sagrados, pelo sacramento da Ordem; e providenciam ainda para que, mediante o sacramento da Confirmação, sejam fortalecidos com ele todos os que tiverem renascido pela água e pelo Espírito Santo. E assim se perpetua na Igreja de certo modo, a graça do Pentecostes.

Como escreve o Concílio, «o Espírito Santo habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1 Cor 3, 16; 6, 19); e neles ora e dá testemunho da sua adopção filial (cf. Gál 4, 6; Rom 8, 15-16. 26). Ele

introduz a Igreja no conhecimento de toda a verdade (cf. Jo 16, 13), unifica-a na comunhão e no ministério, edifica-a e dirige-a com os diversos dons hierárquicos e carismáticos e enriquece-a com os seus frutos (cf. Et 4, 11-12; 1 Cor 12, 4; Gál 5, 22). Faz ainda com que a Igreja se mantenha sempre jovem, com a força do Evangelho, renova-a continuamente e leva-a à perfeita união com o seu Esposo».

### **João Paulo II, *Tertio Millennio Adveniente***

45. Entra, pois, nos compromissos primários da preparação para o Jubileu a redescoberta da presença e acção do Espírito, que age na Igreja quer sacramentalmente, sobretudo mediante a Confirmação, quer através de múltiplos carismas, cargos e ministérios por Ele suscitados para o bem dela: «É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (cf. 1 Cor 12, 1-11). Entre estes dons, sobressai a graça dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submeteu também os carismáticos (cf. 1 Cor 14). O mesmo Espírito, unificando o corpo por si e pela sua força e pela coesão interna dos membros, produz e promove a caridade entre os fiéis».

O Espírito é também, na nossa época, o agente principal da nova evangelização. Será, por isso, importante redescobrir o Espírito como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo, animando os homens no mais íntimo deles mesmos e fazendo germinar dentro da existência humana os germens da salvação definitiva que acontecerá no fim dos tempos.

### **João Paulo II, *Mensagem por ocasião do 80º Aniversário das aparições de Nossa Senhora de Fátima***

Às portas do Terceiro Milénio, olhando os sinais dos tempos neste século XX, Fátima conta-se certamente entre os maiores, até porque anuncia na sua Mensagem e condiciona à vivência dos seus apelos muitos dos restantes que lhe sobrevieram; sinais como as duas guerras mundiais, mas também grandes assembleias de Nações e povos sob o signo do diálogo e da paz; a opressão e convulsões sofridas por diversas Nações e povos, mas também a voz e a vez dadas a populações e gentes que entretanto se levantaram na

Arena internacional; as crises, deserções e tantos sofrimentos nos membros da Igreja mas também uma renovada e intensa sensação de solidariedade e mútua dependência no Corpo Místico de Cristo, que se vai consolidando em todos os baptizados, segundo as respectivas vocação e missão; o afastamento e abandono de Deus da parte de indivíduos e sociedades, mas também uma irrupção do Espírito da Verdade nos corações e nas comunidades, tendo-se chegado à imolação e ao martírio para salvar «a imagem e semelhança de Deus no homem» (cf. Gn 1, 27), para salvar o homem do homem. De entre estes e outros sinais dos tempos, como dizia, sobressai Fátima, que nos ajuda a ver a mão de Deus, Guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX.

**Cardeal J. Ratzinger, *Comentário teológico à terceira parte do “segredo” de Fátima***

O facto de a única revelação de Deus destinada a todos os povos ter ficado concluída com Cristo e o testemunho que d’Ele nos dão os livros do Novo Testamento vincula a Igreja com o acontecimento único que é a história sagrada e a palavra da Bíblia, que garante e interpreta tal acontecimento, mas não significa que agora a Igreja pode apenas olhar para o passado, ficando assim condenada a uma estéril repetição. Eis o que diz o Catecismo da Igreja Católica: «No entanto, apesar de a Revelação ter acabado, não quer dizer que esteja completamente explicitada. E está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance no decorrer dos séculos» (n. 66). Estes dois aspectos – o vínculo com a unicidade do acontecimento e o progresso na sua compreensão – estão optimamente ilustrados nos discursos de despedida do Senhor, quando Ele declara aos discípulos: «Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Espírito da Verdade, Ele guiar-vos-á para a verdade total, porque não falará de Si mesmo (...) Ele glorificar-Me-á, porque há-de receber do que é meu, para vo-lo anunciar» (Jo 16, 12-14). Por um lado, o Espírito serve de guia, desvendando assim um conhecimento cuja densidade não se podia alcançar antes porque faltava o pressuposto, ou seja, o da amplidão e profundidade da fé cristã, e que é tal que não estará concluída jamais. Por outro lado, esse acto de guiar é «receber» do tesouro do próprio Jesus Cristo, cuja profundidade

inexaurível se manifesta nesta condução por obra do Espírito. A propósito disto, o Catecismo cita uma densa frase do Papa Gregório Magno: «As palavras divinas crescem com quem as lê» (CIC, n. 94; S. Gregório Magno, Homilia sobre Ezequiel 1, 7, 8). O Concílio Vaticano II indica três caminhos essenciais, através dos quais o Espírito Santo efectua a sua guia da Igreja e, conseqüentemente, o «crescimento da Palavra»: realiza-se por meio da meditação e estudo dos fiéis, por meio da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, e por meio da pregação daqueles «que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade» (Dei Verbum, n. 8).

### ***Mensagem de Fátima***

***Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, 9ª edição e seguintes, p.70-71***

E quando chegou a minha vez, lá fui ajoelhar aos pés do nosso bom Deus, ali representado pelo Seu ministro, a implorar o perdão dos meus pecados. Quando terminei, vi que toda a gente se ria. Minha mãe chama-me e diz: – *Minha filha, não sabes que a confissão se faz baixinho, que é um segredo? Toda a gente te ouviu! Só no fim disseste uma coisa que ninguém soube o que foi.* No caminho para casa, minha mãe fez várias tentativas para ver se descobria o que ela chamava o segredo da minha confissão; mas não obteve mais que um profundo silêncio. Vou, pois, descobrir agora o segredo da minha primeira confissão. O bom Sacerdote, depois de me ter ouvido, disse-me estas breves palavras: – *Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo. Guarde-a para sempre pura, para que Ele possa continuar nela a Sua acção divina.* Ao ouvir estas palavras, senti-me penetrada de respeito pelo meu íntimo e perguntei ao bom confessor como devia fazer. – *De joelhos, aí, aos pés de Nossa Senhora, peça-Lhe, com muita confiança, que tome conta do seu coração, que o prepare para receber amanhã dignamente o Seu querido Filho e que o guarde para Ele só.* Havia na Igreja mais que uma imagem de Nossa Senhora. Mas, como minhas irmãs arranjavam o altar de Nossa Senhora do Rosário, estava por isso habituada a rezar diante dessa e por isso lá fui também dessa vez. Pedi-Lhe, pois, com todo o ardor de que fui capaz, que guardasse, para Deus só, o meu pobre coração. Ao repetir várias vezes esta humilde súplica, com os olhos fitos na imagem, pareceu-me que ela se

sorria e que, com um olhar e gesto de bondade, me dizia que sim. Fiquei tão inundada de gozo, que a custo conseguia articular palavra.

**Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p.119-120**

O Espírito Santo vem a nós como mestre, para nos ensinar e lembrar tudo o que Jesus Cristo nos revelou: «*Esse ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito*». O Espírito fá-lo directamente, com os dons que Ele mesmo comunica à alma, ou indirectamente, servindo-Se de meios humanos, entre os quais sobressai a Igreja, nossa Mãe e Mestra, que, entre as principais missões que lhe foram confiadas exercer na terra, tem a de nos recordar com autoridade e fielmente tudo o que Jesus Cristo disse e fez.

Além disso, como se diz no Evangelho, também nos será dado conhecer e conviver com o Espírito Santo, que veio habitar em nós e está connosco: «*Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem conhece, mas que vós conheceis porque habita convosco e está em vós*» (Jo 14,16-17). Trata-se de um conhecimento pela fé, que o mundo, naturalmente, não tem. A possibilidade de conhecer o Espírito Santo é uma graça maravilhosa que Ele nos dá: «*Que vós conheceis, porque habita convosco e está em vós*».

Sim! É uma graça imensa poder conhecer a Deus, através da fé: conhecer a revelação de Deus e do amor que Ele nos manifesta em todas as Suas obras; conhecê-Lo nas ciências humanas, nas artes, nas forças ou nas coisas que nos rodeiam: tudo é uma manifestação de Deus, porque Ele revela-Se nas Suas obras. Aqui poder-se-ia aplicar, de algum modo, aquele apelo que Jesus fez aos Seus discípulos para verem nas obras realizadas a presença de Alguém que n'Ele as tinha feito: «*Crede-Me ao menos por causa das mesmas obras*» (Jo 14,11). Poder conhecer a Deus, ainda que de modo limitado e próprio da nossa capacidade, é uma graça de inestimável valor! Poder conhecer a Deus, como Pai que nos criou, como Homem e Deus que nos remiu, como Espírito que nos guia pelos caminhos da verdade e do amor: «*Quando vier o Espírito da Verdade, Ele guiar-vos-á para a verdade total*» (Jo 16,13).



## ***Outubro - «Senhor, eis-me aqui»***

### ***Sagrada Escritura***

1. «Escolhei hoje a quem quereis servir» (Jos 24, 15); 2. «O Senhor chamou Samuel e ele respondeu: ‘Aqui estou’» (1 Sam 3, 4); 3. «Então clamei: ‘Aqui estou’» (Sl 39, 8); 4. «Eis-me aqui: podeis enviar-me» (Is 6, 8); 5. «Eis a escrava do Senhor» (Lc 1, 38); 6. «Se alguém Me quiser servir, que Me siga» (Jo 12, 26); 7. «Foi para a verdadeira liberdade que Cristo nos libertou» (Gál 5, 1); 8. «Eis-Me aqui: Eu venho para fazer a tua vontade» (Hebr 10, 9); 9. «Aquele que se aplica atentamente a considerar a lei perfeita, que é a lei da liberdade» (Tg 1, 25); 10. «Falai e procedei como pessoas que vão ser julgadas pela lei da liberdade» (Tg 2, 12).

### ***Padres da Igreja***

**São Bernardo, *Homilias em louvor da Virgem Mãe, Hom. 4***

Ouviste, ó Virgem, que vais conceber e dar à luz um filho, não por obra de homem – tu ouviste – mas do Espírito Santo. O Anjo espera tua resposta: já é tempo de voltar para Deus que o enviou. Também nós, Senhora, miseravelmente esmagados por uma sentença de condenação, esperamos tua palavra de misericórdia.

Eis que te é oferecido o preço de nossa salvação; se consentes, seremos livres. Todos fomos criados pelo Verbo eterno, mas caímos na morte; com uma breve resposta tua seremos recriados e novamente chamados à vida.

Ó Virgem cheia de bondade, o pobre Adão, expulso do paraíso com a sua mísera descendência, implora a tua resposta; Abraão a implora, Davi a implora. Os outros patriarcas, teus antepassados, que também habitam a região da sombra da morte, suplicam esta resposta. O mundo inteiro a espera, prostrado a teus pés.

E não é sem razão, pois de tua palavra depende o alívio dos infelizes, a redenção dos cativos, a liberdade dos condenados, enfim, a salvação de todos os filhos de Adão, de toda a tua raça.

Apressa-te, ó Virgem, em dar a tua resposta; responde sem demora ao Anjo, ou melhor, responde ao Senhor por meio do Anjo. Pronuncia uma palavra e recebe a Palavra; profere a tua palavra e concebe a Palavra de Deus; dize uma palavra passageira e abraça a Palavra eterna.

Por que demoras? Por que hesitas? Crê, consente, recebe. Que tua humildade se encha de coragem, tua modéstia de confiança. De modo algum convém que tua simplicidade virginal esqueça a prudência. Neste encontro único, porém, Virgem prudente, não temas a presunção. Pois, se tua modéstia no silêncio foi agradável a Deus, mais necessário é agora mostrar tua piedade pela palavra.

Abre, ó Virgem santa, teu coração à fé, teus lábios ao consentimento, teu seio ao Criador. Eis que o Desejado de todas as nações bate à tua porta. Ah! Se tardas e ele passa, começarás novamente a procurar com lágrimas aquele que teu coração ama! Levanta-te, corre, abre. Levanta-te pela fé, corre pela entrega a Deus, abre pelo consentimento. Eis aqui, diz a Virgem, a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra (Lc 1,38).

### ***Magistério da Igreja***

#### ***Catecismo da Igreja Católica***

143. Pela fé, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador. A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador.

150. Antes de mais, a fé é uma adesão pessoal do homem a Deus. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus. Enquanto adesão pessoal a Deus e assentimento à verdade por Ele revelada, a fé cristã difere da fé numa pessoa humana. É justo e bom confiar totalmente em Deus e crer absolutamente no que Ele diz. Seria vão e falso ter semelhante fé numa criatura.

153. Quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo,



Jesus declara-lhe que esta revelação não lhe veio «da carne nem do sangue, mas do seu Pai que está nos Céus» (Mt 16, 17). A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá «a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade»».

154. O acto de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um acto autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (como, por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam), para assim entrarem em mútua comunhão. Por isso, é ainda menos contrário à nossa dignidade «prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador» e entrar assim em comunhão íntima com Ele.

160. Para ser humana, «a resposta da fé, dada pelo homem a Deus, deve ser voluntária. Por conseguinte, ninguém deve ser constrangido a abraçar a fé contra vontade. Efectivamente, o acto de fé é voluntário por sua própria natureza». «É certo que Deus chama o homem a servi-Lo em espírito e verdade; mas, se é verdade que este apelo obriga o homem em consciência, isso não quer dizer que o constranja [...]. Isto foi evidente, no mais alto grau, em Jesus Cristo». De facto, Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo nenhum constrangeu alguém. «Deu testemunho da verdade, mas não a impôs pela força aos seus contraditores. O seu Reino [...] dilata-se graças ao amor, pelo qual, levantado na cruz, Cristo atrai a Si todos os homens».

166. A fé é um acto pessoal, uma resposta livre do homem à proposta de Deus que Se revela. Mas não é um acto isolado. Ninguém pode acreditar sozinho, tal como ninguém pode viver só. Ninguém se deu a fé a si mesmo, como ninguém a si mesmo se deu a vida. Foi de outrem que o crente recebeu a fé; a outrem a deve transmitir. O nosso amor a Jesus e aos homens

impele-nos a falar aos outros da nossa fé. Cada crente é, assim, um elo na grande cadeia dos crentes. Não posso crer sem ser amparado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo também para amparar os outros na fé.

167. «Eu creio»: é a fé da Igreja, professada pessoalmente por cada crente, principalmente por ocasião do Baptismo. «Nós cremos»: é a fé da Igreja, confessada pelos bispos reunidos em Concílio ou, de modo mais geral, pela assembleia litúrgica dos crentes. «Eu creio»: é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus pela sua fé e nos ensina a dizer: «Eu creio», «Nós cremos».

### **João Paulo II, *Veritatis splendor***

38. Retomando as palavras do Sirácida, o Concílio Vaticano II explica assim a «verdadeira liberdade», que, no homem, é «sinal privilegiado da imagem divina»: «Deus quis «deixar o homem entregue à sua própria decisão», para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele». Estas palavras indicam a maravilhosa profundidade da participação na soberania divina, à qual foi chamado o homem: indicam que o poder do homem se estende, de certa maneira, sobre si mesmo. Este é um aspecto constantemente acentuado na reflexão teológica sobre a liberdade humana, interpretada como uma forma de realza. Escreve, por exemplo, S. Gregório de Nissa: «O espírito manifesta a sua realza e excelência (...) pelo facto de ser sem dono e livre, governando-se soberanamente pelo seu querer. De quem é próprio isto, senão de um rei? (...) Assim a natureza humana, criada para ser senhora das outras criaturas, pela semelhança com o Soberano do universo, foi estabelecida como uma imagem viva, participante da dignidade e do nome do Arquétipo».

### **Cardeal J. Ratzinger, *Comentário teológico à terceira parte do “segredo” de Fátima***

A terceira parte do segredo é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da Mensagem, condicionada ao facto de aceitarmos ou não o que a Mensagem nos pede: “Se atenderem a meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, etc.”. Porque não temos atendido a este apelo da Mensagem, verificamos que ela se tem

cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado, do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência, etc. E não digamos que é Deus que assim nos castiga; mas, sim, que são os homens que para si mesmos se preparam o castigo. Deus apenas nos adverte e chama ao bom caminho, respeitando a liberdade que nos deu; por isso os homens são responsáveis».

(...) O anjo com a espada de fogo à esquerda da Mãe de Deus lembra imagens análogas do Apocalipse: ele representa a ameaça do juízo que pende sobre o mundo. A possibilidade que este acabe reduzido a cinzas num mar de chamas, hoje já não aparece de forma alguma como pura fantasia: o próprio homem preparou, com suas invenções, a espada de fogo. Em seguida, a visão mostra a força que se contrapõe ao poder da destruição: o brilho da Mãe de Deus e, de algum modo proveniente do mesmo, o apelo à penitência. Deste modo, é sublinhada a importância da liberdade do homem: o futuro não está de forma alguma determinado imutavelmente, e a imagem vista pelos pastores não é, absolutamente, um filme antecipado do futuro, do qual já nada se poderia mudar. Na realidade, toda a visão acontece só para chamar em campo a liberdade e orientá-la numa direcção positiva. O sentido da visão não é, portanto, o de mostrar um filme sobre o futuro, já fixo irremediavelmente; mas exactamente o contrário: o seu sentido é mobilizar as forças da mudança em bem. Por isso, há que considerar completamente extraviadas aquelas explicações fatalistas do «segredo» que dizem, por exemplo, que o autor do atentado de 13 de Maio de 1981 teria sido, em última análise, um instrumento do plano divino predisposto pela Providência e, por conseguinte, não poderia ter agido livremente, ou outras ideias semelhantes que por aí andam. A visão fala sobretudo de perigos e do caminho para salvar-se deles.

### **Bento XVI, 46º Dia mundial de oração pelas vocações**

Mais uma vez convém reafirmar que a resposta da pessoa à vocação divina – sempre que se esteja consciente de que é Deus a tomar a iniciativa e é Ele também a levar a bom termo o seu projecto salvífico – não se reveste jamais do cálculo medroso do servo preguiçoso, que por medo escondeu

na terra o talento que lhe fora confiado (cf. Mt 25, 14-30), mas exprime-se numa pronta adesão ao convite do Senhor, como fez Pedro quando, apesar de ter trabalhado toda a noite sem nada apanhar, não hesitou em lançar novamente as redes confiando na palavra d'Ele (cf. Lc 5, 5). Sem abdicar de forma alguma da responsabilidade pessoal, a resposta livre do homem a Deus torna-se assim «corresponsabilidade», responsabilidade em e com Cristo, em virtude da acção do seu Santo Espírito; faz-se comunhão com Aquele que nos torna capazes de dar muito fruto (cf. Jo 15, 5).

Emblemática resposta humana, repleta de confiança na iniciativa de Deus, é o «Amen» generoso e total da Virgem de Nazaré, pronunciado com humilde e decidida adesão aos desígnios do Altíssimo, que lhe foram comunicados pelo mensageiro celeste (cf. Lc 1, 38). O seu «sim» pronto permitiu-Lhe tornar-Se a Mãe de Deus, a Mãe do nosso Salvador. Maria, depois deste primeiro «fiat», teve de o repetir muitas outras vezes até ao momento culminante da crucifixão de Jesus, quando «estava junto à cruz», como refere o evangelista João, compartilhando o sofrimento atroz do seu Filho inocente. E foi precisamente da cruz que Jesus agonizante no-La deu como Mãe e a Ela nos entregou como filhos (cf. Jo 19, 26-27).

### **Bento XVI, XXV Jornada mundial da juventude**

6. Jesus recorda ao jovem rico os dez mandamentos como condições necessárias para «alcançar a vida eterna». Constituem pontos de referência essenciais para viver no amor, para distinguir claramente o bem do mal e construir um projecto de vida sólido e duradouro. Também a vós, Jesus pergunta se conheceis os mandamentos, preocupando-vos em formar a vossa consciência segundo a lei divina, e se os pondeis em prática.

Sem dúvida, trata-se de perguntas contra a corrente em relação à mentalidade contemporânea, que propõe uma liberdade desligada de valores, de regras, de normas objectivas, e convida a não colocar limites aos desejos do momento. Mas este tipo de proposta, em vez de conduzir à verdadeira liberdade, leva o homem a tornar-se escravo de si mesmo, dos seus desejos imediatos, de ídolos como o poder, o dinheiro, o prazer desenfreado e as seduções do mundo, tornando-o incapaz de seguir a sua vocação natural ao

amor.

Deus dá-nos os mandamentos, porque nos quer educar para a verdadeira liberdade, porque quer construir connosco um Reino de amor, de justiça e de paz. Ouvi-los e pô-los em prática não significa alienar-se, mas encontrar o caminho da liberdade e do amor autênticos, porque os mandamentos não limitam a felicidade, mas indicam o modo como encontrá-la.

### ***Mensagem de Fátima***

***Irmã Lúcia, Apelos da Mensagem de Fátima, p.199-200***

Deus comunica-Se e revela-Se a quem Lhe apraz, mas tal comunicação exige a fiel correspondência da parte de quem a recebe. A acção de Deus não destrói a natureza humana, antes a aperfeiçoa e dignifica; não subtrai a pessoa ao sentimento humano natural, moral e físico, pois é com ele que ela se há-de santificar, à semelhança de Cristo que sentiu e suportou por amor do Pai; não a imuniza à acção da tentação, seja do orgulho, do Demónio, da carne ou do mundo, porque ela há-de santificar-se na luta, vencendo com o auxílio da graça, a exemplo de Jesus Cristo que, apesar de ser o Santo dos Santos, também foi tentado. As provas rudes, a que, por vezes, essas almas são submetidas, podem abalá-las e até fazê-las recuar, porque Deus não as tornou imunes à fraqueza humana; particularmente duras são essas provas, quando nascem da injustiça, da inexactidão ou da falta de verdade. Mas, quem sacrifica é responsável.

Contudo, é no meio de todas estas lutas que a pessoa – se persevera na luta e vence – se santifica e se torna para Deus verdadeiro louvor de glória, como diz o Apóstolo: «*Deste modo, podereis viver dum modo digno do Senhor, agradando-Lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra e crescendo no conhecimento de Deus, confortados em tudo pelo Seu poder glorioso, para tudo suportar com paciência, longanimidade e alegria, dando graças a Deus Pai, que vos fez dignos de participar da sorte dos santos na luz*» (Col 1,10-12).

Sejam quais forem os favores concedidos por Deus a uma alma, Ele não a despoja dos dons comuns, concedidos a toda a humanidade: a vontade própria, a liberdade, o sentimento e a própria personalidade, com os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades. Deus deu igualmente a todos estes

dons, para que o livre uso que deles façamos nos santifique e torne dignos duma recompensa eterna. Para isto é que Deus respeita em nós a Sua dádiva, e nós temos também o dever de a respeitar no nosso próximo. Assim, cada um é responsável e responde a Deus por si.

Despojar alguém de qualquer um destes dons é forçá-la a viver como a outrem lhe parece, é cometer uma injustiça e tornar-se responsável das faltas ou pecados que a pessoa forçada possa por tal motivo cometer. Por parte da pessoa humilhada, se ela suporta e sofre com paciência e por amor de Deus, santifica-se e merece a recompensa.

**V - PROGRAMA OFICIAL DO  
SANTUÁRIO**





## *Da Páscoa a Outubro*

07:30	<b>Missa</b> , na Basílica
09:00	<b>Missa</b> , na Basílica Aos domingos e dias santos, na igreja da SS. <sup>ma</sup> Trindade (ISST) À quinta-feira, missa internacional, na Capelinha
10:00	<b>Rosário</b> , na Capelinha, aos sábados, domingos e dias santos
11:00	<b>Missa</b> , transmitida pela Comunicação Social Aos domingos, no Recinto, seguida de Procissão do Adeus De segunda-feira a sábado, na ISST
12:00	<b>Rosário</b> , na Capelinha, de segunda a sexta-feira
12:30	<b>Missa</b> , na Capelinha Aos domingos, na ISST
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha
15:00	<b>Missa</b> , na Basílica Aos domingos, na ISST Em Agosto, de segunda a sexta-feira, na ISST
16:00	<b>Rosário</b> , na Capelinha, aos domingos
16:30	<b>Missa</b> , na Basílica Aos domingos, na ISST
17:00	<b>Saudação</b> a Nossa Senhora, na Capelinha, aos sábados
17:30	<b>Procissão Eucarística</b> , no Recinto, aos domingos
18:30	<b>Missa</b> , na Basílica. À quinta-feira, na Capela do SS. <sup>mo</sup> Sacramento
	<b>Rosário</b> , na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	<b>Rosário</b> , na Capelinha, e Procissão das Velas (à 5 <sup>a</sup> feira, Procissão Eucarística)

Nota: Nos dias santos e feriados nacionais de 25 de Abril, 10 de Junho e 5 de Outubro segue-se o programa de Domingo.

## ***11 a 13 de Maio a Outubro*** ***- Peregrinação Aniversária***

### **Dia 11**

18:30 - Missa dos peregrinos a pé, na Basílica. Em Maio e Agosto, na Igreja da SS.<sup>ma</sup> Trindade.

### **Dia 12**

07:30 - Via-sacra, aos Valinhos, partindo da Capelinha e terminando na Capela de Santo Estêvão, com a Eucaristia. Pede-se aos grupos que se abstenham de fazer via-sacra própria, entre as 07:30 e as 09:00, para não perturbar a oficial.

#### **Missas, em português, de manhã:**

07:30 - Basílica

09:00 - Basílica

11:00 - Basílica. Em Julho e Agosto, na Igreja da SS.<sup>ma</sup> Trindade

12:30 - Basílica

#### **Concelebrações em línguas estrangeiras, na Capelinha:**

07:30 - Alemão

08:30 - Inglês

09:30 - Francês

10:30 - Espanhol

11:30 - Neerlandês

12:30 - Italiano

13:30 - Polaco

14:00 - Encontro para guias de peregrinos a pé, na Casa de Nossa Senhora das Dores

16:30 - Missa, com a participação dos doentes

17:30 - Procissão Eucarística, no Recinto

18:30 - Início oficial da peregrinação, na Capelinha

21:30 - Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas

22:30 - Eucaristia, no Recinto

#### **Notas:**

##### **Em Junho, por ser domingo:**

- De manhã, segue-se o programa de domingo (não há concelebrações em línguas estrangeiras).

- Há Missa às 15:00, na ISST.

- À tarde, segue-se o programa dos dias 12.

**A missa das 16:30 celebra-se:**

- na Basílica, em Julho e Setembro
- No recinto, em Maio, Junho, Agosto e Outubro

**Dia 13**

Noite de Vigília:

00:00 às 02:00 - Adoração Eucarística, na Basílica; em Maio, na ISST

02:00 às 03:30 - Via-sacra, no Recinto

03:30 às 04:30 - Celebração Mariana, na Capelinha

04:30 às 05:30 - Missa, na Basílica

05:30 às 07:00 - Adoração com Laudes do SS.mo Sacramento, na Basílica

07:00 - Procissão Eucarística, no Recinto

09:00 - Rosário, na Capelinha

10:00 - Procissão, Eucaristia, Bênção dos doentes, Consagração e Adeus, no Recinto

**Nota:**

A missa das 15:00 é celebrada pelos benfeitores do Santuário.

## ***Programa Diário de Novembro à Páscoa***

07:30	<b>Missa</b> , na Basílica
09:00	<b>Missa</b> , na Basílica Aos domingos, na ISST
10:00	<b>Rosário</b> , na Capelinha, aos domingos
11:00	<b>Missa</b> , na Basílica, transmitida pela comunicação social Aos sábados e domingos, na ISST No dia 8 de Dezembro, no Recinto
12:00	<b>Rosário</b> , na Capelinha, de segunda a sábado
12:30	<b>Missa</b> , na Capelinha Aos domingos, na Basílica
14:00	<b>Hora de Reparação</b> ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha, aos sábados e domingos (excepto domingos da Quaresma)
	<b>Via-sacra</b> , na Quaresma: aos domingos, no Recinto, às sextas-feiras, na Colunata
15:00	<b>Missa</b> , na Basílica Aos domingos, na ISST
16:00	<b>Rosário</b> , na Capelinha, aos domingos
16:30	<b>Missa</b> , na Basílica Aos domingos, na ISST
17:30	<b>Vésperas</b> , na Basílica, aos domingos
18:30	<b>Missa</b> , na Basílica. À quinta-feira, na Capela do SS. <sup>mo</sup> Sacramento
	<b>Rosário</b> , na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	<b>Rosário</b> , na Capelinha. A Procissão de Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira: Procissão Eucarística) e aos sábados do Advento à Quaresma

Nota: Nos dias santos segue-se o programa de Domingo.

## ***12 e 13 de Novembro a Abril*** ***- Peregrinação Mensal***

### **Dia 12**

21:30 - Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas

Nota: em Março e Abril, porque é Quaresma, não há Procissão das Velas

### **Dia 13**

10:00 - Rosário, na Capelinha

10:45 - Procissão

11:00 - Missa, na ISST

Notas:

1. Não há Rosário às 12:00
2. A missa das 12:30 é na Basílica
3. A missa das 15:00 é celebrada pelos benfeitores do Santuário

## ***Primeiros Sábados***

Os peregrinos podem aproveitar o programa oficial para esta devoção, pedida por Nossa Senhora, em Fátima, e que consiste no seguinte: Confissão e comunhão com intenção reparadora, Rosário e meditação dos mistérios durante 15 minutos. (Em Janeiro, por ser dia de Ano Novo, este programa não se realiza)

Programa proposto pelo Santuário:

11:00 - Missa Internacional, na ISST

14:00 - Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha

15:00 - Meditação

- Adoração Eucarística (termina às 16:15)

## *Um Dia com as Crianças*

No terceiro sábado de cada mês

- 10:00 - Acolhimento, no piso inferior da ISST
- 10:15 - Preparação para a celebração, na Capela da Ressurreição de Jesus
- 11:00 - Missa, na ISST
- 12:15 - Catequese sobre a Mensagem de Fátima
- 13:00 - Almoço (livre)
- 14:30 - Preparação da Adoração, na Capela da Ressurreição de Jesus
- 14:45 - Adoração Eucarística, na Capela da Ressurreição de Jesus
- 15:30 - Despedida, na Capelinha

## *Peregrinação de Idosos*

De Março a Outubro o Santuário organiza peregrinações de idosos com o seguinte programa. As datas estão inscritas no calendário do Santuário:

### **1.º Dia – ( 3.ª Feira )**

- 10:00 – Acolhimento na Casa de Nossa Senhora das Dores
- 12:30 – Almoço
- 15:00 – Filme
- 16:00 – Reflexão
- 17:00 – Sacramento da Reconciliação
- 18:30 – Missa na Capela dos Santos Anjos
- 19:30 – Jantar
- 21:30 – Rosário e Procissão de Velas

### **2.º Dia – ( 4.ª Feira )**

- 07:30 – Levantar
- 08:00 – Oração da manhã
- 08:30 – Pequeno almoço
- 10:00 – Visita à Igreja
- 11:00 – Adoração na Capela da Morte de Jesus junto à Igreja da Santíssima Trindade
- 12:00 – Rosário na Capelinha
- 12.:30 – Missa na Capelinha
- 13:30 – Almoço e despedida

## ***Adoração Eucarística em Agosto***

De segunda a sexta-feira, excepto dias 12 e 15

15:00 - Missa, na ISST

16:00 - Adoração Eucarística, na ISST

16:45 - Procissão para a Capela do SS.<sup>mo</sup> Sacramento

## ***Sacramento da Reconciliação***

Capela da Reconciliação

Sábados e domingos: 07:30 às 19:30

Segunda a sexta-feira: 07:30 às 13:00 e 14:00 às 19:30

De Maio a Outubro, dias 12: 07:30 às 19:30 e 20:30 às 22:30

dias 13: 07:00 às 19:30

## ***Baptismos***

Celebração oficial: domingos, às 11:30, na Basílica

## ***Casamentos***

Celebração oficial: sábados, às 12:00, na Basílica

## ***Bodas Matrimoniais***

No santuário celebram-se Bodas Matrimoniais de Prata (25 anos), Ouro (50 anos), Platina (60 anos) em todas as missas oficiais da semana.

Os casais que desejarem fazê-lo devem inscrever-se na sacristia 15 minutos antes da missa.

## *Peregrinos de Línguas Estrangeiras*

São numerosos os peregrinos estrangeiros que acorrem ao Santuário.

Porque nos dias das grandes peregrinações de 12 e 13, de Maio a Outubro, o acolhimento e a participação nas actividades do Santuário se tornam mais difíceis, exortamos os organizadores de peregrinações a que, se possível, venham com os seus grupos noutros dias, para que a sua participação possa ser mais proveitosa.

Os grupos estrangeiros podem participar nas missas oficiais, mesmo quando em português, fazendo uma leitura, e o celebrante pode dirigir-se aos peregrinos na própria língua, durante a homilia.

### **Programa oficial**

#### **Da Páscoa a Outubro:**

08:00 - Missa, em italiano, na Capelinha, de segunda-feira a sábado; domingos e dias santos, na Capela da Morte de Jesus, quando houver grupos inscritos.

09:00 - Missa Internacional, na Capelinha, à quinta-feira.

10:00 - Rosário Internacional na Capelinha, aos sábados, domingos e dias santos.

11:00 - Missa internacional, aos sábados, na ISST; aos domingos e dias santos, no Recinto.

15:30 - Missa, em inglês, na Capelinha, de segunda a sexta-feira; aos sábados, na Capela da Morte de Jesus, quando houver grupos inscritos.

17:30 - Procissão Eucarística, no Recinto, aos domingos e dias santos.

19:15 - Missa em espanhol, na Capelinha.

21:30 - Rosário Internacional, na Capelinha, e Procissão das Velas; à quinta-feira, Procissão Eucarística.

#### **De Novembro à Páscoa:**

10:00 - Rosário Internacional, na Capelinha, aos domingos e dias santos.

11:00 - Missa internacional, na ISST, aos domingos e dias santos.

19:15 - Missa, em espanhol, na Capelinha, aos sábados.

21:30 - Rosário Internacional, na Capelinha. A Procissão das Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira, Procissão Eucarística); do Advento à Quaresma, aos sábados e dias 12.

### **Confissões**

O Santuário coloca confessores à disposição dos peregrinos, sempre que possível, de vários idiomas, sobretudo desde a Páscoa até Outubro. Os horários de confissões são publicados na Capela da Reconciliação.



## Filmes

### **Aparição**

História das aparições, segundo a descrição da Irmã Lúcia nas suas Memórias.

Disponível em: português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 120 minutos (1:30)

### **Fátima, Experiência de Fé**

Documentário sobre as Aparições e a Mensagem de Fátima.

Disponível em: português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polaco, holandês, russo, húngaro, coreano, chinês e árabe.

Duração: 40 minutos

### **O Dia em que o Sol bailou**

História das Aparições em desenhos animados. Especialmente dirigido a crianças.

Disponível em português. Duração: 35 minutos.

*Os filmes são exibidos na Sala de Projeções situada na passagem sob a Colunata Norte, atrás da Azinheira Grande. A capacidade máxima é de 55 lugares sentados. Para grupos maiores, dependerá da disponibilidade de salas.*

Horários oficiais, de 16 de Julho a 15 de Setembro

Fátima, Experiência de Fé:

10:00 - Italiano (excepto sábado e domingo)

11:00 - Francês (excepto sábado e domingo)

12:00 - Inglês (excepto sábado e domingo)

14:00 - Alemão

15:00 - Português

16:00 - Polaco

17:00 - Espanhol

## *Visitas Guiadas*

1. O Serviço de Acolhimento e Informações faz visitas guiadas para grupos, mediante marcação (info@fatima.pt).
2. Durante o período de 16 de Julho a 31 de Agosto, há diariamente visita guiada em português orientado por seminaristas.  
(Excepto domingos, dias santos e dias 12 e 13)

### **De segunda a sexta-feira:**

10:15 - Saudação a Nossa Senhora, na Capelinha.

10:30 - Encontro (junto à Azinheira Grande) e visita ao Santuário.

12:00 - Rosário, na Capelinha.

12:30 - Missa, na Capelinha.

15:30 às 17:30 – Visita aos Valinhos e Aljustrel, com início junto ao Posto de Informações de Aljustrel.

### **Sábado:**

10:00 - Rosário, na Capelinha.

11:00 - Missa internacional, na ISST.

12:15 - Encontro (frente à porta principal da ISST) e visita ao Santuário.

15:30 às 17:30 – Visita aos Valinhos e Aljustrel, com início junto ao Posto de Informações de Aljustrel.

## *Lugares a visitar*

### **Casas dos Pastorinhos**

1 de Maio a 31 de Outubro: 09:00 às 13:00 e 14:20 às 18:30

1 de Novembro a 30 de Abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00

### **Casa-museu de Aljustrel** (Encerra à segunda-feira)

1 de Maio a 31 de Outubro: 09:00 às 13:00 e 14:20 às 18:30

1 de Novembro a 30 de Abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00

### **Exposição Fátima Luz e Paz** (Encerra à segunda-feira)

Terça a quinta-feira e sábado: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 17:30

Sexta-feira: 09:00 às 12:00 e 15:00 às 17:00

Domingos, dias santos e feriados: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 16:30

# VI - CALENDÁRIO DE ACTIVIDADES

Legenda

**A vermelho aparecem mencionadas as peregrinações**  
**A verde aparecem mencionados os encontros e retiros**

# Novembro

1	Seg	<b>Todos os Santos</b> - SOLENIDADE Programa dos domingos Início do programa de Inverno (página 250)
2	Ter	<b>Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos</b> 11:00 - Missa, na Basílica, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano
3	Qua	
4	Qui	Conselho de Directores de Serviço do Santuário <b>Retiro de Doentes (04-07)</b>
5	Sex	Reunião do Conselho de Administração <b>Retiro Espiritual Carismático (05-07)</b>
6	Sab	<b>S. Nuno de Santa Maria</b> - MO Sir 44, 1-14; Sl 17; Lc 14, 25-33 (Lec VII 344, 346) Primeiro sábado (página 251)
7	Dom	<b>XXXII do Tempo Comum</b> Início da Semana dos Seminários Celebração do 25º aniversário do Grupo de Acólitos do Santuário 39º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto
8	Seg	<b>Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (08-11)</b> <b>Retiro do Clero (08-12)</b>
9	Ter	<b>Dedicação da Basílica de S. João de Latrão – FESTA</b>
10	Qua	<b>Retiro de Doentes (10-13)</b>
11	Qui	<b>S. Martinho de Tours</b> - MO Is 61, 1-3a; Sl 88; Mt 25, 31-40 (Lec VII 482, 352) Conselho de Directores de Serviço do Santuário Conselho de Redacção da «Voz da Fátima»
12	Sex	Magusto dos funcionários do Santuário <b>Assembleia do Renovamento Carismático (12-14)</b>
13	Sab	<b>Peregrinação Mensal</b> (página 251) <b>Missa votiva de Santa Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia</b> Ef 2, 4-10; Lc 1, 39-55 (Missal VSM 186 / Lec VSM 175)

14	<b>Dom</b>	<b>XXXIII do Tempo Comum</b> Encerramento da Semana dos Seminários Ofertório para os Seminários
15	Seg	Congresso da Associação Nacional de Directores Diocesanos de Peregrinações de França (Clermont-Ferrand) (15-19) Assembleia Geral da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (15-17)
16	Ter	
17	Qua	
18	Qui	
19	Sex	
20	Sab	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Encontro de formação de voluntários do Santuário
21	<b>Dom</b>	<b>Cristo Rei - SOLENIDADE</b>
22	Seg	<b>S. Cecília</b> , Virgem e mártir - MO Os 2, 16b.17b.21-22; Sl 44; Mt 25, 1-13 (Lec VII 548, 556) Retiro do clero (22-26)
23	Ter	
24	Qua	
25	Qui	
26	Sex	Comissão Técnica de Gestão Económico-Financeira
27	Sab	<b>Missa votiva da Virgem Maria, Rainha do Universo</b> Is 9, 1-6, Lc 1, 26-38 (Missal VSM 146 / Lec VSM 132) Nacional: Encontro das Equipas de Nossa Senhora (27-28) Leiria-Fátima: Congresso Eucarístico do Apostolado de Oração (27-28)
28	<b>Dom</b>	<b>I do Advento</b> <b>Início do Ano Pastoral 2010-2011</b>
29	Seg	
30	Ter	<b>S. André</b> , Apóstolo – FESTA Nacional: Simpósio de Diáconos Permanentes (30-01/12)

# Dezembro

1	Qua	Feriado Nacional Jornada de apresentação do programa do Centenário das Aparições de Fátima e do tema do ano pastoral de 2010-2011 Abertura da exposição sobre as aparições do Anjo
2	Qui	
3	Sex	Reunião do SEAC
4	Sáb	Primeiro sábado (página 251) 21:30 - Rosário e Procissão das Velas Nacional: <i>Ultreia dos Cursilhos de Crisandade</i> Nacional: <i>Festival Canção Jovem (04-05)</i>
5	<b>Dom</b>	<b>II do Advento</b> Reunião dos acólitos do Santuário
6	Seg	
7	Ter	<b>Vigília da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria</b> Reunião do Conselho Nacional do Santuário 21:30 - Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas para a ISST, seguindo-se o canto do Hino Akathistos <i>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>
8	Qua	<b>Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE</b> Padroeira principal de Portugal Programa dos domingos 11:00 - Missa, no Recinto
9	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
10	Sex	
11	Sáb	21:30 - Rosário e Procissão das Velas Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima <i>Leiria-Fátima: Espectáculo organizado pela Associação de Antigos Alunos do Seminário de Leiria</i>
12	<b>Dom</b>	<b>III do Advento</b> Bênção das imagens do Menino Jesus na missa das 11:00 16:00 - Basílica: 1ª conferência sobre o tema do ano: “A centralidade de Deus na vida cristã. Interpelações à consciência crente e à missão da Igreja”, pelo Prof. Dr. José Eduardo Borges de Pinho

13	Seg	<b>Peregrinação Mensal</b> (página 251) <b>Missa votiva da Virgem Maria na Anunciação do Senhor</b> Is 7 10-14. 8-10c; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 38 /Lec VSM 27)
14	Ter	
15	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
16	Qui	Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
17	Sex	<b>Início da Novena do Natal</b> Reunião do Conselho de Administração Leiria-Fátima: Encontro da CIRP Encontro anual da Associação de Servitas (17-19)
18	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> Leituras do Sábado III do Tempo do Advento Encontro de formação de voluntários do Santuário
19	Dom	<b>IV do Advento</b> Festa de Natal dos funcionários e voluntários do Santuário 15:00 - Concerto de Natal, no anfiteatro do Centro Pastoral Paulo VI (entrada livre)
20	Seg	
21	Ter	Reunião do Conselho de Finanças
22	Qua	
23	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
24	Sex	<b>Vigília natalícia</b> 22:00 - Ensaio, na ISST 22:20 - Ofício de Leitura, na ISST 23:00 - Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, na ISST Neste dia não há Rosário às 21:30
25	Sáb	<b>Natal</b> Programa dos Domingos Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus Ofertório para os pobres
26	Dom	<b>Sagrada Família de Jesus, Maria e José - FESTA</b> 10:00 - Rosário, na Capelinha 11:00 - Missa, na ISST, e consagração das famílias a Nossa Senhora
27	Seg	<b>S. João</b> , apóstolo e evangelista - FESTA



28	Ter	<b>Santos Inocentes</b> , mártires - FESTA
29	Qua	
30	Qui	
31	Sex	<p><b>Acção de Graças pelo ano findo</b></p> <p>22:00 - Missa com Te Deum de Acção de Graças, na ISST</p> <p>A seguir, procissão para a Capelinha e recitação do Rosário</p> <p>00:00 - Toque do carrilhão, consagração ao Imaculado Coração de Maria e gesto da paz</p> <p>00:30 - Chá-convívio, no Convívio de S. Agostinho</p> <p>Neste dia não há Rosário às 21:30</p>

## *Janeiro*

1	Sáb	<p><b>Santa Maria, Mãe de Deus - SOLENIDADE</b></p> <p>XLIV Dia Mundial da Paz</p> <p>Programa dos domingos</p> <p>Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus</p> <p>Ofertório para os pobres</p> <p>Após a missa das 15:00, Procissão Eucarística para o altar do recinto, no 51º aniversário do Lausperene. Nesta missa não haverá osculação. Far-se-á o ofertório no momento próprio</p> <p>Neste dia não há Vésperas</p>
2	Dom	<p><b>Epifania do Senhor - SOLENIDADE</b></p> <p>Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus</p> <p>Ofertório para os pobres</p>
3	Seg	
4	Ter	
5	Qua	Formação dos Vigilantes-Sacristães
6	Qui	Reunião do Conselho de Capelães
7	Sex	Reunião do SEAC
8	Sáb	<p><b>Missa Votiva da Virgem Maria na Epifania do Senhor</b></p> <p>Is 60, 1-6; Mt 2, 1-12 (Missa VSM 52/ Lec VSM 43)</p> <p>Nacional: Encontro do M.M.F. com animadores dos retiros de doentes e deficientes (08/09)</p> <p>Encontro da Comunidade Luz e Vida (08/09)</p>

9	Dom	<p><b>Batismo do Senhor – FESTA</b>                      16:00 - Basílica: 2ª conferência sobre o tema do ano: “A fé em Maria: experiência de Deus e plenitude humana”, pela Drª Teresa Messias                      Encontro dos Acolhedores nas celebrações do Santuário</p>
10	Seg	<p><b>I Semana do Tempo Comum</b>                      Encontro da Associação de Reitores de Santuários de Portugal (10-11)</p>
11	Ter	<p>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</p>
12	Qua	<p>21:30 - Rosário e procissão das Velas                      Formação dos Vigilantes-Sacristães</p>
13	Qui	<p><b>Peregrinação Mensal</b> (página 251)  <b>Missa votiva de Nossa Senhora de Caná</b>                      Ex 19, 3-8a; Sl 118; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 63 / Lec VSM 55)                      Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”</p>
14	Sex	<p>Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima                      Encontro de Agentes Sócio-Pastorais das Migrações – Caritas Portuguesa (14-16)</p>
15	Sáb	<p><b>Um Dia com as Crianças</b> (página 251)  <b>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b>                      1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5                      Curso de Acolhedores da Secção de Informações do Santuário (15-16)                      Leiria-Fátima: Recolecção dos Ministros Extraordinários da Comunhão                      Encontro do M.M.F. com as Instituições que dão assistência aos peregrinos a pé</p>
16	Dom	<p><b>II do Tempo Comum</b>                      Encontro de pais dos acólitos do Santuário</p>
17	Seg	<p><b>S. Antão</b>, abade - MO                      Ef 6, 10-13.18; Mt 19, 16-26 (Lec VII 593 / 75)                      Aniversário da restauração da diocese de Leiria-Fátima                      Congresso da Associação de Reitores de Santuários de França – ARS (Sainte Anne d’Auray, Bretanha, França) (17-19)                      1º turno da Formação Permanente do Clero de Leiria-Fátima (17-21)</p>
18	Ter	<p><b>Início do oitavário de oração pela unidade dos cristãos</b>  <b>Missa votiva pela unidade dos cristãos</b>                      Cl 3, 9b-17; Jo 10, 11-16 (MR 1204 / Lec VIII 642, 647)</p>

19	Qua	Oitavário de oração pela unidade dos cristãos Reunião do Serviço de Estudos e Difusão Formação dos Vigilantes-Sacristães
20	Qui	Oitavário de oração pela unidade dos cristãos Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
21	Sex	Oitavário de oração pela unidade dos cristãos
22	Sáb	Oitavário de oração pela unidade dos cristãos <b>Missa votiva da Virgem Maria, Mãe da Unidade</b> Sof 3, 14-20; Jo 11, 45-52 (Missal VSM 182 / Lec VSM 166, 169) Formação para os leitores Nacional: Encontro do M.M.F. com a equipa coordenadora dos peregrinos a pé
23	<b>Dom</b>	<b>III do Tempo Comum</b>
24	Seg	<b>S. Francisco de Sales</b> , bispo e doutor da Igreja - MO Ef 3, 8-12; Sl 36; Jo 15, 9-17 (Lec VII 535, 520) Oitavário de oração pela unidade dos cristãos 2º turno da Formação Permanente do Clero de Leiria-Fátima (24-28)
25	Ter	<b>Conversão de S. Paulo</b> , Apóstolo - FESTA Encerramento do oitavário de oração pela unidade dos cristãos Encontro do Secretariado de Peregrinações de Itália – SPI (Madonna dell'Arco – Napoli) (25-26)
26	Qua	<b>S. Timóteo e S. Tito</b> , bispos - MO 2 Tim 1, 1-8 ou Tit 1, 1-5; Lc 10, 1-9 (Lec VII 84, 86) Formação dos Vigilantes-Sacristães
27	Qui	
28	Sex	Reunião do Conselho de Administração
29	Sáb	<b>Missa Votiva da Santíssima Trindade</b> Ex 34, 4b-6.8-9; Jo 3, 16-18 (Missal 431 /Lec I 359, 361) Nacional: Encontro do M.M.F. com os guias de peregrinos a pé (29/30)
30	<b>Dom</b>	<b>IV do Tempo Comum</b>
31	Seg	<b>S. João Bosco</b> , presbítero - MO Fil 4, 4-9; Mt18 1-5 (Lec VII 595, 610)

## *Fevereiro*

1	Ter	Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima Leiria-Fátima: Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal - Celebração do Dia do Consagrado (01-02)
2	Qua	<b>Apresentação do Senhor - FESTA</b> Festa dos Consagrados
3	Qui	Encontro de Guias de Turismo (03-04)
4	Sex	<b>S. João de Brito</b> , presbítero e mártir – MO 2 Cor 4, 7-15; Mc 6, 7-17 (Lec VII 468, 95)
5	Sáb	Primeiro sábado (página 251) Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima
6	<b>Dom</b>	<b>V do Tempo Comum</b> Ofertório para a Universidade Católica Portuguesa Reunião dos acólitos do Santuário <b>Nacional: Peregrinação de Ciclistas</b>
7	Seg	<b>Cinco Chagas do Senhor - FESTA</b>
8	Ter	Passeio dos capelães do Santuário Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
9	Qua	Reunião com padres da diocese de Leiria-Fátima, sobre as vigílias nocturnas
10	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário Encontro de hoteleiros e responsáveis de casas religiosas que acolhem peregrinos em Fátima
11	Sex	<b>N<sup>a</sup>. S<sup>ra</sup>. de Lourdes - MO</b> Is 66, 10-14c; Jo 2, 1-11 (Lec VII 104, 448) Dia Mundial do Doente 10º aniversário da ordenação episcopal de D. António Marto, Bispo de Leiria-Fátima
12	Sáb	<b>Missa Votiva da Santíssima Eucaristia</b> Gen 14, 18-20; Mc 14, 12-16.22-26 (Missal 1253 / Lec VIII 962, 982) 21:30 - Rosário e Procissão das Velas Formação para Ministros extraordinários da Comunhão <b>Nacional: Encontro do M.M.F. com os guias de peregrinos a Pé (12/13)</b>

13	<b>Dom</b>	<b>VI do Tempo Comum</b> <b>Peregrinação Mensal</b> (página 251) 6º aniversário da morte da Ir. Lúcia 16:00 - Basílica: 3ª conferência sobre o tema do ano: “A paternidade e maternidade de Deus”, pelo P. Tolentino Mendonça
14	Seg	<b>S. Cirilo e S. Metódio</b> - FESTA
15	Ter	
16	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
17	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
18	Sex	Reunião do SEAC
19	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Missiva votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Formação para os leitores <b>Nacional: Missionários da Consolata</b>
20	<b>Dom</b>	<b>VII do Tempo Comum</b> <b>Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> - FESTA 91º aniversário da morte da Beata Jacinta Marto Encontro dos Acolhedores nas celebrações do Santuário
21	Seg	
22	Ter	<b>Cadeira de S. Pedro</b> , Apóstolo - FESTA
23	Qua	<b>S. Policarpo</b> , bispo e mártir - MO Ap 2, 8-11; Sl 30; Jo 15, 18-21 (Lec VII 111, 480)
24	Qui	
25	Sex	
26	Sáb	<b>Missiva Votiva da Santíssima Trindade</b> Deut 4, 32-34.39-40; Mt 28, 16-20 (Missal 431 /Lec II 395, 398)
27	<b>Dom</b>	<b>VIII do Tempo Comum</b>
28	Seg	

## Março

1	Ter	
2	Qua	
3	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
4	Sex	Reunião do SEAC
5	Sáb	<b>Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria</b> Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Missal 857; Lec VII 162) Primeiro sábado (página 251) <b>Semana de Estudos da Vida Consagrada (05-08)</b>
6	<b>Dom</b>	<b>IX do Tempo Comum</b>
7	Seg	Actividade de Inverno para os acólitos do Santuário, na Serra da Estrela
8	Ter	<b>S. João de Deus</b> , religioso - MO 1 Jo 3, 14-18; Mt 25, 31-40 (Lec VII 600, 114) Carnaval
9	Qua	<b>Cinzas - Programa próprio (Basílica)</b> 09:00 - Missa 10:00 - 10:30 - Adoração individual 10:30 - 11:00 - Adoração comunitária 11:00 - Missa 12:00 - 12:30 - Adoração individual 12:30 - 13:00 - Adoração comunitária 13:00 - 14:00 - Adoração individual 14:00 - 15:00 - Adoração comunitária 15:00 - Missa 16:00 - 16:30 - Adoração individual 16:30 - Missa 17:30 - 18:00 - Adoração individual 18:00 - 18:30 - Adoração comunitária 18:30 - Missa Dia de jejum e abstinência
10	Qui	Retiro de Doentes (10-13)

11	Sex	14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) 101º aniversário do nascimento da beata Jacinta Marto Encerramento do centenário do nascimento da Jacinta Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima
12	Sáb	<b>Missa Votiva de Santa Maria Discípula do Senhor</b> Sir 51, 18-24.27-30; Mt 12, 46-50 (Missal VSM 69 / Lec VSM 61) 21:30 - Rosário, na Capelinha Formação para os voluntários do santuário Nacional: Encontro do C.P.M. – Centros de Preparação para o Matrimónio (12-13)
13	Dom	<b>I da Quaresma</b> <b>Peregrinação Mensal</b> (página 251) 14:00 às 18:00 - Via-sacra, desde os Olivais (Paróquia de Santa Catarina da Serra) até ao Santuário 14:00 - Via-Sacra, no Recinto 16:00 - Basílica: 4ª conferência sobre o tema do ano: “Atitude crente”, pelo P. Nuno Brás 17:30 - Vésperas, na Basílica
14	Seg	Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa Retiro da Conferência Episcopal Portuguesa (14-18)
15	Ter	
16	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
17	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” Retiro de Doentes (17-20)
18	Sex	14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) Reunião do Conselho de Administração
19	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>S. José, Esposo da Virgem Santa Maria - SOLENIDADE</b> Dia do Pai Encontro do Grupo da Imaculada
20	Dom	<b>II da Quaresma</b> 14:00 - Via-sacra, no Recinto
21	Seg	Peregrinação dos funcionários do Santuário a Tui, Pontevedra e Santiago de Compostela (1º turno) (21-24)

22	Ter	104º aniversário do nascimento da Ir. Lúcia Peregrinação de idosos (22-23) (página 252)
23	Qua	
24	Qui	
25	Sex	<b>Anunciação do Senhor – SOLENIDADE</b> 14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) 21:30 - Rosário e Procissão das Velas Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário
26	Sáb	<b>Missa Votiva da Virgem Maria Mãe da Reconciliação</b> 2 Cor 5, 17-21; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 85 / Lec VSM 74) <b>Interdiocesano: Pessoal das Telecomunicações (26-27)</b> <b>Nacional: Encontro da Família Missionária Verbum Dei</b>
27	Dom	<b>III da Quaresma</b> Ofertório para a Cáritas Portuguesa 14:00 - Via-sacra, no Recinto
28	Seg	<b>Retiro de Doentes (28-31)</b>
29	Ter	
30	Qua	
31	Qui	<b>Celebração da primeira aparição do Anjo, na Loca do Cabeço</b> <b>Missa Votiva dos Santos Anjos</b> Ap 12, 7-12a; Jo 1, 47-51 (Missal 1267 / Lec VII 296, 298) Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário

## *Abril*

1	Sex	Reunião do SEAC 14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima)
2	Sáb	<b>Missa votiva do Imaculado Coração de Maria</b> Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) Primeiro sábado (página 251) Formação para Ministros extraordinários da Comunhão <b>Dia de Deserto</b> <b>Nacional: Fátima Jovem (02-03)</b>
3	Dom	<b>IV da Quaresma</b> 14:00 - Via-sacra, no Recinto Reunião dos acólitos do Santuário



- 4 Seg 92º aniversário do falecimento do Beato Francisco Marto  
Peregrinação dos funcionários do Santuário a Tui, Pontevedra e Santiago de Compostela (2º turno) (04-07)
- 5 Ter Peregrinação de idosos (22-23) (página 252)
- 6 Qua
- 7 Qui **Retiro de Doentes (07-10)**
- 8 Sex 14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima)  
Reunião do Conselho de Capelães  
Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima
- 9 Sáb **Missa Votiva da Virgem Maria Junto à cruz do Senhor**  
Jud 13, 17-20; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 77 / Lec VSM 68)  
**Dia de Deserto**
- 10 Dom **V da Quaresma**  
11:00 - Missa, no Recinto  
14:00 - Via-Sacra, no Recinto  
16:00 - Basílica: 5ª conferência sobre o tema do ano: “Eu sou o Alfa e o Ómega (Apoc 1,8)”, por Mons. Luciano Guerra  
**Leiria-Fátima: Peregrinação Diocesana**
- 11 Seg **Retiro de Doentes (11-14)**
- 12 Ter **Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa**
- 13 Qua **Peregrinação Mensal** (página 251)  
**Missa Votiva da Virgem Maria junto à cruz do Senhor**  
Rom 8, 31b-39; Sl 17; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 73 / Lec VSM 65)
- 14 Qui Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário  
Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
- 15 Sex Reunião do Conselho de Finanças
- 16 Sáb **Um Dia com as Crianças** (página 252)  
Formação para os leitores  
**Dia de Deserto**  
**Nacional: Sociedade S. Vicente de Paulo (16-17)**

17	<b>Dom</b>	<b>Ramos na Paixão do Senhor</b> <b>Semana Santa</b> Dia Mundial da Juventude 10:25 - Bênção dos Ramos e procissão da Realeza de Cristo 11:00 - Missa, no Recinto 14:00 - Via-sacra, no Recinto 17:30 - Vésperas, na Basílica
18	Seg	
19	Ter	6º aniversário da eleição do Papa Bento XVI Peregrinação de idosos (19-20) (página 252)
20	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
21	Qui	<b>Quinta-feira Santa</b> 09:00 - Laudes, na Basílica 14:30 - Vídeo, na sala de projecções: “Via-sacra do peregrino” 18:00 - Missa vespertina da Ceia do Senhor, na ISST 23:00 - Oração comunitária, na Capela da Morte de Jesus: Agonia de Jesus Ofertório para os pobres
22	Sex	<b>Sexta-feira da Paixão do Senhor</b> 00:00 às 03:00 - Via-sacra aos Valinhos, com início na Capelinha 09:00 - Laudes, na Basílica 15:00 - Celebração da Paixão do Senhor, na ISST 21:00 - Via-sacra, no Recinto Ofertório para os Lugares Santos
23	Sáb	<b>Sábado Santo</b> 09:00 - Laudes, na Basílica 10:30 - Vídeo, na sala de projecções: “Via sacra papal” 12:00 - Rosário, na Capelinha 15:00 - Oração a Nossa Senhora da Soledade, na Capelinha 17:30 - Vésperas, na Basílica <b>Vigília Pascal</b> 22:00 - Vigília Pascal, na ISST, seguida de Procissão Eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento

24	<b>Dom</b>	<b>Páscoa da Ressurreição do Senhor - SOLENIDADE</b> Início do programa de Verão (página 247) 10:00 - Rosário, na Capelinha 11:00 - Missa, no Recinto 15:00 - Concerto de Páscoa (entrada livre) 17:30 - Procissão Eucarística, no Recinto 21:30 - Rosário e Procissão das Velas
25	Seg	Oitava da Páscoa Feriado Nacional Programa dos domingos Início da Hora de Reparação; reunião sobre a Hora de Reparação <b>3º Encontro de coros infantis</b>
26	Ter	Oitava da Páscoa Peregrinação de idosos (26-27) (página 252)
27	Qua	Oitava da Páscoa
28	Qui	Oitava da Páscoa 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha
29	Sex	Oitava da Páscoa Reunião do Conselho de Administração
30	Sáb	Oitava da Páscoa <b>Nacional: Mov. Esperança e Vida (30-01)</b> <b>Nacional: Acólitos</b>

## *Maio*

1	<b>Dom</b>	<b>II da Páscoa - Domingo da Divina Misericórdia</b> Feriado Nacional Dia da Mãe Reunião dos acólitos do Santuário
2	Seg	<b>S. Atanásio</b> , bispo e doutor da Igreja - MO 1 Jo 5, 1-5; Sl 36; Mt 10, 22-25a (Lec VII 138, 139)
3	Ter	<b>S. Filipe e S. Tiago</b> , Apóstolos - FESTA <b>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</b> Peregrinação de idosos (03-04) (página 252)
4	Qua	

5	Qui	<b>Missa votiva da Virgem Maria na Ressurreição do Senhor</b> Ap 21, 1-5a; Mt 28, 1-10 (Missal VSM 92 / Lec VSM 79) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário 64º aniversário natalício de D. António Marto, Bispo de Leiria-Fátima
6	Sex	<b>Missa votiva do Sagrado Coração de Jesus</b> Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec VIII 1041, 1051) Reunião do SEAC
7	Sáb	<b>Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria</b> Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Missal 857; Lec VII 162) Primeiro sábado (página 251) <b>Nacional: Fátima Jovem (07-08)</b> <b>Lisboa: Oração das Mães</b> <b>Encontro da Comunidade Luz e Vida (07/08)</b>
8	Dom	<b>III da Páscoa</b> Início da Semana de Oração pelas Vocações Consagradas <b>Nacional: Mov. Apostólico de Schoenstatt</b>
9	Seg	
10	Ter	Assembleia Diocesana do Clero de Leiria-Fátima <b>Retiro de Doentes (10-13)</b>
11	Qua	
12	Qui	<b>Peregrinação Internacional Aniversária</b> (página 248) Conferência de Imprensa
13	Sex	<b>NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - SOLENIDADE</b> <b>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA</b> (página 248)
14	Sáb	<b>S. Matias, Apóstolo - FESTA</b> Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima Formação para Ministros extraordinários da Comunhão Concerto da <i>Schola Cantorum Pastorinhos de Fátima</i> , na ISST <b>Nacional: Família Salesiana (14-15)</b> <b>Espanha: Adoración Nocturna (14-17)</b>
15	Dom	<b>IV da Páscoa</b> Domingo do Bom Pastor Dia Mundial de Oração pelas Vocações Encontro dos Acolhedores nas celebrações do Santuário
16	Seg	<b>Retiro de Doentes (16-19)</b>

17	Ter	
18	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
19	Qui	<b>Missa Votiva da Sagrada Família</b> Col 3, 12-21; Lc 2, 22-40 (MR 143 / Lec II 87) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
20	Sex	<b>S. Bernardino de Sena</b> , presbítero - MO Actos 4, 8-12; Sl 39; Lc 9, 57-62 (Lec VII 150, 630)
21	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Formação para os leitores <b>Dia de Deserto</b> <b>Nacional: Irmãos Maristas</b>
22	Dom	<b>V da Páscoa</b>
23	Seg	
24	Ter	Peregrinação de idosos (24-25) (página 252)
25	Qua	
26	Qui	<b>Missa Votiva da Santíssima Trindade</b> Prov 8, 22-31; Jo 16, 12-15 (Missal 431 / Lec III 411, 413) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha <b>Retiro de Doentes (26-29)</b>
27	Sex	Reunião do Conselho de Administração Reunião da Comissão Técnica de Gestão Económico-Financeira
28	Sáb	<b>Missa votiva da Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos</b> Actos 1, 12-14; 2, 1-4; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 103 / Lec VSM 89) <b>Dia de Deserto</b> <b>Leiria-Fátima: Jubileu das Vocações</b>
29	Dom	<b>VI da Páscoa</b> <b>Portalegre e Castelo-Branco: Peregrinação diocesana</b>
30	Seg	
31	Ter	<b>Visitação de Nossa Senhora - FESTA</b> Peregrinação de idosos (31/5-01/6) (página 252) <b>Nacional: Assembleia geral da CIRP</b>

## Junho

1	Qua	<b>S. Justino - MO</b> 1Cor 1, 18-25; Sl 33; Mt 5, 13-19 (Lec VII 165, 538)
2	Qui	<b>Rogações</b> <b>Missa pela santificação do trabalho humano</b> 1Tes 4, 1b-2.9-12; Mt 25, 14-30 (MR 1224 / Lec VIII 788, 791) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha
3	Sex	<b>Missa votiva do Sagrado Coração de Jesus</b> Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051)
4	Sáb	<b>Missa votiva do Imaculado Coração de Maria</b> Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) Primeiro sábado (página 251) Conselho Pastoral da diocese de Leiria-Fátima <b>Nacional: Família Redentorista (04-05)</b>
5	Dom	<b>Ascensão do Senhor - SOLENIDADE</b> Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social - Ofertório Reunião dos acólitos do Santuário <b>Nacional: Assoc. Amigos da Irmã Wilson</b>
6	Seg	
7	Ter	Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima Peregrinação de idosos (07-08) (página 252)
8	Qua	
9	Qui	<b>Missa votiva de Nossa Senhora do Cenáculo</b> Act 1, 6-14; Lc 8, 19-21 (MVSM 98 / Lec VSM 86) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
10	Sex	<b>S. Anjo da Guarda de Portugal – MO</b> Dan 10, 2a 5-6.12-14ab; Lc 2, 8-14 (Lec VII 171, 173) Feriado Nacional. Programa dos domingos. <b>Nacional: Peregrinação das Crianças</b> <b>Retiro de Doentes (10-13)</b>
11	Sáb	<b>S. Barnabé, Apóstolo - MO</b> Actos 11, 21b-26; 13, 1-3; Mt 10, 7-13 (Lec VII 174, 176)
12	Dom	<b>Pentecostes</b> Dia do Apostolado Organizado dos Leigos - Ofertório Depois da Procissão Eucarística, às 17:30, apaga-se o Círio Pascal <b>Peregrinação Internacional Aniversária</b> (página 248)

13	Seg	<b>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA</b> (página 248) à tarde: <b>S. António de Lisboa</b> - Festa Sir 39, 8-14; Mt 5, 13- 19 (Lec VII 177) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa Jornadas Pastorais da Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa (13-16).
14	Ter	Retiro de Doentes (14-17)
15	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
16	Qui	<b>Missa votiva da Sagrada Família</b> 1 Sam 1, 20-22.24-28; Lc 2, 41-52 (MR 143 / Lec III 87, 89) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” <b>Nacional: Diocese das Forças Armadas e de Segurança (16/17)</b>
17	Sex	Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima
18	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 <b>Nacional: Sociedade Missionária da Boa Nova (18-19)</b>
19	Dom	<b>Santíssima Trindade</b> - SOLENIDADE Formação para os voluntários do Santuário
20	Seg	<b>XII Semana do Tempo Comum</b> Dia do Município de Ourém Retiro de Doentes (20-23)
21	Ter	
22	Qua	<b>S. Paulino de Nola</b> , bispo - MO 2 Cor 8, 9-15; Lc 12, 32-34 (Lec VII 181, 632)
23	Qui	<b>Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo</b> – SOLENIDADE Dia Santo e feriado nacional Programa dos Domingos
24	Sex	<b>Nascimento de S. João Baptista</b> – SOLENIDADE Simpósio Teológico-Pastoral «Adorar Deus em espírito e verdade – Adoração: acolhimento e compromisso» (24-26)

25	Sáb	<b>Missa votiva de Santa Maria, a nova mulher</b> Ap 21, 1-5a; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 111 / Lec VSM 98) Aniversário da tomada de posse de D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima <i>Dia de Deserto</i>
26	Dom	<b>XIII do Tempo Comum</b> Ofertório para a Cadeira de S. Pedro Santa Sé <i>Nacional: Encontro de Grupos Bíblicos</i>
27	Seg	<i>Retiro de Doentes (27-30)</i>
28	Ter	<b>S. Ireneu</b> , bispo e mártir - MO 2 Tim 2, 22b-26; Jo 17, 20-26 (Lec VII 191, 638)
29	Qua	<b>S. Pedro e S. Paulo</b> , Apóstolos – SOLENIDADE
30	Qui	<b>Celebração da segunda aparição do Anjo, no Poço do Arneiro</b> <b>Missa Votiva dos Santos Anjos</b> Ap 12, 7-12a; Jo 1, 47-51 (Missal 1267 / Lec VII 296, 298) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha

## Julho

1	Sex	<b>Sagrado Coração de Jesus</b> - SOLENIDADE
2	Sáb	<b>Imaculado Coração da Virgem Santa Maria</b> - MO Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162, 164) Primeiro sábado (página 251) <i>Nacional: Família Espiritana (02-03)</i> <i>Nacional: Carmelitas Descalços (02-03)</i>
3	Dom	<b>XIV do Tempo Comum</b> Reunião dos acólitos do Santuário
4	Seg	<b>S. Isabel de Portugal</b> - MO 1 Jo 3, 14-18; Mt 25, 31-46 (Lec VII 600, 619) <i>Retiro de Doentes (04-07)</i>
5	Ter	
6	Qua	<b>S. Maria Goretti</b> , virgem e mártir - MO 1 Cor 6, 13c-15a.17-20; Sl 30; Jo 12, 24-26 (Lec VII 207, 479)



7	Qui	<b>Missiva votiva da Santíssima Eucaristia</b> Ex 16, 2-4.12-15; Mc 14, 12-16.22-26 (Missal 1253 / Lec VIII 965, 982) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha
8	Sex	
9	Sáb	<b>Missiva votiva de Santa Maria, serva do Senhor</b> 1 Sam 1, 24-28; 2, 1-4.4-8; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 119 / Lec VSM 105) Formação para Ministros extraordinários da Comunhão <b>Dia de Deserto</b>
10	Dom	<b>XV do Tempo Comum</b> <b>Retiro de Doentes (10-13)</b>
11	Seg	<b>S. Bento</b> , abade - Festa
12	Ter	<b>Peregrinação Internacional Aniversária</b> (página 248) Veneração do Ícone Oriental da «Santíssima Virgem de Fátima» (12-13) Reunião do Conselho Nacional do Santuário <b>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</b>
13	Qua	<b>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA</b> (página 248)
14	Qui	<b>Missiva votiva do Espírito Santo</b> 1 Cor 12, 3b-7.12-13; Jo 20, 19-23 (MR 1260 / Lec I 237, 239) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
15	Sex	Reunião do Conselho de Administração Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima Reunião com seminaristas maiores colaboradores na 2ª quinzena de Julho
16	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Nossa Senhora do Carmo - FESTA</b> Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 427, 440) Formação para os leitores Seminaristas Maiores: 1º turno de voluntariado (16 a 31 de Julho) <b>Nacional: Movimento da Mensagem de Fátima (16-17)</b>
17	Dom	<b>XVI do Tempo Comum</b> Encontro dos Acolhedores nas celebrações do Santuário
18	Seg	

19	Ter	Peregrinação de idosos (19-20) (página 252)
20	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
21	Qui	<b>Missa Votiva da SS. Trindade</b> 2 Cor 13, 11-13; Jo 3, 16-18 (Missal 431/ Lec I 360) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Capelães <b>Retiro de Doentes (21-24)</b>
22	Sex	<b>S. Maria Madalena - MO</b> 2Cor 5, 14-17; Jo 20, 1.11-18 (Lec VII 215, 217) Reunião do SEAC
23	Sáb	<b>Stª Brígida</b> , religiosa, Padroeira da Europa – FESTA Gl 2, 19-20; Jo 15, 1-8 (Lec VII 592, 635)
24	<b>Dom</b>	<b>XVII do Tempo Comum</b>
25	Seg	<b>S. Tiago</b> , Apóstolo - FESTA <b>37º Encontro Nacional de Liturgia (25-29)</b>
26	Ter	<b>S. Joaquim e S. Ana</b> , pais da Virgem Santa Maria – MO Sir 44, 1.10-15; Mt 13, 16-17 (Lec VII 222, 223) Dia dos Avós Peregrinação de idosos (26-27) (página 252)
27	Qua	
28	Qui	<b>Missa Votiva do Espírito Santo</b> Rom 8, 22-27; Jo 7, 37-39 (Missal 1260 / Lec II 257) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
29	Sex	<b>S. Marta - MO</b> 1Jo 4, 7-16; Jo 11, 19-27 (Lec VII 224, 226)
30	Sáb	<b>Missa da Virgem Maria Mãe e Medianeira da Graça</b> Est 8, 3-8.16-17a; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 150 / Lec VSM 136) <b>Dia de Deserto</b>
31	<b>Dom</b>	<b>XVIII do Tempo Comum</b> Reunião com seminaristas maiores colaboradores na 1ª quinzena de Agosto.

# Agosto

1	Seg	<b>S. Afonso Maria Ligório</b> , bispo e doutor da Igreja - MO Rom 8, 1-4; Mt 5, 13-19 (Lec VII 229, 538) Início da hora de adoração eucarística comunitária (página 253) Seminaristas Maiores: 2º turno de voluntariado (1 a 15 de Agosto) Passeio dos colaboradores voluntários <b>Retiro de Doentes (01-04)</b>
2	Ter	
3	Qua	
4	Qui	<b>S. João Maria Vianney</b> - MO Ez 3, 16-21; Mt 9, 35 – 10, 1 (Lec VII 231, 232) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha <b>Encontro de confessores</b>
5	Sex	<b>Missa votiva do Sagrado Coração de Jesus</b> Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) Reunião do SEAC
6	Sáb	<b>Transfiguração do Senhor</b> - FESTA Primeiro sábado (página 251)
7	Dom	<b>XIX do Tempo Comum</b> Início da semana nacional da Mobilidade Humana Reunião dos acólitos do Santuário <b>Nacional: Acolhedores da Secção de Informações do Santuário</b>
8	Seg	<b>S. Domingos</b> , presbítero - MO 1 Cor 2, 1-10a; Lc 9, 57-62 (Lec VII 533, 630)
9	Ter	<b>S. Teresa Benedita da Cruz</b> , virgem e mártir - FESTA Os 2, 16b.21-22; Mt 25, 1-13 (Lec VII 548, 556) <b>Retiro de Doentes (09-14)</b>
10	Qua	<b>S. Lourenço</b> - FESTA
11	Qui	<b>S. Clara</b> , virgem - MO 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
12	Sex	<b>Peregrinação Internacional Aniversária</b> (página 248) Conferência de Imprensa <b>Internacional: Pastoral da Mobilidade Humana (12-13)</b>
13	Sáb	<b>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA</b> (página 248)

14	<b>Dom</b>	<b>XX do Tempo Comum</b> Ofertório para a Pastoral da Mobilidade Humana <b>Vigília da Assunção da Virgem Santa Maria</b> 21:30 - Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas para o Altar do Recinto 22:30 - Canto do hino Akathistos e adainha Lauretana 23:30 - Cânticos a Nossa Senhora, na Capelinha, pelos diferentes grupos linguísticos (inscrições no SEPE)
15	Seg	<b>Assunção da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE</b> Reunião com seminaristas maiores colaboradores na 2ª quinzena de Agosto <b>Retiro de Doentes (15-18)</b>
16	Ter	Seminaristas Maiores: 3º turno de voluntariado (16 a 31 de Agosto)
17	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
18	Qui	<b>Missa Votiva da SS. Trindade</b> Rom 8, 14-17; Mt 28, 16-20 (Missal 431/ Lec II 397) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
19	Sex	<b>94º Aniversário da 4ª Aparição</b> <b>Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima</b> (Lec VII 145) 10:00 - Rosário, na Capelinha 10:45 - Procissão para a ISST 11:00 - Missa, na ISST (a missa das 12:30 é na Basílica) 21:30 - Rosário e Procissão, aos Valinhos, com início na Capelinha 22:00 - Rosário, na Capelinha (para quem não pode ir aos Valinhos)
20	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>S. Bernardo</b> – MO Sir 15, 1-6; Jo 17, 20-26 (Lec VII 526.638)
21	<b>Dom</b>	<b>XXI do Tempo Comum</b>
22	Seg	<b>Virgem Santa Maria, Rainha</b> - MO Is 9, 1-6; Lc 1, 26-38 (Lec VII 258, 259) <b>Retiro de Doentes (22-25)</b> <b>Espanha: Encontro Renovamento Carismático (22-28)</b>
23	Ter	
24	Qua	<b>S. Bartolomeu, Apóstolo</b> - FESTA

25	Qui	<b>Missa votiva da Virgem Maria, Mãe da Consolação</b> 2Cor 1, 3-7; Jo 14, 15-21.25-27 (Missal VSM 193 / Lec VSM 183, 185) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
26	Sex	Nacional: Encontro do Renovamento Carismático Católico (26/28).
27	Sáb	<b>Stª Mónica</b> - MO Sir 26, 1-4.16-21; Lc 7, 11-17 (Lec VII 265, 267)
28	Dom	<b>XXII do Tempo Comum</b> Semana de formação dos acólitos, na Serra da Estrela (28/8-3/9)
29	Seg	<b>Martírio de S. João Baptista</b> - MO Jer 1, 17-19; Mc 6, 17-29 (Lec VII 271, 272)
30	Ter	Peregrinação de idosos (31-31) (página 252)
31	Qua	

## Setembro

1	Qui	<b>Stª Beatriz da Silva</b> - MO 1 Cor 7, 25-35; Mt 25, 1-13 (Lec VII 552, 556) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha
2	Sex	<b>Missa votiva do Sagrado Coração de Jesus</b> Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) Reunião do SEAC
3	Sáb	<b>S. Gregório Magno</b> , papa e doutor da Igreja - MO Primeiro sábado (página 251)
4	Dom	<b>XXIII do Tempo Comum</b>
5	Seg	Retiro de Doentes (05-08)
6	Ter	
7	Qua	
8	Qui	<b>Natividade da Virgem Santa Maria</b> - FESTA 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
9	Sex	Reunião do Conselho de Administração Reunião do Conselho de Finanças

10	Sáb	<b>Missa votiva da Virgem Santa Maria, Rainha da Paz</b> Is 9, 1-3. 5-6; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 209 / Lec VSM 200) <b>Dia de Deserto</b> <b>Nacional: Convívios Fraternos (10-11)</b>
11	Dom	<b>XXIV do Tempo Comum</b> <b>Retiro de Doentes (11-14)</b>
12	Seg	<b>Peregrinação Internacional Aniversária</b> (página 248)
13	Ter	<b>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA</b> (página 248) <b>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</b>
14	Qua	<b>Exaltação da Santa Cruz – FESTA</b>
15	Qui	<b>Nossa Senhora das Dores – FESTA</b> Heb 5, 7-9; Lc 2, 33-35 (Lec VII 284, 287) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” <b>Retiro de Doentes (15-18)</b>
16	Sex	Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima <b>Nacional: Jornadas Missionárias (16/18)</b>
17	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Formação para os voluntários do santuário <b>Dia de Deserto</b>
18	Dom	<b>XXV do Tempo Comum</b>
19	Seg	<b>Retiro de Doentes (19-22)</b>
20	Ter	
21	Qua	<b>S. Mateus, Evangelista - FESTA</b> Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
22	Qui	<b>Missa votiva da Santíssima Trindade</b> Rom 5 1-5; Jo 16, 12-15 (Missal 431 / Lec III 412) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
23	Sex	

24	Sáb	<b>Missa votiva da Virgem Stª Maria, Saúde dos Enfermos</b> Is 53, 1-5.7-10; Lc 1, 39-56 (Missal VSM 205/Lec VSM 196) <i>Dia de Deserto</i> <b>Nacional: Peregrinação do Rosário (24-25)</b>
25	Dom	<b>XXVI do Tempo Comum</b> 3º aniversário da tomada de posse do Reitor
26	Seg	
27	Ter	<b>S. Vicente de Paulo</b> , presbítero - MO 1 Cor 1, 26-31; Mt 9, 35-38 (Lec VII 292, 510) Peregrinação de idosos (27-28) (página 252) Réseau Marial Européen (Walsingham, Inglaterra) (27-30)
28	Qua	
29	Qui	<b>Celebração da terceira aparição do Anjo, na Loca do Cabeço</b> <b>Ss. Miguel, Gabriel e Rafael</b> , Arcanjos – FESTA 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha
30	Sex	<b>S. Jerónimo</b> - MO 2 Tim 3, 14-17; Mt 13, 47-52 (Lec VII 299, 541)

## Outubro

1	Sáb	<b>S. Teresa do Menino Jesus</b> – MO Is 66, 10-14c; Mt 18, 1-5 (Lec VII 301, 302) Primeiro sábado (página 251) <i>Dia de Deserto</i> <b>Nacional: Família Passionista</b>
2	Dom	<b>XXVII do Tempo Comum</b> Início da Semana Nacional da Educação Cristã Dia Anual da Diocese de Leiria-Fátima - Ofertório Curso para acólitos <i>Retiro de Doentes (02-05)</i>
3	Seg	
4	Ter	<b>S. Francisco de Assis</b> - MO Gal 6, 14-18; Mt 11, 25-30 (Lec VII 305, 306)

5	Qua	<b>Feriado nacional</b> Programa dos domingos Missa pela Paz e pela Justiça Tiago 3, 13-18; Mt 22, 15-21 (MR 1217 / Lec VIII 748, 730) Assembleia diocesana de acólitos da diocese de Leiria-Fátima
6	Qui	<b>Missa pela Evangelização dos Povos</b> Rom 10, 9-18; Mt 28, 16-20 (Missal 1208 / Lec VIII 667, 670) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
7	Sex	<b>Nossa Senhora do Rosário - FESTA</b> Actos 1, 12-14; Lc 1, 26-38 (Lec VII 428, 308) Reunião do SEAC
8	Sáb	<b>Missa votiva da Virgem Santa Maria, Rainha dos Apóstolos</b> Act 1, 12-14; 2, 1-4; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 102 / Lec VSM 89) Formação para Ministros extraordinários da Comunhão
9	Dom	<b>XXVIII do Tempo Comum</b> Curso para acólitos
10	Seg	Retiro de Doentes (10-13)
11	Ter	Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
12	Qua	<b>Peregrinação Internacional Aniversária</b> (página 248) Conferência de imprensa
13	Qui	<b>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA</b> (página 248) <b>Dedicação da Basílica - SOLENIDADE</b> 1Reis 8, 22-23.27-30; 1 Cor 3, 9c-11.16-17; Jo 2, 13-22 (Lec VII 391, 403, 409) Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
14	Sex	Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima
15	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>S. Teresa de Jesus – MO</b> Rm 8, 22-27; Jo 15, 1-8 (Lec VII 310, 635) Formação para os leitores Dia de Deserto Encontro Grupo da Imaculada



16	Dom	<b>XXIX do Tempo Comum</b> Curso para acólitos Encontro dos Acolhedores nas celebrações do Santuário <b>Nacional: Apostolado da Oração</b>
17	Seg	<b>Retiro de Doentes (17-20)</b> <b>Europeu: Assembleia Geral da União dos Frades Menores (17/22)</b>
18	Ter	<b>S. Lucas</b> , evangelista - Festa
19	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
20	Qui	<b>Missa votiva da Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja</b> Gen 3, 9-15. 20; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 129 / Lec VSM 119) 09:00 - Missa Internacional na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
21	Sex	
22	Sáb	<b>Missa Votiva da Virgem Santa Maria, Amparo da Fé</b> Jd 13, 14.17-20; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 169 / Lec VSM 157) <b>Dia de Deserto</b> <b>Nacional: Legião de Maria (22-23)</b> <b>Setúbal: Peregrinação diocesana</b>
23	Dom	<b>XXX do Tempo Comum</b> Dia Mundial das Missões – Ofertório Curso para acólitos
24	Seg	<b>S. António Maria Claret</b> - MO
25	Ter	Peregrinação de idosos (25-26) (página 252)
26	Qua	
27	Qui	<b>Missa Votiva da SS. Trindade</b> Ex 34, 4b-6.8-9; Jo 3, 16-18 (Missal 431/ Lec I 359, 361) 09:00 - Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Capelães
28	Sex	<b>S. Simão e S. Judas</b> , Apóstolos - FESTA
29	Sáb	<b>Missa votiva da Virgem Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia</b> Est 4, 17 n. p-r. aa-bb. hh-kk; Jo 2, 1-11 (MVSM 187 / Lec VSM 172) <b>Dia de Deserto</b>
30	Dom	<b>XXXI do Tempo Comum</b> Curso para acólitos
31	Seg	Encerramento da Hora de Reparação

## Novembro

1	Ter	<b>Todos os Santos</b> - SOLENIDADE Programa dos domingos Início do programa de Inverno (página 250)
2	Qua	<b>Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos</b> 11:00 - Missa, na Basílica, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano
3	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário <b>Retiro de Doentes (03-06)</b>
4	Sex	Reunião do SEAC <b>Assembleia do Renovamento Carismático (04-06)</b>
5	Sáb	<b>Missa votiva do Imaculado Coração de Maria</b> Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) Primeiro sábado (página 251)
6	Dom	<b>XXXII do Tempo Comum</b> Início da Semana dos Seminários Reunião dos acólitos do Santuário
7	Seg	40º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto
8	Ter	<b>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</b>
9	Qua	<b>Dedicação da Basílica de S. João de Latrão – FESTA</b>
10	Qui	Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” <b>Retiro de Doentes (10-13)</b>
11	Sex	<b>S. Martinho de Tours</b> - MO Is 61, 1-3a; Mt 25, 31-40 (Lec VII 490, 352) Magusto dos funcionários do Santuário <b>Assembleia do Renovamento Carismático (11-13)</b>
12	Sáb	Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima Formação para Ministros extraordinários da Comunhão <b>Dia de Deserto</b>

13	<b>Dom</b>	<b>XXXIII do Tempo Comum</b> <b>Peregrinação Mensal</b> (página 251) Encerramento da Semana dos Seminários Ofertório para os Seminários
14	Seg	Congresso da ANDDP (Terra Santa) (14-19)
15	Ter	
16	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão
17	Qui	
18	Sex	
19	Sáb	<b>Um Dia com as Crianças</b> (página 252) <b>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b> 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Formação para os leitores <b>Nacional: Encontro do Movimento Carismático (19/20)</b>
20	<b>Dom</b>	<b>Cristo Rei - SOLENIDADE</b> Encontro dos Acolhedores nas celebrações do Santuário
21	Seg	<b>Apresentação de Nossa Senhora - MO</b> Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426, 440)
22	Ter	
23	Qua	
24	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
25	Sex	Comissão Técnica de Gestão Económico-Financeira <b>Congresso de Espiritualidade Inaciana (25-27)</b>
26	Sáb	<b>Missa votiva da Virgem Maria, Rainha do Universo</b> Is 9, 1-6, Lc 1, 26-38 (MVSM 146 / Lec VSM 132) <b>Encontro das Equipas de N. Senhora (26-27)</b>
27	<b>Dom</b>	<b>I do Advento</b> <b>Início do Ano Pastoral 2011-2012</b>
28	Seg	
29	Ter	
30	Qua	<b>S. André, Apóstolo – FESTA</b>



## VII - INFORMAÇÕES



# *Princípios para a organização de peregrinações*

No sentido de um melhor ordenamento dos tempos e espaços do Santuário, para mais dignamente acolher os peregrinos e facilitar a sua participação nas actividades propostas pelo mesmo ou pedidas pelos grupos, apresentamos algumas normas a ter em conta pelos organizadores de peregrinações.

## 1. Os espaços do Santuário

- 1.1. A utilização, por parte dos grupos, de qualquer lugar do Santuário, incluindo Colunatas, Recinto, Caminho dos Pastorinhos e Valinhos, está sujeita a marcação prévia no Serviço de Peregrinos - SEPE.
- 1.2. As via-sacras aos Valinhos devem ser também marcadas. Aconselham-se os grupos a guardar certa distância em relação uns aos outros. O Santuário pede que não se realizem via-sacras particulares nos dias 12 de Maio a Outubro, entre as 07:30 e as 09:00, para não perturbar a via-sacra oficial. A utilização de altifalantes nos espaços do Santuário, incluindo Recinto e parques, só poderá fazer-se mediante autorização do SEPE.
- 1.3. As confissões decorrem na Capela da Reconciliação, situada no piso inferior da igreja da Santíssima Trindade (ISST). O Santuário não disponibiliza sacerdotes para confissões em outros lugares.
- 1.4. A Capela do SS.<sup>mo</sup> Sacramento, também na área da Reconciliação, está aberta das 00:00 às 24:00. Recomenda-se a todos os peregrinos que façam silêncio. Não é permitida oração em grupo.

## 2. As celebrações

- 2.1. As celebrações oficiais do Santuário destinam-se a todos os peregrinos. Os grupos organizados podem inscrever-se no SEPE, para participar mais activamente nas celebrações:
  - a) Em algumas misas poderá ser atribuída a presidência da celebração, a animação e as leituras. O SEPE dará as referências litúrgicas para a celebração. Os grupos poderão também apresentar uma intenção para a oração universal ou consagração.

No caso de apresentarem textos próprios ou animarem a celebração, será pedido aos responsáveis o envio dos respectivos textos e partituras com 1 mês de antecedência, para aprovação do Serviço de Pastoral Litúrgica do Santuário.

- b) Rosário e Procissão: para o Rosário em Português, poderá ser atribuída a presidência e animação; para o Rosário internacional, poderá atribuir-se a recitação de um mistério ou um cântico; quando houver Procissão, o transporte do andor, pálio ou cruz.
- 2.2. Os grupos podem também celebrar particularmente nos espaços que o Santuário disponibiliza para o efeito, dentro dos horários para isso definidos.
  - 2.3. Não são possíveis celebrações particulares nos horários das celebrações de carácter internacional (Missas, Rosários, Procissões, etc.); aos domingos, todos os grupos são convidados a participar nas celebrações oficiais.
  - 2.4. Os sacerdotes devem sempre fazer-se acompanhar do Celebrant.
  - 2.5. Os dias 12 e 13 de Maio a Outubro têm programa próprio.
3. Os locais de celebração
- 3.1. São os seguintes os espaços que o Santuário põe à disposição dos peregrinos para celebrações:
    - a) A Capelinha (300 lugares sentados):
      - Horários para celebração previamente definidos. Qualquer sacerdote que o deseje pode concelebrar, mesmo em missas de carácter particular.
      - Das 04:00 às 06:30 os grupos dispõem de 30 minutos para cada celebração; nos restantes horários, 45 minutos.
      - Da Páscoa a Outubro são definidos horários para concelebração em Italiano, Inglês e Espanhol.
    - A Igreja da Santíssima Trindade (8.633 lugares sentados):
      - Só para grupos que o justifiquem pelo número de peregrinos.
      - Horários para celebrações particulares: De 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira: 08:00, 10:00, 12:00, 15:30 e 18:00; Sábados: 07:30, 09:00, 15:30 e 18:00; Domingos: 07:00 (até 08:30).
      - Os grupos dispõem de 1:30 para cada celebração.



- b) A Basílica (650 lugares sentados):
  - São previamente definidos os horários para celebração. Durante o dia, está reservada para as celebrações oficiais e visitas aos túmulos dos videntes.
  - Os grupos poderão dispor de 45 minutos para cada celebração.
- c) Capela de S. José (100 lugares sentados):
  - São previamente definidos os horários para celebração.
  - Os grupos dispõem de 45 minutos para cada celebração.
- d) Capela da Sagrada Família (45 lugares sentados), Capela do Anjo da Paz (60 lugares sentados), Capela da Morte de Jesus (600 lugares sentados) e Capela da Ressurreição de Jesus (200 lugares sentados):
  - Podem ser usadas entre as 04:00 e as 21:00, respeitando o exposto no ponto 2.2 e 2.3.

3.2. As reservas do Centro Pastoral Paulo VI e das Casas de Retiros de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Carmo são feitas pelo Serviço de Alojamentos. As capelas das Casas de Retiros estão ao serviço dos grupos aí alojados.

#### 4. Outros Pedidos

- 4.1. **Utilização do órgão:** nas capelas que têm órgão electrónico, será o vigilante a colocá-lo à disposição dos grupos. A utilização dos órgãos de tubos requer apresentação do currículo do organista, comprovando a formação específica para esse efeito.
- 4.2. **Reservas de lugares** (crianças, doentes, idosos ou situações especiais): podem fazer-se na Capelinha e Basílica, durante a semana, e na Colunata, para celebrações no Recinto. Os peregrinos deverão apresentar-se no local 30 minutos antes. Não se fazem reservas para os bancos interiores da Capelinha.
- 4.3. **Reportagens:** todos os pedidos de acreditação para reportagens jornalísticas ou fotográficas deverão ser feitos com antecedência ao Centro de Comunicação Social do Santuário.
- 4.4. **Cadeiras de rodas:** estão à disposição dos peregrinos no Posto de Socorros, Capelinha e Igreja da Santíssima Trindade. Serão emprestadas mediante apresentação de um documento de identificação, que será restituído aquando da devolução da cadeira.



## *Endereços e contactos do Santuário de Fátima*

### **Endereço postal**

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima  
Apartado 31  
2496-908 FÁTIMA

**Telefone:** +351249 539 600

**Telefax:** +351 249 539 605

**Sítio na internet:** <http://www.fatima.pt>

### **Correio electrónico:**

Reitoria .....reitoria@fatima.pt  
Centro de Comunicação Social (CCS) .....ccs@fatima.pt  
Jornal «Voz da Fátima» ..... vozdafatima@fatima.pt  
Boletim Internacional «Fátima Luz e Paz» ..... assinaturas@fatima.pt  
Organização de Congressos do Santuário..... congressos@fatima.pt  
Centenário das Aparições de Fátima .....centenário@fatima.pt  
Serviço de Peregrinações Aniversárias (SEPEAN) ... sepean@fatima.pt  
Serviço de Alojamentos (SEAL) ..... seal@fatima.pt  
Serviço de Ambiente e Construções (SEAC) ..... seac@fatima.pt  
Serviço de Associações (SEAS)..... seas@fatima.pt  
Serviço de Administração (SEAD)..... sead@fatima.pt  
Secção de Recursos Humanos ..... grh@fatima.pt  
Livreria do Santuário de Fátima..... livreria@fatima.pt  
Serviço de Promoção e Preservação do Ambiente (SEPRAM) sepram@fatima.pt  
Serviço de Pastoral Litúrgica (SEPALI) ..... sepali@fatima.pt  
Secção Música Sacra..... p.artur@fatima.pt  
Secção de Confissões..... sconf@fatima.pt

Serviço de Peregrinos (SEPE).....	sepe@fatima.pt
Acolhimento e Informações.....	info@fatima.pt
Exposição permanente “Fátima Luz e Paz” .....	fatimalp@fatima.pt
Serviço de Estudos e Difusão (SESDI).....	sesdi@fatima.pt
Secção de Arte e Património.....	dap@fatima.pt
Secção de Fotografia .....	fotografia@fatima.pt
Serviço de Doentes (SEDO).....	mmf@fatima.pt
Pedidos de Oração .....	pedidos@fatima.pt

## *Memória descritiva do logotipo do centenário*

### *Marca*

A proposta assenta nas datas que marcam a efeméride do Centenário das Aparições de Fátima bem como num elemento facilmente reconhecível e identificável com o Santuário: a torre sineira da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Com as Aparições, e com a espiritualidade que surgiu e se enraizou em Fátima, o Santuário acolhe milhares de peregrinos. Para estes, e em linguagem meramente pictórica, a Basílica e a sua torre sineira são uma meta a atingir, o sinal de que chegaram ao destino encontrando-se no local das Aparições.

Assim, considerou-se que a imagem da torre é um símbolo inequívoco de Fátima, das Aparições de Nossa Senhora, dos Pastorinhos e de Fé.

Associada a esta imagem, criou-se um logotipo com as datas do centenário, sendo que um dos algarismos da data das Aparições foi substituído por uma cruz, de modo a salientar o carácter cristão da efeméride.

A escolha das cores recaiu na vontade de acentuar a leveza e o espiritual do acontecimento. Tons de cinza quente contrastam com um ouro alusivo à coroa de Nossa Senhora e aos elementos dourados frequentemente presentes na arte sacra.

Por questões de ordem prática, criou-se, para além da marca principal, uma variante menos “descritiva” e mais condensada, que poderá funcionar como “selo”.



### ***Cartaz***

Este cartaz fundamenta-se na iconografia da Santíssima Trindade, tendo-se optado pela mão de Deus, a asa da representação do Espírito Santo e a coroa de espinhos de Jesus. Sendo uma temática complexa e, em termos visuais, extremamente conceptual, julga-se importante optar por uma linguagem pouco descritiva e imediata.

Pretendeu-se uma imagem de sobreposição destes três elementos, criando espaços de intercepção e de união; estas formas fazem, no seu conjunto, uma imagem que exigirá alguma “descoberta”, por parte do receptor, podendo mesmo ter diversos níveis de leitura.

Lisboa 15|09|10

Inês do Carmo